



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NATÁLIA MACHADO BELARMINO

**YOUTUBERS COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL DE GÊNERO: enunciados
sobre menina-mulher nos canais de YouTube**

Recife
2020

NATÁLIA MACHADO BELARMINO

**YOUTUBERS COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL DE GÊNERO: enunciados
sobre menina-mulher nos canais de YouTube**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Formação de Professores e Prática Pedagógica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Tenório de Carvalho.

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecário Danilo Leão, CRB-4/2213

B426y Belarmino, Natália Machado.
Youtubers como uma pedagogia cultural de gênero: enunciados sobre
menina-mulher nos canais de YouTube. / Natália Machado Belarmino –
Recife, 2020.
264 f.

Orientadora: Rosângela Tenório de Carvalho.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação, 2020.
Inclui Referências.

1. Recursos audiovisuais. 2. Youtubers. 3. Gênero. 4.. UFPE - Pós-
graduação. I. Carvalho, Rosângela Tenório de. (Orientadora). II. Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2021-016)

NATÁLIA MACHADO BELARMINO

**YOUTUBERS COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL DE GÊNERO: enunciados
sobre menina-mulher nos canais de YouTube**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: 26/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rosângela Tenório de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Cristina Maria Coimbra Vieira (Examinadora Externa)
Universidade de Coimbra

Prof^a. Dr^a. Mariangela Momo (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dr^a. Patrícia Ignácio (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Às (Aos) que amam intensamente a vida, as transformações, os estudos, as leituras, as culturas, a arte...

AGRADECIMENTOS

Gosto de quem tem leveza na alma, quem tem sorriso frouxo, olhar carinhoso, palavras que curam e abraço que conforta. Daquela que, quando se vai, leva um pouco da gente, deixa um pouco de si, porque sabe que, numa hora ou outra, vai voltar. Gente que sabe ser calma, mesmo em meio à tempestade [...]. (AUTOR/A DESCONHECIDO/A).

A todas as mulheres que cruzaram meu caminho com leveza e potência, me ensinando sobre luta, cuidado, amor, respeito, individualidade, coletividade... meu profundo respeito e admiração.

Em especial, às três pequenas-grandes-meninas-mulheres – Dora, Guita e Nara – que me ensinam, cotidianamente, como desconstruir tudo ao redor com leveza, inteligência, graça e coragem. A Giselia, minha mainha e mestra nesta vida; e a Antonio, meu painho e professor – no qual tanto me inspiro. Débora e Clarissa, irmãs-amigas-portais para um mundo possível e amoroso. Que sorte a minha ter vocês para compartilhar a vida, redescobrir, replantar e acreditar que a vida é boa e leve. Estes me ensinaram a amar, estudar intensamente e cuidar da família.

Agradeço também às minhas famílias Machado e Belarmino – cada uma(um) a seu modo me ensinou sobre amor. Mas, em especial, a “Vovô Belarmino”, que foi um homem simples, trabalhador e com um olhar para a política que só hoje compreendo.

Sou grata (!) por minha existência nesta terra ter acontecido no mesmo tempo que a de Rosângela, mulher de pulso forte, leveza, sabedoria e história. Que sorte a minha ter você junto comigo para escrever minha tese. Obrigada sempre pelo olhar atento e cuidadoso – e por lá trás ter acreditado que este texto seria possível. Quero você sempre por perto.

Agradeço à professora Cristina, que me acolheu em Coimbra com carinho e atenção, transformando minha experiência acadêmica em outro país em um momento além-muros, estando também junto a mim neste momento de defesa da tese. Obrigada por compartilhar comigo!

Às minhas amigas, mulheres incríveis, de tantos anos e momentos únicos que atravessam minha existência, estando ora mais perto, ora mais longe, mas sempre presentes. Cada uma sabe do amor e carinho que tenho. Vocês nem imaginam como são importantes e queridas, cada uma ao seu modo e tempo me ajudam nesse

processo eterno de cuidado, amor, respeito... me ajudando também a ser quem eu sou.

À minha turma do doutorado, mas, em especial, aos “viajantes” Gabi (e Lua), Lino (e Zé), Rosana e Carol, com os quais compartilhei minha vida, estudos, viagens, alegrias e angústias nestes anos. Gratidão a vocês. Agradeço também de coração cheio às “orientandas de Rosângela”, que se transformaram em pessoas queridas desde o meu ingresso na vida acadêmica no PIBIC. Obrigada a cada uma por tudo que me ensinaram e ensinam sem nem saber.

Também agradeço a uma grata surpresa que a vida me trouxe, um companheiro para atravessar e caminhar ao lado. Meu amor, gratidão por todos os cafés, cuidados e afeto.

Agradeço de coração cheio às(aos) professoras(es) com quem tive a oportunidade de estudar, em especial Alexandre Freitas e Flávio Brayner. Estes, com brilhantismo, inteligência, sabedoria e leveza, conseguem transformar suas aulas em momentos de mergulho e imersão. Obrigada, professores. Agradeço também a Alexandre por estar comigo neste fechamento de ciclo – seu olhar me é muito caro.

Desse modo, também agradeço aos demais componentes desta banca potente. Professoras Patrícia Ignácio e Mariangela Momo, minha gratidão pela leitura atenta e cuidadosa, além do olhar generoso diante do meu trabalho.

Aos espaços de trabalho nos quais tive a oportunidade de vivenciar e aprender e às tantas pessoas que cruzaram o meu caminho serei sempre grata. Nesses espaços também agradeço de modo especial às(aos) tantas(os) estudantes, grandes ou pequenos na idade, que tive o privilégio de conhecer e com elas(eles) construir uma relação de troca e aprendizagem. Vocês me ensinam a ser professora e um ser humano melhor. Gratidão!

Agradeço a todo o pessoal que trabalha no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, técnicas(os), estagiárias(os), em especial Karla e Morgana. Todas(os) sempre se mostraram disponíveis para qualquer eventual problema nesses anos.

Agradeço à Facepe, por ter financiado minha bolsa de doutorado no Brasil durante esses quatro anos de estudo, e à Capes, por ter financiado minha bolsa de doutorado sanduíche na Universidade de Coimbra (Portugal).

Obrigada!

[...] eu pediria a vocês que escrevessem todo tipo de livro, não hesitando diante de nenhum tema, por mais trivial ou vasto que seja. De qualquer maneira, espero que vocês tenham dinheiro suficiente para viajar e vagar, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros, tardar em esquinas de ruas e deixar que a linha de pensamento mergulhe fundo na correnteza. (WOOLF, 2014, p. 152-153).

RESUMO

Nesta tese “*Youtubers* como uma pedagogia cultural: enunciados sobre menina-mulher nos canais de YouTube”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, no núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica, defendo que os enunciados advindos do YouTube, em sua materialidade, atuam como uma pedagogia cultural que interpenetra outras pedagogias na produção de representações de gênero por sua ação performática. Nesse sentido, argumento que, como pedagogia cultural, tal mídia orienta condutas de ser menina-mulher incorporando enunciados de outras discursividades midiáticas em suas regularidades e contradições. O estudo que sustenta esta tese tem como referência o campo dos Estudos Culturais em Educação, com foco na Pedagogia Cultural, Estudos de Gênero e Estudos Feministas, e a Análise do Discurso foucaultiana. O objetivo desta tese é mostrar como os canais de YouTube, com seus discursos, operam como uma pedagogia com o desejo de ensinar a uma geração como deve ser e se comportar em relação às identidades de gênero. Esse arcabouço teórico e metodológico foi indispensável para a investigação dos canais de YouTube, vistos nesta pesquisa como um artefato cultural com uma função pedagógica. Para esta tese utilizo como arquivo enunciados de cinco canais de YouTube: Fabiola Melo, Ana Lu Masi e JoutJout Prazer (adultos); e Planeta das Gêmeas e Juliana Baltar (infantojuvenis). Face à análise empreendida nos canais, indico três elementos que sobressaem ao incitar e interpelar mulheres, homens e crianças em suas identidades de gênero: espaços de propaganda sexista e consumista; espaços de autointerpretação com ações performáticas, onde se incita o debate, criar uma rede discursiva ou conformar os sujeitos em suas posições de gênero; além de uma forte interlocução com (as)os seguidoras(es). Nesse sentido, a análise aponta os canais de YouTube, através da rede discursiva engendrada, como sendo artefatos com potência para a construção de identidades de gênero. A sequência da análise demonstra o quanto os vídeos veiculados na plataforma são importantes e atuantes na construção dos sujeitos, em relação a formas de ver os sujeitos e posições ocupadas por cada um de nós na vida em sociedade, em específico na construção da menina-mulher e feminilidade.

Palavras-chave: Mídias audiovisuais. *Youtubers*. Gênero. Posição de sujeito. Feminino.

ABSTRACT

In this doctoral thesis, held at the Center of Teacher Education and Pedagogical Practice of UFPE Education Graduate Program, and titled “Youtubers as a cultural pedagogy: utterances about being a womanly girl on YouTube channels”, I claim that these statements coming from YouTube act, in their materiality, as a cultural pedagogy that interpenetrates other pedagogies when producing gender representations by their performative action. In this sense, I argue that such media, as a cultural pedagogy, guide these womanly-girl demeanors by incorporating utterances from other mediatic discourses regarding their regularities and contradictions. The literature review that supports this thesis is based on the Cultural Studies in Education field, with a focus on Cultural Pedagogy, Gender and Feminist Studies, and Foucauldian Discourse Analysis. The aim of this thesis is to show how these YouTube channels’ discourses operate as a pedagogy that intends to teach a generation on how to be or behave towards gender identities. This theoretical and methodological framework was essential to the YouTube channels’ investigation, which was treated in this research as a cultural artifact with a pedagogical function. For this doctoral thesis I use as a reference some utterances taken from the following five YouTube channels, namely: *Fabiola Melo*, *Ana Lu Masi*, *JoutJoutPrazer*(adult channels), *Planeta das Gêmeas* and *Juliana Baltar*(children and youth channels). In light of the analysis carried out on the channels, I point out three aspects that stand out when inciting and questioning women, men and children about their gender identities, namely: spaces for sexist and consumerist propaganda; spaces of self-interpretation through performative actions (where the debate is fomented) to create a discursive network or to shape the subjects into their gender positions; in addition to build up a strong dialogue with their followers. Through an engendered discursive network, the analysis points out to YouTube channels, in this sense, as being potent artifacts in the construction of gender identities. Furthermore, the analysis sequence shows how important and active these videos on the platform are when it comes to the construction of the subjects (more specifically in the construction of womanly-girl demeanors and femininity), regarding the ways of seeing them and the positions taken by each one of us in society.

Keywords: Audiovisual media. Youtubers. Gender. Gender Positions. Feminine.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, intitulée «Les youtubeurs en tant qu'une pédagogie culturelle: des énoncés sur les filles-femmes sur les chaînes YouTube», menée dans le cadre du Programa de Pós-Graduação em Educação de l'UFPE, au groupe de Formation d'Enseignants et Pratique Pédagogique, je soutiens que les énoncés issus du YouTube, dans leur matérialité, agissent en tant qu'une pédagogie culturelle qui interpénètre d'autres pédagogies dans la production de représentations de genre par leur action performative. Dans cette optique, je soutiens que ces médias, en tant que pédagogie culturelle, guident des conduites d'être fille-femme en rattachant des énoncés d'autres discours médiatiques dans leurs régularités et leurs contradictions. L'étude qui soutient cette thèse est basée sur le domaine des Études Culturelles en Éducation, mettant l'accent sur la Pédagogie Culturelle, les Études de Genre et les Études Féministes, et l'Analyse du Discours de Foucault. Le but de cette thèse est de montrer comment les chaînes YouTube, avec leurs discours, opèrent comme une pédagogie avec l'ambition de faire apprendre à une génération comment être et comment se conduire par rapport aux identités de genre. Ce cadre théorique et méthodologique a été indispensable aux analyses des chaînes YouTube, prises dans cette recherche comme un artefact culturel à fonction pédagogique. Pour cette thèse, j'utilise comme archive les énoncés de cinq chaînes YouTube : Fabiola Melo, Ana Lu Masi et JoutJoutPrazer (adultes); et PlanetadasGêmeas et Juliana Baltar (enfants et adolescents). Au regard de l'analyse menée dans les chaînes, je souligne trois éléments qui en ressortent lorsqu'on y incite et interpelle les femmes, les hommes et les enfants dans leurs identités de genre: des espaces publicitaires sexistes et de consommation; des espaces d'auto-interprétation à des actions performatives, où le débat est incité pour créer un réseau discursif ou pour conformer les sujets à leurs positions de genre; outre un fort dialogue avec les abonnées (abonnés). En ce sens, l'analyse met en évidence les chaînes YouTube, à travers le réseau discursif engendré, en tant qu'artefacts ayant une puissance pour la construction d'identités de genre. La séquence de l'analyse démontre à quel point les vidéos de la plateforme sont importantes et actives dans la construction des sujets, par rapport aux manières de les envisager et aux positions occupées par chacun de nous dans la vie sociale, plus précisément dans la construction de la fille-femme et de la féminité.

Mots-clés: Médias audiovisuels. Youtubeurs. Genre. Place du sujet. Féminin.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Marcha 8M (Coimbra, Portugal)	33
Figura 2 –	Quem Mandou matar Marielle? (Coimbra, Portugal)	34
Figura 3 –	Marcha 8M (Lisboa, Portugal)	34
Quadro 1 –	Síntese da gramática discursiva	59
Esquema 1 –	Performatividade em Butler	81
Esquema 2 –	Análise do Discurso	105
Esquema 3 –	Análise Cultural	109
Quadro 2 –	Fichas técnicas – Canais Adultos	112
Quadro 3 –	Fichas técnicas – Canais Infantojuvenis	113
Figura 4 –	Ilustração do canal Planeta das Gêmeas	114
Figura 5 –	Ilustração do canal Juliana Baltar	114
Figura 6 –	Ilustração do canal Ana Lu Masi	115
Figura 7 –	Ilustração do canal Fabiola Melo	115
Figura 8 –	Ilustração do canal JoutJout Prazer	116
Esquema 4 –	Modelo Analítico	117
Figura 9 –	Consultoria de imagem e estilo + <i>personal shopping</i> – Ana Lu Masi (2018)	152
Figura 10 –	Consultoria de imagem e estilo + <i>personal shopping</i> (Dossiê de Estilo) – Ana Lu Masi (2018)	152
Figura 11 –	As Patricinhas de Beverly Hills (1995)	153
Figura 12 –	As Patricinhas de Beverly Hills (1995)	154
Figura 13 –	“Nosso dia de princesa” – Planeta das Gêmeas (2016)	156
Figura 14 –	“Dia de princesa” – Juliana Baltar (2016)	156
Figura 15 –	Planeta das Gêmeas e Juliana Baltar (Dia de princesa – 2016)	159
Figura 16 –	FCKH8 (2014)	160
Figura 17 –	Diário de uma Princesa (2001)	161
Figura 18 –	Planeta das Gêmeas (2016) e Juliana Baltar (2018)	162
Figura 19 –	Diário de uma Princesa (2001)	163
Figura 20 –	Diário de uma Princesa (2001)	164
Figura 21 –	“Dia de princesa” – Juliana Baltar (2016)	164

Figura 22 –	Diário de uma Princesa (2001)	165
Figura 23 –	Vídeo Limpeza em casa: brinquedos e casa – Canal de Ana Lu Masi (2018)	167
Figura 24 –	Vídeo Limpeza em casa: brinquedos e casa – Canal de Ana Lu Masi (2018)	167
Figura 25 –	Propaganda de 1950 alusiva ao Dia das Mães	168
Figura 26 –	Anúncio de 1961 da batedeira Kenwood Chef (EUA)	169
Figura 27 –	Propaganda do detergente Bombril alusiva ao Dia das Mães de 1998	169
Figura 28 –	Matéria Escola de Princesas	171
Figura 29 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	175
Figura 30 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	176
Figura 31 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	176
Figura 32 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	177
Figura 33 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	177
Figura 34 –	Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo	178
Figura 35 –	Escola de Princesas – Etiqueta	179
Figura 36 –	Propaganda da década de 50	182
Figura 37 –	Visita à casamenteira – Filme Mulan (Disney, 1998)	184
Figura 38 –	Visita à casamenteira – Filme Mulan (Disney, 1998)	185
Quadro 4 –	Planeta das Gêmeas – Letras das músicas	188
Figura 39 –	Vídeoclipe – Dono do meu coração	189
Figura 40 –	Cena do clipe Dono do meu coração	189
Figura 41 –	Campanha Risqué Homens que amamos (2015)	190
Figura 42 –	Trecho do Clipe Dono do Meu coração (2017)	192
Figura 43 –	Cena da maquiagem – Filme Mulan (Disney, 1998)	192
Figura 44 –	Escola de Princesas	192

Figura 45 –	Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo	196
Figura 46 –	Comentário no vídeo: Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo	200
Figura 47 –	Comentário no vídeo: Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo	202
Figura 48 –	Matéria Revista Veja (2016)	203
Figura 49 –	Figura 49: Memes feitos e divulgados nas redes sociais (2016)	204
Figura 50 –	Como mostrar interesse sem parecer oferecida – Fabiola Melo	206
Figura 51 –	Escola de Princesas	209
Figura 52 –	Princesas do Senhor – Fabiola Melo	210
Figura 53 –	Filmes Disney – Branca de Neve e A Bela Adormecida	212
Figura 54 –	Princesa sem modos – Planeta das Gêmeas (2017)	213
Figura 55 –	Vamos fazer um escândalo – JoutJout Prazer (2015)	220
Figura 56 –	Quem disse, Berenice? “A vida das mulheres tem NÃO demais” (2015)	221
Figura 57 –	Campanha publicitária da Concessionária MotoCorsa	224
Figura 58 –	Vamos fazer um escândalo – JoutJout Prazer (2015)	228
Figura 59 –	Vamos fazer um escândalo – JoutJout Prazer (2015)	230
Figura 60 –	Propaganda Carnaval 2015 – Marca de Cerveja	231
Figura 61 –	Recriando pôsteres da marca de cerveja (2017)	232
Figura 62 –	Ilustradoras e suas campanhas (2017)	233
Figura 63 –	Propaganda de Cerveja (2010)	235
Figura 64 –	Filme Valente (2012)	238
Figura 65 –	Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)	239
Figura 66 –	Filme Enola Holmes (2020)	242
Figura 67 –	O que significa fazer coisas tipo menina? – (2014)	243
Figura 68 –	O que significa fazer coisas tipo menina? – (2014)	243
Figura 69 –	Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)	246

Figura 70 –	Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)	247
Figura 71 –	Filme Enola Holmes (2020)	248

SUMÁRIO

1	CANAL I: PARA COMEÇAR O CAMINHO...	18
2	CANAL II: CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: PLATAFORMA DO YOUTUBE – O OBJETO DE ESTUDO	36
2.1	<i>PLAYLIST: AS PLATAFORMAS DIGITAIS – O YOUTUBE E OS YOUTUBERS</i>	37
2.2	<i>PLAYLIST: PEDAGOGIAS CULTURAIS – UM MODO DE OLHAR O YOUTUBE</i>	48
2.3	<i>PLAYLIST: O CURRÍCULO, AS PEDAGOGIAS CULTURAIS E A PEDAGOGIA ESCOLAR</i>	55
3	CANAL III: GÊNERO E FEMINISMOS.	61
3.1	<i>PLAYLIST: NARRATIVAS DO FEMINISMO – PONTO DE VISTA DO DEBATE TEÓRICO DO GÊNERO</i>	62
3.2	<i>PLAYLIST: GÊNERO</i>	67
3.2.1	Vídeo: gênero como representação	72
3.2.2	Vídeo: gênero como ato performativo	76
3.3	<i>PLAYLIST: A PRODUÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DE GÊNERO</i>	86
3.3.1	Vídeo: A produção do sujeito e o movimento de interpelação	94
4	CANAL IV: CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE CULTURAL	102
4.1	<i>PLAYLIST: O DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT</i>	103
4.2	<i>PLAYLIST: A ANÁLISE CULTURAL</i>	106
4.3	<i>PLAYLIST: YOUTUBERS ARQUIVO DA PESQUISA</i>	110
4.4	<i>PLAYLIST: MODELO ANALÍTICO</i>	117
5	CANAL V: CENÁRIO DISCURSIVO	118
5.1	<i>PLAYLIST: ARENA DE LUTAS E ENFRENTAMENTOS</i>	119
5.1.1	Vídeo: Entre consumo, vigilância, controle e “Yes, we can” – sociedade neoliberal	124
5.1.2	Vídeo: A política contra os estudos de gênero na educação	136
5.2	<i>PLAYLIST: ENUNCIADOS EM DISPUTA SOBRE MENINA-MULHER NOS CANAIS DE YOUTUBE</i>	145

6	CANAL VI: ENUNCIADOS EM DISPUTA – OBJETIFICAÇÃO PARA CONSUMO	149
6.1	PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “NÃO TRADUZ O TEU DESEJO DE IMAGEM”	149
6.2	SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “FICAR LINDA”	155
6.3	TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “EU ADORO ESSES PRODUTOS VERSÁTEIS”	166
6.4	QUARTA CENA DISCURSIVA: O QUE “TORNA UMA MULHER MUITO FEIA É SE VESTIR E AGIR DE MANEIRA MUITO VULGAR”	173
6.5	QUINTA CENA DISCURSIVA: “DETERMINADOS MODOS DE AGIR, DE ANDAR...”	180
7	CANAL VII: ENUNCIADOS EM DISPUTA – REITERAÇÃO DE PRÁTICAS HETERONORMATIVAS	187
7.1	PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “EM NOME DO AMOR”	187
7.2	SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “A GENTE GOSTA DE GUARDAR O QUE SERÁ DO NOSSO MARIDO, PRA SÓ ELE OLHAR”	195
7.3	TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “SEM BLÁ-BLÁ-BLÁ DE MACHISMO OU BLÁ-BLÁ-BLÁ DE FEMINISMO”	205
7.4	QUARTA CENA DISCURSIVA: “SER VISTA COMO PRINCESA”	210
8	CANAL VIII: ENUNCIADOS EM DISPUTA – PEDAGOGIAS FEMINISTAS DE CONTRACONDUTA	217
8.1	PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “FIQUE ATENTO AOS SINAIS”	217
8.2	SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “SERÁ QUE ISSO É COISA DA MINHA CABEÇA?”	225
8.3	TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “ASSIM, TEMOS UM PROBLEMA, NÃO É?”	234
8.4	QUARTA CENA DISCURSIVA: “QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO?”	239
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	252
	REFERÊNCIAS	257



**1 CANAL I:
PARA COMEÇAR O CAMINHO...**

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Essa citação me inspira a indicar a relação entre elementos de minha experiência cultural com o tema-problema sobre o qual me propus a refletir e o que está apresentado nesta tese com o título *Youtubers como uma pedagogia cultural de gênero: enunciados sobre menina-mulher nos canais de YouTube*. Com esta tese, procuro demonstrar que discursos de gênero advindos de *youtubers*, em sua materialidade, atuam como uma pedagogia cultural que interpenetra outras pedagogias na produção de representações de gênero por sua ação performática.

O meu percurso para o estudo que origina a tese apresentada neste texto advém da trajetória que fiz – e venho fazendo – durante minha formação como educadora. Tal trajetória é fruto de inquietações, vontades, desejos, curiosidade, experiências e debates que não se esgotam aqui com esta tese. É uma tese que não tem a intenção de bastar-se em si mesma, pois possui como objetivo ser impulso para mais e mais estudos que estão por vir. Optar, escolher, ser levado a tal caminho ou levar-se. Os estudos de gênero, feministas, midiáticos, culturais e discursivos que sustentam o estudo surgiram para mim como quem vai todos os dias a um lugar e então naquele dia chuvoso resolve observar o que está bem ali, na sua frente – todos os dias.

Meu encantamento, curiosidade e necessidade de me debruçar sobre esses estudos aconteceram a partir de uma ida comum à universidade, ainda no curso de graduação em Pedagogia na UFPE. Falava-se pouco sobre feminismo no curso de graduação em Pedagogia, apesar de o debate ser antigo e consistente. Em uma aula, de uma disciplina obrigatória, Teoria Curricular, uma professora – hoje minha orientadora – fala o termo: Gênero! A palavra estava (está!) escrita no livro de Tomaz Tadeu da Silva, *Documentos de identidades*, uma das indicações da bibliografia adotada pela professora regente – não por acaso, a obra é um clássico na área dos

estudos sobre currículo. Aquilo me bateu no ouvido de uma forma diferente, pois Silva (2011) trata o currículo como discurso que produz identidades:

[...] o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero. Uma perspectiva crítica de currículo que deixasse de examinar essa dimensão do currículo constituiria uma perspectiva bastante parcial e limitada desse artefato que é o currículo. (SILVA, 2011, p. 97).

Logo o assunto virou o meu ponto de atenção, e comecei a procurar materiais que se referissem a tal temática. O primeiro livro lido – *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Louro – me apresentou um panorama e uma abertura de janela sobre o assunto, em especial o texto da seção 2, com a contribuição dos estudos sobre as relações de poder de Michel Foucault. No livro, Louro afirma que a leitura de Foucault pelas/os “estudiosas/os das relações de gênero resultou em novos debates e, de um modo especial, trouxe contribuições para as discussões sobre as relações de poder” (LOURO, 2010b, p. 38).

A esse livro outros foram sendo incorporados em minhas leituras. Foi o caso de *Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*, organizado por Guacira Louro. Desse livro destaco um importante texto de Judith Butler, *Corpos quem pensam: sobre os limites discursivos do sexo*, no qual a autora trabalha com a noção de performatividade, como ação reiterativa e citacional. Em *Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, também de Guacira Louro, a seção “Estranhar” o currículo me ajudou a entender os caminhos do meu processo formativo de pesquisa e também político. Nessa seção, a autora diz que o processo de reconhecimento de algo para se pôr em primeiro plano, em primeira instância de análise, de reflexão, está em íntima relação com o que se entende como intolerável. O intolerável não podia ser algo que todos já veem como tal, pois logo o deixaria de ser. Deveria ser algo visto pela maioria como normal. Essa formulação me ajudou a traçar, construir, caminhos de pesquisa, fazendo-me questionar e reconstruir meus interesses e estudos.

O clássico livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*, de Judith Butler, representou a primeira obra completa da autora a que tive acesso. Ao ler o livro do começo ao fim, construí a compreensão de que Butler está trabalhando para desconstrução do conceito de sexo e gênero anteriormente construído no campo dos estudos feministas e de gênero. Tais conceitos eram

entendidos pela política feminista como sendo o sexo a opção natural dada e o gênero socialmente construído. Essa teoria é problematizada por Butler, que argumenta sobre a fragilidade de se trabalhar com a noção mulher como sujeito do feminismo. A autora destaca e argumenta sobre as condições culturais do sexo e do gênero que podiam multiplicar-se. Poderiam proliferar e a sua “proliferação atual poderia então se tornar articulável nos discursos que criam a vida cultural inteligível, confundindo o próprio binarismo do sexo e denunciando sua não inaturalidade fundamental” (BUTLER, 2008, p. 214).

Adentrei o primeiro volume da obra *História de sexualidade*, de Michel Foucault, intitulado *A vontade de saber*, e percorri a construção genealógica do autor sobre a construção da história da sexualidade em sociedades ocidentais. Ele procura compreender quais os motivos que sustentaram a sexualidade enquanto mecanismo de repressão, assim como busca refletir sobre a sexualidade, entendida por ele como a história da vontade de saber sobre o sexo, tendo grande importância nesse contexto os discursos com efeito de verdade.

Tais autoras(es) e estudos percorrem um caminho atrelado aos estudos pós-estruturalistas, aos quais me associo nesta pesquisa. Elementos conceituais advindos dessas leituras, como condições de possibilidade de aparecimento de um discurso sobre sexualidade e gênero, práticas de interdição, ações performáticas, relações de poder, o saber operando como poder e discursos de contraconduta, além de outros, alertaram-me sobre outra forma de entendimento das práticas sociais. Desde esse momento, iniciei a experiência do exercício de escrita e propus a mim mesma uma análise manuseando, por assim dizer, essas mesmas ferramentas conceituais.

Ao percorrer esse caminho, compartilhei experiências, saberes, atividades, trabalhos, pesquisas etc. Ainda no início do curso de graduação em Pedagogia, organizei, junto a uma amiga, um seminário em uma disciplina obrigatória. Ao iniciarmos a apresentação sobre gênero na escola, algumas colegas de sala se retiraram alegando que não podiam participar (e serem coniventes) com aquele debate. Não lhes era permitido ouvir o que tínhamos para falar. Ao serem questionadas sobre os motivos de tal abstenção, afirmaram que essa era a educação, a instrução, que tinham recebido.

Continuei pesquisando, estudando, dialogando, buscando compreender como aquela teoria que tratava do gênero tinha sido construída (e está, permanentemente, sendo construída!). Foi importante na minha formação percorrer diversos espaços de

trabalho, pois tais vivências contribuíram para as minhas escolhas também como pesquisadora. Pude entender um pouco mais como a(o) pedagoga(o) atuava ou poderia atuar. Nesses espaços, também as situações, fatos e histórias me saltavam aos olhos. E nesse caminho dos encontros que se tem na vida, a essa altura eu já estava seguindo os rastros da então professora daquela disciplina de Teoria Curricular. Ela já era minha orientadora em uma pesquisa. Através dela conheci outros textos de Michel Foucault e estudos foucaultianos. Pedido feito e aceito. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia, em 2012, tratou do tema gênero, a partir da análise de um texto fílmico *Alvin e os esquilos 3*, com inspiração nos trabalhos desenvolvidos por Patrícia Ignácio (2007) sobre desenho animado como uma pedagogia cultural. A minha pesquisa, desenvolvida com apoio na perspectiva do Currículo como Pedagogia Cultural e na abordagem foucaultiana do discurso e modos de subjetivação, permitiu a análise do filme em sua função enunciativa de subjetivação e como uma materialidade discursiva. A análise indicou que os filmes infantis podem operar como silenciosos mecanismos de normalização dos sujeitos, tendo como referência o sujeito heterossexual, além de reforçar a representação da mulher como fútil, romântica e dócil, deixando à margem outras formas de constituição de sujeitos (BELARMINO, 2012).

Após a apresentação do meu TCC, fiz a seleção para ingresso no Mestrado em Educação da UFPE, no ano de 2013, com uma proposta de pesquisa apaixonante e transformadora. Nessa pesquisa, analisei o discurso de gênero e sexualidade nos cadernos escolares, artefato cultural da cultura escolar (BELARMINO, 2015). Interessava-me compreender como esse discurso, em seus diversos enunciados, atuava como prática discursiva¹ de subjetivação dos sujeitos escolarizados na infância. As noções adotadas na dissertação, advindas do campo dos Estudos Culturais, estudos de gênero e de elementos da análise de discurso de Michel Foucault, permitiram-me problematizar os enunciados textuais e imagéticos dos cadernos escolares, contribuindo para a minha compreensão sobre como esses cadernos operam com a rede discursiva de gênero e sexualidade em nossa sociedade. Os cadernos escolares trazem consigo uma parte do que é aprendido em

¹ Por prática discursiva, compreendo tal qual Foucault (2014), quando diz ser um conjunto de regras anônimas, de normativas próprias de um tempo, como reafirma Castro (2016) no verbete “Práticas”, ao dizer ser um conjunto de regras históricas que são determinadas em um cenário específico (tempo, local...) e dão condições para o exercício da função enunciativa.

sala de aula, assim como carregam marcas da sociedade nas quais estão inseridos através dos filmes infantis, gibis, produtos da mídia, propagandas e textos literários, que estavam, e estão, presentes nas capas e interior dos cadernos. Constituem-se, assim, as mídias e o audiovisual em fortes elementos nessa rede discursiva.

Em minha experiência, posso afirmar que os meus cadernos, artefatos poderosos do universo escolar, levaram-me a outros lugares, fizeram-me retornar aos meus filmes, olhar para eles de forma curiosa e crítica. Assim surgiu a minha pesquisa de doutorado, no ano de 2015, ainda em processo de inscrição. Seleção feita, agonia vivida, defesa de mestrado, seleção de doutorado. Muita demanda, pouco tempo. Muito sonho. Muita vontade de pesquisar.

Adentrei no estudo para aprofundar conceitos, noções, teorias. Gênero foi sendo compreendido como algo fluido, transitório, não determinado apenas pelo fator biológico, tendo como caminho de construção autoras(es) importantes, como Guacira Louro, Judith Butler e Teresa Lauretis, cada uma contribuindo para a construção do debate, trazendo seus próprios questionamentos na rede discursiva. Busquei aportes teóricos na Pedagogia Cultural e no conceito de identidade abordado por autores como Tomaz Tadeu da Silva, Henry Giroux e Stuart Hall, entre outros. A noção de identidade de gênero foi sendo construída e problematizada a partir de várias possibilidades, variadas maneiras de representar os mais diversos contornos de sujeitos impregnados de sentido e significado.

No momento do meu ingresso, em 2016, como aluna de doutorado, o projeto inicial tinha como propósito fazer uma análise do discurso de gênero no discurso fílmico. Porém o que se anunciava era a ampliação do debate para o estudo sobre o audiovisual e mídias, de forma específica a análise dos canais de YouTube, com as *youtubers*. Nas minhas experiências como professora, pude perceber como os canais de YouTube, por meio das(os) *youtubers*, com seus personagens, histórias, modos de falar, de se comportar, colocam em ação práticas que poderiam estar pondo o sujeito mulher em uma determinada posição, se entendemos que as identidades e subjetividades de gênero são discursivamente construídas e reconstruídas nos processos de experiências nos quais os indivíduos são interpelados cotidianamente.

As teorias feministas e de gênero têm mostrado como identidades de gênero são produzidas no contexto de práticas discursivas que operam com seus enunciados de forma precisa, repetitiva e ativa, conformando corpos, criando e tentando fixar identidades verdadeiras e sustentando uma noção de mulher e homem esperados e

construídos socialmente a partir de vários artefatos, engendramentos, mecanismos e rituais. Embora essas teorias problematizassem o uso do termo mulher na pesquisa de gênero, em particular Butler (2008, 2019), mantive essa categoria como o foco na pesquisa. Entendo que a problematização refere-se a uma identidade universal da mulher; ao tratamento do ponto de vista binário; e que a desconstrução dessa categoria como fazem as feministas pós-estruturalistas significa dar visibilidade à produção dessa noção pelas práticas de normatização dos sujeitos e pelos atos performáticos. Por outro lado, as formas de vida de diferentes mulheres em diferentes lugares exigem uma comunicação com inteligibilidade para a luta política. Concordo com o argumento de Butler:

não [...] estamos vendo o fim da discriminação econômica contra a mulher, não acho que vimos o fim da desigualdade ou da hierarquia de gênero. Não acho que vimos o fim da violência contra a mulher, não acho que vimos o fim de certas concepções profundamente arraigadas sobre quais são as fraquezas das mulheres ou sobre a capacidade das mulheres na esfera pública, ou sobre uma série de outras coisas. Portanto, essas lutas ainda estão muito vivas. Suponho que, para algumas pessoas muito estabelecidas e economicamente seguras, o feminismo já não é tão forte, já não é mais um atrativo, porque elas podem muito bem ser mulheres que hoje ocupam postos de poder e privilégio, ou de segurança econômica, mas isso, com certeza, não é verdade globalmente. Se a gente olha para diferentes níveis de pobreza, diferentes níveis de escolaridade, vê que o sofrimento das mulheres é incomensurável. (BUTLER, 2010, p.162).

Desse modo, a luta das mulheres é latente e constante, estando viva em muitos lugares, estando o sujeito mulher a todo o tempo se reconstruindo em vários espaços. Outro aspecto a considerar é que aqueles enunciados entram em disputa com outros lugares de enunciação como a família e a escola. Essa disputa reflete também a interpenetração desses lugares de enunciação, como é o caso da escola, espaço social e cultural que representa parcela importante na construção de identidades, de sujeitos complexos, dinâmicos e em constante aprendizado. As mídias, imbricadas nesse jogo, estão cada vez mais ganhando espaço e força cotidiana na formação das identidades dos sujeitos, o sujeito educado, inclusive o sujeito escolarizado.

O sujeito na concepção dos Estudos Culturais é alguém com “identidades plurais, múltiplas, identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2010b, p. 24). Esse sujeito está em constante transformação, podendo assumir os mais variados contornos, de acordo

com as experiências que lhe são possíveis vivenciar. Tais vivências estão em relação direta com discursos, em particular, na contemporaneidade, os discursos veiculados pelas mídias, ou seja, o sujeito é um efeito do discurso e do poder. Contudo, sabemos que as mídias mantêm, como regularidade de seus enunciados, a visão binária do que é ser mulher ou homem; feminino ou masculino; mulheres vadias ou mulheres do lar. E é evidente que esses enunciados estão em uma relação imanente com outros discursos no campo jurídico, religioso, político etc. As mídias têm grande interferência na vida social, cultural e política, como afirmado por Eco (1984, p. 165): “não muito tempo atrás, se quisessem tomar o poder político num país, era suficiente controlar o exército e a polícia. [...], nos dias de hoje um país pertence a quem controla os meios de comunicação”.

Outro aspecto a observar é que não é o poder das forças armadas como mencionado, ou outra força repressiva, aquilo que entra em cena nas práticas discursivas midiáticas. Quando trato de operadores de identidades pela mídia, estou querendo dizer que essas identidades são produzidas em relações de poder implícitas e explícitas no cotidiano. Entendo poder como uma relação que não só nega, mas também produz, incita e coíbe, tal como foi formulado por Foucault (2010).

Louro (2010b) nos mostra que essa visão de poder permite dizer que os futuros homens e mulheres não se constituem apenas por mecanismos de repressão ou censura, pois estes se fazem, também, por meio de práticas e relações que criam gestos, modos de ser e de estar no mundo, construindo formas de falar, de agir, condutas e posturas apropriadas e, usualmente, diversas, bem como identidades de gênero nas e pelas relações de poder.

Essas compreensões redirecionaram meus objetivos de estudo. Desse ponto em diante, a minha pesquisa foi ganhando novos caminhos, ruelas intermináveis, como quem é turista em uma cidade e nela se perde, gostando de se perder, percorrer e construir, nas mesmas ruelas, novos caminhos, novos pontos, colagens, num bordado-tese que tem um avesso emaranhado com muitos pontos e espaços por mim antes não delineados.

Umberto Eco, em *Como se faz uma tese*, deu-me algumas pistas de como a escrita da tese poderia ganhar contorno, apresentando modos de fazer e pensar a estrutura do texto. Eu-professora (ou sempre permaneci aluna?) ganho de presente conviver com pessoas bem diferentes de mim. Mas tão iguais. Deparo-me com realidades absurdamente estranhas para o que eu tinha vivido até ali. Tento ensinar

algo, porém aprendemos, de fato, juntas, trocando, ouvindo, dando espaço (ou dividindo espaço?). A experiência docente no ensino superior, de modo formal, levou-me para uma ruela antes não acessada por mim.

Estudos sobre gênero, feminismo, mídias, audiovisual: apenas o cinema, como pensava *a priori*, não daria mais conta de abarcar os caminhos, ruelas que a tese tinha tomado. As mídias materializadas em plataformas abertas como o YouTube gritavam para mim, diziam-me a todo momento do espaço que elas estavam tomando na vida de pessoas, adultos, crianças, jovens. Tendo consciência de não conseguir abarcar tudo, fiz escolhas.

A escolha feita por fim: os canais de YouTube com *youtubers*. O processo de construção da tese, tendo então como cenário os canais de YouTube, mostrou-se vasto e instigante. Observo os canais de YouTube como um lugar de aprendizagens ou ainda, como destaca Ellsworth (2005), um lugar que tem uma “força pedagógica”; ou seja, todos os espaços, todos os lugares têm qualidades pedagógicas que acionam efeitos na construção dos sujeitos.

O YouTube, como observa Castells (2018), caracteriza-se primordialmente por ser uma ferramenta de compartilhamento de vídeo e um meio de comunicação de massa. Tem no cadastro pessoas físicas, entidades, governos e políticos. Os seus usuários estão em busca de entretenimento, informação, cultura, pornografia, músicas, filmes etc., podendo ser, ao mesmo tempo, quem compartilha informação e quem apenas a consome. Tem como objetivo a veiculação de vídeos em rede, levando conteúdo a várias partes do mundo.

Por ser uma plataforma gratuita, já que não é necessário pagar para ter acesso ao seu conteúdo, o YouTube se popularizou, embora reconheçamos que uma parcela expressiva da população ou não tem acesso à ferramenta ou apenas a utiliza com acesso limitado, tal como mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa, realizada no quarto trimestre de 2018, demonstrou o acesso dos domicílios brasileiros à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). O percentual de domicílios que utilizavam a Internet em 2018 era de 79,1%. Os motivos expostos pela população para a não aquisição dos serviços de internet abrangiam, entre outros fatores, considerar o serviço caro (51,8%); nenhum morador saber usar a internet (24,3%); e o alto custo do equipamento eletrônico para conexão (4,7%).

Observou-se também que os domicílios que não tinham TV por assinatura e a substituíram pela programação disponível na internet representavam 3,5% dos entrevistados, sendo a rede acessada para assistir vídeos por 86,1% das pessoas.

Essa plataforma, cada vez mais popularizada, tem como característica a “transformação” do antes mero telespectador em agora um produtor cultural, conhecida(o) como *youtuber*, que em sua função-autor gera conteúdo *on-line*, podendo até vir a lucrar, caso as informações que veicula ganhem uma rede de contatos, conhecidos como seguidores, que se inscrevem no canal e passam a acompanhar aquela(e) *youtuber*, algo que hoje já é reconhecido como profissão com remuneração específica.

Começo a me interessar pelas relações pedagógicas que vão se dar nesses canais, particularmente aqueles que tratam da questão de gênero. Não apenas pelo que dizem simplesmente, mas pela possível força denotativa de seus enunciados performativos, aqueles que fazem as coisas acontecerem. Com Butler (2008, 2019), aprendo que as identidades de gênero são produzidas particularmente pelos enunciados repetidos, reiterados.

Esses pressupostos anunciam a tese que começa a se delinear de forma mais concreta na perspectiva de entender a ação das(os) *youtubers* como uma ação performativa, que atua nas representações de gênero, considerando que essas representações estão atuando, tal qual outras mídias, como pedagogias culturais. Operam como elementos de formação, ou melhor, assumem uma função formativa.

Que discursos de gênero são esses produzidos em plataformas como YouTube por pessoas *youtubers*; que mídias são essas, como surgiram, desenvolveram-se, qual a penetração na sociedade, quem fala, como fala...? Esses canais de YouTube estão inseridos na sociedade que Castells (2018) chama de sociedade em rede. Essa sociedade se caracteriza por um nova estrutura social. Ao nomear “em rede”, Castells está argumentando que ela é construída por várias redes em várias dimensões que são fundamentais para organização e para a prática social. Ou seja, as redes não se limitam às fronteiras do Estado-nação, pois essa sociedade em rede é construída por um sistema global, trazendo uma nova forma de globalização. O modo de se comunicar mudou, transformou-se, sendo a internet um local de potência e possíveis construções diversas. Na internet temos inseridos os canais de YouTube, que atuam nesse sistema global no qual, segundo Castells (2018, p. 30), “nós não estamos

compartilhando uma cultura global. Em vez disso, estamos aprendendo a cultura do compartilhamento de nossa diversidade global”.

Neste cenário, Sassoon (2005, p. 204), contribui para o debate trazendo seus estudos no campo da comunicação, que problematizam a mídia em vários aspectos, seja quando afirma que “a ação da mídia é menos dedutível, mas isto não quer dizer que não seja interessante verificar atentamente em que coisa consiste”; ou quando diz que não interessa saber o que as mídias fazem às pessoas, mas sim o que fazem as pessoas com as mídias. O autor convida-nos para uma reflexão sobre a estrutura de funcionamento desse sistema midiático, já que essa estrutura nos mostra “importantes mudanças de perspectiva, enquanto dela se consegue que o emissor e o receptor sejam vistos agora como parceiros ativos no processo de comunicação” (SASSOON, 2005, p. 204). Para o autor, abrem-se novas possibilidades de repensar as pesquisas “sobre os processos de fruição das mídias”, colocando as estratégias do destinatário no centro da cena.

Essas formulações são importantes para o meu trabalho, assim como a contribuição dos estudos sobre Gênero e Feminismo, estudos sobre mídias, audiovisual, sendo compreendidos como uma Pedagogia Cultural. Decidi como percorrer, como estruturar este estudo, querendo entender esse território cada vez mais impregnado de significado.

Os canais de YouTube analisados neste trabalho são três adultos –*Ana Lu Masi, Fabiola Melo e JoutJout, Prazer* – e dois infantojuvenis –*Planeta das Gêmeas e Juliana Baltar*. São tratados do ponto de vista de uma Pedagogia Cultural. Entendo que as pedagogias culturais estão de forma contínua atuando na construção da identidade e nas subjetividades dos sujeitos. Nesse sentido, a análise pretendida é pertinente. Dessa forma, estudar, analisar e colocar em debate esse tipo de conteúdo são ações que mostram o seu poder enunciativo de identidade de gênero, parecendo ser algo urgente. Meu propósito é demonstrar que *youtubers* podem atuar na produção de identidades e subjetividades de gênero, ou seja, as(os) *youtubers*, ao colocarem em ação estratégias de pedagogia cultural, estariam assumindo uma função de formadores nos modos femininos de estar no mundo. Dar visibilidade e problematizar esses modos de enunciação no campo do discurso de gênero é importante, particularmente no cenário de disputa que estamos vivendo na atualidade.

É preciso ressaltar que a inclusão de canais dirigidos à infância na pesquisa que sustenta esta tese se justifica desde que há um direcionamento das mídias que

em sua produtividade atuam na construção corporativa da infância, como revelam os estudos de Giroux sobre os produtos da Disney, de Ignácio (2015) sobre consumo e de Belarmino (2012, 2015) sobre filmes infantis e cadernos escolares.

Com efeito, o universo infantil, envolvido em amplos e complexos terrenos discursivos, está permeado de tramas discursivas que funcionam como armadilhas sedutoras cotidianas, que atingem as crianças sem que muitas vezes elas percebam, como é o caso dos textos midiáticos. Entretanto vale destacar que esse modo de significar e impregnar a vida das crianças de posições que devem ser ocupadas, como também o movimento de observar e nomear as crianças, acontece antes mesmo que estas tenham entendimento, como observou Vieira (2013) em *Educação familiar: estratégias para a promoção da igualdade de gênero*. A autora tem percebido práticas diferentes pautadas em “crenças estereotipadas dos pais e das mães, acerca dos papéis de gênero, e não das características reais das crianças” (VIEIRA, 2013, p.20). Vieira observa que, antes mesmo de as crianças nascerem, as mães tendem a criar estereótipos de comportamento para os fetos – se for menina é percebida com movimentos mais suaves e se for menino é percebido com movimentos mais vigorosos, como descrito na seguinte passagem:

Efetivamente, em estudos feitos com mães grávidas constatou-se a sua tendência para perceberem de maneira diferente os movimentos do feto, em função do conhecimento do sexo deste (Eaton e Enns, 1986, citados por Beal, 1994): no caso de estarem à espera de um rapaz, tendiam a descrever os movimentos fetais como “vigorosos”, “verdadeiros tremores de terra” e “tranquilos, mas fortes”; caso o bebê fosse do sexo feminino, este era descrito como apresentando movimentos “muito suaves”, “não excessivamente ativos”, e “vivos, mas não muito enérgicos”. Pelo facto de não existirem diferenças reais entre os fetos masculinos e os fetos femininos, a este nível, as percepções diferenciadas das mães deixam já antever a presença de estereótipos de gênero nas expectativas emitidas, a respeito do rapaz e da rapariga, mesmo antes do nascimento. (VIEIRA, 2013, p.20-21).

Entendo que as crianças são, desse modo, amplamente marcadas e categorizadas. As mídias, nesse contexto, revelam-se como um potente espaço de significação, caracterizando-se como um vasto campo de pesquisa, pois elas operam dentro e fora da escola, elas operam na vida, uma vez que os aparelhos eletrônicos com seus vídeos e compartilhamentos estão cada vez mais fazendo parte do currículo

praticado cotidianamente, através, por exemplo, da utilização de canais de YouTube em sala de aula para a exemplificação de conteúdos, histórias etc.

Na rotina que hoje engloba a vida em sociedade, a *internet*, que é uma tecnologia antiga, tem conquistado ao longo dos anos bem mais espaço e se desenvolvido tecnologicamente. Criar e compartilhar conteúdo são uma rotina na vida de muitos jovens que, fazendo parte da rede discursiva, não só produzem-compartilham, como também consomem e significam. É inegável que a “internet proporcionou uma nova forma de comunicação, abrindo possíveis espaços para que as pessoas explorem esse ambiente, nos quais são capazes de selecionar conteúdos e compartilhar ideias, a partir do que julgam ser importante” (SILVA; CASTRO, 2016, p. 137). Dessa forma, a vida cotidiana tem sido invadida cada vez mais pelo ambiente virtual e tudo que ali é produzido.

A veiculação da vida cotidiana no ambiente virtual está cada dia mais comum, hoje se publica muito, a vida ganha *status* de algo a ser vendido e publicado. Entretanto nem todo mundo tem alguma coisa realmente relevante a dizer para o restante do mundo, no sentido da indústria jornalística, segundo Motta, Bittencourt e Viana (2014). Mas do ponto de vista micro, todo mundo tem alguma coisa para falar, publicar, nem que seja para a sua família e amigos.

É importante entender como essas mídias operam na produção de identidades na vida adulta, infância e juventude, pois, como nos diz Larrosa (2010, p. 48): “a experiência de si está constituída, em grande parte, a partir de narrações. O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos”. Segundo Larrosa essas narrações são construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que de alguma maneira nos dizem respeito. Encontramo-nos compelidos a produzir nossas histórias em relação a elas.

Para construção deste trabalho de tese, destaco também o acervo de trabalhos ao qual tive acesso e que compõe a rede discursiva de estudos recentes sobre as implicações das plataformas digitais na produção de identidades de gênero no Brasil. O acervo sobre o qual me debrucei advém de duas revistas – *Cadernos Pagu* e *Revista Texturas*– e do Banco de Teses e Dissertações da Capes com recorte de 10 anos a partir de 2009.

Dos *Cadernos Pagu* destaco estudos sobre feminismo e gênero²; a mulher nos artefatos culturais³, em especial os trabalhos de Butler (2014) e Borba (2014). Nessa revista o número 53 de 2018 é dedicado integralmente ao debate em torno da polêmica visita de Judith Butler ao Brasil naquele mesmo ano. Na *Revista Textura* também observei estudos sobre gênero⁴, artefatos culturais⁵, mídias e audiovisual⁶ com alguns estudos que contribuem na construção da teia discursiva que desenvolvi, como os estudos de Ignácio (2015) e Carvalho (2015), sustentados do ponto de vista dos seus argumentos analíticos nas pedagogias culturais. Nessas revistas, observo nos volumes atuais que elas refletem a consolidação de um amplo debate em relação às questões de gênero, demarcando um cenário de produção acadêmica que vem fazendo efervescer o debate e a prática política.

Nas duas revistas, observei que não existem trabalhos publicados especificamente sobre a plataforma YouTube, os seus canais e a construção do

² “Desenvolvimento, poder, gênero e feminismo” de Scott e Quadros (2018); ““Gênero”, em português de Moschkovich (2017); Feminismos brasileiros nas relações com o Estado. Contextos e incertezas” de Machado, (2016); “Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo” de Ferreira (2015) e “Regulações de gênero” de Butler (2014).

³ “Espelho mágico: produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira” de Macedo (2016); “O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais” de Beleli (2015); “A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais” de Borba (2014); “Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60)” de Santos (2011); “O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala” de Pinto (2010); e “Narrativas de leitoras da revista Capricho: memória e subjetividade (1950 a 1960)” de Miguel e Pedro (2009).

⁴ “El juego como aprendizaje social de género en la infancia” de Galet-Macedo (2014); ““Meninos não choram e meninas não brigam”: permissividades e proibições constituindo identidades de gênero” de Vargas e Carvalho (2011); “Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista” de Pocahy (2011); e “Estudos Culturais, Gênero e Infância: Limites e Possibilidades de uma Metodologia em Construção” de Felipe (2009).

⁵ “Compartilhando sabedoria! Sentidos atribuídos às tecnologias por crianças” de Bona (2018); “Espaços de participação na produção audiovisual de jovens estudantes na escola” de Martins e Fantin (2018); “Mídia e Educação: problematizando noções de território midiático” de Takara e Teruya (2013); “Escritos sobre corpo, cinema e Educação de Sobral e Ripoll (2012); “Cultura Escolar como categoria de análise na produção de narrativas históricas sobre a Educação” de Malikoski e Kreutz (2014); “As crianças de hoje não são mais como antigamente! Implicações culturais do mundo contemporâneo para os modos de ser criança e de viver a infância” de Momo (2014); “Mass media, género y construcción de imaginários sociales: un análisis de la representación mediática de Brasil en España” de Souza (2012); e “A Internet Nasce Para Todos” de Saraiva e Santos (2009).

⁶ “Feminismos, Imagens e Educação: análise visual das representações femininas nas capas dos cadernos universitários da marca Tilibra” de Silva, Baliscei e Calsa (2018); “O que ensina a série televisiva “Deu a louca na história”? Televisão, humor e pedagogias culturais” de Ferreira e Kirchof (2016); “Gênero na literatura infantil: uma análise de obras com protagonistas animais” de Massola e Wortmann (2015); “As pedagogias do consumo no desenho animado Três Espiãs Demais – narrativas sobre como ser jovem menina na Sociedade do Consumo” de Ignácio (2015); “Lili, a garota atômica: representação da mulher” de Carvalho (2015); “O vilão desviante: Uma leitura sociocultural pela perspectiva de gênero de Scar em O Rei Leão” de Santos e Piassi (2014); “Um estudo antropológico com crianças e adolescentes a partir de uma análise dos processos de recepção fílmica do filme Tomboy” de De Queiroz e Souza (2014); e ““Nem toda a brasileira é bunda”: gênero e brasilidade no cinema nacional” de Balestrin (2011).

sujeito menina-mulher, demonstrando a urgência e pertinência do estudo apresentado. Os trabalhos tecem análises que relacionam crianças, jovens e adultos a artefatos como filmes, desenhos animados e revistas, demonstrando a importância de estudos na área.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes – com os descritores mídia e mulher/YouTube e gênero—encontrei trabalhos⁷ relacionados a feminismo, gênero e mídia. Destaco as dissertações de Fonseca (2017) e Dalethese (2017), que tecem, respectivamente, análises sobre modos de construção do feminismo e as construções na infância em relação a canais de YouTube.

Observei que no Banco de Teses e Dissertações as buscas recaíam sobre os mesmos trabalhos, mesmo com a mudança dos descritores. Também foi recorrente o fato de os trabalhos que tecem análises sobre a plataforma YouTube serem estudos mais recentes. Entretanto foi curioso observar que não encontrei trabalhos especificamente sobre as construções da noção de mulher e da identidade nos canais de YouTube, reforçando o estudo que proponho neste texto em tela.

Na construção da tese, o estudo realizado no doutorado sanduíche em Portugal, junto à professora Cristina Vieira na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE- UC) e da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM), proporcionou uma imersão nas construções sobre ser mulher, permitindo-me refletir a respeito das mulheres em suas várias facetas e pensar sobre os direitos obtidos com as leis e documentos vindos de conquistas construídas a partir de leituras, diálogos, lutas e asfalto. A oportunidade de vivenciar e trocar com tantas mulheres de outras culturas e modos de vida e escritas me fez reafirmar a pertinência do estudo que venho desenvolvendo.

⁷Dissertações de mestrado sobre YouTube e Gênero: “Expressões do(s) feminismo(s): discussões do público com a *youtuber* Jout Jout” de Fonseca (2017); “Faz de conta que todos nós somos *youtubers*: crianças e narrativas contemporâneas” de Dalethese (2017); “A nova grande mídia: uma análise de *Bloggers, YouTubers, Instagrammers*” de Milanetto (2016); “Filmes de animação da barbie: normatizações e resistências aos modelos de feminilidade” de Bacarin (2015); “Jovens *youtubers*: processos de autoria e aprendizagens contemporâneas” de Batista (2014); “Minha vida é uma tela aberta: diários de jovens no *YouTube*” de Alves (2011); e “A mulher caiu na rede: representações de mulher nos vídeos do *YouTube*” de Figueira (2009). Teses de doutorado: “O Que Você Quer Ser Antes de Crescer? *Youtubers*, Infância e Celebridade” de Tomaz (2017). Dissertações de mestrado sobre mídia e mulher: “A mídia e as mensagens de gênero: uma abordagem da feminilidade na sociedade de consumo” de Torrecilha (2014); “Mulher-Gato: políticas da mulher, modos de presença e narrativa transmídia” de Fonseca (2016); “Inventar-se mulher de Lima (2016); “Entre a mulher e o feminino: uma leitura psicanalítica da feminilidade” de Oliveira (2016); “O que porra é cinema de mulher? A mostra cinema de mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano” de Wanderley (2016); “Mulher e mídia: uma análise do enquadramento de políticas femininas nos jornais Folha de São Paulo e Gazeta do Povo de 2005 a 2008” de Hedler (2011).

Nessa oportunidade de doutorado sanduíche, vivenciei espaços de construção teórico-política, onde, junto a mulheres de outras nacionalidades, articulei e participei da construção de marchas como a construída para o 8M em Coimbra e “Quem mandou matar Marielle?” no dia 14 de março, dia do assassinato brutal de Marielle Franco (Figuras 1 e 2), entre outras construções. Também tive a oportunidade de participar da marcha referente ao 8M em Lisboa, vivenciada em vários países simultaneamente (Figura 3). Com essas mulheres percorri ruas convidando a população ao debate e conscientização política em torno da luta das mulheres, como a igualdade salarial e a contraposição à violência doméstica e ao abuso sexual, entre tantos outros pleitos que atravessam oceanos e dizem respeito à luta de tantas mulheres ao redor do mundo.

Figura 1: Marcha 8M (Coimbra, Portugal)



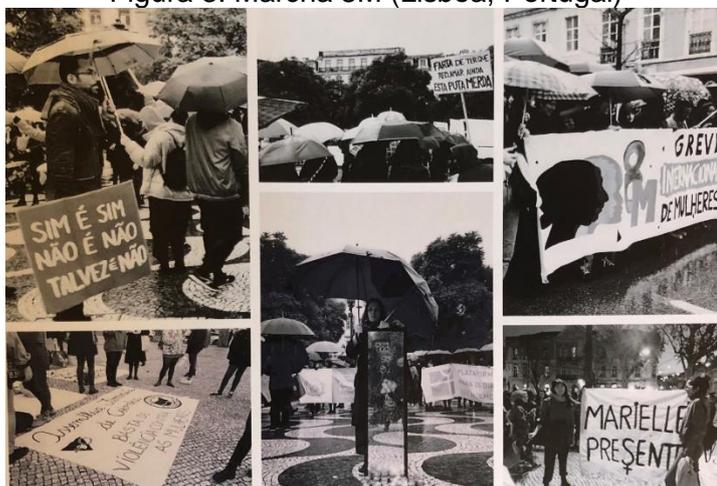
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2: Quem Mandou matar Marielle? (Coimbra, Portugal)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3: Marcha 8M (Lisboa, Portugal)



Fonte: Acervo pessoal.

Em consonância com os pressupostos apresentados, esta tese se sustenta na análise de práticas discursivas sobre gênero de *youtubers* em sua produtividade. Nesse sentido, quer dar visibilidade a discursos performáticos de gênero em sua vontade de produzir determinados modelos de crianças, jovens e adultos do gênero feminino.

A tese em tela foi organizada em oito seções, contendo também considerações finais e referências, tal como indico a seguir. Cada seção foi nomeada como Canal, as subseções secundárias de cada Canal, nomeadas de *playlist* e cada subseção terciária, nomeada de vídeo.

A primeira seção se apresenta com a introdução em tela – *Canal I*. A segunda seção se intitula *Canal II – Caminhos da investigação: plataforma do Youtube, o objeto de estudo*. Apresento nesse canal três *playlists*: a primeira *As Plataformas digitais: O*

YouTube e os youtubers; a segunda *Pedagogias Culturais: um modo de olhar o YouTube*; e a terceira *O Currículo, as Pedagogias Culturais e a Pedagogia Escolar*. Nesse canal, trago o estudo sobre o *YouTube*, as mídias digitais e as Pedagogias culturais e escolares.

Na seção 3, *Canal III – Gênero e feminismos*, há três *playlists*. A primeira *playlists* e intitula *Narrativas do Feminismo: ponto de vista do debate teórico do gênero*; a segunda *playlist*, *Gênero*, é composta por dois vídeos: *Gênero como representação* e *Gênero como ato performativo*. A terceira *playlist* *A produção do sujeito no discurso de gênero*, possui um vídeo: *A produção do sujeito e o movimento de interpelação*. Nesse texto construo uma argumentação entre os estudos feministas e de gênero que dão o tom da análise que desenvolvo.

Na seção 4, *Canal IV – Construções metodológicas entre a análise do discurso e a análise cultural*, há quatro *playlists*: a primeira, *O discurso em Michel Foucault*, a segunda, *A análise cultural*; a terceira *Youtubers arquivo da pesquisa*, dialogando sobre as minhas escolhas metodológicas; e a quarta o *Modelo analítico*.

Na seção 5, *Canal V – O Cenário discursivo*. desenvolvo duas *playlists*: a primeira é *Arena de lutas e enfrentamentos*, com dois vídeos (*Entre consumo, vigilância, controle e “Yes, we can”: sociedade neoliberal* e *A política contra os estudos de gênero na educação*); a segunda *playlist* foi intitulada *Enunciados em disputa sobre menina-mulher nos canais de Youtube*.

A seção 6, *Canal VI – Enunciados em disputa: Objetificação para consumo*, tem cinco cenas discursivas, nomeadas como: 1ª *Não traduz o teu desejo de imagem*; 2ª *Ficar linda*; 3ª *Eu adoro esses produtos versáteis*; 4ª *O que torna uma mulher muito feia é se vestir e agir de maneira muito vulgar* e 5ª *Determinados modos de agir, de andar...*

A seção 7, *Canal VII – Enunciados em disputa: Reiteração de práticas heteronormativas*, registra quatro cenas discursivas, 1ª *Em nome do amor*, 2ª *A gente gosta de guardar o que será do nosso marido, pra só ele olhar*; 3ª *Sem blá-blá-blá de machismo ou blá-blá-blá de feminismo* e 4ª *Ser vista como princesa*.

E por fim a seção 8, *Canal VIII – Enunciados em disputa: Pedagogias feministas de contraconduta*, com quatro cenas discursivas: 1ª *Fique atento aos sinais*; 2ª *Será que isso é coisa da minha cabeça?*; 3ª *Assim, temos um problema não é?* e 4ª *Quem tem medo do feminismo?*.

Em seguida, vêm as *Considerações finais* e as *Referências*.



**2 CANAL II:
CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO PLATAFORMA
DO YOUTUBE – O OBJETO DE ESTUDO**

2.1 PLAYLIST: AS PLATAFORMAS DIGITAIS – O YOUTUBE E OS YOUTUBERS

Para pensar a plataforma YouTube, procuro apreendê-la no contexto da sociedade contemporânea. No campo das Ciências Humanas, são desenvolvidas reflexões na busca de se compreender como a humanidade chegou até aqui; e como as sociedades passaram por vários processos de desenvolvimento e transformação.

Afirma-se que estamos vivendo em uma sociedade em rede. Este termo refere-se a estarmos conectados através de várias redes em muitas dimensões que são fundamentais para a prática e organização social no sistema global que vivenciamos, no dizer de Castells (2018).

Estando a sociedade conectada em rede, observa-se a criação e compartilhamento de culturas distintas que transitam pelas conexões sem fio, *wi-fi* e internet. A internet é vista como um sistema extremamente poderoso que vem se desenvolvendo ao longo dos anos e ganhando o formato que hoje conhecemos, sendo indispensável para o modo de se comunicar que vivenciamos.

O YouTube no contexto da internet representa o maior meio de comunicação de massa, gerando ao redor do mundo cerca de dois bilhões de visualizações por dia, tendo uma audiência maior do que as três maiores emissoras de TV dos EUA juntas. Os inscritos representam números astronômicos, que são cotidianamente atualizados, e podem duplamente ser interagentes ou receptores da interação (CASTELLS, 2018).

Para conhecermos o que hoje chamamos de YouTube, tivemos que percorrer um longo caminho na história dos meios de comunicação. Na história antiga, a tradição fazia uso de um discurso oral que tinha por base uma comunicação não alfabética; apenas após o desenvolvimento do modo de escrita alfabético, como destacado por Castells – o espírito alfabético, é que a formação humana tomou outros rumos, difundindo-se após o invento da imprensa e fabricação do papel, privilegiando-se a cultura alfabetizada, deixando de lado a cultura audiovisual.

Em meados do século XX, a cultura audiovisual “reaparece” através dos filmes e do rádio, depois a televisão, como observam Castells (2018) e Sloterdijk (2000). A TV, no contexto de Pós-Segunda Guerra Mundial, ganhou espaço e criou-se como um fascinante meio de comunicação. Ela se mostrava como um produto pronto para o consumo com apenas um clique. Os produtos tradicionais da cultura, como os livros,

passaram a ser objetos de adaptação ao formato televisivo com foco no entretenimento para a sociedade de massa.

Sloterdijk (2000) problematiza esse contexto midiático com foco na problemática da formação humana. Afirma o autor que:

[...] a época do humanismo nacional-burguês chegou ao fim porque a arte de escrever inspiradoras cartas de amor a uma nação de amigos, ainda que fosse exercida da maneira mais profissional possível já não bastaria para atar os laços telecomunicativos entre os habitantes de uma moderna sociedade de massas. (SLOTERDIJK, 2000, p. 13).

Lembra o filósofo que essas cartas não seriam no nosso tempo suficientes para atar os laços comunicativos existentes entre sujeitos que habitam uma moderna sociedade de massas, pois essa sociedade está agora orquestrada pela mediação de eletrônicos. Sob sua inspiração, penso que a produção de subjetividades e o diálogo com a propagação de discursos e narrativas pelos canais de YouTube contribuem nesse debate que problematiza a formação humana dos humanos. A educação das pessoas advindas das redes sociais ainda não está tão clara, tem-se a impressão de que a sociedade na qual hoje vivemos parece estar no limite.

O papel e o espaço da literatura não chegaram ao fim por conta do avanço tecnológico, mas se diferenciaram, como observa Sloterdijk (2000, p. 14) “em uma subcultura *sui generis*, e os dias de sua supervalorização como portadora dos espíritos nacionais estão findos” (2000, p.14). Mais tarde, pela atual revolução da internet, neste cenário de coexistência humana nas sociedades atuais, a comunicação foi feita a partir de novas bases. Os novos meios de comunicação fizeram a síntese social não ser mais a mesma, quer dizer, a síntese social não é mais, nem em sua aparência, e nem tem como predominância os livros e cartas.

De fato, os tempos mudaram, e, como consequência, uma nova forma de comunicar-se ganhou espaço, os novos meios de comunicação político-culturais assumiram o fronte, reduzindo a porcentagem das amizades nascidas da escrita, diz Sloterdijk (2000, p. 14-15), argumentando que o tempo do “humanismo moderno como modelo de escola e de formação terminou porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo de sociedade literária”.

A mídia, para Sloterdijk (2000, p. 20), é, portanto, compreendida como “os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos

para o que podem, e o que vão, se tornar”. Desse modo, podem-se pensar as mídias, a internet com os canais de YouTube, como um lugar importante na contribuição da construção da identidade humana. A questão que se coloca é como o ser humano nesta sociedade poderia se tornar um ser humano, de fato, verdadeiro ou real? Essa questão fica colocada inevitavelmente como uma questão de mídia.

Há que se considerar outras questões como as relações que se estabelecem com os usos de equipamentos advindos do desenvolvimento tecnológico da comunicação e informação. Com as filmadoras, as pessoas começaram a registrar suas histórias, da sua família, as suas festas com vídeos caseiros. Após capturar imagens, podia-se em seguida ver o vídeo na televisão, tendo sua imagem projetada. Esse movimento é observado por Castells (2018, p. 422) como uma prática que “realmente modificou o fluxo de mão única das imagens e reintegrou a experiência de vida e a tela”. Com o passar dos anos, a TV evoluiu, ganhou mais canais, depois a televisão a cabo se popularizou e a audiência, que antes era de massa, passou a ser segmentada, em meio aos tantos canais e possibilidades aglutinando seus telespectadores por interesses, religião, estilo de vida etc. Esse foi um dos modos pelos quais a televisão conseguiu manter-se viva, descentralizando-se, diversificando-se para atingir seu tão diverso público, que nesse momento já estava envolvido e capturado pelos caminhos que a internet possibilitava.

Nesse cenário, outros artefatos surgiram construindo um modo de vida em relação com a nova mídia. O *walkman*, por exemplo, se popularizou e com ele cada pessoa podia ter sua seleção de músicas de modo portátil e individual; o rádio continuou a evoluir; e o videocassete representou um grande marco em contraponto à programação fixa da TV. Com o videocassete, os telespectadores podiam gravar os programas, filmes e assistir quando achasse conveniente, dando ao espectador o poder de escolha diante da já não tão atraente programação televisiva.

A internet como tecnologia foi usada pela primeira vez em 1969, mas só veio a se difundir 20 anos depois e na década de 1990 foi privatizada. O aumento de seu uso, entre muitos aspectos, aconteceu também pelo mundo do trabalho, que visualizou na internet um modo rápido de organização em rede. Mas a conexão através de cabos não era rápida e não trazia muita praticidade, mas, com a chegada da comunicação sem fio, *wi-fi*, a conectividade aumentou, assim como a largura da banda.

A internet é um meio de comunicação da Era da informação. Caracteriza-se por ser interativa e abarcar o universal, estabelecendo-se via computador, telefone, *tablet* etc. Importante destacar que o acesso à internet não é igual para todos os cidadãos nas várias partes do mundo. Estudos apontam que negros e hispânicos têm mais dificuldade de acesso que pessoas brancas.

Carvalho (2004) destaca o impacto da revolução tecnológica, consubstanciada na implicação em formas de trabalho e processos de inclusão no mundo. Evidencia como essa revolução tecnológica latente se intensifica pela sua produtividade cada vez mais elevada. Pode-se ver esse efeito em uma internet crescentemente mais rápida a colocar os indivíduos como sujeitos que precisam dar conta para pertencer a essa sociedade e nela produzirem, consumirem etc.

Importante ressaltar que, nesse mundo globalizado, a implementação de redes de comunicação e informação que atuam na tentativa de construir um pensamento único acaba por não ser tão inclusiva. Assim, o aumento da exclusão e das desigualdades sociais pode ser mais recorrente nesse tipo de sociedade. Castells (2018, p. 432) observa que as desigualdades espaciais apresentam-se como “um dos paradoxos mais impressionantes da era da informação em razão da característica supostamente independente de espaço da tecnologia”.

Nos debates recentes sobre a internet, muitas questões ainda estão em aberto. Observa-se que, ao mesmo tempo em que a internet convida para a criação de comunidades virtuais rompendo fronteiras físicas, ela também cria fronteiras na vida em sociedade e na relação com os outros, ou seja, ela induz ao isolamento. Os estudos mostram que ainda não está claro o grau de sociabilidade que ocorre nas redes eletrônicas.

O que se observa é que, com o avanço das redes de comunicação, da internet, as pessoas começaram a se apropriar das formas de comunicação que foram surgindo. Com o passar do tempo, começamos a querer criar nossas próprias formas de comunicação, ou seja, criar sistemas de comunicação em massa. Para tal, usamos as mensagens de texto, os *vlogs*, *blogs*, canais de YouTube, *podcasts*, entre tantos outros sistemas.

Nesse cenário o modo de compartilhamento de arquivos e as redes *peer-to-peer* (2p2) – que permitem o compartilhamento de dados e serviços sem a necessidade de um servidor central – tornam possível a movimentação e reformatação de conteúdos digitais. Surgiram novas formas de autocomunicação em

massa pela cabeça de jovens usuários que se transformaram em produtores. A plataforma YouTube é um exemplo desse cenário. Foi criada no ano de 2005, assim como o Google, na garagem de uma casa, por Chad Hurley e Steve Chen, jovens americanos e funcionários de uma empresa de tecnologia, como alternativa para o compartilhamento de vídeos entre amigos. Após 20 meses de sua invenção, o YouTube foi comprado pela Google por 1,65 bilhão de dólares.

YouTube, se destrincharmos a palavra, pode ser entendido como: “*you*”, em inglês “você”; mais “*tube*”, que significa “tubo, canal”; por essa tradução, chegaríamos à ideia de “canal feito por você”, “você transmite” ou ainda “transmita-se”. Ele se organiza através de canais com *playlists* compostas por vídeos—com assuntos elencados pelo proprietário. O YouTube é um *site* de compartilhamento gratuito de vídeos; seus usuários são indivíduos, organizações, empresas, governos, políticos etc. Segundo Castells (2018), no ano de 2007, o YouTube aprimorou sua plataforma e lançou 18 *sites* associados para serem usados via celular, visando atender a vários países com suas demandas específicas de acesso. Alguns estudos observam que em média 70% dos jovens com menos de 30 anos acessam regularmente conteúdo *online*. É inegável que o YouTube é um meio de comunicação de grande penetração, mas ele difere dos outros meios de comunicação de massa. No YouTube, os usuários podem compartilhar, ver, comentar, curtir, não curtir, aprovar ou não os conteúdos publicados da mesma forma que podem ser os próprios produtores de conteúdo.

A estrutura dos canais assume variados formatos. Observa-se a segmentação dos discursos, com jogos, beleza, desafios, literatura, entretenimento, humor, sátiras, paródias, videoaulas etc. Os vídeos são postados com grande frequência, o que garante a assiduidade dos seguidores.

Estamos neste modo de vida, nesta sociedade em rede, permanentemente conectadas(os). Talvez a maior característica da conexão sem fio não seja a mobilidade, mas a “conectividade perpétua”, operando, assim, de maneira simbólica. Essas multimídias são ambientes simbólicos que se estendem por todo o ambiente eletrônico, invadindo vários espaços da casa, do trabalho, de entretenimento etc., expressando dígitos e sendo um símbolo da hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004).

Esse mundo da multimídia, segundo Castells (2018, p. 454),

será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas. E quem é o quê será amplamente determinado pela classe, raça, sexo e país.

Castells (2018) destaca que a construção dessa sociedade em rede terá como fatores determinantes construções que vão além apenas da escolha dos sujeitos – fatores como condição social, raça e gênero serão importantes para esse desenvolvimento e para determinar quem dará as cartas na construção da rede. Interessante observar que junto aos fatores já destacados, como a raça, o gênero, a condição social, Castells agrega o país, ou seja, a localização geográfica está diretamente relacionada aos outros elementos. Juntamente com a economia, será um forte balizador de onde as construções serão feitas e depois “distribuídas” – pré-empacotadas.

Essa sociedade em rede tem na multimídia a expressão de culturas que são captadas de maneira abrangente, buscando a maioria das expressões culturais – ou ao menos tentando, ligando essa teia a uma super texto que interliga o passado, o presente e o futuro da mente comunicativa, criando um novo ambiente chamado por Castells (2018) de ambiente simbólico, fazendo da virtualidade a nossa realidade e mostrando que não existe a separação entre a “realidade” e a representação simbólica, pois todas as realidades são comunicadas com a mediação de símbolos.

Esse sistema de comunicação é delineado pelos interagentes e os receptores da interação. Observa-se inicialmente um enfraquecimento dos emissores tradicionais, que estão fora do sistema. Entretanto estes se recodificam a fim de fortalecer suas construções e redes. Ao se recodificar seu poder, pode multiplicar-se na materialização eletrônica, o que não tardou por acontecer, como observamos com as redes fundamentalistas com uma eficiente e penetrante doutrinação, como vemos no canal de Fabiola Melo, um dos analisados na pesquisa que apresento neste texto de tese.

Há quem trate a mídia como um espaço de entretenimento e informação, tal como ocorreu com a televisão, durante muito tempo considerada o centro do entretenimento e lazer. Pesquisas como a de Rauber e Moreira (2017) revelam que assistir à TV era considerada “a terceira atividade mais comum entre as pessoas, perdendo apenas para o ato de trabalhar e dormir” (RAUBER; MOREIRA, 2017, p.4). Ou seja, com o

aceso cada vez mais veloz e fácil a outros meios de comunicação, como a internet, as pessoas passaram a dispensar cada vez menos tempo à televisão.

O estudo de Silva e Castro (2016) diz que essa “nova” forma de se comunicar e compartilhar informação perde a unilateralidade proporcionada pela TV e ganha outro espaço, com mais interatividade. Nesse espaço, construímos uma interação, uma relação que nos possibilita obter e compartilhar conhecimento. Esse modo de se comunicar através das interconexões dos aparelhos tecnológicos está cada vez mais forte. Os aparelhos eletrônicos e os recursos da mídia proporcionam uma ligação em rede. Nesse ambiente, as pessoas, em várias partes do mundo e com condições sociais favoráveis que estejam com um aparelho como celular, computador ou *tablet*, poderão acessar as redes e ter a possibilidade de traçar seu próprio caminho.

Esse comportamento é recorrente entre a nova geração, pois é principalmente entre os jovens onde se configura, de forma mais evidente, um modelo de comunicação no qual as pessoas estabelecem uma interação. Nesse modelo, atuam para além de meros receptores, pois passam a ocupar uma função que tem base em um tripé entre: consumo, produção e compartilhamento, na busca de ser o seu vídeo o exposto na tela.

Os efeitos desse desenvolvimento da plataforma YouTube está no modo como os fluxos mudam e a cultura da virtualidade real ganha cada vez mais força, “o faz de conta vai se tornando realidade” (CASTELLS, 2018, p. 458). Os canais de YouTube acabam ganhando cada vez mais espaço, transformando-se tecnologicamente, integrando-se com vários modos de comunicação em uma só rede. Cria-se, então, um hipertexto e uma metalinguagem, com a interação entre a escrita, a oralidade e o audiovisual. Esse modo de interagir vem ganhando cada vez mais espaço, com acesso aberto e preço acessível, conquistando mais adeptos. Os meios de comunicação passam a ser veiculadores das produções culturais dos sujeitos, ao passo que produzem, logo teremos um cenário de mudanças na nossa cultura.

Segundo Rauber e Moreira (2017), nesse “novo” cenário, formado pela geração que veio ao mundo em meio ao *boom* da internet, entre 1980 e 1995, visualiza-se a ocupação da internet através de canais cada vez mais populares como o YouTube e o afastamento de outros meios, que têm como característica a previsibilidade e a linearidade, como é o caso da televisão. Cria-se a falsa ideia de que é através das redes que as crianças e jovens conseguiram se expressar, terem voz e serem ouvidos.

Pode-se dizer que a nossa sociedade vem sendo construída com os traços desse novo modo de se comunicar e compartilhar informações. O crescimento dos modos de autocomunicação, sua força, penetração e transformação é latente e em constante movimento, cabendo a nós, sujeitos atuantes nesta sociedade em rede, sermos críticos e ativos na construção de uma comunicação que traga a diversidade, o multiculturalismo, a empatia, o respeito às diferenças etc. Afinal temos canais de YouTube que veiculam e propagam o fascismo, extremismo e preconceito, mas, também, em contrapartida, nós temos canais que debatem, atuam, constroem diálogos para uma sociedade mais igualitária, justa e possível de ser compartilhada pelos tantos sujeitos que dela fazem parte.

Segundo Motta, Bittencourt e Viana (2014), a internet trouxe a possibilidade de um novo comunicar e estabeleceu outra relação do sujeito com a informação e comunicação. Observa-se que os usuários podem se comunicar com diversas pessoas de diferentes territórios. Por outro lado, ocorre também o isolamento social, deixando-se de lado a interação física e forjando-se em algumas instâncias identidades virtuais.

Os estudos de Hall (1998), de grande importância para esse debate, nos mostram que as mídias digitais servem como ambiente de interação e segregação para a sociedade moderna, “por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 1998, p.14).

Costa e Born (2009) analisam do ponto de vista das Pedagogias Culturais que a vida do século XXI foi invadida e saturada pelas engenhocas eletrônicas e que essas ferramentas midiáticas têm importantes repercussões nos modos de vida, especificamente na infância. Há uma sensação, e realidade latente, de que a infância está sendo ressignificada, ganhando novos contornos. As autoras argumentam que os mundos social e simbólico estão submetidos às tecnologias de maneira avassaladora e delas emergem formas de viver e estar no mundo. Corroborando Neil Postman em seu texto *O desaparecimento da Infância*, Costa e Born (2009) indicam que esses aparatos carregam uma problemática e podem atuar destruindo as fronteiras demarcadas e coerentes entre adultos e crianças. Parece que habitamos uma nova era, dizem as autoras, uma era “de crianças adultas e de adultos infantis, e a mídia tem sido pródiga em nos mostrar isso” (COSTA; BORN, 2009, p. 206-207).

No contexto dessas mídias, o YouTube, de forma sedutora e através de um leque praticamente infindável de possibilidades, com um armazenamento

aparentemente inesgotável, conquistou muitas(os) adeptas(os), que consomem seus produtos, como seriados, filmes, propagandas, reportagens, desenhos e pornografia entre outros. Além dos mais variados arquivos, também encontramos pessoas que fazem dessa janela uma saída rentável para expor o que pensam, compartilhar informações, trabalhar, construir redes de diálogo e troca. Não estando, é claro, tais conteúdos livres de *jogos*, posicionamentos explícitos de toda natureza, extremismos religiosos, construções homofóbicas, construções em relação a gênero, sexualidade, educação e aos mais variados assuntos.

Nos canais de YouTube, peças audiovisuais são publicadas. A vida íntima é exposta de maneira espetacular; o íntimo, o privado ou a sua encenação transformam-se em grandes objetos de curiosidade popular. Com o passar do tempo, os canais de YouTube ganharam um melhor tratamento técnico, mas ainda conservando a característica de um espaço “amador” de comunicação em algumas instâncias. As mídias, assim, percorrem diversos espaços – casas, escolas, empresas etc. –, transformando-se ao longo do tempo para atender às necessidades de uma sociedade em constante mutação. A cada tempo, uma nova descoberta, e novas possibilidades para troca e geração de informação.

Interessante observar que essa plataforma é construída por uma parcela da população que ficou conhecida em meados dos anos 1990 como *youtubers*. Elas(es) começaram a abordar temas com relevância midiática, passando, assim, a vender seu produto. As(os) *youtubers* são celebridades da internet que atuam de diversas formas, compartilhando informação e vendendo produtos e serviços, entre outras possibilidades.

As(os) *youtubers* são compostos(as) por uma geração de jovens e adultos(as) que gostam de se comunicar por meio de vídeos na internet, seja para falar sobre música, ensinar algo, debater ou desabafar. Constituem um novo perfil de ídolo que desponta como o preferido entre as(os) jovens brasileiras(os). Ao contrário do que se imagina, nesse contexto a identificação do público com (as)os *youtubers* é algo muito marcante. Por ser uma profissão, os *youtubers* recebem uma remuneração. Isso se dá através das visualizações das publicidades que aparecem e dos vídeos disponibilizados na plataforma. Ou seja, quanto mais visualizações o vídeo tiver, maior a chance de a publicidade ser visualizada. As(os) *youtubers* também fazem uso de publicidades externas, livros publicados, filmes, participações em programas de TV, rádio e diversos outros meios.

O YouTube é um espaço de compartilhamento de vídeos que interessa ser estudado, pois é um lugar de difusão de ideias, discursos, visões e debates. É interessante observar que o YouTube não produz conteúdo, porém compartilha o conteúdo audiovisual produzido pelos seus interagentes, além de trabalhar com anúncios dentro da própria plataforma. Não é raro encontrar pessoas pretendendo fazer negócio através do YouTube, se lançando como *youtuber*. Porém apenas criar um canal não basta para acumular *likes* e inscritos e alcançar numerais expressivos. É necessário um diferencial, chamar a atenção dos usuários para que se tornem seguidores e passem a ser influenciados com discursos e diálogos engendrados.

O fenômeno dos *youtubers* divide o debate em muitas fatias: há quem o observa como uma nova profissão, os que o colocam na sacola da perda de tempo e os que ainda só olham para os *youtubers* como meros produtores de entretenimento. Outros autores, como Peres e Trindade (2017, p. 2), defendem “a ocorrência de sujeitos sociais que se transformam em agentes de formação de opinião não sobre conteúdos de temas socialmente relevantes, mas sobre uma dimensão de ser e estar interagindo com o mundo”, produzindo um modo de ser ou um estilo de vida midiaticizado.

As(os) *youtubers* também são fortes influenciadores digitais de produtos, de comportamentos e ideias. Esse lugar de referência de comportamento e ideias por muitas décadas foi reservado às celebridades da televisão. Atualmente, o cenário vem sofrendo mudanças, dado que os *youtubers* estão fazendo sucesso e saindo do espaço virtual. Com efeito, a dimensão que os *youtubers* vêm tomando como formadores de opinião na sociedade já é reconhecida. Pesquisas apontam que das 20 personalidades mais influentes no Brasil no ano de 2016, na opinião de jovens, dez são *youtubers*. A forte penetração dos *youtubers* na construção dos discursos e narrativas hoje vigentes diz também do lugar de comunicação direta que ocupam. Se antes a mediação era feita pela televisão, que filtrava o conteúdo, hoje os telespectadores recebem as produções, construções e ideias diretamente de seus “criadores”.

Moraes (2017, p. 183) trata a função de *youtuber* efetivamente como profissão e observa como ela tem crescido. Lembra que todo esse “processo necessita de uma aprendizagem cognitiva, afetiva e até psicomotora para todas essas transformações, embora as crianças e jovens absorvam e ressignifiquem essa prática de modo muito mais natural”, tendo em vista a sua história também estar entrecruzada com as mídias.

De fato, não podemos negar que existe uma mudança no modo como essas trocas simbólicas na cultura contemporânea acontecem e são significadas. Essa mudança, segundo a autora, implica nos modos de socialização e subjetivação, influenciando, inclusive, no imaginário social, objeto de desejo e referente para o *status* social e intelectual.

Percebo, assim, que a hipótese de Postman, reafirmada por Costa e Born (2009, p. 206-207) e já mencionada neste texto, parece se confirmar, ou seja, a tecnologia tem ocupado um papel central na reconfiguração da vida, e não só da vida, mas dos sentimentos nessa nova era. O que se entendia como infância, hoje ganha outro contorno: a infância como fase da inocência, dependência, insegurança ou até mesmo da ignorância vai desaparecendo.

A sociedade em que vivemos, a sociedade em rede, nos tempos atuais apresenta-se como veiculadora de um *tsunami* de informações, quando comparada ao século XX. Dados, vídeos e textos são disponibilizados por uma variedade de sujeitos com suas crenças, preconceitos, ideias, valores. Porém, agora, esses modos de pensar são de domínio público, com alcance muito mais amplo, e ganham na comunidade, no canal, um *status*, uma representação do que é almejado, daquilo que é socialmente desejável.

As mídias precisam ser objeto de problematização do ponto de vista educacional, do ponto de vista do que se pensou para o sujeito da educação, pois ela está implicada na maneira como se dá na atualidade a formação do sujeito – esse sujeito dito descentralizado. A mídia atua como uma pedagogia cultural, ou como um currículo cultural. Como uma mídia poderosa, a plataforma YouTube, com as(os) *youtubers*, parece exercer uma importante função para a educação em muitos aspectos. As(os) *youtubers* se constituem como faces de uma mídia que trabalha de forma ativa para a construção de imagens. A plataforma é alimentada continuamente por sujeitos comuns, com suas crenças, modos de vida e culturas distintas. São integrantes desta sociedade que se organiza em rede e agora também são produtores de conteúdo “vendável”.

Desse modo, percebo a necessidade de adentrar de maneira mais sistemática nos estudos sobre Pedagogias Culturais e entender o cenário que vem se montando nesses estudos e sua importância para a construção da teia teórica que esta tese propõe.

2.2 *PLAYLIST*: PEDAGOGIAS CULTURAIS – UM MODO DE OLHAR O YOUTUBE

No contexto da reflexão sobre Pedagogias Culturais, é preciso dizer das noções de cultura e poder no campo dos Estudos Culturais, campo de onde emerge a noção de Pedagogia Cultural. Afinal são essas noções que também estão correlacionadas com a noção de Pedagogia Cultural.

A noção de cultura é apresentada por Williams (1992) como um sistema de significação realizado, em cujo interior há vários sistemas. Para Williams há que se distinguir esses sistemas: sistemas econômicos, sistemas políticos e sistemas geracionais que envolvem graus de parentesco e família. Também julga necessário entender cada um desses sistemas como algo importante para sermos capazes de discuti-los em seus próprios termos.

É preciso fazer as inter-relações para possibilitar o estudo entre as áreas. Williams destaca que, ao sermos levados a inter-relacionar esses sistemas, percebemos que cada um tem seu próprio sistema de significações, todos eles guardando em comum relações entre seres humanos conscientes e que se comunicam, sendo tais, necessariamente, parte de um sistema de significação mais amplo, que entendemos como um sistema social. Considera que analisar o sistema social em termos mais abrangentes é um esforço necessário, já que seria um erro restringi-lo apenas ao sistema de significações, pois ocorreria, por assim dizer, uma redução das relações e ações humanas. Por outro lado, compreende-se também que seria um erro tentar examinar um sistema social sem olharmos de maneira cuidadosa para os sistemas de significação que cada um carrega.

A abordagem da cultura como sistema de significação significa que os estudos de instituições, práticas, obras, artefatos, tal como me proponho nesta tese sobre os canais de YouTube, sejam mais recorrentes e que suas construções façam pontes entre si e outras realidades existentes. Observa que a organização social da cultura compreendida como um sistema de significação realizado está correlacionada com uma gama de atividades, relações e instituições, porém só algumas são manifestadamente entendidas como culturais.

Essa noção de cultura foi desenvolvida por Hall (1997) ao tomar os seres humanos como seres interpretativos, instituidores de sentido. Em face dessa perspectiva, compreende que a ação social emprega significado para os que a praticam e para aqueles que a observam: não em si mesma, mas por conta dos tantos

sentidos e dos mais variados sistemas de significado que nós, seres humanos, utilizamos com o fim de definir o significado das coisas e para codificar, organizar e regular condutas individuais e também uns em relação aos outros.

É por meio dos sistemas de significação, então, que damos sentidos às nossas ações e também interpretamos significativamente as ações alheias. Constituindo, em seu conjunto, nossas culturas. Entendo que toda ação social é necessariamente cultural, “que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p.1). Desse modo, distancio-me da concepção de cultura universal e aproximo-me de uma visão de cultura como prática social discursiva.

Os processos de significação, contudo, não se dão fora das relações de poder. Embora nem todas as versões dos Estudos Culturais partam dos mesmos pressupostos, aqui vou tratar do poder a partir dos estudos de Michel Foucault, entendendo-os do ponto de vista das relações de poder. Nesse entendimento, o poder não advém de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado, nem o poder é tido como um modo de sujeição que, opondo-se à violência, tenha uma forma de regra, ou seja, o poder não como um sistema geral de dominação que é exercido por um elemento ou grupo sobre outros com efeitos que atravessem o corpo social inteiro. Mas o poder produtivo, e não repressivo, desobrigando-nos da violência e economizando os custos da dominação (FOUCAULT, 1995). Em suas palavras:

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas. Ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o “outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (FOUCAULT, 1995, p. 243).

A condição de possibilidade de poder, como abordada por Foucault (1995), diz de não devermos procurar a existência primeira de um ponto central, imóvel. Essa centralidade é construída. O que observo é que o poder seria móvel, um suporte móvel das correlações de força, mas que, por conta da sua desigualdade, constrói uma

indução contínua de estados de poder – imóvel – que são sempre localizados e instáveis.

Observo ainda que o poder para Foucault (2011b) não vem de baixo. Nega-se, dessa forma, uma oposição binária para a “realização” do poder – dominador e dominado. Essa visão me ajuda a observar a correlação de forças múltiplas nos vários aparatos sociais e culturais, como a família, escola, canais de YouTube etc. Nesse sentido, pode-se entender o poder também como relações intencionais e não subjetivas, ou seja, não há poder que se exerça sem precisão. Somos atravessadas(os) pela ideia que não existirá poder que se exerça, aconteça, sem uma fileira de miras e objetivos, pois existe uma intencionalidade. E, por fim, a assertiva: “onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2011b, p. 105). O poder não é uma ação direta e imediata que acontece *sobre* os outros, mas se caracteriza principalmente *sobre as ações* dos outros.

No verbete Poder, do livro *Vocabulário de Foucault* de Edgar Castro, encontro de forma interessante como o autor apresenta essa noção que foi sendo elaborada nos estudos de Michel Foucault, ou seja, como ele elaborou os próprios instrumentos conceituais para analisar o poder. Na estrutura de construção desse conceito Foucault, segundo Castro (2016, p. 324), há interlocutores que contribuem para o entendimento sobre esse conceito, como “Hobbes (o poder concebido em termos de soberania), Marx e Freud (o poder concebido em termos de repressão)”. No livro *Em defesa da sociedade*, Foucault (2010) se contrapõe a essa hipótese com a contribuição de Nietzsche, segundo a qual o poder é concebido como luta, enfrentamento. Entretanto essa não seria a hipótese de poder mais acabada de Foucault.

Sigo com Castro (2016) para dizer que, do ponto de vista da construção desse conceito, com alicerce nas concepções liberais e marxistas, sempre se pensou o poder com base na economia. O poder para os liberais seria como um bem, objeto de posse, de alienação. Para os marxistas, o poder seria necessário para manter determinadas formas de relações de produção. Ou seja, ao abandonar esses supostos economicistas do poder, deixo também o conceito de soberania – a visão jurídica do poder.

Nesse contexto, observa Castro (2016, p. 325): “a conclusão mais importante que nosso autor extrai da crítica histórica da hipótese repressiva é que o poder deve

ser visto como uma realidade positiva, quer dizer, como fabricante ou produtor de individualidade”. Para Foucault, a individualidade não se estabelece como algo do âmbito do passivo, como algo dado de antemão, sobre o qual se aplica o poder; é, antes, entendido como o indivíduo que ao mesmo tempo pode ser receptor e emissor de poder. Assim, o que melhor descreveria o funcionamento do poder seria a ideia de uma *rede*.

A pergunta que Foucault suscita é: *como* o poder funciona, no lugar de *o que é* o poder? Ele não é algo que se possui ou se controla. Ele não é corporificado em uma instituição ou forma de lei. Estas seriam apenas formas terminais que encontram para nomeá-lo e tentar limitá-lo. É importante entender, nesse contexto, que uma análise compreendida em termos de poder não deve ter como dados iniciais, portanto, nem a soberania do Estado – a forma da lei – nem, por outro lado, a unidade global de uma dominação. Estas seriam apenas, antes de qualquer coisa, como já destacadas, suas formas terminais.

O poder não é uma substância ou mesmo uma qualidade, pois não possuímos o poder. O poder é, antes de qualquer coisa, uma forma de relação. Ele é uma multiplicidade de forças que são correlacionadas. Essas forças são imanentes ao domínio onde se exercem, sendo também constitutivas de sua organização. Essas correlações de força encontram apoio umas nas outras, formando, nesse circuito, cadeias, sistemas. Ou ocorre o contrário, com as defasagens e incongruências que as isolam entre si. Seriam os jogos de luta e afrontamentos incessantes, que atuam na construção do poder, transformando-o, reforçando-o ou até “invertendo-o”.

Tendo a compreensão desses dois pontos, cultura e poder, faço a opção de agora adentrar de maneira mais sistemática nos estudos sobre os Estudos Culturais. É possível que o estudo desenvolvido por Paul Du Gay, Linda Janes, Hugh Mackay e Keith Negus – apresentados como Du Gay e outros, sobre o *Walkman*, um artefato cultural da Sony, possa ser considerado como um dos textos que marcam a emergência dos Estudos Culturais no Brasil.

Estas(es) pesquisadoras(es), sustentadas(os) no discurso da centralidade da linguagem de Stuart Hall e Raymond Williams, observam uma mudança no mundo da cultura. Se houve um tempo em que os objetos culturais eram entendidos apenas como objetos de entretenimento – como aconteceu com a televisão por muitos anos, em consonância com o que já destaquei neste texto de tese – os tempos recentes têm mudado e a cultura passou a ocupar posição de mais prestígio – a “cultura agora é

considerada como constitutiva do mundo social como os processos econômicos ou políticos” (DU GAY *et al.*, 1997, p. 2).

Nesse sentido, observou-se que as culturas vêm se construindo através da prática social, que é toda ela uma prática de significação. A produção de significados sociais seria entendida como pré-condição para o funcionamento das práticas sociais. Argumentam as autoras e os autores sobre a necessidade que tiveram de estudar culturalmente o *Walkman* da Sony. Procuraram explorar como ele “é representado, que identidades sociais são associadas a ele, como é produzido e consumido e que mecanismos regulam sua distribuição e uso” (DU GAY *et al.*, 1997, p. 3). Esse “modelo” que não deve atender a uma ordem específica é entendido como um modo de realizar pesquisas – “um estudo cultural” –, com foco em artefatos culturais, como a plataforma do YouTube com seus canais, por exemplo.

Du Gay e outros (1997, p.4) dizem que o *Walkman* da Sony passou a fazer “parte de nosso universo cultural”, significando dizer que para tal ele passou a fazer parte de nosso conhecimento social informal, ou seja, o conhecimento que “todos(as) sabem” sobre o mundo, mesmo que não saibamos quando nem como aprendemos. Ao pertencer a uma cultura, tenho acesso aos “mapas”, dito de outro modo, tenho acesso às estruturas compartilhadas de significados que serão utilizadas para localizar e compreender as coisas necessárias à vida, irei atribuir sentido a esse mundo, formular minhas ideias, mas também irei comunicar, trocar ideias e significados sobre esse mundo.

Esse movimento, assim como foi observado com o *Walkman* da Sony, inspirou-me para o trabalho com o YouTube. Os canais de YouTube estão localizados nesses “mapas de significado” constituindo nosso saber cultural. Os nascidos no *boom* da internet irão significar e construir de modo diferente ao da geração anterior, que foi fruto do rádio ou da televisão, por exemplo, como já observado. É interessante lembrar que, assim como o *Walkman* da Sony, os canais de YouTube não são apenas parte de nossa cultura. Eles possuem uma cultura própria. Ao ter uma cultura própria, ao seu redor desenvolvem um conjunto particular de significados e práticas. E passam a pertencer à nossa cultura na medida em que construímos um pequeno mundo de significados, e assim associamos os objetos, lugares e plataformas aos significados, fazendo deles artefatos culturais.

Vejo que um estudo como o desenvolvido por Du Gay e outros (1997) mobiliza o olhar para objetos, lugares e espaços como “culturais” a partir do momento que o

constituo como um “objeto” significativo. Posso pensar que são “culturais” por se conectarem com nosso modo de vida, nossa cultura. Posso imaginar, falar, pensar sobre esse artefato. Encontro o público ao qual ele se dirige e que o consome, em quais lugares, espaços ele acontece etc., porque ele adquiriu um perfil social ou identidade, sendo representado na mídia e nas linguagens visuais. Os objetos culturais, como os canais em seu modo de organização, são um tipo de metáfora que “simboliza ou representa uma cultura ou modo de vida tecnológico, característico da modernidade tardia” (Du Gay *et al.*, 1997, p.5). Esses significados, assim como as práticas, imagens e identidades, permitem que os canais de YouTube sejam colocados, tal qual o *Walkman* da Sony, como artefatos culturais a serem estudados.

Outro aspecto que esse estudo mobiliza é a compreensão de que os artefatos culturais não têm um significado em si, pois os significados são construídos pelos usuários (telespectadores) receptores da interação. Como receptor, significo, construo, destruo, incorporo a minha cultura e sou por ela incorporado, fazendo desse caminho cultural um constante movimento que perpassa as várias esferas da construção da sociedade, estando desse modo ativo no currículo cultural e escolar.

Para os Estudos Culturais em sua versão Pedagogias Culturais, o poder seria entendido em sua natureza mutável. Ele se difere em cada sociedade, logo, “poderá se tornar outra coisa bem diferente de tudo isso no futuro” (VEIGA-NETO, 2004, p.64). O poder, então, mais do que ocupar uma posição de evidência nos processos culturais, é entendido como indissociável desses processos.

O uso desse termo Pedagogias Culturais no Brasil remonta ao cenário acadêmico de aproximadamente 20 anos atrás. O estudo emergiu junto com os textos de Estudos Culturais em Educação e populariza-se. Segundo o estudo desenvolvido por Andrade e Costa (2017, p. 2), “no Brasil, ele tem se mostrado um dos conceitos mais produtivos acionados a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais em seu cruzamento com a educação”.

Mas observa-se que o conceito como se apresenta hoje passou por muitas discussões, embates para construir-se a ponte entre pedagogia e cultura. Esses embates ocorrem por ser um campo onde muitos saberes entram em conflito na disputa pela narrativa. Desse modo, pensar essa construção como uma invenção constrói um outro tipo de diálogo, “como *invenções* que se naturalizaram e parecem saltar fora da história, instalando-se em um território universal e atemporal” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 3).

As autoras fazem uma síntese desses estudos, destacam o modo como Henry Giroux trabalhou essa noção ao tratar da pedagogia imbricada com a cultura e abordam suas reflexões sobre pedagogia pública que viriam da ideia de compreender a cultura operando de maneira pedagógica e a pedagogia crítica como uma prática cultural. Também registram o modo como concentrou seus esforços na análise de materiais midiáticos, como filmes e desenhos animados da Disney. Para Giroux, esses artefatos culturais atuam “praticando uma pedagogia, ensinam e posicionam os sujeitos, estamos entendendo como a política cultural se exerce, como os arranjos sociais são engendrados” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 10).

As Pedagogias Culturais assumem a ideia da ampliação dos lugares de aprendizagem, ou seja, extrapolação do ambiente escolar. Indicam que diferentes lugares produzem diferentes textos, e esses textos têm um imperativo pedagógico contemporâneo que trabalha para a construção “das relações de ensino e aprendizagem em diferentes nichos sociais regulados pela cultura” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 5). Ressaltam nesse sentido os trabalhos acadêmicos de Ellsworth (2001, 2005) sobre espaços culturais como o cinema e a arquitetura como lugares que ensinam e atuam de maneira ativa na construção dos sujeitos. Ou seja, esses espaços culturais têm um caráter pedagógico, atuando na construção da “autoaprendizagem” dos sujeitos impregnados na vida social contemporânea.

Essa perspectiva foi acolhida como um pressuposto na tese em tela, desde que contribui para a análise que desenvolvo sobre os canais de YouTube como espaços de autoaprendizagem. Uso também uma noção produzida pela referida autora e indicada por Andrade e Costa (2017) – “força pedagógica” – para explicar que, ao entrarmos em contato com esses espaços culturais, somos tomados por tudo que ali se apresenta, música, imagem etc. E essa junção que fazemos resulta em aprendizagens. Para que essa “força pedagógica” se exerça, existe todo um tratamento que acontece até aquele produto ser entregue e consumido, existe uma intencionalidade. E para que aconteça esse processo, a pedagogia teria papel central, atuando como uma “dobradiça” entre o real e o imaginário.

Os estudos de Giroux apontam para uma nova “dimensão teórica a uma nova política da cultura, redefinindo a gama de textos culturais sujeitos a um questionamento crítico e, ao mesmo tempo, fazendo da cultura popular um objeto sério de crítica e análise social” (GIROUX, 2013, p. 134). Considerando esses aspectos, os canais do YouTube, como afirmado anteriormente, podem ser

problematizados por atuarem de forma constante na construção desses sujeitos, ensinando modos de ser, de estar no mundo, como sujeitos menina e menino; como mulher. Mas não apenas ser mulher, mas ser um certo tipo de mulher atendendo aos padrões impostos socialmente e que por vezes são inatingíveis.

Corroborando os autores, percebo que as Pedagogias Culturais operam na construção e garantia do debate de questões que por vezes ficam à margem no currículo, como as relações de gênero, mostrando que o currículo em sua composição deve não apenas se preocupar com questões tidas como centrais. O ponto seguinte deste trabalho adentrará de forma mais específica na construção referente à Pedagogia cultural e escolar, afim de aprofundar o estudo.

2.3 *PLAYLIST*: O CURRÍCULO, AS PEDAGOGIAS CULTURAIS E A PEDAGOGIA ESCOLAR

No campo *stricto sensu* do currículo, há uma versão inserida no campo das teorias pós-críticas que tem como foco principal as questões relacionadas à identidade, alteridade, diferença, subjetividade, discurso, poder, representação e cultura, no modo de dizer de Silva (2010). No contexto dessa versão nomeada de pós-crítica, a pedagogia pode ser vista como cultura e a cultura é vista como pedagogia. E nesse sentido, a educação ocorre em diferentes instâncias culturais, a exemplo dos produtos midiáticos, museus, cinemas e canais de YouTube. Espaço e objetos culturais funcionam como pedagogias, pois ensinam alguma coisa. Como pedagogias culturais, podem ser tratadas também como currículo cultural e interpenetram o currículo escolar.

O currículo nessa perspectiva se apresenta como pulsante, produtor e questionador dos conhecimentos. Está em vizinhança com o que se nomeia de currículo como representação, também no contexto das teorias pós-críticas nas quais a cultura como prática de significação está implicada na produção do sujeito. Nessa versão, o currículo é um local em que circulam signos produzidos em outros locais, mas também um espaço de produção de signos, o que significa que ele é uma superfície de inscrição, “um suporte material do conhecimento em sua forma de significantes” (SILVA, 2010, p. 64).

O currículo escolar, tal como o currículo cultural ou pedagogia cultural, está implicado em relações de poder. Observo o poder, como já destacado, como

circulante e produtivo, um poder que afirma um “jogo de correlações de forças”, no qual há critérios de validade e legitimidade a partir dos quais são produzidos e instituídos representações, sentidos e realidades. Quem tem no jogo de forças o poder de narrar constrói a realidade, dá as cartas da representação, constrói as narrativas que são legitimadas no aparato de conhecimento/saberes produzidos pela modernidade para tornar administráveis os objetos sobre os quais se fala, como o currículo.

No campo dos Estudos Culturais, uma noção cara é a de representação. Nesse campo, diz-se que representações são “noções que se estabelecem discursivamente, instituindo significados de acordo com critérios de validade e legitimidade estabelecidos segundo relações de poder” (COSTA, 1998, p. 41). As representações como mutantes são fixas, não expressando, apesar de diferentes configurações, um oposto correto ou verdadeiro. Nesse aspecto, o currículo escolar ou cultural seria um local de disputas por representações.

A representação também pode ser compreendida como reapresentação, como uma forma de reapresentar para produzir sentidos e significados sobre os sujeitos de gênero, no modo de dizer de Louro (2010b) indicando que as representações são múltiplas, podendo se transformar, se contrapor. Nas representações estão implicados jogos de poder, estando sempre estreitamente ligadas a eles. Observo que as representações atuam sobre esses sujeitos, constituindo-os. Entendo que nesse sentido as identidades se constroem na representação. Desse modo, “é preciso reiterar o modo como as identidades são construídas nas práticas culturais por meio de um processo de produção da diferença. Um processo de formação de identidade está sempre referido ao outro” (CARVALHO, 2015, p. 75).

No texto *A poética do currículo*, Silva (2010), fala de um currículo que “não é visto como a pura expressão ou registro de uma realidade ou de um significado preexistente: ele é criação linguística, discursiva, de uma realidade própria” (p. 66-67). O currículo como representação, convoca-nos a olhar e entender que o conhecimento é dependente de códigos, de convenções chamadas de recursos retóricos. O conhecimento está além dessas regras, desse imediatismo, recaindo o foco sobre o significante. O significante, segundo Carvalho, não abarca tudo, “na análise cultural, afirma-se que o significado, ou seja, o que é supostamente representado, não está nunca plenamente presente no significante” (CARVALHO, 2015, p. 72).

Seguindo essa perspectiva, o centro da análise não é o significado, mas o significante. Ao me aproximar mais da “poética do currículo”, observo que o significante não é simplesmente o meio transparente por meio do qual o significado se expressa, pois o significante se estabelece como a matéria-prima da representação.

Dessa forma,

a produção da identidade e da diferença se dá, em grande parte, na e por meio da representação. Como representação, o currículo está diretamente envolvido nesse processo. É aqui, nessa intersecção entre representação e identidade, que o currículo adquire sua importância política. (SILVA, 2010, p. 68).

Segundo Silva (2010), aquilo que nos tornamos está diretamente envolvido com a representação e o poder, já que “não há identidade nem alteridade fora da representação”. O currículo é, ali no ponto de intersecção entre poder e representação, um local de produção da identidade e alteridade, sendo nesse ponto que o currículo e o conhecimento se tornam um terreno de luta em torno da representação. É nessa ideia de currículo que este trabalho faz sentido e ganha força como local de debate, crescimento e transformação.

Nesse contexto, pergunta Silva (2014, p. 97): como tudo já estudado “se traduziria em termos de currículo e pedagogia?” A partir desse questionamento, o outro cultural apareceria sempre como um problema, pois colocaria sempre em xeque nossa própria identidade. A questão posta reativa a identidade do ponto de vista da diferença e do outro como um problema social, ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular.

Apresenta-se como um problema social porque vivemos em um mundo heterogêneo, diverso, onde o encontro com o outro, estranho a nós, se torna inevitável. O outro se apresenta como aquele subjugado, abjeto. Toda essa representação de formação social o reprime, reforçando e multiplicando a desigualdade. Esse “outro” é outro gênero, é outra cor, é outra sexualidade, é outra raça, é a outra nacionalidade; o outro é o corpo diferente etc.

Olho para o currículo como um espaço, um lugar de construção social, onde as representações são partes integrantes. Sendo assim, trata-se do currículo como uma representação daquilo que aquele grupo ou sociedade visualiza como sendo pertinente para ser aprendido e por sua vez ensinado.

Giroux (2013, p. 134), nessa mesma linha de reflexão, observa que a construção identitária está implicada na imersão dos sujeitos em um enorme número de “aparatos culturais que vão desde as bibliotecas, os cinemas e as escolas até os conglomerados *hightech* da mídia que fazem circular signos e significados através de jornais, revistas, publicidade eletrônica, máquinas, filmes, etc.”

Entendendo que na atualidade, os canais de YouTube que analiso como uma pedagogia cultural atuam como um currículo na construção da identidade desses sujeitos que estão imersos nesse universo, é importante, entretanto, reafirmar, com Costa (1998), que o mais importante seria compreender que todas as identidades são identidades inventadas, socialmente construídas. O que se deve sempre lembrar e reivindicar é o direito de cada indivíduo escrever a sua própria história.

Essas histórias são escritas, narradas; são discursos que modelam o que chamo de “realidade”. Porém, para que algo possa existir, ele tem que ser significado, tem que ser socialmente reconhecido. Esse reconhecimento acontece através da linguagem, que nunca é neutra. Dessa forma, o currículo escolar e o currículo cultural são lugares de enunciação onde ocorre a circulação de narrativas, e onde a subjetivação e a socialização são dirigidas e controladas. Assim, o espaço escolar e cultural, onde o indivíduo também é planejado, é um projeto de indivíduo, para realizar um projeto de sociedade. E assim como o currículo escolar, o currículo cultural expresso nas mídias, a exemplo da plataforma de YouTube, através dos canais com seus representantes –*youtubers* – pode ser problematizado como produtor de identidades, de subjetividades. Construindo uma teia, o currículo que permeia aquele espaço de enunciação atua de forma precisa na construção da representação dos sujeitos relativa a gênero.

A pedagogia e o currículo supõem uma ação educativa. Entendo a ação educativa como uma ação de governo de sujeitos, ou seja, como

uma forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a efetuar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser sujeitos (MARSHALL, 2008, p. 28-29).

Nesse sentido, pergunto: quando os *youtubers* orientam regras, rituais, formas de agir direcionadas aos receptores da interação, não estariam exercendo também

uma prática de governamento? Não estão disputando narrativas identitárias ao produzirem representações de gênero?

O currículo, seja escolar ou cultural, estabelece-se como uma arena de lutas para a fabricação de identidades, do mesmo modo como se busca a consolidação destas, ocorrendo o fato de o currículo poder ser um espaço cruel onde as identidades são subjugadas. Foucault (2011b) nos mostra que, quando colocamos essa identidade como subjugada, estamos descrevendo o outro como carente, e nossos esforços de garantir essa identidade podem resultar, também, numa forma de governo.

Através do conhecimento de quem vai ser governado⁸, pode-se controlar melhor os indivíduos, e assim tornar-se cidadão é fazer parte de um corpo normalizado, disciplinado, regulado, por saberes que nos mostram como ser e agir. Ou seja, não existe realidade verdadeira, pois os enunciados usados como verdade também são construídos discursivamente, através das relações de poder e, estando o poder organizado, ele vai agir. Compreendendo a pertinência desses estudos, concluo este canal destacando conceitos-chave tão importantes e indispensáveis para esta tese (Quadro 1).

Quadro 1 – Síntese da gramática discursiva

Sociedade em rede	Pedagogia cultural	Currículo cultural
Internet; Plataforma YouTube; Mídias digitais; Influenciadores digitais.	Cultura; Relações de Poder; Força pedagógica; Interpenetração; Subjetividade Gênero	Representação; Identidade; Relações de poder; Alteridade; Outro.

Fonte: elaboração própria.

⁸ "Situamos as noções de governo e governamentalidade no centro da obra de Foucault. Quanto à noção foucaultiana de governo, ela tem para expressá-lo, de alguma maneira, dois eixos: o governo como relação entre sujeitos e o governo como relação consigo mesmo"(CASTRO, 2016, p. 190). No primeiro sentido, o governo "é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida que atuam ou são suscetíveis a atuar. Uma ação sobre ações. Trata-se, em definitivo, de uma conduta que tem por objetivo a conduta de outro indivíduo ou de um grupo. Governar consiste em conduzir condutas" (CASTRO, 2016, p. 190). No segundo sentido, é também da ordem do governo a "relação entre as formas do governo de si e as formas do governo dos outros. Os modos de objetivação-subjetivação situam-se no entrecruzamento desses dois eixos" (CASTRO, 2016, p. 190).

Na trama que venho me propondo fazer nesta tese, entre pontos, caminhos, voltas e retornos, traço novas rotas e possibilidades. A abertura de novas portas me ajuda a construir a trama deste trabalho, que na seção seguinte irá construir o olhar do ponto de vista do gênero e dos feminismos que dá base e sustentação para esta tese, debruçando-me sobre os estudos de Butler e De Lauretis.



**3 CANAL III:
GÊNERO E FEMINISMOS**

3.1 PLAYLIST: NARRATIVAS DO FEMINISMO – PONTO DE VISTA DO DEBATE TEÓRICO DO GÊNERO

Os debates feministas contemporâneos sobre significado do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo. Mas “problema” talvez não precise ter uma valência tão negativa. No discurso vigente em minha infância, criar problema era precisamente o que não devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam ser apreendidas nos termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da manha sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. Assim, concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los. Com o passar do tempo, outras ambiguidades alcançaram o cenário crítico. Observei que os problemas algumas vezes exprimiam, de maneira eufemística, algum misterioso problema fundamental, geralmente relacionado ao pretense mistério do feminismo. (BUTLER, 2008, p. 7).

Nesta seção, buscarei construir um estudo sobre o feminismo, a fim de percorrer os caminhos deste movimento que hoje se caracteriza como sendo político, cultural, filosófico, acadêmico e tantos outros espaços e modos de existir. Feminismo, do latim *femīna*, significa “mulher”, sendo um “conceito” que surge por volta do século XIX. Segundo o *Dicionário crítico do feminismo*, entende-se por feminismo um movimento coletivo de luta das mulheres. Essas “lutas partem do reconhecimento das mulheres como específica e sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 144).

As mulheres estiveram sempre, desde a Revolução Francesa, lutando coletivamente, organizando-se ao longo da história. A trajetória do feminismo está enraizada “nas contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina que se exprime na divisão sexual do trabalho” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 152). As mulheres se mobilizam mediante diferentes questionamentos e reivindicações ora pela igualdade ora pelas diferenças e sempre contra as injustiças. O feminismo, em sua trajetória como campo de conhecimento e luta, vem há muitos anos se desenvolvendo e tecendo reflexões; organizava-se inicialmente em torno da ideia de sufrágio e derrubada de obstáculos legais que não agissem para a igualdade de

gênero – lutava-se pelo direito ao voto, por exemplo. Esse cenário ficou conhecido, no recorte teórico, como a primeira onda do feminismo nos Estados Unidos e Europa, marcando a segunda metade do século XIX e começo do século XX. Defendia-se o direito ao corpo, aborto e liberdade sexual como também o fim das desigualdades tanto no trabalho quanto no contexto familiar.

As lutas no decorrer do tempo foram ganhando outros caminhos. No período contemporâneo, as feministas centraram suas energias e esforços em torno de desconstruir as discriminações que colocam a mulher como sujeito de menor valor; contra a organização sexista, “o “patriarcado” e a “misoginia”, ou ainda contra “a divisão sexual e social do trabalho” em todas as esferas da sociedade” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 152). É sabido que os campos de lutas e estudos não são lineares. Para algumas feministas, o centro do debate seria o reconhecimento da diferença sexual; para outras, deve-se questionar a construção social da diferença dos sexos e outras tantas, de modo a se compreender que partilhar o poder com os homens não é o caminho a ser seguido, como observaram Hirata e outros (2009). Esse período, chamado de segunda onda do feminismo, com foco não só na igualdade, “mas [também] no reconhecimento da impossibilidade social de fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 145), representa um recorte temporal da metade dos anos 60 e começo dos anos 70 pós-Segunda Guerra Mundial.

Esse entendimento que divide a história do feminismo em ondas é contestado, pois apaga toda a construção feminista entre os anos 1920 e 1960. Desse modo, entende-se que o feminismo contemporâneo viria de um prolongamento desde o século XIX, quando já se falava sobre a independência da mulher enquanto cidadã e trabalhadora, assim como se defendia a “autonomização da sexualidade feminina”, de tal forma que a maternidade já não fosse entendida como único horizonte, estando em pauta a possibilidade de escolher não ter filhos, ainda mais forte a partir da utilização da pílula anticoncepcional.

Com o passar dos anos e alguns direitos conquistados (outros não), o debate se amplia, recaindo sobre outras questões com rebatimentos no âmbito privado. Entram em foco a sexualidade e os direitos reprodutivos, mudando o olhar sobre a mulher na família e no mercado de trabalho. Em meados dos anos 1970, os movimentos feministas estavam caminhando no sentido de interrogar as questões políticas como um prolongamento do “movimento de contracultura dos anos 60, uma das prioridades dos movimentos de liberação das mulheres é a afirmação de que o

privado é político” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 146). Esse tempo é demarcado por movimentos feministas não mistos, pois aos homens não era dado o espaço de fala em nome das mulheres. Nesse período, também as ações ganham novas cores e formatos. A partir dos movimentos negros norte-americanos como o Black Power e Black Panthers, abrem-se as iniciativas multiculturalistas dos anos 80 e 90, fazendo a denúncia dos valores universalistas.

Esses movimentos organizam-se em uma lógica mais espontânea e não hierárquica. Compreende-se a construção política como sendo parte da identidade. Entretanto logo se observa que algumas questões não conseguiam ser vistas no olhar coletivo e geral. Olhar para cada realidade e condição é importante para construir e articular as lutas de cada feminista. O movimento feminista se espalha pelo mundo, saindo dos Estados Unidos e indo para Europa, inicialmente. Com a ampliação do debate, observou-se que algumas lutas e questões só conseguiam espaço quando tomavam o lugar em organizações sindicais e políticas.

Entre as reivindicações, estava o olhar para a construção das identidades, sendo seres livres, na busca do feminismo plural, vasto, construído horizontalmente e que está a todo tempo se refazendo e ressignificando.

Entretanto, no cenário brasileiro, foi diferente, como observou Hollanda (2018). A maioria das bandeiras propostas pelo feminismo confrontava vários dogmas da Igreja, instituição progressista mais importante da época. Assim como uma parcela da Igreja, o Partido Comunista também se mostrava como espaço de possíveis articulações, sendo um parceiro na luta contra o regime militar, mas em relação às iniciativas feministas, especificamente, ele se mostrava um complicador. Tínhamos um cenário no qual, de um lado, a Igreja recusava o aborto e a liberdade sexual, e, do outro, o Partido Comunista estava centrado em uma luta mais ampla, não conseguindo abarcar as demandas singularizadas das feministas.

Observo um processo inicial de fragilização do feminismo no Brasil. Os esforços concentravam-se, prioritariamente, nas questões que eram indispensáveis. Os direitos trabalhistas, um olhar atento para a violência doméstica que era crescente assim como combater e enfrentar as desigualdades sociais que eram ainda mais gritantes entre homens e mulheres no contexto da década de 1970.

Em meados da década de 1980 – e aqui adentro o cenário que hoje visualizo de modo mais direto – textos importantes são lançados, contribuindo para o entendimento de algumas noções para a construção da teoria, prática e vida em

estudos feministas e de gênero. Entendendo que o feminismo é um campo de saber-fazer que me permite olhar para a sociedade de forma mais igualitária, respeitosa e empática, este movimento veio se reconstruindo. Se antes as mulheres não conseguiam ocupar determinados lugares, de privilégio masculino, hoje esses espaços são mais plurais e diversos.

Segundo Hollanda (2018), estamos diante de uma nova geração política, as feministas, como parte dessa nova “ordem”, que têm suas próprias estratégias e criam formas autônomas de se organizar, por vezes desprezando a mediação representativa, com uma organização horizontal, onde a instituição de lideranças e protagonismos não é o foco, valorizando as narrativas de si, focalizando as experiências pessoais que ganham eco coletivamente.

Nesse debate, o feminismo a cada década se pluralizou, ganhou vários contornos e modos de existir. De modo tradicional, algumas tendências ou vertentes do feminismo ganharam corpo. Ou seja, dentro dos estudos sobre feminismo, tem se observado a classificação ou categorização em chamadas “tendências”, a saber: feminismo liberal ou burguês; feminismo socialista ou marxista; e feminismo radical. O feminismo liberal seria aquele fundado a partir da corrente liberal – “devem-se entender os movimentos fundados na promoção dos valores individuais; com a luta pela total igualdade entre mulheres e homens” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 147). O feminismo socialista afirma que “a verdadeira liberação das mulheres só poderá advir de um contexto de transformação global” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 147), e o feminismo radical grifa que as “lutas são conduzidas, antes de tudo, contra o sistema patriarcal e as formas diretas e indiretas do poder falocrático” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 147).

Entretanto essa categorização não é suficiente para trazer à tona os tantos feminismos e a singularidade desse movimento. Contraponho-me a essas tendências, observando que esse etiquetamento não acrescenta um melhor entendimento sobre o feminismo, assim como não compreende por que e por quem ele luta, quais os princípios básicos que o norteiam, como observa a sociedade etc. Além disso, é necessário compreender que essa organização seria mais interessante para as pessoas que apenas olham o movimento de fora, tentando a todo custo enquadrá-lo em lugares e teorias que já existem e são conhecidas.

Como observou Pateman (1988), quando classificamos as feministas em radicais, liberais e socialistas, estamos sugerindo que o feminismo seria secundário, ou seja, um suplemento para outras doutrinas. Além de querer etiquetar o movimento

feminista em abas que já existem, essa categorização resume a questão da mulher em uma lógica de funcionamento político e teórico já existente.

Nesse sentido, olhando para as construções feministas, agrupei-as ao longo da história com um fim didático, mas os “grupos” podem ser entendidos como em constante diálogo e constituição mútua. Esses grupos foram pensados a partir de um contexto histórico através do qual observei as feministas, considerando se as lutas das mulheres ao longo da história estavam organizadas segundo movimentos coletivos que em alguns momentos caminham juntos e em outros se ramificam, chegando a ser até mesmo antagônicos. Mas todos atuam na busca por construir um debate e vida onde a mulher e seus direitos sejam plenamente respeitados e garantidos.

Primeiro localizo o *Feminismo pela igualdade*, como aquele que tem em sua constituição o “início” da história do feminismo quando as mulheres lutaram pelo direito a trabalhar, o direito sobre os seus salários, o direito a não ter filhos levando a pauta do privado como constituição da política. O *Feminismo cultural* traria em sua constituição as várias ramificações do feminismo e um olhar para o feminismo como sendo permeado de diferenças, como o feminismo negro, lésbico, gay, trans, religioso etc.; e o *Feminismo em rede*, que se caracterizaria pelo feminismo que vem sendo construído a partir de iniciativas *on-line*, tendo internet como modo de comunicação e aglutinação de tantos outros feminismos.

Esses três grupos, como já observado, dialogam entre si construindo um feminismo que é plural, não tem pretensão de universalidade, abandonou o olhar para a mulher como ser único (uno) e compreende que essa abertura, essa incompletude, faz desse movimento tão singular e importante para a construção da sociedade que busca uma vida mais respeitosa, justa e disponível para o diálogo. Colocar a mulher, ou melhor, colocarmo-nos como seres atuantes e construtores de uma teoria e prática possível contribui para que as narrativas sejam mais diversas.

Importante destacar que o *Feminismo negro*, com seu pioneirismo, foi quem primeiro tomou as rédeas e gritou para o mundo que a mulher não podia e não deveria ser entendida como unificada, pois somos muitas, de muitas etnias, raças, cores, histórias de vida, marcas, traços de cultura, e precisamos, para que a luta seja justa e constante, demarcar determinados territórios e significá-los adequadamente, dando, ou melhor, destacando o lugar que cada mulher individualmente, em sua singularidade, tem e constrói na luta coletiva. A nossa luta é, além de tudo, por um projeto de *reumanização*, de maneira a tornar inteligíveis os gêneros até então não

reconhecidos. Temos que trabalhar, lutar, estudar, escrever, gritar constantemente para que sujeitos gays, lésbicas, travestis, bissexuais etc. sejam vistos como sujeitos legítimos nos processos de aprendizagem, sujeitos dignos de atenção como qualquer outro menino ou menina.

Neste bordado, somos muitas, estamos conectadas e entrelaçadas pelas histórias, conquistas e mortes de tantas mulheres que se disponibilizaram a construir essa trajetória, contribuindo de tantas maneiras nas ruas, no asfalto, nos palanques, nas escolas, nas universidades, nas faculdades, nos alto-falantes, nas redes, na escrita, na linha, no bordado. Cada uma a seu modo faz desse caminho um coletivo-individual. Compreendo esse caminho, abro mais uma trilha, dou mais um ponto neste texto e construo na sequência uma argumentação em torno da noção de gênero, tão importante e indispensável para este texto em tela.

3.2 *PLAYLIST*: GÊNERO

Os estudos da noção de gênero aos quais me associo nesta tese têm contribuição de Butler (2008), De Lauretis (1994) com inspiração foucaultiana. Articulo o debate na busca de entender esta noção que está em permanente (re)construção. Para a compreensão da noção de gênero, primeiro irei construir uma argumentação com um olhar mais amplo sobre o gênero, em seguida irei me debruçar no gênero quanto representação e por fim abordarei o cenário do gênero como ato performativo.

O gênero se constituía a partir de várias vivências, de cada época. Segundo Louro (2010c), o corpo inscrito pelos gêneros – feminino ou masculino – é fruto da cultura, portanto cada corpo carrega as marcas dessa cultura. As identidades de gênero não podem ser determinadas aparentemente, só através dessas marcas biológicas, pois esse processo é muito mais complexo, e as conclusões que se tem a partir de marcas biológicas podem ser equivocadas. Talvez, o movimento que precise ser feito é perguntar, inicialmente, como essa característica atribuída a um gênero específico passou a ser significada como uma marca definidora da identidade e quais as possibilidades construídas para esse gênero. A todo o momento, a sociedade retorce o gênero a fim de colocá-lo dentro de um lugar determinado, fechado, acabado, imobilizado, embora sua “existência” seja fluida, inacabada e transitória. Dada a sua fluidez, o conceito é também compreendido por várias estudiosas de diferentes formas.

Observo que Butler (2008), ao desfazer a lógica sexo-gênero, chega à ideia de gênero como uma categoria flutuante que pode significar tanto o sexo feminino, como o masculino, fazendo assim uma cisão radical – sujeito tomado em seu gênero. Talvez o caráter imutável do sexo seja passível de questionamento, sendo talvez o “sexo” tão culturalmente construído quanto o gênero. Não faz sentido compreender o gênero como “interpretação cultural do sexo”. Não seria o sexo natural, pré-discursivo, e não seria o gênero cultural/discursivo. Eles seriam construídos por aparatos de produção.

O gênero pode ser entendido como inscrito em corpos diferentes do ponto de vista anatômico. Como observou Simone de Beauvoir (2016), o gênero é “construído”. Quando Beauvoir afirma “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, ela não afirma que essa mulher que irá tornar-se o faz sob um corpo necessariamente de uma fêmea – nos tornaríamos então sob uma compulsão cultural. Vejo que até então o corpo era visto como um meio passivo, no qual os significados culturais eram inscritos. Porém é sabido que essa visão cairá por terra ao entender que o corpo em si mesmo já é uma construção, encontrando alguns limites na construção dessas noções – sexo e gênero. O gênero e o sexo como sendo fixos ou livres? Estes seriam fixos e livres, a depender do discurso que estabelecerá certos limites a uma análise.

Os limites da análise discursiva de gênero, para que consigamos operá-la, estão atrelados às várias possibilidades de configuração do gênero imagináveis e alcançáveis na cultura. Esses limites perpassam pelo discurso cultural hegemônico, que é pautado por estruturas binárias e atendem a uma linguagem da racionalidade universal, o que Butler (2008) chama de “domínio imaginável do gênero”.

O gênero para os cientistas sociais seria entendido como um “fator” ou “dimensão” da análise. Para as “pessoas reais” o gênero seria como uma “marca de diferença biológica, linguística e/ou cultural” (BUTLER, 2008, p.28). Ou ainda é entendido como um significado cultural que o corpo assume, sendo este já diferenciado sexualmente. As teóricas feministas defendem que o gênero é uma relação, ou melhor, seria um conjunto de relações, logo não seria um atributo individual. Entendo o gênero como uma teia de relações entre sujeitos socialmente construídos. Butler (2008) destaca que as possibilidades de argumentação e interpretação em torno do gênero são vastas. Estaria o gênero, na problemática da investigação feminista, colocado em dois polos: no primeiro, seria interpretado como uma característica secundária das pessoas; no outro, seria entendido como a própria

noção de pessoa, que estaria posicionada na linguagem como “sujeito” – esta é vista como uma ideia masculinista e que exclui qualquer possibilidade do gênero feminino.

Os vários entendimentos sobre gênero mostram que é necessário estabelecer novas formas de diálogo na busca não de um conceito encerrado em si mesmo, mas uma construção que permita movimento e abertura para o diálogo. Por isso faz sentido o abandono da ideia de *categoria* e a construção da ideia de *noção*. O que realmente precisa ser discutido: o gênero? Será que esse termo deve ser discutido? Ou poderia se pensar na discussão da construção discursiva do sexo como sendo mais fundamental? Ou ainda a noção de mulher? Os gêneros são continuamente produzidos e proibidos pelas mesmas leis que trabalham para a sua manutenção – *sexo biológico/gênero culturalmente construído* e a expressão de tais, estando ambos se manifestando no desejo sexual através da prática sexual, como observa Butler.

A matriz cultural é uma norma imposta para se estabelecer quem é socialmente homem e mulher, tornando a identidade de gênero inteligível, segundo Butler (2008). Nessa estrutura, alguns tipos de identidades não são legítimos, logo, não podem “existir”. São entendidas como falhas ou uma possibilidade lógica, já que a norma associa o sexo masculino ao homem e o sexo feminino à mulher. Porém a persistência e a proliferação dessas “falhas” e “impossibilidades” constroem a desordem do gênero, um processo de desorientação que acontece ao negar a colocação do gênero de forma binária, como tendo uma substância determinada, pois a estrutura binária não dá conta de todas as nuances e construções diante de um homem e uma mulher, sendo, pelas próprias categorias, passíveis de desorientação.

Ao ser dissipada a ideia prioritária de homem e mulher entendidos como substâncias permanentes, não se poderia mais se subordinar a traços de um determinado gênero como características acidentais. A compreensão do gênero como substância e o entendimento viável de homem e mulher como substantivos são questionados pelo jogo que apresenta uma dissonância de atributos que não se conformam aos padrões sequenciais ou causais de inteligibilidade.

Esse sujeito que não é homem nem mulher, que foge da estrutura binária, é compreendido na sociedade como abjeto. Primeiro é necessário entender o que é e o que não é absolutamente cabível como ser homem ou ser mulher. Ultrapassar o ponto do que é, por exemplo, uma mulher própria e imprópria, para encontrarmos com a noção de abjeção.

Butler, em resposta a uma entrevista, fala que “a abjeção tenta sinalizar o que permanece fora dessas oposições binárias, a ponto mesmo de possibilitar esses binarismos” (BUTLER, 2002, p. 165). Quem é a mulher ‘imprópria’? De maneira sagaz, Butler diz: “Quais são [os atos] tão inomináveis e inclassificáveis que se tornam impróprios à impropriedade, ficando fora do impróprio?” (BUTLER, 2002, p. 165). O que estaria em jogo para criar-se a categoria do que não é próprio a um determinado ser? Esse ser impróprio corresponderia e seria entendido dentre outros aspectos a partir da expressão de alguns atos que estão inscritos no domínio do que não pode ser dito e assim articula a condição entre ser impróprio e próprio.

Como se escreve a história daquilo que não seria possível ser? Como construir possibilidades de “ser” nas quais a classificação e construção não gire em torno de ser próprio ou impróprio? Quando o pensamento irá se deslocar para a construção dessa nova forma de entender o ser humano? Talvez seja preciso refazer o caminho. Os gêneros são diversos, as mulheres são plurais e precisam ser constituídas a partir não de uma negação ou exclusão, mas, sim, a partir de suas próprias possibilidades, diversidades. Os *cyborgs* seriam uma possibilidade desse desmembramento, uma criatura híbrida, curiosa e intrigante, construindo utopicamente um mundo sem gênero. O *cyborg* “não tem qualquer compromisso com a bissexualidade” (HARAWAY, 2009, p. 38). Ele também não está preocupado em nomear os sujeitos abjetos.

Entendo como sendo importante compreender as nuances, histórias, conceitos, noções que constroem a teia discursiva de gênero. Nesse debate, De Lauretis (1994) contribui com o seu entendimento sobre gênero. Para a autora, o gênero é entendido como uma tecnologia. Nos anos de 1960 e 1970, a noção de gênero, nos escritos feministas e nas práticas culturais, era compreendida como “diferença sexual”. Essa categorização, segundo De Lauretis (1994, p. 206), encontrava-se no “centro da crítica da representação, da releitura de imagens e narrativas culturais, do questionamento de teorias de subjetividade e textualidade, de leitura, escrita e audiência”. Essa noção de gênero como diferença sexual tem sido sustento para as intervenções feministas no contexto do conhecimento formal e abstrato, mas também nas epistemologias e campos cognitivos que são definidos pelas ciências físicas e sociais como também pelas ciências humanas e humanidades.

Para Butler (2008), o gênero é construído, mas não estaria pautado em uma ilusão ou artificialidade, pois ele se constitui do binário e em seu interior se contrapõe

ao “real” e ao autêntico. Busca-se assim “compreender a produção discursiva da plausibilidade dessa relação binária, e sugerir que certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real” e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida (BUTLER, 2008, p. 58). Estaria o gênero, mesmo quando fixado através de práticas cristalizadas, construído e amparado por vários meios sociais, organizando-se no interior de uma estrutura reguladora e rígida que com o tempo se cristaliza, produzindo a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser, no modo de dizer de Butler (2008). Na sociedade, erroneamente, associam-se determinados modos de ser a determinados gêneros, quando tais não passam de repetições que, ao serem tomadas como “verdades”, passam a ser aceitas e replicadas.

Em concomitância com tais intervenções, são elaboradas práticas e discursos específicos criando-se espaços sociais onde a própria diferença sexual pode ser afirmada e tratada, como também analisada, especificada ou verificada. A noção de gênero como diferença, entretanto, se tornou uma limitação, ou ainda é entendida com uma deficiência do pensamento feminista.

Inicialmente a ênfase estava no sexual. Essa diferença sexual era percebida como a diferença entre mulher e homem, ou seja, “derivados não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos” (DE LAURETIS, 1994, p. 207) que acabavam sendo, de forma limitante, uma diferença da mulher em relação ao homem. O gênero era colocado de um lado dentro de uma lógica do patriarcado ocidental e de outro sendo construído a partir das narrativas fundadoras – biológica, médica, legal, filosófica, literária – tendendo a um processo de reprodução, retextualização, mesmo nas reescritas feministas das narrativas culturais.

As limitações do conceito de diferença(s) sexual(is) me ajudam a compreender a construção da noção de gênero a que me associo neste trabalho em tela. Uma primeira limitação seria a ideia de que esse conceito confina o pensamento crítico feminista em um arcabouço conceitual universal do sexo, quer dizer, a mulher sendo colocada em relação ao homem, como a diferença do homem, tornando, assim, difícil fazer a articulação das diferenças *entre* mulheres e mulheres, ou de forma mais específica das diferenças *nas* mulheres. A segunda limitação seria a tendência a uma reacomodação ou recuperação do potencial epistemológico radical do pensamento feminista, porém sem sair dos limites impostos pela casa patriarcal. Na busca por

romper com a relação entre gênero e diferença sexual, precisa-se construir outro tipo de sujeito.

A produção da noção de gênero se reorganiza quando tem-se um olhar para as categorias gênero e sexualidade, questionando-se quando as afirmações sobre a ideia do que é “normal” ou “anormal” de determinadas sexualidades passam a ser colocadas em debate e são desconstruídas, compreendo tais como construções culturais, discursivas e não como verdades inquestionáveis. Esse processo de desconstrução da noção de gênero pode ser entendido também do ponto de vista do gênero como uma representação, como irei abordar na subseção seguinte.

3.2 1 Vídeo: gênero como representação

O gênero como representação será compreendido nesta tese a partir dos estudos de Louro (2010a, 2010b, 2010c) e De Lauretis (1994). Estas autoras constroem uma teia argumentativa que contribui para o engendramento das questões de gênero como representação, noção à qual me associo nesta tese. Entendo que o gênero é produto e processo de sua representação, na medida em que a ideia de representação é vista como um modo ou vários modos dos sujeitos em sua singularidade ao mostrar e construir quem são. Afim de “entender”, mas não findar o debate, irei debruçar o meu olhar sobre essas questões.

Para De Lauretis (1994), o cinema, os discursos e as práticas são tecnologias de gênero que atuam na construção da identidade e subjetividade dos sujeitos. A partir desse entendimento, em meu estudo, irei olhar para as mídias, os artefatos e os canais de YouTube também como tecnologias de gênero.

Para Louro (2010b) as representações são múltiplas e são construídas por muitos sujeitos nas relações sociais. Essas representações podem se transformar ou até mesmo se contrapor, estando implicadas em jogos de poder.

A construção do gênero como representação se faz através de processos de desconstrução dos discursos, das práticas, enunciados, narrativas, questionamentos de posições socialmente legitimadas, e também através de tantas outras tecnologias que atuam cotidianamente. Para construir o entendimento sobre representação, observo ser importante partir de um processo de desconstrução. O gênero, segundo De Lauretis (1994), como representação e como autorepresentação, é resultado de

diferentes tecnologias sociais, de discursos, de epistemologias e de práticas institucionalizadas como também práticas da vida cotidiana.

De Lauretis (1994) propõe um deslocamento em relação aos estudos de Foucault (2011b), quando trabalha a ideia de que podemos pensar o gênero duplamente como produto e processo de tecnologias sociais/aparatos biomédicos – estruturando esse pensamento, De Lauretis, já está indo além de Foucault. A crítica feminista observa que a teoria foucaultiana não levou em consideração as diferenças dos sujeitos masculinos e femininos, ignorando os conflitos de homens e mulheres nos discursos e práticas da sexualidade. Foucault de fato exclui esse ponto, porém não inviabiliza as considerações sobre o gênero. Na tentativa de reestruturar a noção de gênero como representação, De Lauretis (1994) apresenta quatro preposições, que observo como sendo importantes para me ajudar a entender o gênero quanto representação, a saber: a primeira observa o gênero como (uma) representação; depois ela entende a representação do gênero como a sua construção; também observa que a produção do gênero ocorreria hoje através de várias tecnologias do gênero e vários discursos; e por fim ela compreende que o engendramento do gênero também ocorre em sua desconstrução.

Olhando de modo mais aprofundado cada uma dessas preposições, inicialmente vejo que o gênero é uma representação e tem implicações concretas, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas. O termo “gênero” é uma representação não apenas no sentido estrito de cada palavra, ou seja, cada signo representa seu referente, podendo ser um objeto, uma coisa, ou um ser vivo; representaria ainda uma relação, ou poderia pertencer a uma classe, grupo, categoria.

O “gênero não é sexo”, isto é, não é uma condição natural, pelo contrário, é uma representação, onde cada indivíduo, em uma relação social preexistente ao próprio indivíduo, é colocado sobre a oposição conceitual e rígida dos dois sexos biológicos, no modo de dizer de De Lauretis (1994). O sistema de sexo-gênero teorizado pela autora seria entendido tanto como uma “construção sociocultural” quanto como um “aparato semiótico”, ou ainda como um sistema de representação que atribui significado aos sujeitos dentro da sociedade. Esses significados seriam a identidade, prestígio e *status* dentro da hierarquia social. A constituição do gênero é produto e processo de sua representação.

A representação do gênero é também a sua construção. O gênero estaria na esfera privada da reprodução, trazendo em seu seio a procriação e a família. Já na

esfera pública, propriamente social da superestrutura, encontramos a ideologia, tendo sua determinação através da economia e das relações de produção, como observou De Lauretis (1994). A relação de gênero e ideologia é algo visualizado nessa preposição e pode ser entendida como uma ideologia de gênero. O mais importante seria a validação por discursos institucionais, assim como adquirir poder ou controle sobre o campo do significado social, podendo funcionar como uma tecnologia de gênero.

Nesse caminho, a desconstrução seria um elemento-chave para a construção do gênero. Esse engendramento sobre ser homem e mulher ocorre na vida dos sujeitos através de vários mecanismos de conformação, tais como exemplifica De Lauretis (1994), quando marcamos o espaço assinalando a letra F para nos referirmos a feminino, estamos nos inscrevendo em uma ordem, passamos a fazer parte do sistema sexo-gênero. Vemos, então, que fomos engendradas como mulheres – não é apenas o outro que me nomeia, nós também, a partir daquele momento, passamos a nos representar como mulher.

Contribuindo para o debate que venho travando, o estudo de Louro (2010b) observa que podemos falar de representação como formas culturais de mostrar ou referir-se a um determinado grupo/sujeito, de representá-lo. Ao representar, estou dizendo algo sobre aquele grupo/sujeito, estou dizendo se ele pertence ou não a determinado lugar/identidade. No modo de dizer de Louro (2010b, p. 98-99), “como formas culturais de nos referirmos aos sujeitos (e a nós mesmos), as representações nos dão sentido e certamente se transformam e se distinguem– histórica e socialmente”. Essas representações atuam então na produção desses sujeitos, não se limitando apenas a descrevê-los.

Compreendo que a construção do gênero ocorreria também “através das várias tecnologias do gênero (p.ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (DE LAURETIS, 1994, p. 223). Esse olhar que busca entender a construção do gênero como algo que atravessa a construção dos sujeitos recai sobre a noção de experiência. Para De Lauretis, a experiência seria entendida como um complexo de efeitos, mas não só de efeitos, de hábitos e arranjos, assim como de associações e percepções significantes que têm resultado na interação entre o eu e o mundo exteriormente construído. Dito de outro modo, seria “na verdade a experiência do gênero” (DE LAURETIS, 1994, p.228). Através das

estratégias e práticas, dos discursos e das instituições socioculturais que estão dedicadas à produção de homens e mulheres, constrói-se a teorização. Entendo desse modo que os canais de YouTube – com seus *youtubers*, a narrativa e a teoria – estabelecem-se como tecnologias de gênero.

O gênero também seria compreendido como uma questão radical para a teoria feminista. De Lauretis (1994) argumenta que seria necessário negar a diferença sexual e o gênero como componentes da subjetividade na constituição de mulheres reais – e logo assumindo o lugar de negar a história da opressão através da resistência política das mulheres e da contribuição epistemológica do feminismo, que contribuiu para repensar a subjetividade, entre outros aspectos. Mostra-se importantíssimo que a teoria feminista persista na crítica radical dos discursos dominantes sobre gênero, mesmo que esses procurem eliminar toda a diferença sexual, tornando-se mais urgente quando se tomou a palavra “pós-feminismo”. Observo novamente que a desconstrução do gênero causa a reconstrução.

Esse movimento dentro e fora do gênero como representação ideológica, que, conforme a autora, caracteriza o sujeito do feminismo, estabelece-se como um processo de mão dupla entre a representação do gênero com seu referencial androcêntrico e o que essa representação exclui, deixa de fora, ou seja, torna irrepresentável. É, também, um movimento que se estabelece entre o espaço discursivo, que é representado, das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos, e o *space-off*, o outro lugar, desses discursos – tais espaços, sociais e discursivos, existem, já que as práticas feministas os (re)constituíram nas margens ou “ao revés” dos discursos hegemônicos e nas fissuras das instituições, nas contrapráticas e novas formas de comunidade.

Compreendo que essas representações são cotidianamente construídas e atuam conscientemente para conformar os sujeitos em determinadas posições. Observo que os que fogem da representação esperada são vistos como desviantes, enquanto outros adquirem a autoridade de ditar uma representação que deve ser seguida por muitos. Mas as representações não devem ser imobilizadas, pois elas “não apenas são múltiplas, mas elas podem, também, se transformar ou se contrapor. O que é importante notar é que nelas sempre estão implicados jogos de poder, melhor dizendo, elas estão sempre estreitamente ligadas ao poder” (LOURO, 2010b, p. 102). Olho desse modo para as representações como sendo uma oportunidade de criar novos discursos e incluir uma gama de sujeitos que foram cotidianamente excluídos

da construção das representações. Ou seja, as representações são arquitetadas nas relações sociais de poder, por isso é importante observar como os grupos estão sendo representados, o quanto exercitam o poder, para assim observar quem nessa teia está podendo ter as rédeas da representação ou apenas ser representado.

Esse processo de reconstrução se faz coerente e necessário, ao nascermos, ou até mesmo antes desse momento somos inscritos e intrinsecamente compelidos a uma norma. A inscrição no gênero se estabelece como uma das primeiras variáveis identitárias. Entendo que a construção do gênero é fluida e está em constante movimento. Os estudos do gênero como ato performativo contribuem com um olhar que permite acolher várias formas de ser-estar no mundo como sujeito de gênero. Sobre essa questão irei me aprofundar na seção seguinte.

3.2 2 Vídeo: gênero como ato performativo

Na trama deste debate, as costuras, pontos e colagens são feitos e as inquietações ganham força e corpo na construção da noção de gênero como ato performativo. O gênero é performativamente produzido e imposto através de práticas que regulam a sua coerência. Compreendo a noção de performatividade como uma das ferramentas para desenvolver a análise dos enunciados dos canais do YouTube. A noção de performatividade à qual me associo nesta tese é desenvolvida por Butler (2008, 2010, 2019) e tem contribuição dos estudos de Austin (1990). Performatividade, tal como Butler (2010, p. 154) apresenta, é uma prática que se dá de maneira reiterativa e citacional e pela qual o “discurso produz os efeitos que ele nomeia”, não sendo um ato singular ou deliberado.

Para construir o entendimento sobre performatividade, refiz o caminho e cheguei os estudos de Austin (1990). Esse autor trabalha a construção da noção de performatividade, ato de fala e ilocucionário. Ele propõe uma discussão sobre os enunciados, que não são verdadeiros nem falsos, mas também não teriam a função de descrever, nem informar, mas fazem algo, ou seja, uma ação. Ao pôr em confronto um “relativo consenso” existente na filosofia da linguagem, criou-se espaço para o diálogo, contribuindo para construções e sendo fonte de estudo para a noção de performatividade em Butler.

A performatividade em Austin é entendida no sentido dos enunciados performativos. Esse termo vem do verbo “*perform*”, usualmente empregado em inglês

para referir-se a ação. O conceito de ação se estabelece como um conceito fundamental em Austin. Para o filósofo, ação é um conceito que tem um significado preciso, sendo um dos elementos constitutivos da performatividade. Ação é uma atitude independente de qualquer forma linguística, ou seja, o performativo seria entendido como o próprio ato de regulação da fala-ação.

O ato de fala é composto por três atos simultaneamente: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário, que atenderiam aos estudos das locuções, como exemplificado respectivamente: “ele disse que...” / “ele argumentou que...” / “ele me convenceu que...” (AUSTIN, 1990, p. 90). Cada forma expressa um sentido, um significado tendo uma força, um efeito.

O ato locucionário(locução) utiliza a fala com um significado. Pode-se dizer que realizar o ato locucionário é, de certo modo, realizar um ato ilocucionário. Para tal determina-se que esse ato ilocucionário seja realizado da maneira como estamos usando a locução, ou seja, “perguntando ou respondendo a uma pergunta, dando alguma informação ou garantindo a advertência, anunciando um veredito ou uma intenção [...] e muitos outros casos semelhantes” (AUSTIN, 1990, p. 88).

O ato ilocucionário (ilocução) é o ato de realização de uma ação. Para realizar essa ação, usa-se o enunciado, permitindo a existência de enunciados performativos que são aqueles que realizam uma ação e que têm uma força, por exemplo, “eu prometo...” que seria o ato de promessa; ou seja, “a realização de um ato ao dizer algo, em oposição à realização de um ato de dizer algo” (AUSTIN, 1990, p. 89). Por fim, há o ato perlocucionário (perlocução), que atua produzindo efeito sobre o interlocutor, dito de outro modo, “dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou conseqüências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas” (AUSTIN, 1990, p. 89).

Na performatividade, segundo Austin (1990), não há mais lugar para a distinção entre sentido e significado das palavras, o que ocorre é uma ação. A performatividade então seria a realização de uma ação que ocorre através de um enunciado (a realização de um ato de fala). Esses pensamentos de Austin rompem com a distinção entre: linguagem e corpo; sujeito e objeto. Ele soube pensar e estudar a linguagem humana e o humano. Para o autor, a linguagem não se distancia do humano, do corpo. Ele trouxe a ideia de ruptura, reviravolta. A performatividade viria para desorganizar a ciência.

Dada essa estrutura de entendimento, é curioso observar porque ocorrem tantos desentendimentos diante da teoria de Austin do ato de fala, performativo e ilocucionário. Observa-se que a visão performativa não é considerada como deveria. O performativo é o fenômeno central, o ato ilocucionário seria um desdobramento e o ato de fala seria algo a ser desvendado.

Esse modo de pensar de Austin e todas as contribuições que seus estudos e teoria trouxeram para a filosofia foram importantes para Butler, que veio a desenvolver um instigante estudo e deslocamento sobre performatividade. Butler trava diálogos com as construções teórico-filosóficas de Austin e Foucault, tendo também a contribuição de Derrida. Vem traçando em seu percurso teórico-metodológico estudos sobre a performatividade e a frágil estabilidade da noção de “mulher”⁹, questionando a identidade de gênero e sexual. Butler não dá muita ênfase à interpretação do performativo, através dos compromissos feitos entre falantes – através da linguagem. Ela dá espaço para debater sobre teoria da ação, de influência fenomenológica, na qual o próprio sujeito é objeto de seu fazer.

Por gênero a autora compreende não sendo uma unidade estável nem tanto um *locus* de ação – de onde decorrem atos, pois ele seria performativo. O gênero seria uma identidade construída no tempo, instituído em um espaço externo através da repetição estilizada de atos. O efeito do gênero, então, produz-se pela estabilização do corpo, devendo ser entendido como a forma pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos dão a ilusão de um “eu” que seria permanente e marcado pelo gênero.

Por performatividade Butler (2010) compreende uma prática que tem como característica a reiteração e a citacionalidade. Através destas, o discurso atua produzindo os efeitos que ele mesmo nomeia, não agindo de maneira singular. Sobre a *performance*, afirma ser o modo pelo qual o gênero “expressa” ou faz vir à tona as várias possibilidades e construções, sendo passível de repetição, reencenação. A *performance* seria utilizada para conservar o gênero na estrutura binária, que funda e consolida o sujeito como uma substância fixa.

Sua teoria é questionadora, desloca pensamentos e proporciona um novo olhar diante da sociedade e academia. Para exemplificar algumas de suas noções, cito: a identidade de gênero e mulher, a compreensão sobre subversão e subversões

⁹ Nesta seção, irei trazer as contribuições sobre a performatividade. Mais adiante, trarei de modo específico a construção da categoria mulher.

performáticas; as normas de inteligibilidade, a ideia de sujeito, a regulação com seus esquemas e estruturas regulatórias; os códigos de significação e a ideia de corpo(s).

A identidade de gênero e sexual é construída *na* e *pelo* discurso. O sujeito estaria permanentemente em processo, constituindo-se no discurso e através dos atos que executa, ou seja, suas ações. A identidade da mulher, especificamente, é entendida como *devir* que se constrói continuamente sem ter origem e assim também não terá fim. Dessa forma, o gênero não é algo natural, não havendo, portanto, uma ligação direta entre o corpo e o gênero, pois não existe uma unidade fixa. Quando ocorrem casos nos quais essas identidades se apresentam diferentes das socialmente aceitas, observa-se uma postura cristalizada, convocando a uma estabilização, que é compreendida como incoerente.

A genealogia de Butler é entendida no sentido foucaultiano como um movimento de percorrer os caminhos negligenciando os lugares postos e conhecidos como detentores da verdade, como a moral, o ascetismo, para então retirar as máscaras e chegar onde as “verdades” não têm sustentação. O poder para Butler decorre do modelo foucaultiano. Para a filósofa as construções do gênero são grades, com limitações que são impostas pelo dispositivo discursivo do poder, pois ela entende que não haveria posição de liberdade para além do discurso.

A autora entende o gênero como performatividade, que torna viável “encenações” de gênero, por vezes mais paródicas, como a *drag*, outras não. A subversão performática e os atos subversivos têm variadas naturezas, não precisadas por Butler, ou seja, a filósofa não nos diz que tipos de paródia são subversivas. Ela nos ensina que a subversão acontece. A subversão aconteceria com o deslocamento das normas de gênero que se repetem e se cristalizam.

Butler (2010,2019), buscando desfazer as normas de inteligibilidade, que colocam como natural o corpo heterossexual, propõe o alargamento dos esquemas sociais e culturais nos quais alguns corpos são reconhecidos como sendo humanos, restando a outros o espaço do subjugado, como acontece com as *drags*.

A realidade do sujeito com um corpo que fala e age é performativamente produzida, sendo esse sujeito constituído pelo que é dito e feito, ou seja, a fala e ação, como trabalhada em alguma medida por Austin. Butler arquiteta um “modelo performativo da identidade”, no qual as ações repetidas cotidianamente constroem a identidade como algo natural; ou seja, a essência é um efeito de *performances* repetidas que trabalham massivamente na (re)atualização de discursos histórica e

culturalmente específicos, como observei nos canais analisados quanto à produção do discurso sobre ser mulher.

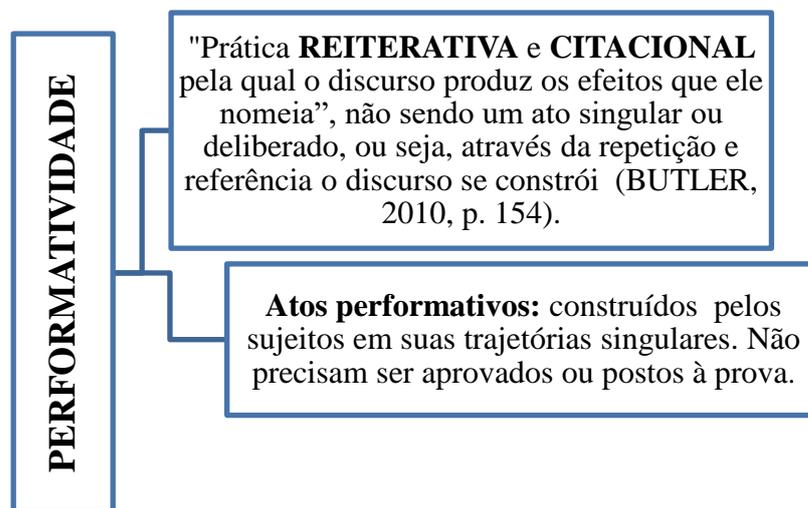
Não se está argumentando em favor de uma visão voluntarista do sujeito generificado, como se ele pudesse escolher as *performances* de gênero nas quais quer investir. Estariam esses sujeitos também diante de um aspecto constitutivo da performatividade – a regulação. A regulação para Butler (2010, 2019) teria fundamento no “ideal regulatório” foucaultiano. Neste o sexo não funciona apenas como norma, pois ele seria uma prática regulatória que atua na produção dos corpos que ele governa. Dito de outro modo, “toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 2010, p. 153-154). Importante destacar que esses esquemas regulatórios não têm estruturas fechadas, já que são intemporais, com critérios historicamente revisáveis de inteligibilidade que ao mesmo tempo produzem e submetem corpos. A regulação, segundo Butler, é, ao contrário do que se imagina, aquilo que impele e sustenta a performatividade.

Os “códigos de significação” e as “estruturas reguladoras” são importantes nessa constituição. As estruturas reguladoras são informadas pelos códigos que significam e materializam o corpo. Nessa regulação, para se ter acesso ao corpo, tem-se que estar imbricado nos processos culturais – heteronormativos – que o significam. Para esse corpo atingir significado cultural, precisa estar envolvido na rede da regulação, vigilância, punição. Essa rede se sustenta por práticas linguísticas que, ao mesmo tempo em que punem, vigiam e regulam, paradoxalmente, fornecem os recursos de sua própria contestação. O trabalho das normas regulatórias do “sexo” é performativo, atuando na construção da materialidade dos corpos, articulando meticulosamente a consolidação da diferença sexual e a manutenção da heterossexualidade.

O gênero seria ato no sentido que sua *performance* for repetida. A repetição – ação pública – seria entendida como reencenação, nova experiência de significados já construídos, ou ainda entendida como legitimação, no modo de dizer de Butler (2010). A performatividade não é um “ato” singular, pois estaria atuando sempre para reiterar a norma ou as normas. Ao adquirir *status* de ato no presente, a performatividade oculta e dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. “Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade

é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada” (BUTLER, 2010, p. 167), como destaque no Esquema 3.

Esquema 1: Performatividade em Butler



Fonte: Elaboração própria com base em Butler (2010).

Os estudos de Butler propõem um processo de desmantelamento. Sua teoria da performatividade de gênero desloca as estruturas até então erguidas, questionando a produção de processos de normalização e exclusão de sujeitos, fazendo articulações com a identidade. A autora destaca a centralidade da linguagem nas dinâmicas culturais. Essa linguagem estaria produzindo e regulando a identidade e atuando na construção de identidades normalizadas que ao longo do tempo são tidas como verdadeiras. Ao considerar a linguagem como ação, estou entendendo que Butler quer dizer que na sua atuação sobre o real, ou seja, como ela constitui o real, deve-se deixar de lado a visão da linguagem como um simples instrumento que serve para representar uma realidade existente anteriormente e tomá-la como construção real do sujeito, que se constrói a partir dessa ação, ficando à margem os que fogem desse padrão preestabelecido.

Dito de outro modo, esse padrão diz de um gênero que se repete e é tido como real. Mas o gênero não é real ou falso. Ele pode ser visto também como uma espécie de imitação persistente que, após ser tão repetida, passa como real.

O desmantelamento das categorias tradicionalmente impostas atua na reconstrução do gênero. Os enunciados de como se é menina ou menino carregam

em si um processo “humanizador”, sendo a matriz das relações de gênero anteriores à emergência do “humano”. Corroborando o debate, Lima e Belo (2019, p. 7) destacam que “essa narratividade se compõe de elementos relativamente fixos, designados continuamente ao sujeito pelo *socius*, na direção de auxiliar a tradução dos ruídos inconscientes que envolvem as montagens dos gêneros”. A sociedade e as famílias são compelidas através de várias artimanhas e engendramentos a responder a essas normas e permanecer na estrutura padrão que diz ser normal a organização binária.

Butler (2010, p. 161) observa:

a interpelação médica [...], apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero.

Essa marcação e esse *tornar-se* são ao longo do tempo reafirmados, reiterados por diversas autoridades, reforçando ou contestando esse efeito naturalizado, ou seja, ao nomear, estou estabelecendo uma fronteira e também inculcando repetidamente uma norma. Butler (2008) também demarca esse discurso sobre meninas e meninos, dizendo que a marca de gênero assemelha-se a “qualificar” os corpos, circunscrevendo estes como corpos humanos, dito de outro modo, o bebê se humaniza quando a pergunta “menino ou menina?” é respondida.

Ao nomear o corpo como pertencente a um ou outro sexo, não se está sendo neutro. Essa “descrição faz emergir os corpos dentro de uma série de dispositivos de regulação, com uma demanda discursiva de que esses corpos sejam produzidos dentro de uma matriz heterossexual compulsória” (LIMA; BELO, 2019, p. 4). A reiteração da norma é feita através de muitos artefatos, dispositivos e tecnologias, como, por exemplo, a divisão das cores nos enxovais demarcando o “mundo azul” para os meninos e o “mundo rosa” para as meninas, como observou Belarmino (2015).

Esses enunciados dão continuidade a um processo de generificação do corpo que se constrói social e discursivamente. Ao dizer “é uma menina”, entenderemos por vários enunciados que conformam o ser menina-mulher, como *não diga palavras, é feio sentar assim, cruze suas pernas, não jogue futebol, não cuspa no chão, seja gentil, boas mulheres não transam no primeiro encontro, não chame atenção, obedeça a seu marido, não seja sexy, use maquiagem*. Ou ainda seria associado à feminilidade

as ideias de fragilidade, emoção, passividade, submissão, maternidade e heterossexualidade, entre outras.

Quando ouvimos “é um menino”, veremos se estabelecer uma gama de possibilidades e posturas: *não chore, seja forte, viril, fale como homem, em casa que tem mulher homem não trabalha, tenha amantes, você é provedor do lar, você é competente, é um homem ou um prato de papa* etc. E ainda a visão de masculinidade associada com coragem, racionalidade, agressividade, dominação, virilidade, heterossexualidade etc.

Esse modo de separar reitera o lugar da denominação binária, conferindo lugares sociais diferentes para cada gênero de tal modo que os indivíduos são por vezes tensionados a se conformarem naquela caixa. Tais atos de fala têm a intenção de conformar os corpos às normas que expressam uma coerência entre sexo, gênero e desejo, reafirmando a matriz de inteligibilidade trabalhada por Butler. Existe uma variedade de gêneros diferentes, que são construídos temporal e culturalmente por todos os sujeitos em suas histórias singulares. Seria regulador e desnecessário limitá-los ao número de dois, trabalhando-se para uma pretensa exigência de continuidade em favor de elementos que são descontínuos.

Em decorrência disso, Butler (2009, p. 91) destaca que alguém “não apenas é o seu sexo, mas alguém tem sexo e, tendo-o, deve mostrar o sexo que ‘é’”. Desse modo, segundo Butler (2008), faz-se uma exigência de conformação desses sujeitos a matrizes identitárias ontologicamente vazias, produzindo, por meio da performatividade de gênero, uma ilusão óptica de uma substância por trás da identidade, substância esta que seria apenas expressa, refletida nos gêneros.

A questão posta pela criança não é a “de que gênero eu sou?”, mas, antes, “o que o gênero quer de mim?”. Ou mesmo: “de quem é o desejo que está sendo transmitido pela designação de gênero que recebi e como posso responder a isso?” (BUTLER, 2014, p. 129). Nesse sentido, os que fogem da norma, da regra, aqueles cujas imagens corporais não encontram lugar em nenhum desses gêneros, não recebem o título de humanizados, ficam fora do humano – constituiu-se, assim, o abjeto. Ser constituído como humano não ocorre apenas com a produção “sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural” (BUTLER, 2010, p. 162).

Desse modo, se essa ordem binária exclui determinados sujeitos, é importante compreender por que se insisti nessa divisão, fabricada com tanta rigidez e vigilância para a manutenção da norma heterossexual. Entendo que essa vigilância está para atender a ordem heterossexualizante que determina como “verdadeira” a heterossexualidade. Sendo tal uma ordem compulsória e um código de tradução que para vários sujeitos pode ser organizador, não consegue silenciar seus ruídos inconscientes, estabelecendo-se como um enigma para o sujeito em constituição.

Nesse contexto, a performatividade de gênero sublinha que a identidade é composta por descontinuidades, aberturas, questionando os sistemas de reconhecimento que nomeiam como humanos aqueles que seguem uma relação linear corpo-sexo-gênero-desejo e fazendo dos que fogem a essa linha pertencentes a *outra* categoria. Tal sistema de reconhecimento é, em parte, uma produção que acontece na/pela linguagem, sendo também por ela sustentada, constituindo desse modo um dos elementos-chave para o reconhecimento social e cultural.

Observa-se que essa desregulação e desagregação dos corpos atuam no rompimento da ficção reguladora do que parecia ser coerente, ou seja, a heterossexualidade. Nesse sentido, o ideal regulador seria uma norma e ficção se encobertando na estrutura de uma lei que atua regulando o campo sexual que ele mesmo descreve.

Em termos gerais, Butler (2008, p. 194) diz que esses atos, gestos e atuações são performativos, “no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. O corpo e o gênero são marcados pelo performativo. Isso sugeriria que eles não têm “*status ontológico*”, ou seja, não se estuda o ser separado dos atos de sua realidade; e sugeriria também que a realidade é fabricada como essência. O que se entende como sendo nossa interioridade é fruto de um discurso social e político, sendo também um processo de regulação pública dessa fantasia.

Esse processo atua na superfície do corpo, controlando as fronteiras do gênero que retificam e reforçam o interno/externo, instituindo a “integridade” do sujeito. Entendo, assim, que esses atos, gestos e desejos postos em ato acabam por criar uma ilusão. Essa ilusão diz de um núcleo que é organizado, estável internamente e organizador do gênero. A ilusão dessa organização é mantida discursivamente para regular a sexualidade entendida como obrigatoriamente heterossexual e reprodutora.

Neste processo de (re)conceber a história pessoal e cultural, eles se organizam através de práticas imitativas que são relacionadas a outras tantas imitações. Constrói-se, segundo Butler (2008, p. 197), a “ilusão de um ‘eu’ de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção”. Perde-se o sentido do normal, pois agora o “normal”, “original”, é uma cópia falha, que ninguém incorpora, ou seja, o original foi sempre derivado.

O corpo, não é um “ser”. Seria esse corpo, segundo Butler (2008), uma fronteira variável, ou ainda seria uma superfície de permeabilidade regulada, entendida como politicamente regulada, sendo por fim algo que teria uma prática significativa em um campo cultural com hierarquia de gênero e heterossexualidade compulsória. Pode-se imaginar que as normas de gênero produzem um “sexo natural” – mulher real, produzindo ao longo do tempo estilos corporais, que aparecem como configuração natural dos corpos, em sexos que estão em uma relação binária. Isso posto, impõe-se esse estilo e irão ser produzidos sujeitos e gêneros coerentes, que convergem para os seus originadores. A autora indaga: “que tipo de *performance* poderia revelar que essa “causa” aparente é um “efeito”?” (BUTLER, 2008, p. 200).

Os atos, gestos e desejos produzem o efeito internamente, que transborda até a superfície do corpo. Esses atos-gestos-atuações são entendidos como *performativos*. A noção de performatividade desarticula a atenção dada à identidade como descrição, ou seja, como aquilo *que é*, ênfase que é de certa forma “mantida pelo conceito de representação, na ideia de performatividade pensamos no ato de ‘tornar-se’, migrando para uma concepção da identidade como movimento e transformação” (SILVA, 2014, p. 92). O que falo e escrevo tem contribuição maciça na construção da identidade, tendo a repetição dos enunciados performativos importante influência. Assim, a identidade se estabelece a partir de outro ponto, o de mudança. Esse é o deslocamento feito por Butler.

O gênero é construído por atos descontínuos, logo essa aparência de substância é a identidade construída, uma realização performativa em que todos os sujeitos envolvidos, incluindo os próprios atores, acreditam nessa representação, exercendo-se a forma de uma crença. O gênero ainda seria uma norma. Entretanto, essa norma nunca pode ser totalmente internalizada, pois o entendimento de “interno” diz sobre uma significação de superfície. Nas palavras de Butler (2008, p. 200), “as normas de gênero são afinal fantásticas, impossíveis de incorporar”.

Na seção seguinte, irei adentrar na constituição propriamente dita desse sujeito de gênero sobre o qual venho pensando e que venho construindo nesta tese. Trata-se de um percurso com vistas a encontrar esse sujeito de gênero múltiplo, plural, fluido e que não tem a pretensão de encerramento, mas, sim, de transformação.

3.3 *PLAYLIST*: A PRODUÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DE GÊNERO

Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais. Embora estejam envolvidas, ambas, numa dança em espiral, prefiro ser uma ciborgue a uma deusa. (HARAWAY, 2009, p. 99).

Proponho-me nesta seção a olhar para a produção do sujeito no discurso de gênero. Construo minha argumentação sobre o sujeito de gênero no campo do pós-estruturalismo a partir dos estudos de Louro (2010b), Butler (2008, 2017) e De Lauretis (1994). Tais autoras têm inspiração nos estudos arquegenealógicos de Michel Foucault. Essas autoras caminham contribuindo para a formação do sujeito de gênero, compreendendo que essa “categoria” é inacabada, estando em constante movimento e imbricada nas lutas políticas, sociais e culturais. Irei também construir minha argumentação em relação à categoria mulher que não tem a pretensão de ser acabada ou até mesmo universal, pois sua incompletude seria o que tem de mais importante.

Escrever sobre a produção do sujeito de gênero é quase como mergulhar para dentro. Um movimento de imersão em si mesma que de tão profundo transborda a minha existência e se esvai para todos os lados. Trata-se de olhar para mim mesma, olhar-me, compreender a minha história de maneira singular e entender que as várias mulheres nunca caberiam apenas em uma única categoria. Para tal, é necessário observar que “não existe nada no fato de ser ‘mulher’ que naturalmente una as mulheres” (HARAWAY, 2009, p. 47). O entendimento de “mulher” é altamente complexo, sendo construído por diversas nuances, entre as quais estão os discursos científicos sexuais e tantas outras práticas sociais questionáveis.

Essa imersão vem do lugar de sermos sujeitos em sociedade. Fruto de um tempo histórico-cultura-econômico-político, tempos que vivem e se fazem cotidianamente sem que nós, sujeitos, possamos pará-los. Cessar é praticamente impossível. O tempo está correndo, andando, flutuando por entre os sujeitos. Mas

podemos ressignificar, refazer o caminho, olhar para as construções até então e pensar transformações, deslocamentos e o que ainda assim vale a pena ser reiterado, repetido, perseguido. Não somos seres completos, a completude pressupõe a morte do sujeito.

O sujeito está cotidianamente refazendo-se, revisitando-se de maneira consciente ou não. Estou a todo o momento ressignificando, dando novos frutos, caminhos, deixo ir (ou tento deixar) aquilo que não faz mais sentido, deixou de ter significado pelo “simples” fato de ter refeito o caminho, reconstruído. Observa-se que nesse caminho o modo que aprendi a viver em grande parte está imbuído de quem me trouxe até aqui. Olho esses sujeitos e aprendo com seus modos de ser-estar no mundo, por ora vejo estes como verdades a serem perseguidas e reproduzidas. Porém tem-se observado, na estrutura de funcionamento, na história, que os hábitos, costumes, modos de ser-estar estão a cada geração se ressignificando. O que ontem era visto como possível hoje já tem outro lugar.

Cada autora observa e estuda a construção desse sujeito de maneira singular e por esse motivo contribui em conjunto para articular um debate que leve em conta a pluralidade desses sujeitos. Os estudos de Louro observam a construção do sujeito a partir do olhar para as práticas pedagógicas. Nessas práticas, há a repetição de formas, a recorrência de uma construção binária que coloca como “normal” aquele sujeito heterossexual. Em seus estudos, a autora se debruça de maneira interessante sobre as escolas, as práticas sexistas e atuantes na reiteração de sujeitos atendendo a uma norma, e sobre como os que fogem desse padrão tendem a ser estigmatizados e relegados ao lugar de margem, postos na ordem do “anormal”.

Louro, De Lauretis e Butler observam cotidianamente, a partir de vários artefatos, dispositivos, e a partir de vários aparatos sociais como a família, os médicos, as escolas, como se tenta encaixar os sujeitos em um lugar limitado que atenda a características específicas. Por exemplo, no momento em que a mulher está grávida, observa-se que existem vários dispositivos que convocam para a conformação do corpo da mulher e do bebê que está por vir. A mulher é colocada em um lugar de santidade, frágil e intocável por estar gerando outro ser, romantizando o lugar de mãe-grávida. O bebê é posto em uma caixinha quando a mãe é interrogada quanto ao seu sexo, quando este ainda está em seus primórdios de formação. A pergunta é recorrente: é menina ou menino?

Após a confirmação de uma das possibilidades, a sociedade, a família e, em muitos casos, o corpo médico passam a conformar esse corpo que ainda nem veio ao mundo. Se for menina, será delicada, frágil, uma princesa etc.; se for menino, será forte, viril, garanhão etc. A conformação dos lugares que cada um ocupa permeia todo esse processo, desdobra-se para as roupas que o bebê veste, a cor do quarto, dos utensílios, dos artefatos, desdobra-se com uma projeção longínqua desse ser no mundo que *deve* atender as expectativas.

Os sujeitos são transitórios, misteriosos e passíveis de reconstruções profundas. Esses sujeitos ao nascerem são encaixados e classificados, são nomeados como vagina (menina) e pênis (menino). Esse modo de classificar os sujeitos dicotomicamente, segundo Louro (2010b), carrega em si um lugar de dominado (mulher) e dominador (homem). Ao desconstruir essa classificação, observo que o poder, tal como Foucault sugere, se exerce em muitas direções.

A nomeação cultural-histórica sobre qual X marcar é clara, mas não é fixa. Os estudos questionam a fixação dos sujeitos em uma única categoria. Essas categorias são apertadas demais para permitir caber a imensidão de cada uma delas. A construção binária é limitante, constrói um debate a partir da diferença das mulheres em relação aos homens, ou seja, acaba por ser a própria diferença no homem. Reforçando o discurso binário, a estrutura patriarcal que está consolidada em narrativas fundantes – legal, biológica, social, médica, filosófica – seria a afirmação da “diferença sexual”, no modo de dizer de De Lauretis, que coloca o homem como o ponto de partida e a quem preciso me comparar para o processo de legitimação e existência. Sabendo da limitação que as categorias por si só já carregam, esta tese se debruça em olhar para a construção de menina-mulher. Olhar para essa categoria na sociedade atual se torna indispensável, para não dizer urgente. Como entende Butler (2008), mesmo questionando essa categoria como um lugar de reforço do patriarcado e uma pretensão de universalidade, entendo que a autora argumenta que ela ainda nos é útil, mas não deve bastar-se em si mesma. As mulheres são plurais, diversas, e nenhuma categoria poderia encerrá-las ou incluí-las de modo universal. A incompletude da categoria “mulher” é indispensável e importante para a sua construção na prática e para a ação e teoria político-feminista.

Temos uma multiplicidade de cenários, subjetividades e possibilidades que a cada dia é refeita e ressignificada. Mas, mesmo diante de uma sociedade que se move, observo que algumas formas de ser-estar acabam por serem repetidas,

reiteradas cotidianamente. Como bem observa Butler, a construção das identidades, subjetividades e gênero como performativo atua por um movimento de reiteração e citacionalidade, fazendo de práticas e modos de vida regras, leis e normas que as mulheres devem seguir à risca para serem aceitas como tais.

Na história da categoria mulher, observa-se que eram invisibilizadas. As mulheres não faziam parte da história, das decisões. À mulher estava reservado atender as tarefas domésticas, o cuidado com as crianças e o marido. Historicamente as mulheres ocupavam o lugar de serem chefiadas por homens. Primeiro pertenciam ao pai, após serem negociadas no casamento, passavam a pertencer aos maridos. Temos na nossa história mulheres que só podiam “trabalhar” com a permissão de seus maridos ou ainda mulheres que não tinham posse sobre os seus salários, pois estes pertenciam a seus donos, os maridos, como observa Woolf (2014).

Depois de muitas lutas, as mulheres conquistaram o direito de trabalhar, votar, de serem donas do seu dinheiro etc. Porém, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, elas começaram a acumular as jornadas – em casa e fora dela. Depois de ocuparem as fábricas e lavouras, começaram a entrar em outros espaços, como escolas, lojas e escritórios, mas continuavam a serem chefiadas por homens durante muito tempo. O cenário ao longo dos anos mudou um pouco: temos mulheres em cargos de chefia, comandando países, escrevendo, produzindo na academia e sendo autônomas e donas das suas próprias vidas, mas, ainda assim, são remuneradas em muitas situações de maneira diferente, mesmo exercendo cargos de igual posição com os homens, apenas por serem mulheres.

Ainda se configura de maneira parecida o acúmulo dos afazeres domésticos e maternos com o trabalho fora de casa. Estudos de diferentes áreas apontam para esse lugar desigual em diversas instâncias – social, jurídica, política, econômica etc. – que continua oprimindo as mulheres, mas, mesmo em um contexto de opressão que atravessa décadas, as mulheres sempre se organizaram e buscaram melhorias e direitos. Nos dias de hoje, as redes de comunicação em muitas situações acabam por favorecer essa conexão entre as mulheres, a exemplo dos movimentos Marcha das Vadias e #meuprimeiroassédio, entre tantos outros que articulam a luta na busca e legitimação de direitos, fazendo das redes *on-line* um espaço de articulação possível e, em grande medida, frutífero.

Esses movimentos, marchas, protestos e embates atuam na construção de subjetividades, identidades que são articuladas através de leituras, lutas, asfalto e

participação ativa coletivo-individual, pois a história de cada mulher importa, as lutas são costuradas através de uma organização horizontal onde a mediação representativa não é o foco, cada mulher carrega sua história, sua narrativa de si, cada história ajuda na construção da trama coletiva, como destacou Hollanda (2018). É a era da insurgência, da valorização da ética.

Desse modo, compreendo que o sujeito fruto desse tempo da narrativa de si constrói-se a partir de vários lugares, mas também diante de processos de reiteração e citacionalidade, como já observado por Butler. A autora quer dizer que os processos reiterados atuam na conformação desses sujeitos (menina-mulher) e a citacionalidade atua na produção de significados em vários contextos. Observo desse modo que tais sujeitos, em específico o produzido pelo discurso de gênero, está em permanente transformação.

O sujeito que vive em sociedade está sendo cotidianamente interpelado por muitos discursos que constroem uma narrativa. De Lauretis em seus estudos observa esses vários discursos vindos de artefatos, dispositivos que são por ela chamados de “tecnologias de gênero”. Os canais de YouTube e as propagandas, por exemplo, se estabeleceriam como tecnologias de gênero que atuam na construção desses sujeitos de maneira contínua, ativa e repetitiva conformando os corpos. É sabido que muito já avançamos na construção de filmes, desenhos e histórias com o olhar para as várias formas de entendimento sobre gênero e sexualidade, mas muito ainda está por fazer. Nesse sentido, entender quem é esse sujeito de gênero inacabado – em específico menina-mulher – que está permanentemente se (re)construindo faz sentido e é pertinente neste tempo.

Olhar para a escola, o espaço escolar formal, é importante. As várias estruturas que a escola já vivenciou falam de uma construção que privilegiava os meninos; as meninas não frequentavam esse espaço. Com o passar dos anos, as meninas conquistaram esse direito e passaram a frequentar as escolas, que eram separadas em unidades para meninas e unidades para meninos e obviamente praticavam currículos diferentes destinados a cada público. Os meninos aprendiam, por exemplo, contas, serralharia e mecânica; as meninas aprendiam bordado, costura, culinária e literatura. As escolas se transformaram em mistas, atendendo aos dois públicos, mas a “separação” curricular ainda persistiu. Hoje a escola baseia-se em um currículo comum que é praticado para todas as crianças. Porém, mesmo com o currículo comum, não fugimos das classificações do que meninas e meninos desempenham

melhor, recaindo por vezes no lugar das ciências exatas para os meninos e das humanidades para as meninas; as atividades de movimento para os meninos e as plásticas para as meninas, por exemplo.

Observar a construção das escolas é importante para entender que esse aparato social marca os corpos das(os) estudantes para sempre. Passar pelos bancos e cadeiras do universo escolar é como receber um selo que fica fixado na pele. Aprende-se a se comportar como menina e menino desde muito cedo. Sabe-se o que falar, quando falar, ou até mesmo se se deve ficar em silêncio e só assentir com a cabeça. A escola ensina cotidianamente que tipo de sujeito é aceito naquele universo. Nesse cenário, ocorre a disseminação de “práticas discursivas contrárias à epistemologia mono-culturalista, versão que cultua uma visão essencialista sobre a identidade dos sujeitos e que está sedimentada nos valores universais do projeto de civilização ocidental, branco, cristão, heterossexual” (CARVALHO, 2015, p. 73). Aos que fogem dessa regra, norma, é reservado um lugar de pouco prestígio. Um lugar de solidão, de angústia e, em muitas situações, de sofrimento por não conseguir pertencer a um espaço que irá ocupar tanto tempo da sua vida. Passar pela escola deixa marcas profundas na formação dos sujeitos.

A escola ensina coisas, dita regras. Essas marcações também aparecem nos dispositivos e artefatos que constroem uma narrativa sobre ser menina e ser menino, sobre ser mulher e ser homem. Os canais de YouTube são operadores desse processo na produção de subjetividades, identidades, pois atuam performativamente. Nos canais de YouTube, aprende-se a ser-estar no mundo, na sociedade, a ver os discursos e práticas que reiteram esse sujeito com determinadas características e formatações.

Nos canais de YouTube, observo que a repetição acaba por produzir efeitos na construção desses sujeitos. Os vídeos de YouTube ficam disponíveis nos canais e a criança-adulto pode acessar aquele lugar diversas vezes, aprendendo, copiando, afirmando aquele modo de ser como uma verdade, quando não passa de uma representação. O recorte que os canais de YouTube apresentam são apenas um fragmento de uma vida, gravado, cortado e editado. Aqueles sujeitos que na tela aparecem tentam a todo custo construir uma narrativa verdadeira, mas sua tentativa é sempre falha, pois, na medida em que me narro, omito uma parte, a parte que não me é agradável. Como Butler (2017b) dialoga, é um processo de falsificação do sujeito.

Nesse processo de falsificação do sujeito, muitas identidades são forjadas. Louro (2010b) argumenta sobre essas múltiplas identidades. Essa construção múltipla não é pela autora percebida como camadas, mas, sim, são posições que moldam a singularidade daquele sujeito. Essas posições em muitos casos podem ser contraditórias, diferentes, mas atuam de um modo ou de outro na construção desses sujeitos. Observo, assim, que a categoria binária, que há muito tempo foi tida com central, não atende mais à pluralidade que hoje vive-se; entendo que os sujeitos se constituem de maneira múltipla, com múltiplas identidades, sem atender a uma ordem unitária, universal; rompe-se, assim, com a visão binária. Mas vale destacar que o rompimento com essa categoria dicotômica constrói também rebatimentos na constituição, afirmação e manutenção da heterossexualidade, tão vigiada por tantos aparatos sociais e tão reafirmada cotidianamente através de muitos artefatos e dispositivos.

Esses dispositivos e artefatos atuam na produção dessa menina-mulher que se apresenta com uma gama infindável de mulheres que não respondem aos padrões socialmente impostos. Proponho-me neste trabalho ao abandono da estrutura binária que tem sua origem em um contexto branco, acadêmico e de classe média, entendendo que essa formatação não dá mais conta desse debate. E passo a atuar em um processo de desconstrução.

Seria através da desconstrução, no dizer de De Lauretis (1994), que também se atua sobre as noções de gênero e de mulher. Entendo que é preciso permanentemente (re)construir esse “quadro teórico” que fala da experiência das mulheres com a diferença; e também é necessário entender a diferença em relação à mulher, assim como a diferença que existe *entre* as mulheres. Essa autora observa que a ideia de “diferença(s) sexual(ais)” conserva em si um pensamento que está entre muitos aspectos firmado na ideia de uma universalidade de ambos os sexos, sendo a mulher percebida em relação ao homem e entendida como universal, tornando o debate difícil no que tange à construção das diferenças *entre* as mulheres e Mulher ou ainda a diferença *nas* mulheres.

Além dessa pretensa universalidade, também vejo a acomodação na estrutura patriarcal, quando se observa, desde os estudos feministas dos anos 1980, uma possibilidade de produção desse sujeito social e subjetivo construído *no* gênero através de vários aparatos, representações culturais, linguagens, ou seja, um sujeito “engendrado”, que é múltiplo e contraditório. Vale destacar que esse entendimento

sobre a categoria mulher, assim como para De Lauretis, para mim também passou a fazer sentido e significar quando a realidade sociocultural foi vivida em meio a lutas feministas, trocas acadêmicas, sociais e políticas com tantas outras mulheres que diante de suas trajetórias e opressões constroem e vivem em gênero.

Na história da teoria feminista, com a crise da representação e o questionamento da categoria “mulheres”, Butler (2008) argumenta e constrói um deslocamento. O argumento de Butler me diz que nem mesmo a classificação no plural daria a essa categoria “mulher” uma organização que incluísse todas as mulheres. O termo em si já herda uma estrutura binária e de organização da busca por classificar os sujeitos e não traz a diversidade de representações e construções subjetivas. As mulheres são mais do que esse termo consegue traduzir. Ele representaria uma limitação e uma reafirmação da estrutura binária. Entendo, então, junto a Butler, que a representação para as feministas só seria realmente possível quando não presumíssemos o sujeito “mulheres” em nenhuma parte.

Entendo que, quando Butler questiona a categoria mulheres, ela está buscando deslocar e construir um diálogo teórico-social que possibilite um olhar crítico diante dessa categoria. A crítica organiza-se em dois pontos: primeiramente uma crítica à descrição da identidade – mulher; e em segundo lugar a representação política – o feminismo. Observando os argumentos em torno da descrição da identidade – mulher, entendo que essa categoria não é universal e muito menos estável. Desde 1980 Butler tece considerações e argumenta sobre a incoerência do movimento feminista em ter como sujeitos do feminismo uma categoria universal, fundada em uma estrutura patriarcal e sexista. Quem seria essa mulher? Quem seria o sujeito do feminismo, para quem ela fala? Quem ela representa? Critica-se, assim, essa pretensão de um sujeito que foi anteriormente engendrado, construído e que clama por representação. Pelo contrário, esse sujeito é construído *na* e *pelo* discurso ao mesmo tempo em que é significado e (re)construído. Ou seja, a categoria que se denomina “mulher” e que é afirmada como sujeito do feminismo está sendo produzida pela estrutura da qual ela pretende se emancipar.

Estaria o gênero, assim, ao trabalhar com a categoria “mulher”, articulando e reforçando uma categorização excludente. Nesse sentido, tendo o entendimento de poder tal como Foucault articula, vejo que o sujeito é produzido por relações de poder partindo de exclusões e diferenciações que se materializam através de aparatos de repressão – mas não se findam em si mesmos, ou seja, são mutáveis. Sendo o sujeito

mutável, passível de transformação, o mesmo se estabeleceria para o sujeito do feminismo – mulher, que não precisa (nem deve) ser fechado e acabado.

Desse modo, Butler propõe que não se busque um modo de classificar as mulheres universalmente, já que essa universalidade só reforça a construção patriarcal e a repressão, compreendo que devemos entender que a construção da categoria “mulher” deve permanecer em aberto, inacabada, em permanente processo, ou seja, o termo mulher não precisa findar-se em si mesmo, ter uma unidade, abarcar o universal, para então ser completo. Pelo contrário, compreendo que o quanto mais incompleto ele for, mais perfurado, irregular, mais ele terá a chance de abarcar uma grande variedade de mulheres e com elas dialogar e construir. Esse modo de entender a produção dessa categoria mostra que as identidades são refeitas e (re)construídas a cada momento, situação, ação e cenário político.

Entendo as nuances que perpassam a produção do sujeito e o quanto o movimento de interpelação articula essas construções. E adentro os estudos sobre essa noção de maneira mais sistemática na subseção seguinte.

3.3.1 Vídeo: A produção do sujeito e o movimento de interpelação

[...] qualquer esforço de “fazer um relato de si mesmo” terá de fracassar para que chegue perto de ser verdade. Quando pedimos para conhecer o outro, ou até mesmo pedimos que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar nunca uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar (BUTLER, 2017b, p.61).

Pensando que a construção dos sujeitos excede sua existência e se configura em um mesmo sujeito de várias maneiras, farei o movimento de me debruçar sobre a constituição desse sujeito que relata a si mesmo e que a cada relato descobre-se outro. Partirei dos estudos de Butler (2017b), com influência dos estudos do filósofo francês Michel Foucault quando ele estuda sobre as técnicas de si e governo. Nesse campo irei procurar elementos para compreender quem é esse sujeito de modo amplo e quem é de modo específico esse sujeito YouTube – as(os) *youtubers*. Não busco um sujeito encerrado, busco entender esses sujeitos pluralmente, considerando que são frutos de um recorte histórico-cultural.

Butler (2017b) em seus estudos convida a olhar para a constituição do sujeito de maneira singular. O processo de me conhecer, saber entender meus limites e possibilidades pode chegar a me *dar* a possibilidade de refletir sobre como os outros podem me acessar. A autora faz pensar que ter capacidade de “afirmar o que é contingente e incoerente em nós mesmos pode permitir que afirmemos outros que podem ou não podem ‘espelhar’ nossa própria constituição” (BUTLER, 2017b, p. 59). Compreendo que há uma ética que tem por base uma cegueira comum, invariável e parcial em relação a nós mesmos.

Ao me reconhecer diferente nas várias narrativas que faço de mim mesma, poderia implicar, por sua vez, que tivéssemos certa paciência com os outros, podendo suspender a exigência de que esse outro precise se mostrar idêntico a todo o momento. Butler sugere que façamos a suspensão de uma identidade pessoal, com uma coerência completa. No lugar de cotidianamente preocuparmo-nos em mantê-la ferozmente, trabalharíamos para desorientá-la. Essa possibilidade “parece contrariar certa violência ética, que exige que manifestemos e sustentemos nossa identidade pessoal o tempo todo e requer que os outros façam o mesmo” (BUTLER, 2017b, p. 60).

Butler (2017b, p. 60), pensando sobre esse entendimento, indaga: “Pode surgir um novo sentido de ética desse inevitável fracasso ético?” A autora mostra que sim: novos sentidos seriam resultado da capacidade em reconhecer os limites que existem no próprio reconhecimento. Essa constatação me faz observar de forma mais simples que não posso dar conta de tudo, logo os outros também não podem dar. Os sujeitos não estão prontos para dar conta de tudo. Eu também não estou e nunca estarei pronta. Esse reconhecimento me faz construir uma atitude generosa e humilde comigo mesma. Nas palavras da autora, “terei de ser perdoado por aquilo que não posso conhecer totalmente e terei obrigação semelhante de perdoar os outros” (BUTLER, 2017b, p.61), porque esse outro também é constituído por uma sombra em relação a si mesmo.

Observa-se, assim, que os esforços de “fazer um relato de si mesmo” terão de fracassar para só então chegarem perto de ser verdade. Na estrutura de interpelação, quando peço para conhecer o outro, ou até mesmo quando peço que o outro diga finalmente *quem é*, devo não esperar a resposta para mim satisfatória, aquela que quero ouvir. O fato de não buscar me satisfazer pode ser mais gratificante, ou seja, ao não buscar a satisfação, faço um movimento de abertura, deixo que a questão

perdure, como disse a autora, “deixamos o outro viver”, deixo que exceda, entendo que a vida é entendida também por aquilo que transborda, aquilo que não posso relatar.

Trata-se de compreender que essa satisfação, da resposta esperada, acaba por ser “o próprio meio pelo qual se cede do desejo, o meio pelo qual o sujeito se volta contra ele, providenciando sua morte rápida” (BUTLER, 2017b, p. 62). Ao se satisfazer com respostas prontas, como dito por Butler, o sujeito deixa de criar suas próprias formas de funcionamento, aceitando aquelas que lhe foram apresentadas como “únicas”.

O desejo de ser, de persistir no próprio ser, é satisfeito através do desejo de ser reconhecido. Ser reconhecido é para o sujeito uma máxima, pois perpassa pelo outro, que também o reconhece, também o legitima. Mas, se o reconhecimento nessa estrutura de funcionamento atua para prender o desejo, posso pensar, ao modo de dizer de Butler: o que aconteceu de fato com o desejo de ser e persistir no próprio ser?

Seria importante que a filosofia ética considerasse a necessidade de uma teoria do reconhecimento para explicar o desejo de reconhecimento que é latente nos seres humanos. Lembrando que o desejo atua estabelecendo os limites e as condições que irão operar no reconhecimento em si. Butler destaca que o desejo de persistir comprova o reconhecimento, de modo que as várias formas de reconhecimento ou juízo que têm o objetivo de destruir esse desejo, o desejo pela própria vida, minam a precondição do reconhecimento. Por assim dizer, observo que o surgimento e consolidação desses modos de vida do YouTube atestam essa necessidade de reconhecimento que vem, na sociedade atual, através de *likes*, *dislikes*, seguidores, inscritos e visualizações, formas de se manter existindo e sendo “re-conhecido”.

Entendo que a redução do reconhecimento à formulação e à emissão de juízo sobre os outros não é pertinente. O reconhecimento é mais amplo, significativo e complexo, e requer um esforço voluntário para o seu feito. Ao tentar apreender o outro, reconhecer o outro, por vezes, faço um processo de suspensão do juízo. Em muitas situações, para reconhecer o outro, seguimos a ideia de juízos de culpa ou inocência para nesses marcadores resumir a vida do outro. Nesse momento se confunde a postura ética com o julgamento.

Sobre essa estrutura de julgamento, a moral, o juízo moral, a autora questiona: “Ainda é possível fazer a pergunta ‘Qual o valor do juízo moral?’ Podemos fazê-la de

uma maneira que lembre a pergunta de Nietzsche: ‘Qual o *valor* da moral?’” (BUTLER, 2017b, p. 64). Ao se observar a cena do julgamento, vejo que a pessoa que julga se diferencia da pessoa julgada, ou seja, quando se julga as pessoas por elas serem quem são, nesse momento se estabelece de todo modo uma distância moral clara entre quem julga e quem é julgado. O *sujeito* YouTube seria a pessoa julgada, analisada, posta em questão pelos seus seguidores que ao mesmo tempo o legitimam.

Por base não se deveria julgar o outro, visto que tal ato é inquisitório, egoísta e limitado a minha própria capacidade – que é limitada, preconceituosa, fruto de um tempo e de um lugar etc. –, não me permitindo julgar e ter um juízo de valor nesse julgamento que seja apropriado a uma gama muito ampla de sujeitos. Do ponto de vista jurídico, político etc. esses juízos são realmente indispensáveis, mas nem todas as relações são redutíveis a atos de juízo. A capacidade de julgar implica em uma relação prévia entre ambas as partes, o julgador e o julgado, ou seja, uma relação entre o telespectador e o sujeito YouTube, ou ainda sobre o interagente e o receptor da interação. Vale ressaltar que o juízo, apesar de sua importância, pode não ser considerado uma teoria do reconhecimento; com efeito, posso julgar esse outro sem reconhecê-lo integralmente. Mas de alguma maneira a pergunta “Quem és?” será feita.

É importante lembrar que o ato de julgar o outro também seria um modo de interpelação. O público, telespectador, é interpelado e interpela os sujeitos que constroem suas narrativas e cenas nos canais de YouTube. Sou invadida, interpelada, e nesse movimento posso, em certa instância, julgar ou até mesmo condenar, tendo um valor ético do juízo. A condenação seria uma forma de não reconhecimento – torno o outro irreconhecível. Entretanto, ainda que o reconhecimento de si seja um tanto limitado, este não seria um motivo para rechaçá-lo como projeto. Esse processo de reconhecer que sou limitada é, por assim dizer, conhecer algo de mim mesma, mesmo que esse conhecimento seja afetado pela limitação que conheço. A condenação acaba por ser um ato que não só “abandona” o condenado, mas também procura infligir nele uma violência em nome da “ética” para que o juízo atue nas futuras deliberações autorreflexivas do sujeito que teria a chance de agir de maneira diferente no futuro, como observa Butler (2017b).

É entendido que “não sobreviveremos sem sermos interpelados”. Se não sobreviveremos sem sermos interpelados, observamos que essa interpelação é

construtora de um modo de ser-estar como sujeitos que precisam ser interpelados para existir. Questiona-se: “é possível fazer um relato de si mesmo?” (BUTLER, 2017b, p.69). Faço um relato de mim mesmo para o outro, que é exterior, e cada relato dado acontece em uma cena de interpelação. Ou seja,

o valor ético da situação, desse modo, não se restringe à questão sobre se o relato que dou de mim mesma é ou não adequado, mas refere-se à questão de que, se ao fazer um relato de mim mesma, estabeleço ou não uma relação com aquele a quem se dirige meu relato, e se as duas partes da interlocução se sustentam e se alteram pela cena de interpelação. (BUTLER, 2017b, p. 70).

Como acontece nos canais de YouTube, os *youtubers* constroem sua narrativa com base na interpelação, nos sujeitos receptores da interação. Através de um perfil de sujeitos estabelecido, os canais produzem conteúdo adequado dentro de um determinado assunto, sendo essa interlocução sustentada ou alterada através da resposta dada nos comentários, *likes*, engajamentos etc. Caso o sujeito que busca interpelar não se sinta contemplado, irá buscar entender a causa de tal evento, procurando, assim, uma cena de interpelação mais satisfatória a seus objetivos.

O “tu” na maioria das vezes é uma estrutura padronizada de interpelação. Na transferência frequentemente a função da fala é transmitir informações, de modo a ser condutora de um desejo que busca alterar/agir sobre a própria cena interlocutória. A transferência, portanto, seria a recriação de uma racionalidade primária no espaço analítico. Essa recriação suscita potencialmente uma nova relação e a sua capacidade para se relacionar, baseada no trabalho analítico.

O “eu” é narrado, posto e articulado na cena de interpelação. A produção do discurso pode perturba os objetivos intencionais da fala. Entendo o “tu” nesse sentido como variável e imaginário, mas ao mesmo tempo é também delimitado, resistente e de uma presença determinada. O “eu” narra uma história para “ti”, e depois da história contada, consideramos os detalhes. Os detalhes são compartilhados no contexto de uma transferência, e ao contar estou fazendo algo com o que conto, agindo sobre o outro de várias maneiras. Ao contar também acontece algo comigo. Desse modo eu posso não entender nada enquanto conto minha história. O “eu” seria o sujeito YouTube e o “tu” seria o sujeito telespectador.

Narrar-se é um modo de contar a história, “na medida em que o ‘eu’ concorda, desde o início, em narrar a si mesmo por meio dessas normas, ele concorda em

circular sua narrativa por uma exterioridade e assim desorientar-se na narração através de modos de fala cuja natureza é impessoal” (BUTLER, 2017b, p. 73). Tal movimento do “eu” que concorda em fazer sua narrativa circular seria o sujeito YouTube, que cria uma narrativa e a divulga em seu espaço midiático, transformando-a em “espetáculo”, vendável, consumível – adquirindo, assim, um *status* de verdade. Entretanto é importante destacar que para tal narrativa acontecer ela depende de uma estrutura de interpelação. Porque, se dou um relato de mim mesma e faço esse relato diante de ti, minha narrativa para existir depende dessa estrutura de interpelação dada. Depende do outro que me interpela, do outro que existe perante mim para ser o “tu”. Nesse “jogo”, as várias possibilidades da ação linguística derivam-se da situação de sermos interpelados por uma linguagem que não escolhemos. Butler “conclui”, e a corroboro, que ao que parece estamos na vulnerabilidade de sermos interpelados, de uma maneira ou de outra.

Nesse contexto, a transferência é a cena de interpelação, porém tal cena é carregada de emoções, constituída também pelo outro que por vezes é também opressor. Nesse primeiro olhar, as impressões não são exclusivamente *recebidas* pelo Eu, mas o constituem. O Eu para existir vem de um encontro prévio, que deixam marcas formadas por um conjunto de impressões inaugurais oriundas de outro lugar. O Eu é constituído e está presente desde o início da vida. Compreendo, que o Eu antecede a chegada do sujeito, logo o processo que busca elaborar a diferença do outro ainda não foi pronunciado na fala, sendo nesta instância capaz ainda de uma “autodeliberação reflexiva”; e o Eu seria um conjunto de relações e processos.

Narrar-se tem importância, seja em caráter parcial ou temporário. Ninguém poderia viver em um mundo radicalmente não narrável ou ainda sobreviver a uma vida radicalmente não narrável, tendo a narração uma relação favorável à sobrevivência. De modo geral ninguém sobrevive sem ser interpelado; conto a minha própria história na medida em que sou compelida a tal; e porque me são oferecidas outras tantas histórias.

Só após ter o encontro com a linguagem e ser produzida uma rede de relações, tecida também pela afetividade, atinge-se de alguma forma a articulação. Adentro esse ambiente comunicativo quando criança. Nesse espaço sou interpelada e apreendo determinadas maneiras de interpelar de volta. Encontro padrões preestabelecidos dessa relacionalidade que surgem como uma sombra em todo relato que dou de mim mesma. Ao dirigir o relato a alguém, ele acaba por se posicionar em

uma dimensão retórica que não é redutível a uma função narrativa. Presume-se esse alguém e busca-se recrutá-lo e assim agir sobre ele. Entretanto, quando esses relatos extrapolam as salas, casas, famílias e ganham o “mundo” via da internet, da rede discursiva *on-line*, temos que estar atentas(os), tendo em vista que cada vez mais cedo as crianças estão sendo “convidadas” para assumir, diante dessa maquinaria – mídia, uma posição de sujeito detentor de uma identidade mais delineada e consistente quando estão em pleno pulsar de descobertas e inconstâncias. Trata-se de “ter acesso” a essas identidades que por vezes se apresentam de maneira excludente e reprodutora de determinadas visões que não são acessíveis a todos os sujeitos.

Ao começar a fazer um relato de mim mesma, algo acontece na linguagem. Meu relato é invariavelmente incompleto. Sustentar que uma pessoa deve, obrigatoriamente, fazer o relato de si mesma usando a narrativa pode ser comparado à falsificação da vida em questão, na busca de satisfazer o critério de determinado tipo de ética, destacando que é exatamente a ética que pode vir a romper com a relacionalidade. Quando convoco alguém a fazer um relato de si mesmo, a narrar-se, tecendo uma coerente autobiografia, estou ouvindo, no modo de dizer de Butler uma narração provisória – uma *verdade da pessoa*. Seria uma verdade que poderia se tornar mais clara nos momentos de obstrução e imprecisão, por exemplo, ou ainda nas articulações enigmáticas que não se traduzem facilmente em forma narrativa.

A transferência seria desse modo compreendida *como* prática ética, segundo Butler (2017b). Se em nome da ética, em um ato de violência, exijo que o outro se narre, levo-o a cometer um ato violento consigo próprio, fazendo esse ato diante de nós através de um relato narrativo ou ainda de uma confissão. E se nessa cena permito a interrupção, estou de algum modo legitimando uma prática de não violência. Violência seria um ato através do qual “um sujeito busca restabelecer o próprio controle e a própria unidade” (BUTLER, 2017b, p. 87). Mas intrinsecamente estou envolvida com o relato dos outros, não existindo uma narrativa plena. Vejo então que existe uma angústia do que não é possível ser narrado, através da linguagem. Na existência de um começo não narrável, mora o medo de que a falta de narrativa represente uma ameaça à vida, ou até mesmo a certeza de um tipo de morte. A morte de um sujeito que deve aceitar que não pode e nunca poderá reaver de todo o seu próprio surgimento, as condições desse surgimento. Ou seja, essa morte, se realmente o for, seria apenas a morte de certo tipo de sujeito –esse sujeito que

inicialmente nunca foi possível. Seria como entender a morte de uma fantasia do domínio impossível, sendo então uma perda daquilo que nunca se teve. Seria essa uma aflição necessária que todo sujeito vive e da qual não teria como escapar.

Esse sujeito, que é incompleto, muitas vezes inenarrável, está a todo tempo se “re-construindo” a partir de limitações e revoluções. As mulheres, especificamente, compreendidas como sujeitos incompletos e perfurados, não tendo a pretensão de serem classificadas ou categorizadas, estão em constante diálogo com a sociedade, procurando deslocar e desconstruir conceitos e visões que são socialmente legitimados. Esse tensionamento busca construir sujeitos que possam olhar e refazer o caminho de maneira mais plural coletivamente e individualmente.

Observo em seguida o canal quatro, onde apresento o caminho metodológico percorrido, assim como o modelo analítico.



**4 CANAL IV:
CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE A
ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE CULTURAL**

Fiz a opção por um modelo analítico no qual busco inspiração nas práticas analíticas foucaultianas, em seus estudos arqueológicos, nos estudos sobre performatividade e gênero e nos estudos associados à análise cultural. As noções de discurso, performatividade, representação e identidade de gênero orientam o modelo analítico proposto na tese.

4.1 O DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT

O modelo analítico adotado nesta tese busca a noção de discurso desenvolvida por Foucault (2014) em seu clássico *Arqueologia do Saber*, onde desenvolve uma fértil teorização no campo da análise do discurso. O discurso em Foucault remete a um conjunto de enunciados que se apoia em uma mesma formação discursiva sem uma unidade retórica e é constituído por um número limitado de enunciados (FOUCAULT, 2014, p. 132-133). Essa noção implica em compreender o discurso que se relaciona com práticas que não apenas nomeiam os objetos, mas principalmente os produzem. Para Silva (2010), os discursos fazem algo mais além de nomear; eles criam, designam, inventam.

É nessa lógica de funcionamento que Foucault diz que a tarefa não consiste mais em discutir os discursos como conjuntos de significados; eles se constituem como elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações. Esse discurso teorizado por Foucault, “não se limita a nomear coisas que já estejam ‘ali’; além de nomear, ele cria coisas: outro tipo de coisas é verdade” (SILVA, 2010, p. 43). Ou seja, Foucault não nega aos signos sua função de designação.

Do ponto de vista da análise, recorro, para além da noção de discurso, a elementos da análise foucaultiana, desde a noção de interdiscurso, no sentido de que os discursos estão em rede, considerando que cada discurso está relacionado com outros discursos, e nesse sentido a sua unidade é relativa. A essa noção associo as noções de *coexistência discursiva*, *campo de concomitância* e *domínio da memória*.

Ao tratar da noção de *coexistência*, Foucault (2014, p. 68) quer dizer que um campo enunciativo integra formas de coexistência dentro do seu próprio campo. Essas formas de coexistência esboçam um campo de presença, ou seja, “todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de

pressuposto necessário” também são criticados, discutidos e julgados – e até mesmo rejeitados ou excluídos.

Outro conceito útil para minha análise é *campo de concomitância*, que remete a enunciados de domínios de objetos inteiramente diferentes, “tipos de discursos totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados” (FOUCAULT, 2014, p. 69), afirmando-se “seja porque valem como conformação analógica, seja porque valem como princípio geral e como premissas aceitas para um raciocínio, ou porque valem como modelos que podemos transferir a outros conteúdos” (FOUCAULT, 2014, p. 69). Podem se estabelecer ainda porque têm a função de um tipo de instância superior com a qual se confronta e submetem-se a algumas proposições que são afirmadas.

Um “último” conceito de campo enunciativo, o *domínio de memória*:

trata-se dos enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica. (FOUCAULT, 2014, p. 69).

No Esquema 1 abaixo, apresento uma síntese dos conceitos que são importantes como base para a análise dos canais de YouTube selecionados.

Esquema 2 – Análise do Discurso



Fonte: elaboração própria com base em Foucault (2014).

Vejo, então, que o que Foucault (2014, p. 71) gostaria de mostrar é que a descrição de sistemas semelhantes não valeria por uma descrição direta/imediata dos próprios conceitos. O autor diz:

não se trata de fazer seu levantamento exaustivo, de estabelecer os traços que podem ter em comum, de tentar classificá-los, de medir-lhes a coerência interna ou testar sua compatibilidade mútua; não se toma como objeto de análise a arquitetura conceitual de um texto isolado, de uma obra individual ou de uma ciência em um dado momento. (FOUCAULT, 2014, p. 71).

Neste contexto, coloco-me, assim como Foucault, na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto e procuro “determinar segundo que esquemas (de seriação, de agrupamentos simultâneos, de modificação linear ou recíproca) os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 71). Pode-se, assim, tentar estabelecer como esses elementos que são “recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas

lógicas” (FOUCAULT, 2014, p. 71), adquirindo novos conteúdos linguísticos e constituindo entre si organizações parciais.

Através desses esquemas, Foucault permite-se descrever, além das leis de construção interna dos conceitos, uma forma de dispersão anônima construída através de textos e livros, entre outros, sendo tal dispersão característica de “um tipo de discurso e que define, entre os conceitos, formas de dedução, de derivação, de coerência, e também de incompatibilidade, de entrecruzamento, de substituição, de exclusão, de alteração recíproca, de deslocamento etc.” (FOUCAULT, 2014, p. 71).

Assim vejo que, para fazer a análise dos vários tipos de formação enunciativa, não é necessário relacioná-los ao sujeito cognoscente, tampouco à individualidade psicológica. E para a análise da formação dos conceitos, não é necessário relacioná-los nem à *idealidade* nem ao curso empírico das *ideias*, no modo de dizer de Foucault.

Fui buscar, no modo de tratar o processo de formação das modalidades enunciativas, um aspecto complementar para posterior análise, tendo sua construção alguns elementos-chave: *status de quem fala* (os *youtubers*, os influenciadores digitais, a mãe, a criança, o professor, entre outros, cada um ocupando uma posição na rede discursiva), *lugares institucionais* (a universidade, a plataforma YouTube com os canais, as empresas que fazem e comercializam filmes, artefatos, as propagandas etc.) e *posição do sujeito* (pode-se nessas situações perceptivas juntar as posições que o sujeito pode ocupar e exercer para atuar na rede das informações).

4.2 A ANÁLISE CULTURAL

Os Estudos Culturais têm como característica não querer ser um campo construído de maneira homogênea e disciplinar. Os Estudos Culturais também não são apenas interdisciplinares; só não apresentam um movimento de conforto em relação à estrutura mais formal, como a organização disciplinar. Além desse caráter “não-disciplinar – ou talvez, pós-disciplinar –, o campo dos Estudos Culturais passou, ao longo dos seus mais de trinta anos de existência, por diferentes influências epistemológicas e políticas: socialismo, marxismo, estruturalismo, pós-estruturalismo, etc.” (VEIGA-NETO, 2004, p. 39).

Olhando metodologicamente, os Estudos Culturais se apresentariam em duas tendências: uma mais voltada à etnografia, com estudos das populações urbanas e dos grupos minoritários, e outra focada em análises chamadas de textuais, que

envolvem mais o estudo da comunicação de massa, da literatura produzida por e para as classes populares, assim como o interesse por questões de raça, etnia e gênero, entre outras vertentes.

Os Estudos Culturais têm como uma de suas características a capacidade de tecer análises, “examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder” (VEIGA-NETO, 2004, p. 40), sabendo que a cultura está imbrincada de maneira profunda com relações de poder, derivando das relações de poder o que é significativo e relevante culturalmente para cada grupo e povo.

Para os Estudos Culturais, é fundamental

uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido em dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder. (VEIGA-NETO, 2004, p. 40).

Os Estudos Culturais fazem uma articulação com Foucault, ao colocar o poder em um lugar de destaque, ocupando o centro das significações e identidades culturais. Observe-se que uma aproximação entre o pensamento de “Michel Foucault e os Estudos Culturais pode contribuir para descrevermos e compreendermos melhor nosso mundo de hoje” (VEIGA-NETO, 2004, p. 52).

Não interessa fazer uma história do pensamento europeu e de seus desdobramentos universalizantes. “Isso é importante, mas os arquitetos da modernidade – brancos, machos, eurocêntricos, colonialistas, burgueses, eventualmente cristãos (ou de formação cristã), ilustrados etc.” (VEIGA-NETO, 2004, p. 52-53) – atuam para a construção desse sujeito, dessa história, impondo um modelo de sujeito, necessário e universal, que é entendido como “normal”. Nesse ponto, encontro as questões centrais dos Estudos Culturais, “estabelecendo sólidos avanços na compreensão dos novos jogos de poder pelos quais estamos, ao que tudo indica, sendo cada vez mais governados” (VEIGA-NETO, 2004, p. 53).

Importante observar que centrar as análises nos fenômenos culturais não implica a redução de tudo à cultura; significa, pelo contrário, assumir que a cultura é um elemento importante e que se estabelece como dimensão fundamental de toda prática social, tendo toda prática social um caráter discursivo. É interessante entender que a análise cultural não busca causas, respostas fechadas, o que permite uma

análise muito mais interessante. Grande parte delas, segundo Nelson, Treicher e Grossberg (2013), tem privilegiado os temas gênero, identidade nacional, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, instituições culturais, política da identidade, pedagogia cultural, entre outras temáticas.

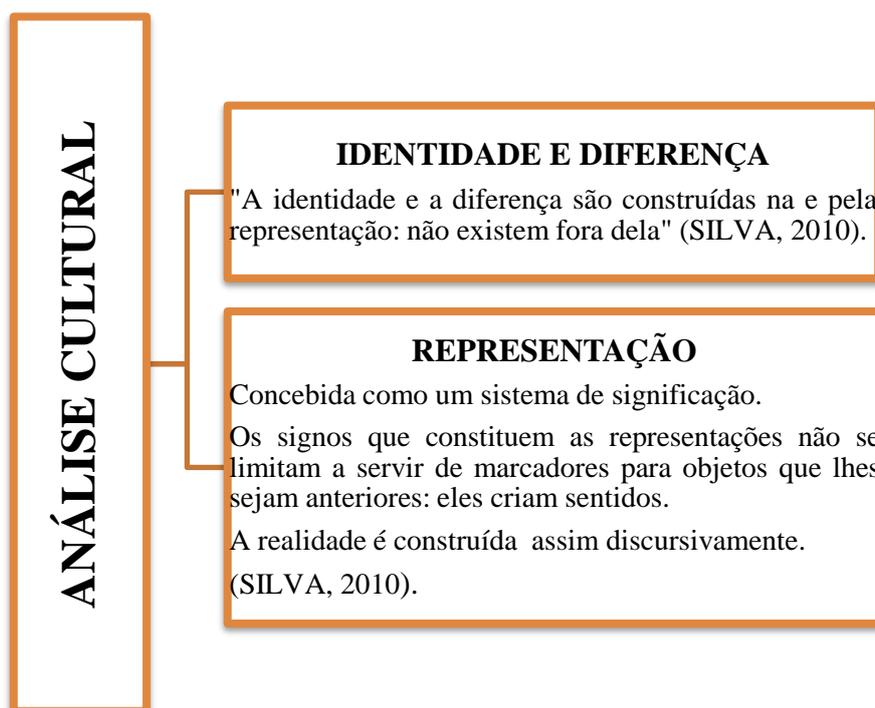
Na análise cultural, as noções de cultura, representação, identidade e performatividade são conceitos caros. Há uma noção específica de cultura, que nesta tese está na base desse tipo de análise, e é entendida através dos estudos de Williams. Cultura é compreendida como um “*sistema de significação* mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 13). Quanto ao conceito de representação na análise cultural, é interessante entender que tem estreita ligação com as investigações de Michel Foucault, mais diretamente com sua formulação do conceito de discurso, quando associa a este o conceito de poder. Nesse sentido, observa Silva (2010, p. 44): “As representações culturais não são simplesmente construídas de signos que expressam aquelas coisas que supostamente ‘representam’”. Para esse autor, “os signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural não se limitam a servir de marcadores para objetos que lhes sejam anteriores: eles criam sentidos” (SILVA, 2010, p. 44).

A identidade, de acordo com Silva (2010, p. 46-47), acaba por se constituir “na e pela representação”, não existindo fora dela – é justamente nessa intersecção entre “representação e identidade que podemos localizar o caráter ativo de ambas”. Essa relação atua de forma permanente na construção dos sujeitos em todos os espaços, como na escola, na internet, nos canais de YouTube e em outras plataformas digitais.

A noção de performatividade nos Estudos Culturais também tem grande importância. Para Butler (1993, p. 93), a performatividade “não é um jogo livre nem uma auto-apresentação teatral; não pode também ser igualada à *performance*”. É uma noção que desarticula a atenção dada à identidade como descrição, ou seja, como aquilo que é, “uma ênfase que é de certa forma, mantida pelo conceito de representação, para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação” (SILVA, 2014, p.92).

O Esquema 2 apresenta uma síntese de dois conceitos-chave para a análise dos canais de YouTube.

Esquema 3 – Análise Cultural



Fonte: elaboração própria com base em Silva (2010).

De modo geral, Wortmann (2007) nos mostra que todos esses estudos têm conjuntamente a finalidade de demarcar a multiplicidade de discursos que se articulam na produção cultural da natureza/ambiente e do corpo, bem como das práticas que os configuram e dos modos que se instituem para com eles lidar. Há, contudo, a necessidade de se observar que, no campo dos Estudos Culturais e nas análises culturais, a noção de luta cultural permite uma abordagem de relações pautadas por confrontos, conflitos e oposições intrínsecas aos discursos, no caso, aos discursos de gênero, sobre os quais proponho me debruçar nesta tese.

A necessidade de uma análise do discurso midiático fica demonstrada no poderoso papel que a mídia está, de forma crescente, assumindo na produção de imagens e textos. Muitas vezes através da “rubrica da diversão e do entretenimento e da fuga, estão sendo produzidas esferas públicas massivas, que são consideradas como demasiadamente ‘inocentes’ para merecer uma análise política” (GIROUX, 2013, p. 133). O mesmo pode ser dito sobre a plataforma YouTube, através dos influenciadores digitais conhecidos como *youtubers*. Elas(es) estão a cada dia ganhando mais espaço e visibilidade, atuando na construção de identidades e imprimindo representações de sujeitos que atendem em muitos casos a uma demanda

social formal, padronizada e pouco plural. Tem-se, desta forma, segundo Wortmann (2007, p. 87), apenas a intenção de praticar o que “Estudos Culturais nos autorizam – situarmo-nos ‘nas margens’, viajando no espaço intermediário no qual os limites delimitam, privilegiam ou deslocam um espaço ou uma prática em relação à outra”, na qual as possibilidades de caminhos são diversas.

Na seção seguinte, apresento meu arquivo de pesquisa, canais de YouTube que serão analisados nesta tese a partir do quadro teórico-metodológico apresentado.

4.3 PLAYLIST: YOUTUBERS ARQUIVO DA PESQUISA

No percurso da pesquisa, chegar a uma seleção de canais de YouTube como um sistema de discursividade se constituiu como um trabalho meticuloso que envolveu visualizar, categorizar e construir espaços de diálogo. Um vasto leque de possibilidades se abre. Esses espaços midiáticos, os canais de YouTube e suas (seus) *youtubers*, estão ganhando outra conotação, demarcando territórios, com uma urgência sem tamanho por novos discursos, novos olhares, procurando cada vez mais estreitar os laços, ir além das suas experiências e ganhar espaço de estudo e vivências.

Nesta tese, o material empírico é entendido do ponto de vista de um *arquivo*. O arquivo em Foucault remete a um sistema de discursividade, ou seja, a um

[...] conjunto dos discursos efetivamente pronunciados. Esse conjunto é considerado não apenas como um conjunto de acontecimentos que tiveram lugar uma vez por todas e ficaram em suspenso [...] mas também como um conjunto que continua funcionando, se transforma, através da história, da possibilidade de aparecer de outros discursos. (CASTRO, 2016, p. 43).

Inicialmente o olhar sobre os canais de YouTube se deu de forma intuitiva e arbitrária, aqui no sentido dado por Barthes (2006), ou seja, o arquivo é compreendido tal como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade e com a qual ele irá trabalhar” (BARTHES, 2006, p. 104). Nesse ponto de vista, procedi com a seleção de canais considerando dois aspectos: o primeiro se refere ao debate que está posto na rede discursiva social que disponibiliza enunciados sobre ser mulher (discurso religioso, discurso estético voltado para o consumo e discurso feminista); o segundo concerne à homogeneidade

possível, incluída em sua temporalidade (BARTHES, 2006) e na regularidade discursiva (FOUCAULT, 2014), tratando-se tanto das homogeneidades discursivas quanto das oposições intrínsecas.

A associação dos dois pontos de vista explicita como a homogeneidade desejada pela regularidade discursiva na prática de seleção dos canais e sua análise indicam de imediato o fato de que o seu conteúdo apresentará heterogeneidade em aspectos simples como o público ao qual se dirige (adulto ou infantojuvenil) e nos enunciados em si na rede discursiva à qual estão associados.

Em sua incompletude, esse *corpus* não pretende abarcar todos os enunciados pronunciados. O *corpus* eleito permite uma análise meticulosa, tal qual observa Barthes (2006, p. 105), “isto é, dar à sua própria heterogeneidade uma interpretação estrutural; em seguida, homogeneidade da temporalidade”.

Os dois aspectos mencionados ajudaram a localizar e selecionar os canais de YouTube que compõem o *corpus* da pesquisa. Sob essa inspiração, agreguei aspectos outros como quantidade de visualizações dos vídeos e focalização nas faixas etárias adulta e infantojuvenil. Elegi cinco canais de YouTube nesta tese: três canais dirigidos a pessoas adultas (Ana Lu Masi, Fabiola Melo e JoutJout, Prazer) e dois canais infantojuvenis (Planeta das Gêmeas e Juliana Baltar).

Cada canal foi criado na plataforma YouTube em uma data específica, podendo ser gerido por apenas uma pessoa ou um grupo de profissionais que se organizam para alimentar aquela plataforma. Os canais expressam o seu alcance através do acúmulo de inscritos, passando a fazer parte “formalmente” da plataforma. O alcance dos vídeos é medido através das visualizações em cada publicação.

É preciso ressaltar que a inclusão de canais dirigidos à infância se justifica por haver um direcionamento das mídias para, com sua produtividade, atuarem na construção corporativa da infância, como revelam os estudos de Giroux (2013) sobre os produtos da Disney, os estudos recentes de Ignácio (2015) sobre consumo e de Belarmino (2012) sobre filmes infantis.

Com efeito, o universo infantil, envolvido em amplos e complexos terrenos discursivos, está permeado de tramas discursivas que funcionam como armadilhas sedutoras cotidianas, que atingem as crianças sem que muitas vezes elas percebam, como é o caso dos textos midiáticos. As mídias, nesse contexto, revelam-se como um vasto campo de pesquisa, pois operam dentro e fora da escola, uma vez que os aparelhos eletrônicos com seus vídeos e compartilhamentos estão cada vez mais

fazendo parte do currículo praticado na sala de aula, através, por exemplo, da utilização de canais de YouTube em sala de aula para exemplificar conteúdos.

Apresento a seguir a síntese dos canais de YouTube selecionados, nos Quadros 2 e 3, respectivamente.

Quadro 2: Fichas técnicas – Canais Adultos

Canal	Fabiola Melo	Ana Lu Masi – Lookbebe	JoutJout Prazer
			
Categoria	Adulto – Evangélico	Adulto – Life style	Adulto – Feminista
Inscritos	Mais de 1,94 milhão	Mais 50,7 mil	Mais de 2,39 milhões
Criado em	5 maio de 2011	18 de janeiro de 2010	12 de maio de 2014
Protagonizado por	Fabiola Melo	Ana Luiza Masi	Júlia Tolezano
Idade	27 anos	34 anos	28 anos
Naturalidade e cidade de residência	Natural do Ceará, atualmente mora em São Paulo	Natural de Minas Gerais, atualmente mora em Campinas, São Paulo	Natural do Niterói, Rio de Janeiro, atualmente mora em São Paulo
Número de visualizações	Mais de 140 mil	Mais de 5 mil	Mais de 290 milhões
Conteúdo	Vida cristã, pregações, tutoriais para mulheres, palestras...	Maternidade, saúde, dia a dia, bem-estar...	Jornalista, com Livro premiado (“Tá todo mundo mal”)
Conteúdo associado	Instagram: @fabiolameloooficial	Blog: analumasi.com.br Instagram: @analumasi	Instagram: @joutjout

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3: Fichas técnicas – Canais Infantojuvenis

Canal	Planeta das Gêmeas	Juliana Baltar
		
Categoria	Infantojuvenil	Infantojuvenil
Inscritos	13,4 milhões (está entre as <i>youtubers</i> infantojuvenis mais assistidas)	10,9 milhões (está entre as <i>youtubers</i> infantojuvenis mais assistidas)
Criado em	20 novembro de 2015	9 maio de 2010
Protagonizado por	Irmãs gêmeas Nicole e Melissa	Juliana Baltar
Idade	12 anos	12 anos
Naturalidade e cidade de residência	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Número de visualizações	Mais de 3 bilhões	Mais de 2 bilhões
Monitoramento:	Mãe	Mãe
Conteúdo	Dia a dia, videoclipes, <i>web</i> séries, viagens e comemorações, entre outros	Dia a dia, videoclipes, viagens e comemorações, entre outros
Conteúdo associado	Loja <i>on-line</i> e física. Instagram: @planetagemeasoficial	Festa – Baile da Ju. Instagram: @baltarj

Fonte: elaboração própria.

Descrevo na sequência esses cinco canais tais quais indicados nos Quadros 2 e 3.

O Planeta das Gêmeas (Figura 4), canal das gêmeas, apresenta-se na aba “Sobre” com a seguinte mensagem: “Olá, amigas e amigos! O nosso canal tem muitas brincadeiras e desafios divertidos! Beijos das gêmeas, Melissa e Nicole”.

Figura 4: Ilustração do canal Planeta das Gêmeas



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCqgGXzmJn6bilNRt5OILmRQ>.

O canal da Juliana Baltar (Figura 5), na aba “Sobre”, apresenta a seguinte descrição: “Olá, eu sou a Juliana Baltar, mas todos os meus amigos me chamam de Ju, eu tenho 12 anos e aqui vocês vão encontrar vários vídeos sobre a minha vida e também Web séries muito bem produzidas, com certeza vocês vão gostar! SE VOCÊ QUER ASSISTIR, VEM COMIGO!”.

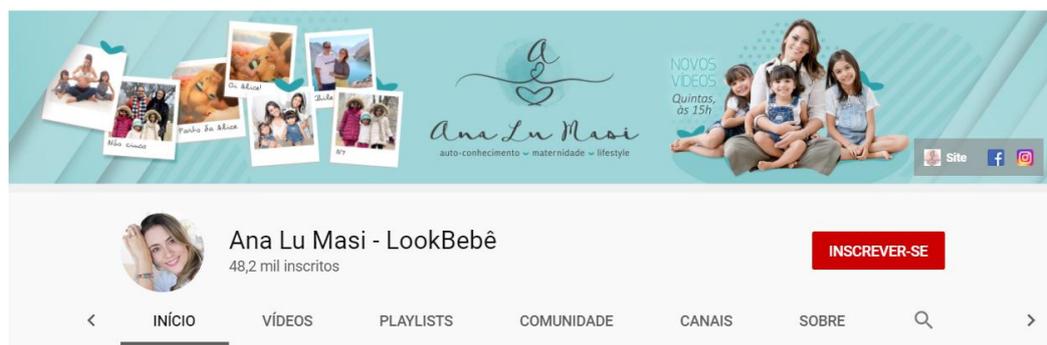
Figura 5: Ilustração do canal Juliana Baltar



Fonte: <https://www.youtube.com/user/Juliana1846>.

No canal de Ana Lu Masi (Figura 6), a descrição do canal diz: “Bem-vindos ao meu canal, uma nova fase me trouxe ao YouTube com vídeos independentes de post no blog. Estarei aqui toda semana. Espero que gostem! Sugestões são bem-vindas sempre”.

Figura 6: Ilustração do canal Ana Lu Masi



Fonte: <https://www.youtube.com/user/AninhaMasi>.

No canal de Fabiola Melo (Figura 7), a descrição do canal diz: “Vídeos quase todo dia com muito humor, seriedade e CAFÉ”.

Figura 7: Ilustração do canal Fabiola Melo



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCCwyP8AJzBEwYpq-y4pSjow>.

O canal JoutJout, Prazer, de Júlia (Figura 8), apresenta a seguinte descrição: “Opa! Tudo bom? Este é o meu, seu, nosso canal! Não temos tema nem roteiro, ok? Eu só meio que vou falando e vocês meio que vão ouvindo e a gente meio que vai se amando. Beijo em cada um desses narizinhos lindos!”.

Figura 8: Ilustração do canal JoutJout Prazer

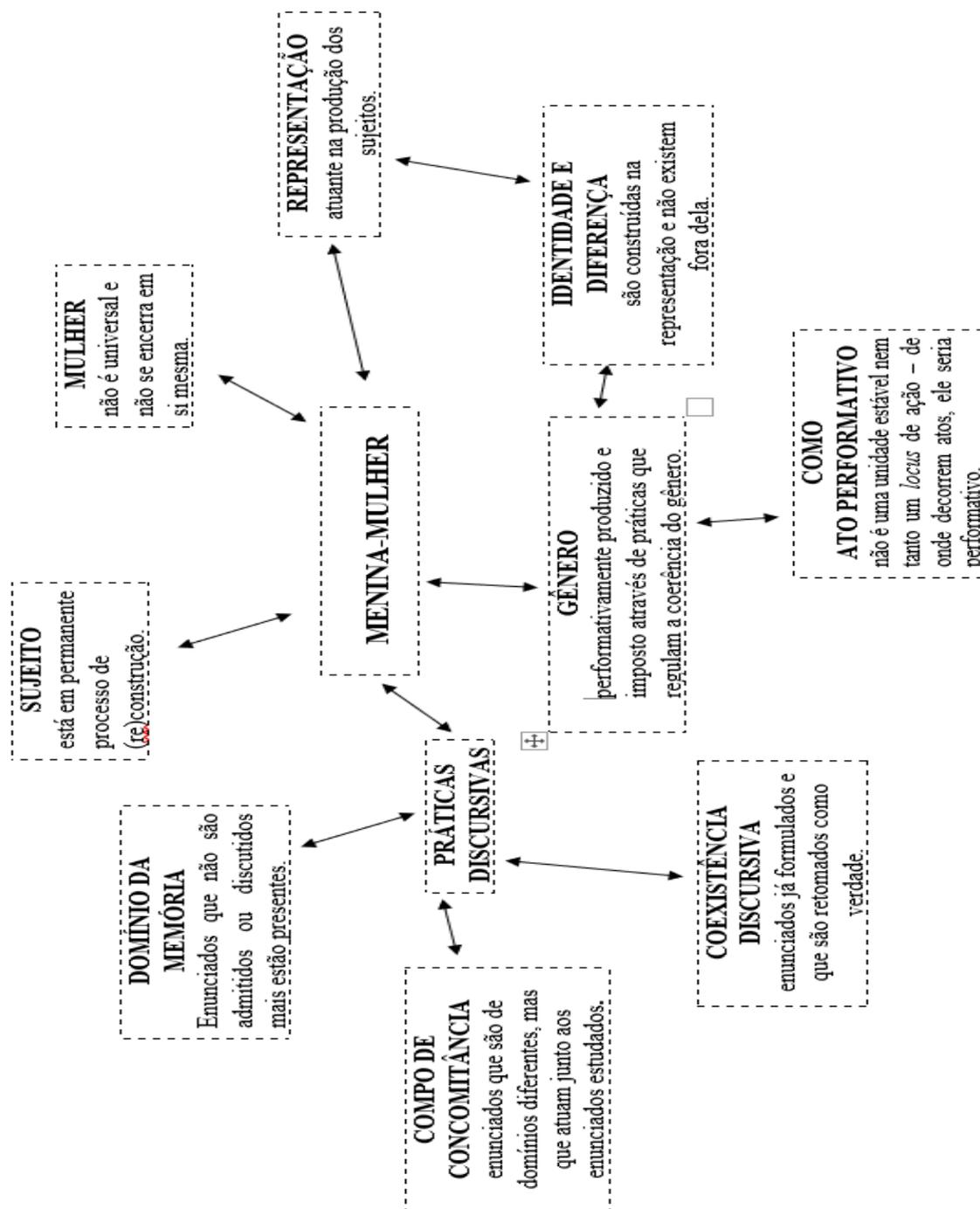


Fonte: <https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>.

No ponto seguinte, trago o modelo analítico da tese seguido do canal cinco, onde apresento uma construção feita por muitos pontos, linhas e cortes, articulando a construção dos meus estudos e formando o meu cenário discursivo.

4.4 PLAYLIST: MODELO ANALÍTICO

Esquema 4: Modelo Analítico



Fonte: Elaboração própria.



**5 CANAL V:
CENÁRIO DISCURSIVO**

5.1 *PLAYLIST*: ARENA DE LUTAS E ENFRENTAMENTOS

Podemos encarar essas manifestações de massa como uma rejeição coletiva da precariedade¹⁰ induzida social e economicamente. Mais do que isso, entretanto, o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis (BUTLER, 2018, p. 31).

Nesta pesquisa o cenário discursivo se delineia a partir desses amplos e complexos contextos sociopolíticos que o Brasil e o mundo vêm enfrentando nos últimos anos em meio à retirada de direitos historicamente conquistados e à ascensão ao poder de governos de extrema direita. O cenário discursivo do discurso de gênero, que permeia a cena discursiva dos *youtubers* e ao qual esta pesquisa remete, está implicado de maneira ampla ao nomeado contexto da sociedade neoliberal. Enfrenta-se a necessidade do direito de aparecer, fazer-se presente e lutar pela conquista de novos direitos e manutenção de outros já conquistados ao longo da história, trabalhando coletivamente para a construção de uma sociedade mais justa onde, como Butler (2018) observa, tenhamos “vidas mais vivíveis”.

No mundo ocidental o desequilíbrio e instabilidade são carros-chefes, mostrando de várias formas que não estamos no controle, estamos em certa medida à deriva. Os problemas parecem só estar aumentando, “tais como a crise do desemprego, a miséria endêmica, a corrupção, as intolerâncias (sexistas, religiosas, étnicas, políticas), o estresse, a violência e a feiura das grandes cidades” (VEIGA-NETO, 2004, p. 43). A reflexão de Veiga-Neto, que soa tão atual, já construída anteriormente pelo autor, apontava os caminhos que a sociedade ocidental estava traçando, observando que aquilo que se entende por crise pode na verdade ser compreendido como “um conjunto de mudanças culturais” que pode vir a ter como resultado o estabelecimento de novas percepções diante da realidade e das novas práticas sociais.

¹⁰ “A “precariedade” designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. Como mencionei antes, a precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária”. (BUTLER, 2018, p. 40-41).

De maneira paradoxal, se por um lado a ciência e a tecnologia vêm a cada ano se desenvolvendo mais, em contraponto, bilhões de pessoas encontram-se excluídas dos benefícios desses avanços, segundo Veiga-Neto (2004). Os outros tantos “milhões [de indivíduos] que se beneficiam diretamente do progresso tecnológico estão sendo colocados diariamente frente aos impasses e perigos gerados pelo próprio progresso” (VEIGA-NETO, 2004, p. 43), tais como o aumento da poluição, a degradação ambiental e o surgimento ou reaparecimento de doenças. Vive-se em “um mundo estranho, em que muitos morrem por comerem demais ou desequilibradamente, enquanto muitos mais morrem simplesmente por não terem o que comer” (VEIGA-NETO, 2004, p. 43).

Veiga-Neto refere-se ao neoliberalismo, uma forma de racionalidade política reconhecida mundialmente que vem sobrevivendo como um sistema de poder que se reforça ao longo dos anos. Ele “consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma da existência” (DARDOT; LAVAL, 2019, p. 2). Esse sistema, que se alimenta das crises sociais e econômicas que gera, vem se fortalecendo desde 1970. Segundo Dardot e Larval (2019), o sistema neoliberal vem atravessando as suas crises através de recursos anteriormente não explorados. E, se no passado ele se “associou com a abertura, o progresso, as liberdades individuais, com o Estado de direito”, na atualidade, vem agindo através de estratégias como o “fechamento de fronteiras, a construção de muros, o culto à nação e a soberania do Estado, a ofensiva declarada contra os direitos humanos, acusados de colocar em perigo a segurança” (DARDOT; LARVAL, 2019, p.3), a exemplo o governo de Trump nos Estados Unidos e de Bolsonaro no Brasil, que assumem posturas com referências ao fascismo. Nesse contexto político, Trump se estabeleceu como um marco na história do neoliberalismo. No Brasil, tal sistema teve sua emergência em 1990 com o governo Collor.

O Brasil vem atravessando há alguns anos uma inconstância política que coloca os alicerces da sociedade em constante vulnerabilidade. Segundo Deise Mancebo (2017, p. 876), do “ponto de vista econômico, tem-se uma crise capitalista mundial, ou uma crise orgânica e geral do capitalismo, cujo marco foi em 2008. Os impactos de tal crise manifestam-se de forma diferenciada em termos geográficos e temporais”. Mas se observa que essa crise teve um impacto mais expressivo nos últimos anos no Brasil e no restante da América Latina.

Em relação ao plano político, Mancebo (2017) evidencia o *impeachment* da presidenta eleita Dilma Rousseff, que deixou o país nas mãos de um governo ilegítimo, tendo à frente o vice-presidente Michel Temer, que veio, desde sua posse, desmontando a educação pública e cortando todo tipo de investimento e direitos conquistados nos últimos anos na área de educação, cultura e saúde. Nessa arena de lutas, a prisão equivocada do então candidato e ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, em abril de 2018 – cuja soltura deu-se apenas em novembro de 2019 – causou uma reviravolta na eleição de 2018, retirando da disputa o então candidato que poderia obter, segundo pesquisas, a mais expressiva quantidade de votos. Nesse contexto, o candidato da oposição e atual presidente da república tomou posse em janeiro de 2019, e desde então vem congelando gastos em educação, retrocedendo direitos conquistados há anos, desmontando os ministérios e tendo como marca forte do seu governo uma postura conservadora com reforço da moral e cívica e de posturas fascistas.

Uma das pautas apresentadas nesse contexto de derrubada das lutas e conquistas ocorreu em 2013 com o projeto de Lei 5069/2013, apresentado pelo deputado Eduardo Cunha e coligados, na Câmara dos Deputados, que trazia em seu cerne um retrocesso quanto ao direito ao aborto, dificultando o acesso de vítimas de estupro ao aborto legal, qualificando-o como crime contra a vida com penas específicas. Em dezembro de 2015 e após muitas lutas e protestos, a comissão mostrou-se contrária.

Contudo, as lutas em torno do aborto legal ainda são necessárias, pois milhares de mulheres e crianças morrem cotidianamente. O assunto não é tragável, como observa Tiburi (2009), ao escrever sobre o documentário de Carla Gallo, “O Aborto dos Outros”. Por dia cerca de 180mil mulheres são estupradas, mais de 500 mulheres são violentadas a cada hora, e uma mulher morre a cada hora no Brasil. Em 2016, mulheres foram às ruas para protestar contra um estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro – uma jovem de 16 anos foi violentada por pelo menos 30 homens, fato que causou a revolta da população levando à realização de protestos em diversos estados brasileiros. Entretanto, mesmo nesse contexto de completo descaso, as mulheres são silenciadas, como observou Tiburi (2009). O patriarcado não é apenas metafísico, mas é um fundamento ético-político que tem como principal definição a ação *contra* as mulheres, pois “deixar que as mulheres decidam [sobre seu aborto] não é uma prática desejável em um sistema patriarcal e é preciso começar impedindo que falem”

(TIBURI, 2009, p. 1). No ano de 2017, a Marcha das Vadias ganhou as ruas de vários estados e países. Em Recife, destacava-se a frase "Feminismo é Revolução" com um chamado a todas as mulheres para irem às ruas contra o feminicídio, o racismo e a retirada de direitos das(os) trabalhadoras(es).

No Brasil, de acordo com dados de 2018 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 81% dos casos de violência sexual são cometidos contra mulheres, 53,8% das vítimas femininas tinham até 13 anos de idade, destas 50,9% eram negras e 48,5% eram brancas. No Brasil, acontecem cerca de 180 estupros por dia (sendo estupradas por hora quatro meninas com até 13 anos). No Brasil, a cada 11 minutos, uma mulher é estuprada, segundo o FBSP (2015). De acordo com o relatório do Fórum, apenas 7,5% das vítimas de violência sexual no Brasil notificam a polícia. Os dados apontam que 76% das vítimas possuem algum vínculo com o abusador (dados de setembro de 2019).

Em meio a esse cenário, em 2020, o caso da criança de 10 anos que estava grávida de um estupro pelo tio, no Espírito Santo, ganhou repercussão internacional com religiosos e conservadores se posicionando de modo a tentar impedir o aborto, alegando que o embrião no ventre seria assassinado, ao mesmo tempo em que feministas e grupos de direitos humanos saíram em defesa do direito legal da criança ao aborto. Tiburi (2009, p. 3) observa que essa "discussão sobre a abstrata questão da vida do embrião presente no corpo de uma mulher que não deseja desenvolver um feto não passa de elemento acobertador do controle biopolítico sobre corpos de mulheres", "esquecendo-se" do risco de morte que a menina corria em levar adiante a gravidez e do direito que lhe é garantido por lei por não querer e não ter condições físicas para gestar, ser vítima de estupro e tratar-se de uma criança. Nesse contexto, a menina estuprada foi vítima "do discurso e do sistema quanto à impraticabilidade do aborto, mulheres que sofrem sob o jugo do patriarcado como se fossem meros animais que desobedeceram seus senhores" (TIBURI, 2009, p.2). A criança foi trazida para o Recife e atendida pela equipe do Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (Cisam), que, sob o comando do médico Dr. Olímpio Barbosa, realizou o procedimento médico-legal, assistindo a menina violentada conforme assegura a lei.

No nosso país, o discurso de gênero é perseguido como em uma "caça às bruxas", constituindo-se para seus opositores como um conhecimento que deveria ser constantemente vigiado, pois representaria um perigo para a sociedade civil detentora dos bons costumes. Algumas políticas vêm chamando a atenção na busca do controle

e normalização dos sujeitos. A instabilidade política e econômica abre um cenário propício para investidas conservadoras e fascistas, advindas de diversos setores da sociedade e que possibilitaram a emergência e legitimação de discursos como o da Escola Sem Partido (ESP) em 2004. O ESP foi idealizado pelo advogado Miguel Nagib e apoiado pelos deputados de extrema direita. É um projeto que defende que as escolas públicas brasileiras estão sendo alvo de uma doutrinação ideológica de esquerda, cabendo ao poder público fiscalizar e controlar o trabalho das(os) professoras(es). A escola pública brasileira, na visão do ESP, pratica o laicismo com exacerbada tendência à negação da dimensão moral-religiosa. Essa alegação vai de encontro ao princípio básico posto na Constituição Federal de 1988 quando diz que o Estado Brasileiro é laico/secular. Por estarmos em uma democracia, a pluralidade de crenças e valores é incalculável, justamente por pousar sobre a liberdade.

Em meio aos entraves e campos de disputas, o episódio vivenciado com a vinda de Judith Butler ao Brasil em 2017 chamou atenção. A visita da filósofa mexeu com as estruturas conservadoras do país e movimentou cerca de 350mil assinaturas *online* na tentativa de inviabilizar a chegada da estudiosa. O objetivo não foi alcançado e Butler esteve no Brasil para apresentar seu livro “Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo” na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). No dia seguinte, pessoas em frente ao Sesc-Pompeia “protestavam” contra a filósofa que participaria do evento “Os fins da democracia”. Na ocasião, queimaram uma figura de bruxa com o rosto de Butler. Dias depois, no aeroporto de Congonhas em São Paulo, um grupo a perseguiu gritando “pedófila!”.

A população que “protestava” alegava que Butler, com a publicação do livro “Problemas de Gênero”, ameaçava as bases da sociedade conservadora e alimentava a ideologia de gênero, que vem sendo engordada como um cão feroz que está prestes a destruir a tradicional família heterossexual branca e cristã. A autora, posteriormente ao ocorrido, concedeu uma entrevista ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No texto publicado, a filósofa dialoga sobre as questões presentes nesse cenário, construindo uma argumentação e esclarecendo que o livro:

“Problemas de Gênero” buscou afirmar a complexidade de nossos desejos e identificações de gênero e se juntar àqueles integrantes do movimento LGBTQ moderno que acreditavam que uma das liberdades

fundamentais que precisam ser respeitadas é a liberdade de expressão de gênero (BUTLER, 2017a, p. 2).

Além dessa entrevista, a Revista Cadernos Pagu organizou no ano seguinte o número 53º em torno da fértil teorização de Butler considerando-a como um “conjunto articulado de reflexões que busca responder às perguntas suscitadas pela perseguição e pelo ódio que vimos materializar-se em uma espécie de caça às bruxas contemporânea” (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, p.1-2).

Observando esse contexto, venho dialogar sobre as construções do gênero em sociedade, buscando compreender que sociedade é esta que está em constante transformação atuando de maneira capilar nas subjetividades e identidades dos sujeitos, conformando-os diante da tecnologia com uma aparência de dominação e liberdade. Essa sociedade que vem se construindo na atualidade interpenetra a educação, a despeito dos avanços do ponto de vista da tecnologia, da informação, da conquista de alguns direitos, mesmo em meio à desconstrução social e política que o governo vem trabalhando ativamente pra manter.

Na sequência, apresento duas subseções onde localizo os estudos sobre a sociedade neoliberal que se apresenta em vários contextos, assim como em seguida aprofundo o olhar sobre a política contra os estudos de gênero em educação que vêm destruindo as bases de uma educação política e criando fantasmas na nossa sociedade, bem como reflito sobre o cenário de lutas e enfrentamentos que esse campo teórico-prático vem enfrentando.

5.1.1 Vídeo: entre consumo, vigilância, controle e “Yes, we can” – sociedade neoliberal

Não há necessidade de ficção científica para conceber um mecanismo de controle que forneça a cada instante a posição de um elemento em meio aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). Félix Guattari imaginava uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças ao seu cartão eletrônico, que removeria qualquer barreira; mas, do mesmo modo, o cartão poderia ser rejeitado tal dia, ou entre tais horas; o que conta não é a barreira, mas o computador que localiza a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. (DELEUZE, 1990, p. 4).

A sociedade atual organiza-se a partir de vários mecanismos de funcionamento. Como bem observou Deleuze, as barreiras são outras, não são mais físicas, elas estão “invisíveis” – basta só não querer ver. Historicamente o sujeito se movimenta e constrói sua forma de vida pautada nas relações entre produção, consumo, bens, objetos, serviços, capital etc. Esses significantes ao longo dos anos mudam e ganham, ao modo de cada povo, de cada cultura, um novo lugar. Em um dado tempo, o valor da servidão ao senhor era mais rentável. Nos dias atuais, a sociedade se pauta através, por exemplo, do que consome, do produto que se vende. Nessa lógica, ter bens é lucrativo, mas não só ter bens faz o acúmulo de riqueza, cada sujeito como participante e atuante nessa maquinaria pode se tornar também algo vendável. Além de ser um objeto à venda, tem-se observado nesse cenário que, para atender a lógica dessa sociedade neoliberal, o sujeito acaba por assumir uma postura de autoexploração, exigindo de si mesmo um máximo desempenho, estando fadado ao fracasso.

Na tentativa de entender esse cenário, ou ao menos compreender suas estruturas de funcionamento, os estudos de Bauman (2001, 2008) sobre a sociedade de consumo, os estudos sobre a sociedade disciplinar e o panóptico em Foucault (2013) contribuem com a teia argumentativa, assim como a construção de Deleuze (1992) sobre a sociedade de controle e os estudos de Han (2015) sobre a sociedade do cansaço, auxiliam-me e entrecruzam esse debate, ajudando na compreensão deste contexto sociopolítico.

A sociedade de consumo é entendida do ponto de vista da globalização. Nesse tipo de sociedade, a ordem se estabelece a partir do poder de compra. Nessa estrutura, até os sujeitos tornam-se mercadorias vendáveis e, por serem mercadorias, estariam incluídos formalmente na sociedade de consumo.

Os estudos teóricos de Foucault sobre a sociedade disciplinar (sociedade moderna) e biopolítica são sobre as sociedades liberais e neoliberais. O sujeito funciona através de processos de negação, atendo a uma proibição, a uma norma, a uma lei. Foucault (2013, p. 171) observa que “na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal”. Esses são beneficiados “por uma espécie de privilégios de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento” (FOUCAULT, 2013, p. 171). Essa sociedade produz sujeitos obedientes, adestrados, que são economicamente úteis. Segundo Foucault (2013), o panóptico funciona como

um meio para vigiar os sujeitos na sociedade disciplinar, mas a vigilância é feita através dos mecanismos de “ver sem ser visto”, porém com o efeito permanente de vigilância, logo garantindo a ordem, ou seja, mais do que vigiar permanentemente, busca-se construir a ideia de que o sujeito se sinta vigiado. Segundo Han (2015), esse modelo de sociedade pode vir a produzir sujeitos loucos e delinquentes.

A sociedade do controle em Deleuze (1992) é entendida como um modo de organização social onde a interpenetração entre os espaços e a construção de cifras e senhas seria uma das principais características. Construindo-se uma suposta ausência dos limites que eram antes definidos, tem-se agora a rede, ocorrendo a construção de um sistema de modulação – o indivíduo agora é divisível.

A sociedade do cansaço estabelece-se por outra ordem de funcionamento: a ideia de uma hiperestimulação através da qual os sujeitos são ensinados ao movimento de autorrealização que gera um sentimento de liberdade, sendo cada sujeito “empresário de si” e assim responsável pelo seu sucesso e seu fracasso, sintetizado na ideia de um sujeito produtivo. Esse sujeito produtivo se constrói através da tônica da motivação, iniciativa, flexibilização, multitarefas, gerando desse modo sujeitos depressivos e fracassados que não conseguem se ver livres do trabalho. Logo o sentimento de liberdade não é real, é apenas uma ilusão criada para a autoexploração.

Olhar para cada uma dessas “sociedades” torna-se importante nesse cenário, observando que cada olhar e modo de compreender se localizam no contexto sociopolítico que atravessei até chegar aqui. Vivemos em uma sociedade onde há profundas mudanças em relação aos modos de vida influenciados pelas mudanças no espaço, no tempo, nos modos de se comunicar e tecer relações e ao mesmo tempo no modo de lidar com os artefatos culturais. Essa sociedade que vive para consumir, que é o que consome, é nomeada por Bauman (2008) como “sociedade de consumidores”. Esse cenário tem sido nomeado por diversos estudiosos como modernidade líquida (BAUMAN, 2008); hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004); sociedade globalizada (IANNI, 1998) e modernidade tardia (HALL, 1997).

Inicialmente a nossa sociedade era conhecida como a sociedade de produtores/soldados, onde nós, os sujeitos produtores, valíamos pelo que produzíamos e não pelo que possuíamos. Entretanto, na sociedade contemporânea, somos agora aquilo que consumimos, precisando consumir para pertencer. O individualismo, em Bauman (2008), torna-se a principal forma de construção dessa

vida solitária, sendo esse traço um componente da construção da identidade dos sujeitos modernos. Como o consumo, a partir do desejo, move-se a construção desse sujeito. Esse sujeito se esvai com o fim do desejo – o indivíduo se torna algo móvel, passageiro perdendo bases sólidas.

Segundo Bauman (2008), a sociedade “interpela” seus membros, dirige-se a eles, saúda-os, apela a eles, questiona-os, mas também os interrompe e “irrompe sobre” eles, através da *condição de consumidores*. Essa sociedade, porém, nem sempre se organizou de tal forma, tendo tal perfil de consumidores. A pós-modernidade seria o freio institucional que iria de encontro à emancipação individual, ocupando-se das manifestações de desejos individuais subjetivos, e o âmbito social passa a ser um prolongamento do privado, como alude Lipovetsky (2004). Para ele, o que possibilitou a passagem da modernidade para a pós-modernidade foi o consumo de massa e os valores que ele veicula.

Nesse contexto, Charles (2004, p. 26) dialoga sobre a hipermodernidade, afirmando que se assemelha a “uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes foi aos princípios estruturantes de modernidade, que precisariam adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer”. Ou seja, a sociedade hipermoderna, termo cunhado pelo autor, se estabeleceria como a sociedade da hipervalorização das sensações íntimas, do hipernarcisismo, onde as contradições da modernidade se exibem às claras. O sujeito hipermoderno se encontra inquieto, consumido pela ansiedade, cuidando-se no presente para chegar bem ao amanhã.

O debate sobre o neoliberalismo e sua repercussão na educação no Brasil emerge desde o final dos anos 1990. Contribuindo para esse debate, Ianni (1998) destaca nesse cenário uma imensa gramática discursiva em disputa pela significação do mundo, a saber, a cultura global, a mídia global, a divisão transnacional do trabalho e da produção, as estruturas mundiais de poder, a desterritorialização, entre outros aspectos. Costa (2009) segue na trilha dos estudos de Bauman, preocupando-se em observar como o estágio tardio do capitalismo pode transformar tudo em mercadoria – da natureza ao nosso inconsciente. Essa mercadoria passa a se tornar um objeto de consumo a organizar a própria sociedade. Vive-se um estado de incompletude constante e de desejar permanente, numa sociedade na qual o eixo central seria o consumir para ser, ter e ser; seria uma modelagem nas formas de vida e das relações baseadas no consumo.

A sociedade dos consumidores, segundo Bauman (2008, p. 72-73), trabalha massivamente para sua manutenção: “as pressões coercitivas exercidas sobre seus membros desde a infância e ao longo de suas vidas” são recorrentes. Entretanto, se estabelece nesse cenário a “nova” tendência na medida em que “agora” são as crianças que consomem ativamente. Percebo, assim, que o envolvimento das crianças com as coisas materiais, a mídia, tem referência e se emaranha com o mundo do comércio, sendo esses aspectos centrais na construção de pessoas e de posições morais na vida cotidiana, como diz o autor.

O consumismo surge a partir do momento em que o consumo assume o papel central que era antes ocupado pelo trabalho, quando éramos uma sociedade de produtores. Sendo agora uma sociedade de consumidores, esses materiais, espaços midiáticos e de comércio são amplamente visitados, produzidos e conhecidos por crianças de todas as idades. Os sujeitos da sociedade do consumo acabam por se transformarem também em mercadoria; segundo Bauman (2008, p. 76), os “membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”. Isso quer dizer que nessas ações há um processo de performatividade que incide na produção de subjetividades. Tal como as mídias, o mercado funciona também como uma pedagogia cultural.

O cenário que hoje se visualiza, segundo o autor, é uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento”, ou seja, “o derretimento dos sólidos”, que ocorre inicialmente na medida em que ocorre a “dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema” (BAUMAN, 2001, p. 13), acontecendo nesse contexto a dissolução do sólido em uma modernidade fluida, líquida, sendo “os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas” que norteiam as construções em sociedade, como a liberdade de escolha sexual, por exemplo. Essa fase do derretimento coloca em uma nova configuração “constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter” (BAUMAN, 2001, p.13) para depois de tal derretimento, em estado líquido, ser possível moldar e refazer.

As imagens que temos dessa sociedade de consumo no contexto dos artefatos culturais escolares mostram que não há como escapar dessa relação que, na análise de Hall (1997), está relacionada com o que identificamos como centralidade da cultura. No que se refere à centralidade do ponto de vista substantivo da globalização, Hall indica como característica a expansão dos meios de produção, a circulação e a

troca cultural e ainda sua expansão por meio das tecnologias e da revolução da informação. Essas trocas têm implicações nos significados vários que interpelam os nossos universos mentais, já que estamos em contato com imagens de outros povos, mundos e modos de vida.

A centralidade da cultura é para Hall (1997, p. 5) “um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais”. Visualizamos essas tendências de forma massiva na grande quantidade de canais de YouTube existentes nos últimos anos, moldando toda uma forma de se comportar e agir socialmente.

Hall apresenta outro aspecto a ser considerado: o debate sobre identidades e subjetividades nesse cenário de centralidade da cultura, já que as identidades sociais são construídas no interior da representação. Para ele, as subjetividades resultam de processos de identificação que permitem que nos posicionemos no interior de discursos culturais. Carvalho (2010, p. 1) chama a atenção para a economia de mercado como o esteio e lugar da diferença cultural. Esse lugar, segundo a autora, é conquistado “tanto porque as lutas culturais, quando expressas por grupos específicos, podem significar uma ruptura nas lutas políticas, em particular, a ‘luta de classes’ como também pelo fato de poderem ser transformadas em mercadorias de consumo”. Dessa forma, “as diferenças culturais, ao serem utilizadas como mercadorias, garantem aos mercados, além dos lucros, um atestado de civilidade por adoção de práticas ditas ‘politicamente corretas’” (CARVALHO, 2010, p.1).

Para Costa (2009), resta à escola tentar administrar os “eus”, que transbordam de “desejos supérfluos, inebriantes e descartáveis”, estabelecendo-se assim um novo desafio à instituição escolar. Essa escola da pós-modernidade não perdeu a função de que fala Louro (2002), quando se refere à escola moderna, em sua função de produzir novos sujeitos adequados às necessidades. Nessa construção de novos sujeitos, no interior das escolas, com toda a sua diversidade, é percebida e organizada uma gama de diferenças que dá sentido a construções sociais como a de “gênero, etnia, classe, idade –[que] acabam por servir de justificativa para tratamentos não equivalentes, acabam por permitir hierarquizações e classificações valorativas” (LOURO, 2002, p. 123).

Essa escola na qual vivemos hoje está inserida e interpelada pelo discurso da educação neoliberal, tal como nos indica Veiga-Neto (1999) há mais de 20 anos. O

referido autor tem como suporte para seus argumentos contribuições de estudos desenvolvidos por Michel Foucault sobre as sociedades disciplinares.

Foucault, no estudo sobre a sociedade disciplinar, situa tal entre os séculos XVIII e XIX, com o auge no início do século XX. Essa sociedade decorre da organização através de “grandes meios de confinamento”, ou seja, o indivíduo constrói-se através de espaços fechados – família, escola, fábrica, hospital e em alguns casos prisão (que se caracteriza como uma expressão máxima de confinamento). Cada um desses tem suas próprias leis e modos de funcionamento. Na sociedade disciplinar, segundo Deleuze (1992), a assinatura e o número de matrícula são mecanismos de reconhecimento daquele sujeito (a assinatura indica o indivíduo, e o número, sua posição numa massa).

Foucault trouxe elementos para pensar e tentar entender que a “escola moderna como maquinaria está implicada na fabricação tanto do sujeito moderno quanto da própria Modernidade” (VEIGA-NETO, 1999, p. 1). O autor ressalta a importância de explorar algumas possibilidades do pensamento de Foucault para a análise e compreensão da escola que hoje temos. Foucault (2013, p. 171-172) compreende que:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelices, insolências), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência).

Entendo deste modo que o autor estava falando de mecanismos sutis, que eram e são cotidianamente reafirmados no espaço escola. Ou seja, na escola utilizam-se vários tipos de procedimentos como forma de punição, expressos através de “uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve e privações ligeiras a pequenas humilhações” (FOUCAULT, 2013, p. 172).

Inicialmente, segundo Veiga-Neto, é preciso pensar de forma mais ampla, o que significa ir além de uma contextualização (política, histórica, econômica, cultural, social etc.), mas também “levando em consideração que as relações entre a escola e a sociedade são daquele tipo que Deleuze (1991) chamou de causalidade imanente” (VEIGA-NETO, 1999, p. 1). Estão intimamente relacionadas a escola e a sociedade, pois aquela está imersa nesta e a sociedade por sua vez está entranhada na escola.

Nessa estrutura, a escola, a sociedade e os processos de subjetivação são pulsantes. Varela (2002, p. 76) compreende essa inter-relação e observa que “os controles socialmente induzidos através da regulação do espaço e do tempo contribuem, ao interiorizar-se, para ritualizar e formalizar as condutas, incorporando-se na própria estrutura da personalidade,” e ao mesmo tempo também querem orientar “uma determinada visão do mundo, já que existe uma estreita inter-relação entre os processos de subjetivação e de objetivação”.

No modo de dizer de Varela (2002), posso interpretar que os indivíduos na sociedade vão internalizando as condutas, os modos de ser, suscitados pelas práticas sociais, pelos artefatos e aparatos que constroem o nosso dia a dia, como, por exemplo, os canais de YouTube, que mostram em seu tempo-espaço um modo de ser e estar no mundo para a construção de determinados sujeitos.

A instituição escola, com seus artefatos e com as práticas pedagógicas, autoriza as(os) professoras(es) a exercerem sua função, autoasseguradas(os) pelo próprio espaço institucional que lhes confere o poder de atuar como formador de identidades por meio da prática docente e do uso dos artefatos da cultura escolar como a mídia. Ou seja, a mídia na escola pode operar no sentido de produzir um discurso sobre como as crianças devem ser e estar no mundo.

Os canais de YouTube, antes de chegarem às escolas, já fazem parte da vida em sociedade. Eles habitam e são consumidos no espaço do mercado virtual de forma livre e arbitrária. Como afirma Ignácio (2009), inspirada em Canclini (2006), os objetos hoje desejados pelas crianças não possuem “valor intrínseco, seu valor mercantil advém das intervenções socioculturais em que estão implicadas” (IGNÁCIO, 2009, p. 47), estando intimamente ligados à ideia de que a sociedade do consumo se guia através de renovação, descarte, surpresa e divertimento. São estes os valores que dinamizam atualmente o mercado. Os vídeos, veiculados nos canais de YouTube, já há algum tempo entraram nesse circuito juntamente com vários outros artefatos, que são carregados pelas crianças dia após dia, nas idas diárias para a escola, na hora de brincar, de se alimentar etc.

Para além do aspecto da divulgação, há que se considerar também o modo como crianças e jovens estão sendo interpelados como futuros consumidores e produtores desses artefatos culturais. A mídia não se apresenta de forma neutra, pois ela opera como produtora de efeitos, na construção de sujeitos que com ela convivem,

interage e agem. Os canais de YouTube, com seus rituais, são penetrantes, interpelando continuamente os sujeitos.

Mesmo diante de tais formulações, segundo Deleuze (1992, p. 1), Foucault sabia “da brevidade deste modelo: ele sucedia às sociedades de soberania cujo objetivo e funções eram completamente diferentes”. Ocorreu progressivamente uma transição, e as disciplinas também conheceriam uma crise que iria reorganizar a sociedade após a Segunda Guerra Mundial, anunciando a sociedade de controle.

Com esse novo modo de vida emergindo, Deleuze (1992, p. 1) observa que “não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições”. Ou seja, compreende que os confinamentos trabalham na construção de moldes distintos, e os controles seriam uma espécie de modulação, constituindo-se de uma “moldagem autodeformante” que está em contínua mudança.

Na sociedade de controle, a empresa surge em substituição da fábrica. A “empresa é uma alma”. Na empresa existe “uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. Se os jogos de televisão mais idiotas têm tanto sucesso é porque exprimem adequadamente a situação de empresa” (DELEUZE, 1992, p.2).

Na fábrica, os indivíduos eram vistos de maneira global – “um só corpo”. Na empresa, os indivíduos são colocados em contraposição “entre si e [essa oposição] atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (DELEUZE, 1992, p. 2). Na fábrica, o patrão vigia todos em massa e olha cada elemento. Nas empresas, a operação é feita através de “uma rivalidade inexpiável como sã emulação, excelente motivação” (DELEUZE, 1992, p. 2).

Nesse sistema:

o princípio modulador do "salário por mérito" tenta a própria educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Esse é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. (DELEUZE, 1992, p. 2).

É interessante observar, junto a Deleuze, que nas sociedades disciplinares existia um movimento de constante recomeço (escola – casa – casa – fábrica). Nas sociedades de controle, constrói-se um movimento que nunca tem fim – “empresa, a

formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal” (DELEUZE, 1992, p. 2).

Assim como foi observado nos modos de existir na sociedade disciplinar, na sociedade de controle, o essencial, no lugar da assinatura e do número, é ter uma cifra, uma senha. Compreendo que nesse sistema a “linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição” (DELEUZE, 1992, p. 2), assim como ocorreu com o dinheiro, que antes circulava no modo padrão impresso e hoje se organiza de maneira flutuante.

A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos esportes. (DELEUZE, 1992, p. 3).

Migramos de máquinas simples com roldanas e alavancas para as máquinas energéticas. Hoje estamos diante de outros tipos de máquinas – “informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus” (DELEUZE, 1992, p. 3). O que ocorre é um processo de mutação do capitalismo. Estabelece-se, segundo Deleuze (1992), uma “sobreprodução”. O foco não é mais a matéria-prima ou a comercialização de produtos acabados. O que está à venda são serviços, e o que se compra são ações. Existe uma mudança de lógica – da produção migramos para o produto.

Como temos que vender um produto, o “*marketing* é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente dos nossos senhores” (DELEUZE, 1992, p. 3). O controle organiza-se de maneira contínua e ilimitada, o “homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 1992, p. 3). Nesse modo de funcionamento, os sujeitos encontram-se diante de uma teia onde ser “motivado” a determinados trabalhos e serviços é importante e desejável, entretanto observa-se que eles estão sendo capturados por um processo de servidão, porém “cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas. Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (DELEUZE, 1992, p. 4).

Essa sociedade neoliberal valoriza os indivíduos inquietos que conseguem realizar multitarefas, tendo na motivação um grande aliado. Nela as pessoas estão sendo expostas e continuamente colocadas diante da mídia. Todo o aparato tecnológico é observado e nomeado por Han (2015) como um hiperestímulo que, ao longo do tempo, gera um processo de esgotamento no humano. Esses indivíduos estariam inseridos na sociedade do cansaço. Os sujeitos que apresentam esse alto nível de esgotamento desenvolvem desvios neuroquímicos, representados pela hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Burnout (SB), por exemplo, que o autor chama de “violência neuronal”. Essa violência neuronal seria imanente ao próprio sistema e seria uma característica da sociedade do desempenho, que é uma sociedade pós-disciplinar, nomeada também por Foucault de biopolítica. Tais desvios teriam uma relação íntima com o modo de vida capitalista contemporâneo.

A sociedade ocidental é organizada através da positividade, ou melhor dizendo, a sociedade atual estaria com excesso de positividade, deixando de lado a formação anterior, na qual a negatividade era a tônica. Essa sociedade da hiperpositividade se expressa através de várias formas, como o *slogan* “Yes, we can”, cunhado por Barak Obama, que afirma “Sim, nós podemos” como se os sujeitos fizessem um movimento interno em torno de seus objetivos espelhando uma sensação de liberdade que, se olhada com mais cuidado, mostra-se como uma falsa liberdade, sendo por assim dizer uma autoexploração. Ao compreender que cada sujeito tem sua “liberdade”, conquista seu sucesso, logo esse sujeito também é responsável, sozinho, por seu possível fracasso. Esse tipo de positividade leva a um movimento de constante superação, que tende a um esgotamento, operando um processo destrutivo no humano. Como observa Han (2015, p. 37), “esses estados psíquicos [de esgotamento] são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade”. Essa ilusão de “liberdade”, flexibilidade e autonomia leva os sujeitos a uma atividade excessiva e a um sentimento constante de carência e culpa. O estado de esgotamento seria, então, o excesso de positividade, ou seja, de estímulos.

Talvez a sociedade atual esteja vivendo diante de um veloz carrossel no qual descer e subir por entre as diversas possibilidades é mais importante do que curtir o girar, deixando-se ficar tonto para aproveitar a viagem. Seria o que Han (2015, p. 19) chamou de “atenção dispersa” com “uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos”. A tolerância para o tédio é muito

pequena, não admitindo também “aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo” (HAN, 2015, p. 19). Como bem observou Han sobre o olhar de Benjamin:

Walter Benjamin chama a esse tédio profundo de um “pássaro onírico, que choca o ovo da experiência”. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin lamenta que esse ninho de descanso e de repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. Não se “tece mais e não se fia”. O tédio seria um “pano cinza quente, forrado por dentro com o mais incandescente e o mais colorido revestimento de seda que já existiu” e no qual “nos enrolamos quando sonhamos”. Nos “arabescos de seu revestimento estaríamos em casa”. Com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os “dons do escutar espreitando” e desapareceria a “comunidade dos espreitadores”. Nossa comunidade ativa é diametralmente oposta àquela. O “dom de escutar espreitando” radica-se precisamente na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso. (HAN, 2015, p.19).

Assim como os demais sujeitos em sociedade, eu, sujeito na sociedade, estou então encoberta pela pressa, pela rapidez, pelos prazos apertados que não dão espaço para significar as coisas, os cheiros, as cores, os lugares. Vive-se na ânsia de chegar a algum lugar, receber algum título, ganhar algum prêmio ou ser nomeado a algum cargo. Esquece-se de aproveitar a viagem, olhar pela janela e observar o que está em cada estação, em cada nova ruela encontrada, em cada nova porta ou janela aberta, os tantos caminhos, as tantas palavras gravadas nos muros por tinta que não se escreveram sozinhas. Esquece-se de olhar as pessoas, as crianças os mais velhos e entender a sua profunda contribuição no modo mais lento de observar a vida e dar espaço para o refazer, o caminhar. Talvez o que mais a sociedade precise fazer é parar. Ou ser parada, já que cessar sozinha não parece possível.

É necessário refazer esses caminhos, olhando para as construções de forma mais atenta e humilde, olhando para as várias possibilidades que esse sujeito pode assumir e através da quais pode se reconfigurar. Não é à toa que os estudos de gênero têm sofrido tanta perseguição, tanta caça, pois algo eles estão transformando na sociedade – e talvez para uma parcela essas transformações sejam difíceis demais de engolir.

5.1.2 Vídeo: A política contra os estudos de gênero na educação

Na verdade, o mundo como deveria ser teria que salvaguardar os rompimentos com a normalidade e oferecer apoio e afirmação para os que realizam essas rupturas [...] E é apenas por meio de uma forma insistente de aparecer precisamente quando e onde somos apagados que a esfera da aparência se rompe e se abre de novas maneiras. (BUTLER, 2018, p. 40, 44).

Os estudos de gênero vêm sendo construídos e articulados como um campo de conhecimento que não deve ser ensinado nem aprendido. O que cabe às escolas? Qual o lugar dos sujeitos que fogem à norma? Caberia às escolas ensinar as crianças o respeito à diferença, o cuidado com o seu corpo, o olhar para as várias formas de família com empatia? Também não se deve atuar para construir meninas e meninos fortes e conscientes de seu lugar na sociedade? Sujeitos que respeitem os outros, cuidando para compreender um “não” e um “sim” tal como eles designam, respeitando as fronteiras do outro sujeito e assim agindo de maneira preventiva para situações de vulnerabilidade como os abusos sexuais?

Em meio a essas construções políticas brasileiras, o contexto de nosso país “desde 2014, é marcado pela criminalização da política, *impeachment* da primeira presidenta mulher de nossa história, crise econômica e desemprego”, instaurando-se “um clima de frustração coletiva” (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, p.2). No momento político-histórico do Brasil, a democracia está em risco e criam-se inimigos. Com a polarização das disputas, espalha-se o autoritarismo que afirma uma distância entre “eu”, “nós” e “xs Outrxs”. Esse cenário acaba por construir os limites no processo de reconhecimento de pessoas transgênero e homossexuais, por exemplo, ampliando, com isso, o discurso de ódio e abrindo espaço para a promoção de um novo populismo. Como observam Miskolci e Pereira (2018, p. 2), “a gramática moral reinante aproximou grupos de interesse laicos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e a Escola sem Partido de religiosos (católicos e evangélicos, neopentecostais ou não)”. Essas alianças reforçaram a tendência de conferir problemas sociais concretos a inimigos no âmbito do imaginário – nomeados como comunistas, *gays*, feministas, pessoas trans, negros, judeus etc., sendo esse tipo de prática política alicerçada em uma dicotomia entre um mundo dos que estão do lado do “bem” ou do “mal”.

Essa forma de representação, do “bem” contra o “mal”, reforça a polarização política e coloca certos grupos em lugares socialmente inadequados. Na estrutura de

funcionamento entre a política e a moral, alguns grupos passaram a “demonizar pleitos de direitos humanos por parte de mulheres, homossexuais, pessoas trans, travestis, intersex, entre outros, concatenando-os no fantasma que batizaram de ‘ideologia de gênero’” (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, p.2). Nesse sentido, percebe-se como os grupos conservadores criam táticas de atuação contra homossexuais, por exemplo, como a suposta defesa da “criança sob ameaça”, como foi destacado com o grito da mulher na conferência de Butler, ao chamá-la de pedófila. Os estudos envolvendo gênero e sexualidade se tornaram, segundo Miskolci e Pereira (2018, p.2), “um espectro a assombrar grupos contra o que chamam de ‘ideologia de gênero’ e alguns de seus membros a perseguiram”. Pelo olhar dos que conhecem sua obra, os protestos, abaixo-assinados e perseguições soam como um absurdo.

A intenção é dissipar o espectro da “ideologia de gênero” e colaborar para desconstruir a política que tem como base o medo e a perseguição. Um medo estabelecido contra intelectuais, artistas e educadoras(es); medo que, segundo Miskolci e Pereira (2018, p. 2), “faz do Outro um inimigo a ser combatido por supostas ‘pessoas de bem’, as quais têm agido performaticamente como membros de uma espécie de cruzada moral”. Observa-se que, há alguns anos, os embates políticos com base nos direitos humanos têm o medo e a perseguição como bases. Essa ideia de perseguição ao “outro” posto como incoerente demarca o lugar de ter-se a compreensão de que a ideia do masculino e do feminino é fixa. Entretanto Butler (2017a, p. 3) observa que não, a ideia “de masculino e feminino variam de acordo com a cultura, e esses termos não possuem significados fixos”. Como já observado nesta tese, essas “são dimensões culturais de nossas vidas que assumem formas diferentes e renovadas no decorrer da história e, como atores históricos, nós temos alguma liberdade para determinar esses significados” (BUTLER, 2017a, p. 3).

Nesse cenário de intenso controle e vigilância, seria como se vivêssemos um ataque “inesperado de uma onda conservadora que – após avanços na esteira do reconhecimento das diferenças desde a Constituição de 1988 – traria consigo inevitáveis retrocessos para nossa democracia?” (MISKOLCI, 2018, p.2). É importante, de fato, uma “reconstituição histórica do cenário internacional”. É necessário buscar identificar os grupos que cunharam o fantasma, disseminaram o pânico e permitiram a organização dessa cruzada contra o que batizaram de “ideologia de gênero”.

Na busca por compreender esse percurso, alguns documentos delineiam essa pesquisa. Algo, entretanto, que causou um verdadeiro pânico moral sobre a chamada “ideologia de gênero” no subcontinente sul-americano e que certamente contribuiu para incendiar o debate sobre a questão foi o reconhecimento do ponto de vista legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo na Argentina, em 2010, e no Brasil, em 2011. Após uma semana do reconhecimento das uniões entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro, o então deputado Jair Bolsonaro encabeçou um movimento “contra o material que seria distribuído nas escolas para enfrentar a discriminação e a violência contra homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais” (MISKOLCI, 2018, p.5). O material foi apelidado pelo então parlamentar de “*kit gay*”, com o apoio da bancada evangélica e, de forma menos visível, e em maior número, de congressistas católicos e conservadores agnósticos. Conseguindo construir a imagem da criança sob ameaça, a estratégia foi bem-sucedida e atraiu a atenção da mídia. Dilma Rousseff, então presidenta da República, precisou vetar a distribuição do material. Foi assim tramado no Congresso um movimento contra o avanço dos direitos sexuais e reprodutivos que repercute até hoje com o controle e vigilância sobre o corpo da mulher e sua falta de escolha quanto ao aborto, por exemplo.

No ano de 2014, com os debates sobre o novo Plano Nacional de Educação, o movimento Escola Sem Partido passou a adotar como alvo a chamada “ideologia de gênero”. Só em 2015, os estados e municípios discutiram os planos de educação estaduais e municipais, incluindo ou não tal dimensão. A luta pela apresentação ou não de um vocabulário perpassa por diversos pontos. O fato de retirar tais questões garante o silenciamento. Algo semelhante, porém por outro viés, aconteceu, como relata Butler (*apud* Miskolci, 2018), nos Estados Unidos: a filósofa “discutiu a política das forças armadas no governo Clinton, as quais passaram a aceitar homossexuais desde que elas(es) não se declarassem enquanto tais. Era a política apelidada de *Don't ask, don't tell* (não pergunte, não responda)” (MISKOLCI, 2018, p. 8). Miskolci pergunta-se então: “Qual seria o medo que alimenta a cruzada moral contra uma palavra, recentemente encarnada e perseguida na figura de uma das intelectuais mais importantes de nossa era?” (MISKOLCI, 2018, p. 9).

Na visão desses empreendedores morais, os grupos representados por homossexuais, mulheres, negros etc. não devem ser nomeados e devem ter seus direitos delimitados pelas autoridades religiosas, psicológicas e políticas. Não é mero

acaso que muitos entre eles também persigam religiões afro-brasileiras, que acreditem na “cura gay” e que façam defesa da ditadura e da tortura, entre outras atrocidades.

Esses mesmos empreendedores morais acreditam na família como indissociavelmente heterossexual, no controle dos homens em relação às mulheres. Ainda defendem os filhos sob a autoridade absoluta do pai, além de outros pontos. Cria-se, assim, um programa que quer regular fortemente a vida privada. Vive-se, dessa forma, em um período no qual as disputas estão acirradas entre grupos estabelecidos e que estão na luta por serem reconhecidos e terem seus direitos assegurados. Sob o comando do medo, grupos autoritários engendram os sentimentos de ódio e ações. Daí ser necessário dissolver o fantasma da “ideologia de gênero”.

É necessário trazer “à luz o fato de que buscam manter subalternizados aqueles e aquelas que o conceito de gênero acolhe dentro do humano, buscando garantir-lhes igualdade jurídica, segurança e direito à vida” (MISKOLCI, 2018, p.12), conjunto de noções basilares na sociedade e que vem cada vez mais perdendo espaço, o que é refletido em números alarmantes de assassinatos de travestis, transexuais, mulheres, negras(os), abusos, pedofilia e estupros. Por essa razão, quando a polícia, investida de sua autoridade, age contra grupos subalternizados está fazendo um “ato criminoso, um ato por meio do qual a polícia se torna o criminoso, e aqueles que são expostos à violência ficam sem proteção” (BUTLER, 2018, p. 63).

Corroboro Butler quando observa que todas as pessoas devem ter o direito de

buscar uma expressão de gênero ou de viver como lésbica, *gay*, bissexual, trans ou *queer* (essa lista não é exaustiva) só pode ser garantida em uma sociedade que se recusa a aceitar a violência contra mulheres e pessoas trans, que se recusa a aceitar a discriminação com base no gênero e que se recusa a transformar em doentes e aviltar as pessoas que abraçaram essas categorias no intuito de viverem uma vida mais vivível, com mais dignidade, alegria e liberdade. (BUTLER, 2017a, p. 3)

Butler (2017a, p. 3) vem investindo seus esforços em se “opor às ofensas que diminuem as chances de alguém viver com alegria e dignidade. Assim, sou inequivocamente contra o estupro, o assédio e a violência sexual e contra todas as formas de exploração de crianças”, estando desse modo totalmente em prol da vida e do respeito às diferenças e na luta pela garantia dos direitos de cada sujeito em sua

singularidade. É necessária uma política pública que olhe e ampare esses grupos, cuja carência é urgente e cuja existência precisa ser ensinada, debatida e acolhida desde o início da escolarização, tendo em vista a construção de cidadãos reflexivos que estejam dispostos e disponíveis para acolher e atuar na sociedade respeitando as diferenças e diversas construções de sujeitos.

Trabalhando nessa direção da garantia dos direitos e reconhecimento desses sujeitos como tais, investidos de direitos e deveres como qualquer cidadão, Butler (2017a, p. 7) observa que “todos[as] começaremos a viver, a respirar e a nos mover com mais facilidade e alegria — é esse o objetivo maior da corajosa luta democrática que tenho orgulho de integrar: nos tornarmos livres, sermos tratados como iguais e vivermos juntos sem violência”. É nesse sentido que olho para a importância desse cenário e observo que o direito de aparecer é urgente.

Em meio a lutas, enfrentamentos, política, estudos e caminhos, esta tese localiza-se nesse turbilhão. Os estudos de gênero têm sido, como venho destacando, cada vez mais tensionados nos últimos anos. O cenário é acrescido pelo amplo debate no campo dos estudos feministas e de gênero, advindo da luta cultural na sociedade no contexto da ocupação das ruas por movimentos sociais que reverberam na entrada em cena de epistemologias outras do feminismo e de gênero, como observou Hollanda (2018), ao trazer o feminismo negro, feminismo indígena, feminismo asiático, o transfeminismo, feminismo radical e o feminismo protestante, e tantos outros estudos e construções.

Do ponto de vista do conhecimento de gênero, há uma crise também para além de questões políticas e econômicas. Para mim o tensionamento desse campo de conhecimento desloca e promove rupturas necessárias para a construção desse campo epistemológico. Sendo um desafio assumir essa posição, esta tese localiza-se nesse entrelugar de ocupar um espaço de debate na busca não de findar as construções, mas, como observado desde o início ser, de dar impulso a mais pesquisas e olhares para as lutas e estudos feministas e de gênero. Desse modo, ao me colocar como pesquisadora e mulher atuante nesse contexto social, político e cultural, estou afirmando que não poderia dar conta de tudo, pois o debate é extremamente amplo, ou seja, pretendo contribuir na rede discursiva e aprender diante desse processo de permanente estudo e pesquisa.

Em meio aos estudos que sustentam esta tese, o caminho percorrido por Butler me provoca e faz pontes e fissuras que são importantes para o meu fazer e para a

construção deste trabalho em tela. A autora observa esses tensionamentos e construções em torno dos estudos sobre gênero entendendo que existe na ação de aparecer, colocar-se à vista, um ato performativo que em coletividade forma um corpo que grita por vidas mais vivíveis, por mais espaço, por reconhecimento e um lugar na sociedade. A ideia de um corpo que se une a outro vai de encontro à ideia da responsabilidade apenas individual, ou seja, “na moralidade neoliberal, cada um de nós é responsável apenas por si mesmo, e não pelos outros, e essa responsabilidade é principalmente e acima de tudo uma responsabilidade por nos tornarmos economicamente autossuficientes” (BUTLER, 2018, p. 32). Compreendo que cada corpo que se reúne carrega sua história, sua trajetória, mas pode se somar a tantos outros, construindo essa rede de discursos e singularidades.

Diante de uma sociedade que grita pela organização individual e autossuficiente, encontrar corpos nas ruas, em massa, causa uma estranheza – “uma implicação parece clara: elas ainda estão aqui e lá; elas persistem; elas se reúnem em assembleia e manifestam, assim, o entendimento de que a sua situação é compartilhada, ou o começo desse entendimento” (BUTLER, 2018, p. 32). Em meados de 2015, os corpos ocuparam as ruas, ou retomaram a ocupação. Como bem observou Hollanda (2018), em meio a vozes, gritos e marchas, aconteceu uma movimentação nesse espaço público. Ao se reunirem, os corpos em assembleia tomaram as ruas para reivindicar o direito sobre seus corpos e o aborto legal.

Os corpos em assembleia “dizem”: “nós não somos descartáveis”, não importando que estejam ou não usando palavras no momento; o que eles dizem, por assim dizer, é “ainda estamos aqui, persistindo, reivindicando mais justiça, uma libertação da precariedade, a possibilidade de uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 32).

Ao ocupar as ruas, unirem-se para dizer de sua indignação e para também representar sua existência como sujeito plural que ocupa o espaço público, está se fazendo exigências mais abrangentes pela vida, reconhecimento e valorização, colocando em exercício “o direito de aparecer”, que deve ser garantido a todos os sujeitos. Essa ação performativa de aparecer, colocar o corpo à vista, é importante e compreendida por mim como um movimento de urgência e responsabilidade diante das gerações que estão se formando. Precisamos reconhecer os corpos nas ruas,

torná-los partes da sociedade e não os silenciar, delegando a eles o lugar das margens. Isso é urgente.

Compreendo a performatividade e o gênero, como já observado neste texto de tese, a partir de Butler (2018). A performatividade como a construção a partir dos enunciados linguísticos que ao serem enunciados fazem “alguma coisa acontecer ou traz[em] algum fenômeno à existência” (BUTLER, 2018, p. 35). O gênero é constituído a partir das inscrições e interpelações primeiras que são carregadas das “expectativas e fantasias dos outros que nos afetam, em um primeiro momento, de maneiras incontroláveis: trata-se da imposição psicossocial e da inculcação lenta das normas” (BUTLER, 2018, p. 36). Essas normas, no modo de dizer de Butler, não seriam impressas em nós, como se fôssemos sujeitos passivos diante da cultura. Elas atuam também na nossa produção. Essa máquina cultural trabalha informando quais são os modos aceitos e quais os que vou adquirindo com o tempo, mas esses mesmos modos podem promover o rompimento. Ao se romperem as normas, alguma coisa acontece, algo passa a existir.

Esse processo de romper com as normas, é como se desviássemos do alvo. Tem-se hipoteticamente um alvo para se acertar, um modo único se ser menino e ser menina, porém “a possibilidade de errar o alvo está sempre presente na representação de um gênero; na verdade, o gênero pode ser uma representação na qual errar o alvo seja uma característica definidora” (BUTLER, 2018, p. 37). Assim rompe-se com a norma, pois, mesmo que “estejamos de algumas maneiras obrigados a reproduzir as normas de gênero, a polícia responsável por nos vigiar algumas vezes dorme em serviço” (BUTLER, 2018, p. 37). E dessa forma, mesmo no escuro, traçamos novos caminhos, desviamos a rota.

O gênero, desse modo, é entendido como performativo. Quando Butler (2018) faz essa construção, o que ela queria dizer é que “ele é um determinado tipo de representação, o que significa que uma pessoa não é primeiro o seu gênero e então, depois, decide como e quando representá-lo” (BUTLER, 2018, p. 68) Existe uma construção ontológica, sendo necessário “uma maneira de repensar o modo ontológico de gênero, e então importa como e quando e com que consequência essa representação se dá, porque tudo isso muda o gênero que alguém é” (BUTLER, 2018, p. 68). Tudo isso traz outras possibilidades de existência, que podem desde “sempre” terem sido negadas por aquele sujeito, pois lhe foi negada a possibilidade de ser “outra(o)”.

Na construção desse caminho, algo “novo” pode acontecer, algo que pode não ter sido planejado por aqueles que nos classificaram – o policial pode ter dormido no serviço. A “mudança” de objetivo, segundo Butler (2018, p. 38), “acontece no meio da representação: nos vemos fazendo outra coisa, fazendo a nós mesmos de uma maneira que não era exatamente o que tinha imaginado para nós”. Abre-se desse modo outros caminhos para se viver o gênero, caminhos que desafiam as normas de reconhecimento socialmente aceito e construído. Então um dos objetivos desta pesquisa é trazer à tona que a norma imposta para ser menina-mulher pode e deve ser subvertida. É necessário que esses modos de ser menina-mulher sejam mais suportáveis e que esse sujeito menina-mulher que se encaixa na norma possa também viver livremente sem carregar tal peso, precisamos construir uma sociedade onde se possa “respirar e se mover mais livremente nos espaços públicos e privados, assim como em todas as zonas nas quais esses espaços se cruzam e se confundem” (BUTLER, 2018, p. 40).

A pretensa ideia do universalismo – nesse direito de aparecer – é minada pelas diferentes formas de poder que na estrutura da nossa sociedade qualificam quem pode ou não aparecer. Por isso a importância de trazer à tona vários modos e corpos. Por isso a importância de pesquisar e debater sobre a construção da subjetividade de meninas-mulheres. Quando os sujeitos não podem aparecer, são privados de um direito, eles são considerados “inteligíveis” – precários, como nomeado por Butler. Formar alianças é fundamental e “envolve uma proposição plural e performativa de elegibilidade onde ela não existia antes” (BUTLER, 2018, p. 57). Apenas “dar” a este o lugar de aparecimento não é suficiente, é necessário “produzir uma fenda na esfera de aparecimento, expondo a contradição por meio da qual sua reivindicação de universalidade é proposta e anulada” (BUTLER, 2018, p. 58).

Butler (2018, p. 63) compreende, e corroboro a autora, que “ninguém deveria ser criminalizado pela sua apresentação de gênero, e ninguém deveria ser ameaçado com uma vida precária em virtude do caráter performativo da sua apresentação de gênero”. Entendo que a autora destaca que não existe o lugar do errado, culpado, logo esse sujeito não pode ser penalizado, estabelece-se outra forma de organização social, onde os sujeitos não são julgados por suas escolhas e formas de viver a vida e a sexualidade. Para a autora, seria a “precariedade” que “une as mulheres, os *queers*, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas: é uma condição social e

econômica, mas não uma identidade” (BUTLER, 2018, p. 65). Desse modo é necessária a construção desse sujeito coletivo, que é presente e persistente, “o ‘nós’ é representado pela assembleia de corpos, plural, persistentes, agente e reivindicadora de uma esfera pública pela qual foi abandonada” (BUTLER, 2018, p. 66). Entendo também que, ao mesmo tempo que esse sujeito coletivo precisa ser construído, cada sujeito em sua singularidade precisa reconhecer sua história, entender seu lugar e espaço nessa estrutura que coloca os inteligíveis em um esconderijo, apagando sua existência através de tantos enunciados. A mulher é colocada em um padrão apertado demais onde cabe apenas parte de suas potencialidades e desejos.

Nesse cenário, o entendimento de performatividade de gênero estaria conectado não apenas pelo “que fazemos, mas como o discurso e o poder institucional nos afetam, nos restringindo e nos movendo em relação ao que passamos a chamar de a nossa ‘própria’ ação” (BUTLER, 2018, p. 71). Diante dessa “nossa própria ação”, que é tão construída e encaminhada socialmente, esta tese surgiu, com o intuito de fazer, agir, diante de um contexto historicamente construído. Para mim a escrita da pesquisa acadêmica (ou não) é um ato político, performático. Compreendo-o como uma tomada de decisão, através do qual exerço o meu “direito de aparecer”, de trazer à tona o meu olhar a partir de tantas teóricas, teóricos, pessoas comuns que vêm ao longo dos anos me ensinado sobre ser mulher sem as amarras sociais e culturais tão construídas e arraigadas dentro de mim. Venho aprendendo sobre ocupar e resistir, sobre a luta permanente, atenta e ativa.

Demarco que esta tese encontra-se nesse entrelugar de atuar na construção de um debate por uma sociedade mais empática, igualitária, justa, que respeite o direito de cada sujeito construir-se em sua singularidade não precisando para ser aceito assemelhar-se aos outros que o compelem à norma heterossexualizante.

Escrever é político. Como bem observou Woolf, durante muito tempo nos foi tirado o direito de escrita, de assumirmos nossa identidade quanto mulher que pensa e constrói uma narrativa, um romance, uma poesia, uma lei, uma tese ou qualquer outro texto. Deixo com esta tese um fragmento do que venho me propondo a construir nesse terreno árido, incrível e potente que são os estudos de gênero e feminismo. O estudo não se finda, ele apenas se fecha nesse ciclo com este bordado-tese, mas o movimento permanece em aberto em mim e diante dos estudos que venho a cada dia (re)descobrimo, criando e sendo incitada/provocada a fazer.

Na seção seguinte, adentro no modo como analiso os enunciados que estão em disputa nos canais de YouTube, estes sobre os quais me debruço neste texto-tese para demonstrar que discursos de gênero advindos de *youtubers*, em sua materialidade, atuam como uma pedagogia cultural na produção de representações de gênero por sua ação performática.

5.2 *PLAYLIST*: ENUNCIADOS EM DISPUTA SOBRE MENINA-MULHER NOS CANAIS DE YOUTUBE

O fenômeno dos canais de YouTube e a importância de uma leitura crítica deste estão longe de serem uma questão trivial, pois, na medida em que a sociedade investe massivamente nessas mídias, é necessário concomitantemente olhar para elas com atenção.

Descrevo e analiso a plataforma do YouTube com suas(seus) *youtubers* como uma pedagogia cultural (COSTA; MOMO, 2010; COSTA 1998), ou seja, um artefato com a função enunciativa de produzir discursos que atuam na construção de identidades, diferenças e subjetividades. Entendo o discurso, tal como já anunciado, no sentido dado por Foucault (2011a, 2014): como práticas que formam os objetos que falam e produzem um efeito de verdade. Um discurso que é constituído de interdiscurso – não há discurso sem interdiscurso. Isso indica a necessidade que tive de acionar os interdiscursos que perpassam pelos enunciados proferidos nos canais de YouTube analisados, a exemplo dos discursos da propaganda, do cinema, do consumo e outros. A noção de práticas discursivas também advindas da visão foucaultiana de discurso articula as noções do domínio da memória, campo de concomitância e da coexistência discursiva em Foucault.

Outras noções-chave me ajudaram a tecer a análise diante desse artefato poderoso e instigante: representação, gênero e ato performático, sujeito, mulher. A representação entendida no contexto de sua atuação na produção dos sujeitos tendo a identidade e a diferença que não existem foram dela (SILVA, 2014). O gênero entendido como ato performático (BUTLER, 2008, 2019). O entendimento de sujeito em um processo de constante reconstrução e a noção de mulher vista fora do domínio do universal e não se encerrando em si mesma, pois incompleta (BUTLER, 2017b).

Nos enunciados dos canais de YouTube analisados, observo que as *youtubers* acionam em alguma medida um relato de si. Mas os relatos que elas produzem só

tem sentido por estarem imbricados em uma estrutura de interpelação; fora dela, o relato fracassa, como observa Butler (2017b). É “impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido” (BUTLER, 2017b, p. 51). Como acontece nos canais de YouTube, o outro lado da estrutura de interpelação permanece durante quase todo o tempo indefinido.

É importante ressaltar que na análise apresentada não tenho o interesse em fazer comparações entre homens e mulheres, corroborando Butler (2008) e Lauretis (1994), pois compreendo que a comparação entre mulheres e homens coloca a mulher na lógica binária, quando o olhar deve voltar-se para as mulheres e as suas várias possibilidades.

No processo de análise do arquivo¹¹, observei os enunciados performativos se estabelecerem entre si – como a menina-mulher é vista nessas mídias; como as meninas-mulheres se autodescrevem; quais as posições ocupadas pelas meninas-mulheres; como se constitui a construção em torno dos binarismos e como constroem uma trama discursiva em torno de si.

O meu arquivo tem dois universos distintos, adulto e infantojuvenil. Observo que ambos atuam na conformação de uma mesma prática discursiva, construindo uma regularidade enunciativa (FOUCAULT, 2014). Nesse sentido, evidenciam-se os enunciados já fixados como universais e que se repetem no senso comum; e também aqueles que indicam divergências, tensões. Ou seja, os canais com *youtubers* infantojuvenis, crianças nativas da era digital e que estão crescendo diante das câmeras com seus enunciados, estão implicados na construção desse ser menina-mulher desde a infância – como ser menina? Quais as prerrogativas aceitas para ser menina atualmente? Que espaço os cuidados com beleza, estética e aparência têm na infância? E em paralelo olho com atenção também para canais adultos, coordenados e encenados por mulheres que escolheram trabalhar e fazer do canal de YouTube e da condição de *youtuber* uma profissão remunerada, um emprego. Questiono assim: o que é ser menina-mulher nos canais de YouTube? Como canais para mulheres reiteram o ponto de vista da heteronormatividade, do culto à beleza e como refletem e dialogam?

¹¹ Todo o arquivo de pesquisa foi coletado até março de 2020.

Esses modos de ser são engendrados, reiterados a partir de vários lugares, possibilidades e enunciados. Nota-se a ênfase dada ao universo dito feminino, como uma regra por vezes controladora e limitadora, com margens apertadas, estreitas diante da gama de possibilidades que existem para viver e criar. O interdiscurso feito com outros artefatos, que permeiam a vida em sociedade me ajuda a identificar e analisar a rede discursiva que esses enunciados acionam.

Lembro que estou tratando da mídia, esse terreno árido e cheio de nuances e movimentos, segundo Sloterdijk (2000) e Castells (2018), como meios comunitários e comunicativos através dos quais os sujeitos formam a si mesmos. Na medida em que se formam, atuam de várias maneiras na formação de outras(os) que estão conectados a essa mesma rede. Desse modo procuro entender como os canais de YouTube se constroem e se instituem como um lugar importante na construção da identidade/subjetividade humana. Não se pode negar que os jovens e crianças estão diante desse atraente artefato de forma excessiva. Como observou Ignácio (2015, p. 159): “é que jovens e crianças estão intensamente enredados pela mídia, porque ela, de fato, tem recursos fascinantes”.

Tal como as crianças e jovens, penso que estamos envolvidas de modo intenso com as tecnologias, redes, toda a vida *on-line* e a vida nas redes. No modo de dizer de Dalethese (2017, p.18), “nossa vida cotidiana nas redes que compõem nossas experiências e relações interpessoais” precisa estar atenta “para o valor significativo das mídias no curso dessas práticas”. Destaca a autora que interagimos com essas mídias através de vários dispositivos que podem caber na palma da mão, “as diferentes telas e seus conteúdos com os quais lidamos diariamente como computador, *smartphones*, televisão, *tablets*, aplicativos, redes virtuais, entre tantos outros, estão muito além de meras ferramentas para se comunicar com alguém” (DALETHESE, 2017, p. 18). O tempo, a quantidade de horas que se passa diante das telas, influencia “em nossos comportamentos, imaginários, memórias e subjetividades. Sendo assim, não podemos mais conceber os meios como instrumento, na medida em que a comunicação não é algo externo a nós, mas é parte estruturante da cultura” (DALETHESE, 2017, p. 18).

Os canais de YouTube, com suas(seus) *youtubers*, atuam na construção de um debate, capturando as crianças através, por exemplo, do entretenimento. Esses canais têm uma penetração maior do que se supõe na rotina das crianças. É comum ver essa geração com celulares acessando a internet, com portas e janelas abertas

para a o mundo *on-line*. No universo da escolarização, eles estão cada vez mais atuando na rotina desses sujeitos, imprimindo um modo de falar, posicionar-se e ver o mundo. Eles atuam no dia a dia de várias crianças que encontram nas(os) *youtubers* um lugar privilegiado de comunicação e validação de suas ideias e posicionamentos.

Desse modo me proponho a olhar, nos canais seguintes, para esse artefato cultural – canais de YouTube, buscando construir com ele e diante dele um entendimento sobre como pode atuar (e atua) na construção de sujeitos meninas-mulheres, identificando as possibilidades de representações, identidades e subjetividades de gênero. Entendo, assim, o gênero como um ato performativo.

O modelo analítico que utilizo, inspirado nos estudos foucaultianos de discurso, nos estudos de gênero com foco no ato performático e nos estudos culturais que consideram os produtos midiáticos como pedagogias culturais, levou-me a tratar os enunciados dos *youtubers* como discursos em rede e a realçar como esses discursos estão em um jogo de remissões a outros discursos midiáticos, como o cinema e a propaganda, ao discurso do campo econômico (BAUMAN, 2001) e ao discurso religioso cristão (MISKOLCI; PEREIRA, 2018). Ou seja, estão em nó, em rede (FOUCAULT, 2014, p. 28). Nessa rede atuam também discursos no mesmo campo, porém em oposição, discursos em disputa nessa grande rede que se estabelece na sociedade contemporânea sobre as formas de condutas das mulheres. Nesse aspecto, interessa realçar a luta cultural travada no contexto da “força pedagógica” (ELLSWORTH, 2005) para dizer das condutas das mulheres.

A análise do arquivo suscitou três eixos, apresentados em três canais, a seguir, indicados como: *Canal VI: Enunciados em disputa: Objetificação para consumo; Canal VII: Enunciados em disputa: Reiteração de práticas heteronormativas e Canal VIII: Enunciados em disputa: Pedagogias feministas de contraconduta.*

Nesses canais, irei apresentar cenas discursivas que são construídas a partir do discurso dos canais de YouTube. O discurso dos canais será analisado em diálogo com os interdiscursos que perpassam sua produção. Essas cenas dialogam entre si, entretanto faço a opção em cada vídeo, propaganda e filme de destacar alguns aspectos em detrimento de outros, não esgotando as possibilidades de debate desse material nesta minha análise.

6 CANAL VI: ENUNCIADOS EM DISPUTA – OBJETIFICAÇÃO PARA CONSUMO

Ao me debruçar sobre o arquivo de pesquisa, olhando juntamente para o aporte teórico-metodológico que sustenta minha tese, descrevo e analiso a rede discursiva na qual se encontram os enunciados sobre a objetificação de menina-mulher para o consumo. Sugiro, então, dizer que esses enunciados se unem através de fios condutores produzindo olhares da sociedade que atuam como pedagogias cultural e escolar. Meu interesse é saber quais os modos de ser menina-mulher, que discursos são produzidos e circulam em vários artefatos atuando na construção das subjetividades e na constituição do gênero como ato performático.

Como já observado, cada Canal irá contar com cenas discursivas. Nesta seção apresento cinco cenas discursivas que são construídas a partir do discurso dos canais de YouTube em relação com outros discursos, ou seja, em interdiscursividade. As cenas estão assim nomeadas: 1ª cena discursiva: “Não traduz o teu desejo de imagem”; 2ª cena discursiva: “Ficar linda”; 3ª cena discursiva: “Eu adoro esses produtos versáteis”; 4ª cena discursiva: O que “torna uma mulher muito feia é se vestir e agir de maneira muito vulgar”; e 5ª cena discursiva: “Determinados modos de agir, de andar...”.

6.1 PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “NÃO TRADUZ O TEU DESEJO DE IMAGEM”

No canal de YouTube Ana Lu Mais, observo a presença nominal de uma *playlist* com narrativas direcionadas ao público feminino, *coisas de mulher*, onde os temas recorrentes são beleza, procedimentos estéticos, saúde, maquiagem, roupas etc. Essas práticas discursivas atuam como operadores do ser mulher, ou seja, ao definirem regras sobre gênero, funcionam como ato performático de gênero, tal como defendido por Butler (2008) quando afirma que o gênero é produzido por meio de práticas discursivas engendradas através desses vários mecanismos.

Essas narrativas em alguma medida estão também construindo as próprias narrativas da *youtuber*. Cada sujeito “sempre faz um relato de si mesmo para o outro, seja inventado, seja existente” (BUTLER, 2017b, p.33). Ou seja, ao criar as *playlists* e construir a história a *youtuber* está em alguma medida narrando sua vida, construindo essa narração e compelindo quem ela interpela a também construir sua narrativa entrelaçada à dela. Entretanto, segundo Butler (2017b), é importante lembrar que a o

relato que faço de mim mesma só é contado para os outros, mas não é criado por mim. Esses relatos “têm caráter social e estabelecem normas sociais, um domínio de falta de liberdade e de substituibilidade em que nossas histórias ‘singulares’ são contadas” (BUTLER, 2017b, p. 33).

Entre as práticas discursivas, de construção de narrativas, observo que os discursos são reiterados por outros dispositivos. Um mesmo “eu” é construído e articulado em meio a esses canais de YouTube e artefatos investigados. Butler (2017b) entende que esse “eu” não se separa das normas éticas e referências conflituosas. Existe um investimento, uma condição, uma matriz para o surgimento do “eu”, mesmo sem uma intenção declarada. Ao decidir fazer um relato de si mesmo, o “eu” “pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (BUTLER, 2017b, p. 18). Ou seja, a história de si mesmo está implicada na história de relações que são tramadas ao longo da existência/constituição desse *eu*.

A história do *eu* é construída nas/pelas relações. Através de várias estratégias, seja visitar um estabelecimento parceiro da *youtuber* oferecendo descontos e serviços a suas(seus) seguidoras(es), mostrando partes do seu dia e sua rotina ou ensinando suas(seus) seguidoras(es) a fazer uma maquiagem ou algum tipo de atividade, ambas as situações estão atuando na construção desse *eu* que se representa como sendo menina-mulher, organizando-se como um ato performativo que está mais preocupado com as ações, com o significado, que tais escolhas carregam.

Essas atitudes e procedimentos demarcam um território do que é reiterado como feminino: como ser menina-mulher? Qual o tipo de mulher se espera formar? O que uma menina precisa fazer-ser para constituir-se como tal?

A *playlist Coisas de mulher*, do canal de Ana Lu Masi, contém 12 vídeos¹² com duração entre 6' e 30', com três vídeos sobre saúde; sete vídeos sobre estética e dois vídeos de rotina. Nesse espaço, vejo o discurso *coisas de mulher* associado ao uso de maquiagem, cuidar do cabelo frequentando salões de beleza como também a intervenção de outros procedimentos estéticos e/ou de beleza como preenchimento facial, *botox*, lipoaspiração, silicone etc. O conteúdo relacionado na *playlist* versa sobre esses cuidados estéticos. Observo nessa *playlist* um enunciado de

¹² Todos os dados quantitativos referentes a vídeos, *likes*, *dislikes*, visualizações estão em constante atualização. Dessa forma, os dados que estão nesta tese remetem ao seu período de coleta - até o mês de março de 2020.

conformação da mulher. Ser mulher não seria nessa circunstância nada mais que cuidar da aparência. Estabelece-se um processo de reiteração do ser mulher nesse perfil, pois o discurso de ser mulher é afirmado de maneira a ser apreendido pelas receptoras da interação como uma verdade. “De fato, a norma somente persiste como norma enquanto é atualizada na prática social e reidealizada e reinstituída durante e ao longo dos rituais sociais cotidianos da vida corporal” (BUTLER, 2014, p. 262). Desse modo, olhar para esses canais de YouTube e compreender que uma norma está sendo atualizada e reconstruída de vários modos me faz refletir sobre porque não atuar também na construção de outras formas, outras “normas” que olhem para as mulheres de modos mais amplos, pois é importante destacar que não se está afirmando que as mulheres não devam querer ou poder cuidar da aparência. O que está sendo problematizado é o fato de esse assunto ser o mais explanado em um espaço que anuncia o direcionamento a tal público.

Um dos vídeos que compõem a *playlist* é o acompanhamento que a *youtuber* faz de consultoria de imagem – o vídeo *Consultoria de imagem e estilo + personal shopping* foi publicado em 5 de abril de 2018 e tem mais de 4mil visualizações, 357 *likes*, 8 *dislikes* e duração de 25'27". Esse serviço de consultoria de imagem é cada vez mais popular nos dias de hoje, e o compreendo como uma pedagogia cultural, já que a pessoa que contrata recebe orientação sobre o que vestir, quais cores usar para combinar e realçar seu tom de pele, quais cortes de roupas favorecem mais seu biótipo físico, entre outros aspectos, remetendo a um mecanismo que em alguma medida aciona modos de regulação, por meio dos quais as mulheres são convidadas a se encaixar dentro de um padrão construído por outra mulher que tem sua construção cultural e uma representação sobre ser mulher, como observado na Figura 9.

Figura 9: Consultoria de imagem e estilo + *personal shopping*– Ana Lu Masi (2018)



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=6H6CAKZPGIE&list=PLwtzzXt22H193YfpEJyZt5Hdk9nqE0v&index=8>.

A consultoria acontece em quatro etapas. As três primeiras etapas têm como ações o descarte de peças que não servem mais e/ou não comunicam a proposta que a cliente deseja passar; a compra em lojas *on-line* e/ou físicas e a montagem dos *looks*; por fim, na quarta etapa, a cliente recebe o dossiê de estilo, com as propostas de *looks* (Figura 10).

Figura 10: Consultoria de imagem e estilo + *personal shopping* (Dossiê de Estilo) – Ana Lu Masi (2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6H6CAKZPGIE&list=PLwtzzXt22H193YfpEJyZt5Hdkf9nqE0v&index=8>.

No vídeo, a consultora de imagem Paula observa quando estão selecionando os vestidos que iriam sair do armário da cliente-*youtuber*. “Não traduz o teu desejo de imagem. Assim, elegância, essa coisa de você tá mais arrumada pra uma proposta prática, mas elegante”. E finaliza dizendo: “roupa nova, vida nova”. O serviço de consultoria funciona como uma pedagogia cultural, ensinando clientes sobre estilo e imagem. Ensina um modo de arrumar e gerenciar a vida particular da mulher. A *youtuber*, ao finalizar o vídeo dando um depoimento sobre a experiência de fazer

consultoria de imagem, diz que se sente mais feliz, elegante e condizente com a sua fase atual. E observa: “Vai mudando a nossa percepção da nossa roupa do nosso estilo”. O vídeo de Ana Lu Masi estabelece uma relação de concomitância com o filme *As patricinhas de Beverly Hills* (1995).

Esse vídeo da *youtuber* aciona outros discursos proferidos e postos em grande circulação, como os filmes de massa, tratados por Giroux (2013) como pedagogia cultural. São discursos que colocam as mulheres, em sua maioria, em uma estreita ligação com a sociedade de consumo (BAUMAN, 2001). Estabelece-se um interdiscurso com os enunciados do clássico filme *As patricinhas de Beverly Hills* (1995), como observado. Os discursos reiterados no vídeo de Ana Luiza funcionam como ato performativo, ao compreendermos que “a performatividade não é, assim, um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2010, p. 167). Nesse sentido, o modo de se vestir diz sobre um lugar de enunciação, diz sobre uma classificação de que tipo de mulher é essa. Na medida em que a performatividade é entendida como um ato no presente, ela esconde as convenções das quais ela é uma repetição, no modo de dizer de Butler (2017b). Importante observar “que esse ato não é primariamente teatral”, porém essa aparência de teatral se produz ao passo que sua historicidade permanece camuflada.

Compreendendo que a performatividade atua por meio desse processo de reiteração, no filme a protagonista e garota da alta sociedade, Cher Horowitz, tem um programa no computador para montagens de *looks*, no lugar de ter uma consultora de imagem e estilo. Na primeira cena do filme, ela mostra o funcionamento desse programa de computador, Cher abre seu guarda-roupa e analisa o *closet* virtual e monta os *looks* automaticamente através de fotos já armazenadas, como exemplificado na Figura 11.

Figura 11: *As patricinhas de Beverly Hills* (1995)



Fonte: <http://mylifestyle.com.br/app-analisa-seu-closet-cria-looks/>.

Em outra cena, a protagonista está procurando uma de suas roupas e mostra-se preocupada de não poder usar determinada roupa para a situação que irá viver, como observado no diálogo reproduzido a seguir e na Figura 12.

Cher: Eu ia fazer o exame de motorista, então eu tinha que achar uma roupa que me fizesse parecer responsável. Cadê a minha blusa branca sem gola?!

[A cena continua e ela procura a funcionária da casa, Lucy, e lhe faz a pergunta a seguir]

Cher: Cadê a minha blusa branca sem gola?

Lucy: Deve estar na lavanderia.

Cher: Hoje é meu exame de motorista, é a roupa que me faz parecer mais capaz.

Figura 12: As patricinhas de Beverly Hills (1995)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wbvJzhupbuE&list=PLskK77iB9vDysmVdex-au8JczTq3Xe9q3&index=8>.

Outras cenas do filme poderiam ser trazidas, mostrando como esse lugar de mulher associada à aparência é reiterado. Cher deposita em uma roupa a possibilidade de parecer mais responsável e capaz, quando é sabido que não seria uma roupa que ditaria sua aprovação no exame de motorista, mas, sim, o seu modo de conduzir. Assim como a personagem do filme, Ana Luiza também constrói um entendimento de que a sua roupa pode vir a estabelecer quem você é. Quando ela diz no vídeo “vai mudando a nossa percepção da nossa roupa, do nosso estilo”, de algum modo tal afirmativa está sendo produzida com apoio na ideia de que a roupa pode vir a mudar a postura da mulher nas situações reais, imprimindo uma outra identidade. Entretanto, também compreendo que na sociedade existem diversas situações nas quais os sujeitos são medidos e avaliados, aprovados ou não, mesmo tendo plenas condições,

por não estarem vestidos como esperado ou de acordo com o que se considera socialmente adequado. Desse modo quando os canais de YouTube constroem essa narrativa, assim como o filme, divulgando escolhas, compras e estilo, estão construindo uma rede discursiva e reafirmando um discurso sobre ser menina-mulher. Esses aspectos são evidenciados nas análises culturais realizadas por Giroux (2013), em particular no texto *Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney*. É importante dizer que um discurso em um determinado lugar de enunciação só se sustenta em rede. No caso em análise, há uma relação entre enunciados advindos de duas linguagens midiáticas: mídia digital e cinema.

Interessante observar que o filme *As patricinhas de Beverly Hills*, popularmente conhecido no Brasil, tem como título original *Clueless*, que em tradução livre seria “Sem noção”. Reflito sobre o que seria uma mulher sem noção? Qual o objetivo de filmes como esse, que propagam um enredo e um modo de ser-estar no mundo como mulher? Essa construção do que é ser menina-mulher está sendo a todo tempo reafirmada, a construção do sujeito de gênero que é performativamente produzido e imposto através de práticas que regulam cotidianamente a coerência de gênero, como observou Butler (2008), construindo um sujeito estável, uma substância que aparece como uma norma que se entende como a verdade daquele gênero, quando não passa de uma construção performática.

6.2 SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “FICAR LINDA”

No caminho que venho percorrendo, os canais infantojuvenis estabelecem-se como parte dessa rede discursiva que reitera e regula esse lugar de menina-mulher, atendendo a determinados padrões impostos socialmente. Eles são importantes nesta análise, pois me ajudam a perceber uma regularidade discursiva no modo de construir o entendimento de menina-mulher perpassando por este corte etário. Os canais¹³ *Planeta das Gêmeas* e *Juliana Baltar* trazem vídeos de *Dia de princesa*. Nesses vídeos, as *youtubers* infantojuvenis vão ao salão de beleza infantil para viver um dia de *spa*, maquiagem, procedimentos nos cabelos etc. As crianças estão acompanhadas por um adulto responsável que gerencia o canal e que aprova todos os procedimentos realizados. Observo que essa conformação desde muito novas as

¹³ Nos canais de YouTube infantojuvenis analisados, os comentários de ambos os vídeos estão desativados.

faz acreditar nesse padrão como sendo algo *normal*, necessário e comum, “almejando” esses momentos como os expressos no vídeo.

No canal das gêmeas, o vídeo *Nosso dia de princesa* foi publicado em 4 de julho de 2016, tendo mais de 27 milhões de visualizações, 279 mil *likes* e 36 mil *dislikes* e duração de 10'49". No vídeo (Figura 13), as gêmeas tinham 8 anos.

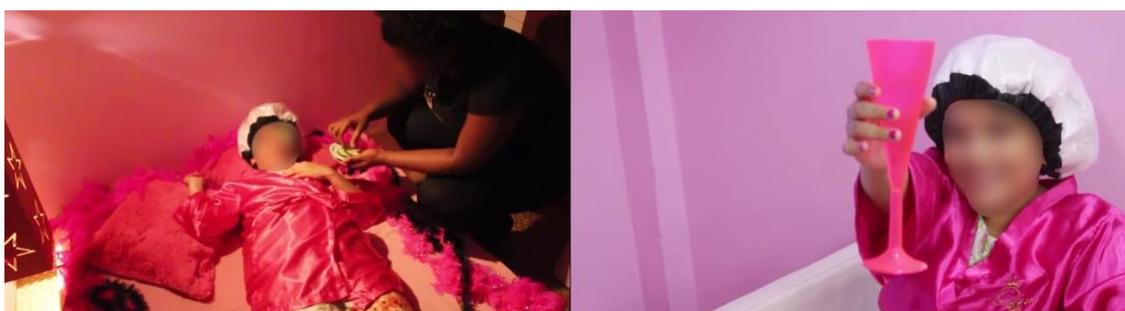
Figura 13: “Nosso dia de princesa” – Planeta das Gêmeas (2016)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zEWxoW8Ft7A>.

No canal de Juliana Baltar, o vídeo *Dia de princesa* foi publicado em 1º de outubro de 2016 com duração de 5' 51" e contabiliza mais de 2 milhões de visualizações, 59mil *likes* e 7,8mil *dislikes*. A menina tinha 8 anos (Figura 14).

Figura 14: “Dia de princesa” – Juliana Baltar (2016)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bjFtKFvq8fl>.

Ambos os vídeos iniciam com a saudação costumeira das *youtubers* infantojuvenis. No Planeta das Gêmeas: “Oi, amigos! Oi, amigas!”. E no Juliana Baltar: “Oi, galera! Tudo bom com vocês?”. Em seguida, as meninas anunciam que terão um

dia de princesa e só ao final do vídeo sinalizam a publicidade, informando onde fica o salão na cidade do Rio de Janeiro.

Durante a visualização dos vídeos, observei que todo o cenário é cor-de-rosa, símbolo historicamente constituído como um marcador de feminilidade e delicadeza, como observado por Belarmino (2015). Os utensílios e a decoração remetem a um castelo. As meninas esperam para realizar todos os procedimentos, porém é notável a falta de autonomia e naturalidade na construção do enredo. Aparentemente elas estão diante de uma regulação de seus atos e atitudes, estão encenando, estão atuando performaticamente, controlando suas reações e movimentos a fim de demonstrarem certa maturidade diante dos procedimentos que não têm condições de apresentar. Entre os procedimentos feitos pelas meninas, dois me chamam a atenção: a escova e a chapinha no cabelo. Inicialmente questiono-me quais os efeitos na construção da subjetividade dessas crianças ao serem expostas a um cuidado demasiado com a aparência? E que tipo de sujeito se quer construir, ao se reforçar um lugar de menina-mulher apenas ligado à aparência?

As meninas demonstram no vídeo pouca naturalidade e/ou uma reação não tão feliz de estar naquela situação. Entendo que a infância deve ser prioritariamente o tempo de estudar e brincar. O que fazem essas meninas em um salão de beleza tão cedo? Nesse sentido, associo-me a Dalethese (2017) em seu estudo *Faz de conta que todos nós somos youtubers: crianças e narrativas contemporâneas*, quem e ajuda a reforçar que “as experiências das crianças são afetadas por essa fragmentação, deslocalização e diversidade que caracteriza a cultura na atualidade” (DALETHESE, 2017, p. 46). As crianças estão expostas a uma grande variedade de referências, essa “pluralidade de referências simbólicas e culturais – que não se concentram mais apenas no espaço familiar e escolar como outrora – provocam a variação dos modos de perceber e pertencer à cultura” (DALETHESE, 2017, p. 46). Agora as crianças estão diante de vários tipos de espaços, que não só se ampliaram, mas também se diversificaram ampliando-se a possibilidade de “combinar e mesclar os diversos espaços, linguagens, grupos e mensagens com que elas lidam cotidianamente. Diferentes usos e leituras de mundo, diferentes manifestações na infância” (DALETHESE, 2017, p. 46). O que elas estão construindo em suas cabeças sobre cuidado, autocuidado, beleza etc.? Que tipo de prática está sendo reiterada na construção da subjetividade do que é ser menina-mulher para essas meninas?

No canal de YouTube das Gêmeas, a visita a esse tipo de estabelecimento é algo comum. As *youtubers* já realizaram em média de três visitas, em tempos e idades distintas. Nessas visitas, observa-se uma regularidade enunciativa, o discurso de ser menina-mulher é reafirmado, reiterado e regulado de várias maneiras. Seja na imposição através das cores como marco de feminilidade, seja através dos procedimentos que são realizados e colocados no âmbito do natural.

Agregado a aparência e estética do vídeo à fala das *Youtubers* infantojuvenis também chama atenção:

Juliana Baltar: Galera depois que eu relaxei no *spa*, eu tô aqui fazendo as unhas preu ficar linda. Ah! Eu tô me sentindo uma verdadeira princesa! Obrigada ao Salão Princesa por me proporcionar esse dia. Eu amei! Eu amei! Eu amei ficar linda!

Planeta das Gêmeas [após pintar as unhas]: Gente, olha que lindo que ficou! [após todos os procedimentos, elas se olham no espelho e exclamam:] Eu tô liinda! Ahhh, eu amei! Ai, meu Deus! Eu tô linda! Eu amei!

É interessante observar que as falas das *youtubers* infantojuvenis, durante a realização dos procedimentos marcam uma postura de estar naquele espaço para *ficar linda*, denotando uma infância que está perpassada por valores segundo os quais para se *estar* linda precisamos intervir em nós mesmos, alisando o cabelo, fazendo maquiagens profissionais, pintando as unhas, deixando de ser uma brincadeira de faz de conta, própria da idade e ganhando um *status* de precisar realizar tais procedimentos para alcançar um padrão de beleza feminina estipulado socialmente.

Ao observar como as garotas saem do salão de beleza na Figura 15, vejo que a formatação é padrão: alisar o cabelo, usar maquiagem e pintar as unhas, entre outros aspectos, como também é reafirmado através das falas das crianças. Juliana diz: “Galera, agora eu vou fazer uma escova no meu cabelo e depois eu vou fazer uma chapinha pra ele ficar bem lisinho”, e as gêmeas: “Olha pro nosso cabelo... [viram de costas] Não tá bem lisinho?”. Compreendo, assim, que as crianças estão crescendo diante de uma nova forma de funcionamento¹⁴. Muitos discursos estão

¹⁴ Nesta cena, fica visível a questão de interseccionalidade entre a questão de gênero e raça, contudo neste estudo não dou conta de abranger tal debate. Tais aspectos poderão ser relacionados em pesquisas e textos futuros. Hollanda, em “Explosão feminista”, dialoga com a interseccionalidade, observando que ela “vem se construindo como forma de interpelar as hierarquias de opressão presentes, apontando para a variedade de estruturas que invisibilizam e apagam as múltiplas

sendo reformulados e a invasão da tecnologia tem atuado na reconstrução, ou seja, “estão crescendo e aprendendo num contexto em que as novas tecnologias e mídias intensificam a dispersão dos sentidos e saberes, as identidades e culturas infantis também estão concomitantemente se multiplicando e se transformando” (DALETHESE, 2017, p. 46).

Figura 15: Planeta das Gêmeas e Juliana Baltar (Dia de princesa – 2016)



Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=bjFtKFvq8fle> e <https://www.youtube.com/watch?v=zEWxoW8Ft7A>.

Compreendendo que a rede discursiva está implicada em enunciados que ora reiteram as práticas enunciadas e ora desconstroem, a campanha publicitária da marca de camisetas FCKH8 em 2014 propôs que cinco meninas de 6 a 13 anos de idade, como ilustrado na Figura 16, questionassem os padrões de gênero, entre outros aspectos. As garotas aparecem no vídeo usando vestidos de princesas, porém, para o espanto de muitos, trazem para o debate temas sérios com uma postura firme e impositiva. As meninas também fazem uso de palavrões como recurso retórico, com a ideia de realmente chocar o público. Repetidas vezes, as garotas dizem: “Foda-se essa merda sexista”. Elas refletem: “Então, o que é mais ofensivo? Uma menininha dizendo m\$#”%*? ou a m\$#”%* da maneira sexista e desigual que a sociedade trata meninas e mulheres?”.

demandas das mulheres” (HOLLANDA, 2018, p. 230). Desse modo, a interseccionalidade surge para buscar novas formas, novas teorias, que possam dar conta de especificidades e cruzamentos.

Figura 16: FCKH8 (2014)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=bvww_xdRJmo.

Os vídeos *Dia de princesa* dos canais de YouTube de Juliana Baltar e Planeta das Gêmeas estabelecem uma relação de concomitância com a propaganda da FCKH8. As falas das *youtubers* infantojuvenis falam desse lugar de *ser linda* que na campanha publicitária é questionado. Nesse sentido, a campanha publicitária reflete que as meninas querem ser mais que lindas. As garotas da campanha dizem assim: “Seja linda! Aqui está o engano, ‘linda’ é um elogio, mas assim é como se enfoca o jogo contra as meninas. A sociedade ensina às meninas que seus corpos, os seus seios e o traseiro são mais importantes que seu cérebro. Ensinem-nos a pensar! Valemos o que vale nossa cintura?”. “Então, antes de pensar, devemos limpar a boca dessas meninas? Seria melhor que a sociedade limpasse a sua maneira de ser”, diz, ao final, o vídeo. O vídeo da campanha publicitária atua de maneira performativa, contribuindo para a construção de outro tipo de realidade, reiterando o lugar de menina-mulher forte e sendo constituída muito além de seu corpo ou qualquer aspecto físico.

Essa construção que se faz diante de um corpo, segundo Butler (2008, 2010), estabelece-se através de algumas fronteiras que são construídas de modo coletivo. Cada menina-mulher ao longo da vida compreende de vários modos se seu corpo está autorizado a aparecer ou não. Compreende também se o que esperam delas vem de suas cabeças ou do modo como seu corpo aparece. Existe um discurso atuante na sociedade que naturaliza padrões que são difíceis demais de serem alcançados. As revistas, filmes, propagandas e lojas ditam as normas, e cada menina, como participante desse jogo, pode sentir-se compelida a atender a esse padrão

insano. Desse modo, campanhas como a da FCKH8 deslocam as normas e fazem pensar.

Na produção dessa menina-mulher, as falas das miniyoutubers acionam um debate e me transportam para a cena do filme *Diário de uma princesa* (2001), na qual a rainha Regina de Gênova e avó de Amélia, personagem principal do filme e a aspirante a princesa, recebe a neta para que ela se prepare para um jantar no qual será apresentada como princesa para a sociedade. Para realizar o procedimento de transformação, um cabeleireiro italiano, Paulo, é contratado pela avó da princesa. Paulo recebe Amélia com olhar de estranhamento, travando com as personagens o seguinte diálogo:

Cabeleireiro: Regina minha, boa tarde! Minhas assistentes.
 Avó (Regina): É muito bom você estar disponível para estar aqui. Não podemos perder tempo, comecemos o trabalho.
 Cabeleireiro: É claro! Onde está a bela garota?[não observando que a garota está a todo momento ao seu lado].
 Avó (Regina): A minha netinha [apontando para a neta ao lado dele, vide Figura 17].
 Cabeleireiro: Susto! [grito] Ela é... linda. Deixe eu ver mais de perto.
 Avó (Regina): Temos um tempo limitado até antes do jantar oficial.
 Cabeleireiro: Mais que cabelinho... encaracolado... no melhor sentido.
 [...]
 Avó (Regina): Eu tenho que sair agora. Mais tarde volto para ver a surpresa.
 Cabeleireiro: Então, vamos começar, princesa. Nas mãos de Paulo, você ficará muito bonita. Você tem o cabelo duro... mais... [risos] como um lobo [quebra a escova no cabelo da menina]. Tudo bem! E lentes de contato... [quebrando os óculos da menina] você usa?
 Amélia: Eu tenho, só que eu não gosto muito de usar.
 Cabeleireiro: [quebra os óculos] Agora, usa!
 Amélia: [reação incrédula diante dos óculos quebrados] Quebrou os meus óculos!
 Cabeleireiro: Quebrou minha escova. Assistentes, ao ataque! Adoro suas sobrancelhas. Vou chamar ela de Frida e Kahlo.

Figura 17: Diário de uma Princesa (2001)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=LSUPKWKWNU4&list=PLXg0O6QmCGa2oMdv5L_KSeL_Bapjhc9kF-&index=10.

Essa cena do filme me traz muitas referências. Observo que a princesa se encontra sem muita voz diante dos procedimentos que irá sofrer. A cena atua para regular e reiterar o lugar de menina-mulher socialmente desejável. Primeiramente, algo não está bom em Amélia: a aparência dela de alguma forma não agrada o que a sua avó constrói como sendo uma aparência de princesa, como sendo uma representação do que é uma princesa. O segundo aspecto refere-se ao fato de o cabeleireiro não notar a presença de Amélia ao entrar na sala, demonstrando estranhamento e susto ao ser apresentado à menina, que o tempo todo esteve ao seu lado na cena. Assim como o canais infantojuvenis de YouTube, o filme mostra que a aparência da princesa não atende a um padrão estabelecido socialmente, ou seja, não está atendendo à norma.

Os procedimentos feitos nas *youtubers*, demonstrados na Figura 18, são em sua grande maioria iguais aos expostos no filme na Figura 19. A transformação opera na reiteração e conformação de um lugar, unhas feitas, cabelo liso, maquiagem, postura de princesa, sorriso estampado e sobrancelhas feitas, no caso do filme. Esses procedimentos não correspondem à faixa etária, porém eles acontecem como observado no salão de beleza frequentado pelas *youtubers* crianças no filme.

Figura 18: Planeta das Gêmeas (2016) e Juliana Baltar (2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zEWxoW8Ft7A>.

Figura 19: Diário de uma Princesa (2001)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=LSUPKWKWNU4&list=PLXg0O6QmCGa2oMdv5L_KSeL_Bapjhc9kF-&index=10.

Ou seja, as cenas atuam na reiteração da norma com as crianças *youtubers* e com Amélia. Essa norma possui o poder social de conformar aqueles corpos que estão sendo produzidos performaticamente. Nesse sentido, Butler (2014, p. 261) observa que “se gênero é uma norma, isso não equivale a um modelo ao qual os indivíduos tentam se aproximar. Ao contrário, é uma forma de poder social que produz o campo inteligível de sujeitos, e um aparato pelo qual o binarismo de gênero é instituído”. E ao se instituir um binarismo, tem-se uma forma de produzir cada um dos lados dessa estrutura binária.

Ao finalizar todos os procedimentos no salão, as *youtubers* mostram o resultado final apresentado na Figura 15, anteriormente citada. O mesmo ocorre na cena do filme: Amélia é “transformada” em uma princesa e apresentada como na Figura 20, depois de todos os procedimentos estéticos. É interessante observar que as falas das *youtubers* confirmam um enunciado sobre menina-mulher princesa. Juliana diz: “Ah!! Eu tô me sentindo uma verdadeira princesa!”. Da mesma forma ocorre a reiteração desse lugar no filme, após a transformação através do cabeleireiro, das assistentes e da avó. Esse lugar de estar *bela* para ser princesa é reiterado na fala final da avó, quando diz: “Melhor! Muito melhor!”, finalizando a cena da reapresentação de Amélia, agora “transformada” em algo que visivelmente a menina não está tão confortável em assumir.

Figura 20: Diário de uma Princesa (2001)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=LSUPKWKWNU4&list=PLXg0O6QmCGa2oMdv5L_KSeL_Bapjhc9kF-&index=10.

Observando em paralelo as imagens do vídeo de Juliana e do filme, vejo as expressões não tão condizentes com a construção imaginário-enredada de que as crianças estão nesses espaços/posições também porque querem, porque desejam. Entendo como Bauman (2008) que a construção dos nossos desejos em grande medida está também embebida do que nos é ensinado a gostar e a significar como sendo pertinente a nosso lugar na sociedade. Desse modo, o vídeo de Juliana Baltar estabelece um interdiscuso com essa cena do filme, tanto a *youtuber*, na Figura 21, quanto Amélia, na Figura 22, demonstram que não estão tão confortáveis assim diante dos procedimentos e resultados. Os desconfortos de Juliana e Amélia são notáveis. Nos seus semblante elas não expressam alegria e contentamento de estarem naquela situação. Observo olhares de quem não se reconhece muito naquela aparência.

Figura 21: “Dia de princesa” – Juliana Baltar (2016)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bjFtKFvq8fl>.

Figura 22: Diário de uma Princesa (2001)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=LSUPKWKWNU4&list=PLXg0O6QmCGa2oMdv5L_KSeL_Bapjhc9kF-&index=10.

Amélia, diante dessa transformação, encontra-se num processo de reconstituição. O reflexo no espelho não é exatamente o que ela estava acostumada a ver. Muitas mudanças ocorreram de modo abrupto e a busca de encaixar a menina em um molde pareceu urgente. Butler (2017b) inspirada nos estudos de Foucault sobre o sujeito, diz que, quando o autor fala da *constituição de si*, ele está também falando que esse sujeito se constitui através de um regime de verdade. Esses regimes estão dentro e fora do sujeito, “mas também são apresentados como as normas disponíveis, pelas quais o reconhecimento de si acontece” (BUTLER, 2017b, p. 35). Ou seja, “o que posso ‘ser’, de maneira bem literal, é limitado de antemão por um regime de verdade que decide quais formas de ser serão reconhecíveis e não reconhecíveis” (BUTLER, 2017b, p. 35). Nesse circuito, as crianças *youtubers* e a princesa do filme reconhecem cada uma o seu lugar, o que lhes cabe ser naquela história e o que não parece apropriado para aquele contexto.

Observo junto a Butler (2017b) que talvez o termo decidir soe demasiadamente forte, “pois o regime de verdade fornece um quadro para a cena de reconhecimento, delineando quem será classificado como sujeito de reconhecimento e oferecendo normas disponíveis para o ato de reconhecimento” (BUTLER, 2017b, p. 35). Importante compreender que as decisões que eu tomo de algum modo estão compelidas pelas normas, mas não são por elas totalmente conformadas, pois esse quadro de normas é passível de ser contestado. Ou seja, “nossas decisões não são determinadas pelas normas, embora as normas apresentem o quadro e o ponto de referência para quaisquer decisões que venhamos a tomar” (BUTLER, 2017b, p. 35).

Isso significaria “apenas que é em relação a esse quadro que o reconhecimento acontece, ou que as normas que governam o reconhecimento são contestadas e transformadas” (BUTLER, 2017b, p. 35).

Na cena do reconhecimento, no modo de cada sujeito constituir-se, observo o interdiscurso construído através dos canais de YouTube atrelado à produção de outros artefatos, propagandas, filmes etc., trabalhando para a construção de uma rede discursiva. Os canais e esses artefatos analisados se debruçam sobre a construção dessa menina-mulher, (re)construindo versões dessa visão já legitimada socialmente, reiterando o lugar de normalização e de padrões socialmente construídos e atuantes na construção da subjetividade dessa menina-mulher.

6.3 TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “EU ADORO ESSES PRODUTOS VERSÁTEIS”

Em meio ao meu olhar sobre o arquivo, percebo que a construção em torno da mulher e os cuidados domésticos são um discurso que ultrapassa décadas. Há muito tempo, as mulheres são vistas e colocadas como mais um objeto doméstico, que em alguma medida estariam disponíveis a servir o marido e/ou a família. Através de práticas discursivas, o discurso construído pela *youtuber* ajuda na articulação dessa rede que tece fios e conecta vários discursos e interdiscursos. Mesmo estando localizada em uma sociedade onde os serviços domésticos são divididos ou são responsabilidade de empregadas contratadas, o reforço desse discurso ainda é recorrente, como observado no vídeo apresentado pela *youtuber*.

O vídeo publicado no canal de Ana Lu Masi, *Limpeza em casa: brinquedos e casa*, constitui-se de uma publicidade de um eletrodoméstico de limpeza. Tem mais de 6 mil visualizações, 392 *likes* e 7 *dislikes* e foi publicado em 20 de setembro de 2018 com duração de 10' 5". A *youtuber* testa o produto junto com a sua família, esposo, filhas e funcionárias. A utilidade do produto é de limpeza de utensílios ou estrutura. Interessante observar que as crianças estão sempre por perto ajudando na montagem da máquina e vendo a utilização. No momento do uso, ao pai fica reservado limpar a parte estrutural; à mãe e *youtuber* ficam reservados os cuidados com roupa, cozinha e banheiro, como ilustro na Figura 23. Essa forma de separar o serviço doméstico é tradicional e repetida por muitas gerações. Importante destacar que no

vídeo a *youtuber* também demonstra estar ensinando o uso do novo equipamento doméstico às suas funcionárias, que inclusive aparecem na filmagem.

Figura 23: Vídeo Limpeza em casa: brinquedos e casa – Canal de Ana Lu Masi (2018)

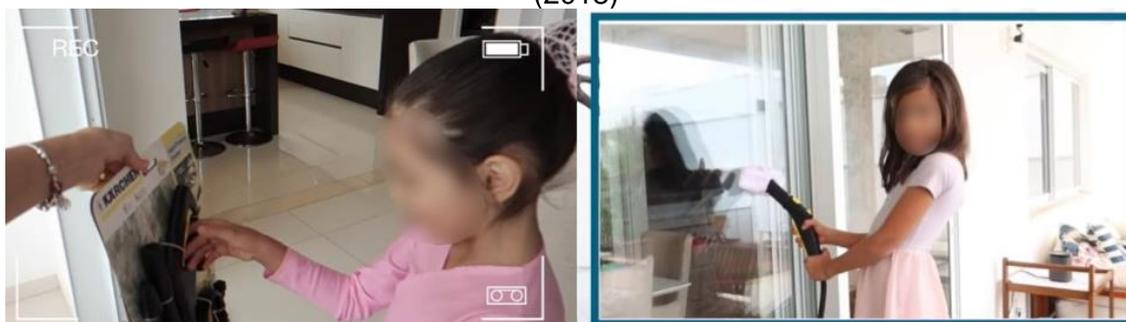


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jFa3Kk9D3ic>.

Ao final do vídeo, a *youtuber* diz “Eu adoro esses produtos versáteis que dá pra usar no piso, no vidro, até para passar roupas que vocês viram. Também usei na bancada da cozinha, dá pra limpar fogão, aquelas sujeiras mega grudadas, então vale a pena”. Após apresentar, aprovar e indicar o produto, ela sinaliza um cupom de descontos para suas(seus) seguidoras(es) válido na loja da marca.

Nos últimos minutos do vídeo, a *youtuber* mostra que também recebeu uma máquina semelhante, porém infantil. Uma máquina para a mãe e uma máquina para a filhinha, contribuindo, assim, para reiterar duplamente uma norma. Primeiro, ao divulgar um produto para cuidados com o lar, a *youtuber* se coloca também como mulher-cuidado, mulher-limpeza, entre outras nuances. E em seguida, ao incluir no vídeo o produto doméstico para a criança, como na Figura 24, reitera-se a conformação também da menina ao lugar de cuidado, construindo, assim, um discurso sobre a menina-mulher que cuida, zela, limpa, organiza e em certa medida deverá ser responsável por gerenciar uma casa futuramente.

Figura 24: Vídeo Limpeza em casa: brinquedos e casa – Canal de Ana Lu Masi (2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jFa3Kk9D3ic>.

Aciono o domínio da memória com o discurso de propaganda na década de 1950. O modo de construir e reiterar o lugar da mulher como responsável pelos cuidados domésticos é algo que já está há muito tempo sendo revisto e que deve ser sempre observado. Os serviços domésticos há muito tempo já não devem ser apenas responsabilidade das meninas-mulheres. Em alguns lares, já se observa que esse modo de vida se estabelece como passado, em outros, é reafirmado, como observado no vídeo da *youtuber*, que acaba por reforçar uma lógica de divisão dos afazeres. Dessa forma, o vídeo da YouTube encontra-se com a propaganda da Figura 25, que diz “Para tornar a tarefa do lar mais agradável, a Champion criou a enceradeira mirim para sua filhinha”. Esse lugar de mulheres-cuidados, mulheres-limpeza etc. e esse tipo de discurso não devem mais ser admitidos – o gênero como ato performático sendo construído a partir de práticas discursivas que operam de maneira precisa desde muito cedo, capturando os sujeitos que fazem parte dessa interação. Segundo tal tipo de discurso, esse seria o lugar ao qual a futura mulher, a filhinha, deveria se associar.

Figura 25: Propaganda de 1950 alusiva ao Dia das Mães

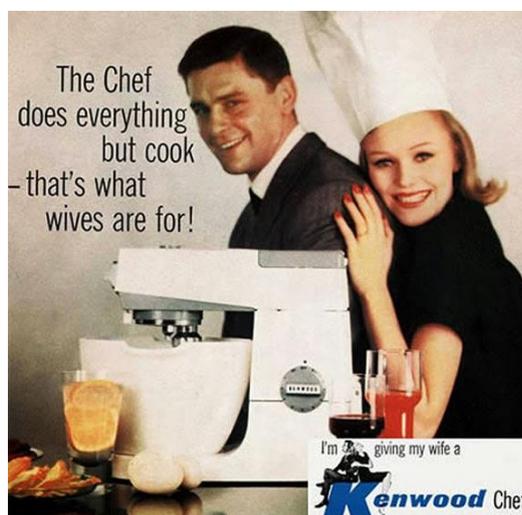


Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br>.

Atuando na mesma rede discursiva, algumas propagandas comunicam de forma irônica o lugar que essa mulher deve ocupar. A propaganda citada na Figura 26 diz em inglês: “O Chef [a batedeira] faz tudo, menos cozinhar. É pra isso que existem as esposas”. E em uma propaganda da Bombril (Figura 27), vê-se o lugar que as mães

têm na casa com a frase “Limpol acaba com a gordura sem acabar com as mães. Desculpe com as mãos”.

Figura 26: Anúncio de 1961 da batedeira Kenwood Chef (EUA)



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/batedeira-kenwood-chef-esposas-1961.html>.

Figura 27: Propaganda do detergente Bombril alusiva ao Dia das Mães de 1998



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br>.

O vídeo apresentado por Ana Lu Masi e as propagandas descritas são construídas em atos repetidos para a conformação da mulher-dona de casa que é associada a eletrodomésticos ou produtos de limpeza. A ratificação desse lugar de

mulher é um discurso que remonta a décadas, sendo mantido por meio de vários artefatos e enunciados que são socialmente engendrados para capturar as mulheres e conformá-las na regra. Observando cada uma das propagandas, não encontro mulheres esteticamente fora de um padrão social, não vejo mulheres esboçando tristeza ou descontentamento. As mulheres retratadas atendem a um padrão social, com exceção da campanha da Bombril, onde por marca registrada eles utilizaram durante muitos anos um mesmo personagem masculino que se fantasia para representar vários papéis. Mas mesmo o personagem da Bombril apresenta-se caracterizado como uma senhora que está longe de ter um padrão social desfavorecido.

Esse lugar de mulher associado aos afazeres domésticos é reiterado e legitimado de diversas maneiras. Observo essa conformação de papéis sendo construída através dos conhecimentos pertinentes às vidas das meninas que frequentam a *Escola de princesas* e pelo modo como esse discurso é articulado, sendo o bom funcionamento da vida doméstica um ponto que chama atenção.

O vídeo do canal de YouTube está em relação de concomitância com a matéria da TV Estadão sobre a Escola de Princesas, veiculada no dia 12 de outubro de 2016, com o título *Fábrica de princesas* (Figura 28). Ele tem mais de 22 mil visualizações no YouTube. Na descrição da matéria, lê-se: “Prestes a inaugurar filial em São Paulo, Escola de Princesas ensina crianças e adolescentes regras de etiqueta e técnicas de como se tornar uma mulher bela, recatada e do lar”. A Escola de Princesas estaria atendendo a um ideal regulatório. Para Butler (2010), a regulação teria fundamento no “ideal regulatório” foucaultiano, segundo o qual o sexo não funciona apenas como norma, pois ele seria uma prática regulatória que atua na produção dos corpos que ele governa. Dito de outro modo, “toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 2010, p. 153-154). Essa força regulatória atua na conformação das meninas-mulheres que devem apreender a norma para manutenção de seu lugar na sociedade e na família.

Figura 28: Matéria Escola de Princesas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W0Ls5CTEiWI>.

A matéria sobre a *Escola de Princesas* traz informações importantes. O vídeo conta com a fala de uma mãe de aluna, da fundadora da escola e das crianças que reforçam a construção que é feita cotidianamente. A matéria diz:

Mãe de aluna: Ela desde criança entender que existem papéis que cabe a ela, com o toque feminino, que são os detalhes, então eu acho muito importante porque contribui muito, facilita meu trabalho, como mãe.

Fundadora: Quais as situações do dia a dia dela, ela teria que enfrentar, e os desafios que ela teria que encarar e superar? Então diante dessas questões a gente foi montando o nosso planejamento, colocando aulas simples, desde arrumar sua cama, organizar seu guarda-roupa, fazer uma mala... coisas pra vida mesmo.

Mãe de aluna: Eu vejo que a escola contribui porque ela forma essa mulher, ela contribui na organização dessa mulher desde já com uma casa organizada, com diretrizes, ela pode facilitar a vida da sua ajudante doméstica.

Criança: Ah, eu tinha hora que comia só com o garfo ou tem hora que a gente comia assim (inclinando o corpo sobre a mesa), agora a gente mudou! Todo jeito de princesa. eu amo dizer que é certo.

Criança 2: Eu não tinha uma postura, e eu queria fazer assim, o certo.

Mãe de aluna: Eu vejo que a escola, ela contribui porque ela despertou desde criança, a minha filha frequenta a escola de princesa desde os 5 anos, hoje ela tá com 9. Ela sabe o que ela quer colocar na mesa, ela sabe o que ela quer comer, e eu acredito que ela não vai dividir grandes funções com o marido porque ela vai pedir que o marido compre aquela flor, ela vai pedir que o marido traga em parceria com ela aquele detalhe que ela quer pra dentro de casa.

De maneira sutil e com a rubrica do entretenimento, o discurso é formulado. A *youtuber* e as alunas da *Escola de Princesas* vão construindo o que é pertinente e adequado para uma menina-mulher. A matéria constrói um discurso sobre a *Escola de princesas* através das falas de mães, dona da escola e das próprias crianças. A mãe de uma aluna destaca que a escola dialoga com os objetivos que tem em relação à filha: ela deseja que a filha seja uma menina-mulher que esteja pronta para os cuidados domésticos, ou melhor, que ela esteja pronta para orientar suas(seus) funcionárias(os) a realizar o que é de seu desejo. A mãe afirma: “[...] ela forma essa mulher, ela contribui na organização dessa mulher desde já com uma casa organizada, com diretrizes, ela pode facilitar a vida da sua ajudante doméstica”. Ou ainda quando condiciona essa mulher a estar se preparando para um futuro casamento heterossexual “[...] ela não vai dividir grandes funções com o marido porque ela vai pedir que o marido compre aquela flor, ela vai pedir que o marido traga em parceria com ela aquele detalhe que ela quer pra dentro de casa”.

Observo também, diante dessa última colocação, que cabe à mulher pedir o que deseja ao marido. Ela não teria sozinha o poder de comprar ou de resolução de suas demandas domésticas.

O vídeo apresentado no canal de YouTube atua reiterando um modo de ser-estar no mundo como menina-mulher que é também reafirmado no discurso veiculado nas propagandas e na *Escola de Princesas*. Sendo o canal de YouTube uma forma de pedagogia cultural, ele estaria atuando junto à *Escola de Princesas*, então, além da escola formal, já marca os corpos das crianças, como observou Louro (2010b). Os canais de YouTube, junto com as propagandas e a *Escola de Princesas*, estariam atuando de modo penetrante na construção de um entendimento sobre menina-mulher sexista e pautada no ideal de educar meninas-mulheres para aceitarem os regimes de conformação a um lugar de cuidado e afazeres domésticos. Essa rede discursiva reitera o lugar em que a mulher deve se encontrar apresentando uma regularidade no modo de construir o discurso sobre menina-mulher. Tais discursos constituem-se como um ato performativo, e o gênero como ato performático se constitui diante dessas práticas discursivas, no modo de entender de Butler (2008).

É por meio, também, dos enunciados que estão nas embalagens de produtos que as meninas-mulheres são convidadas a dar sentidos e significados às suas construções subjetivas. São convidadas a se enquadrar em uma *fôrma* pouco flexível. Tal rede discursiva nega às mulheres outras possibilidades, recolocando-as em

determinados lugares, por vezes não almejados, desejados, e que não possibilitam várias facetas e novos entrelugares. Percebo que a representação desse sujeito menina-mulher normalizado é cotidianamente reforçada, operando na construção desses discursos de forma ativa; as crianças são “sutilmente” ensinadas a como se constituírem como meninas-mulheres nessa roda viva.

6.4 QUARTA CENA DISCURSIVA: O QUE “TORNA UMA MULHER MUITO FEIA É SE VESTIR E AGIR DE MANEIRA MUITO VULGAR”

O canal de Fabiola Melo produz uma narrativa na busca de conformar as mulheres em padrões, atua regulando os modos e posições que a mulher pode assumir. Segundo Butler (2010, p. 168), “esses esquemas regulatórios não são estruturas intemporais, mas critérios historicamente revisáveis de inteligibilidade que produzem e submetem corpos que pesam”, tornando-se, assim, uma poderosa tecnologia que pode ser revisitada e remodelada de acordo com as necessidades e questões expostas. No vídeo *10 coisas que tornam uma mulher feia*, com mais de 500mil visualizações, com duração de 6'38", 50 mil *likes* e 800 *dislikes*, publicado dia 22 de abril de 2015, a *youtuber* constrói uma narrativa que atua na reiteração da mulher em conformidade a um padrão preestabelecido. Destaco três das 10 coisas que tornam uma mulher feia:

[...] Um clássico exemplo disso são aquelas mulheres que postam fotos com as partes dos corpos de fora das roupas, os peitos dominando tudo com quadros de escoliose aguda, com a boca de quem acabou de levar uma ferroada de uma abelha italiana, e na legenda das fotos, porque não, mensagens bíblicas?

Terceira coisa que torna uma mulher muito feia é se vestir e agir de maneira muito vulgar.

Quarta coisa que torna uma mulher muito feia é ter comportamento masculinizado. E não, não estou me referindo a estilo, porque tem muitas garotas por aí que conseguem ficar as coisas mais fofas usando tênis, calça *jeans* e um boné para trás e um moletom, juro, mas eu me refiro a mulheres que parecem mais macho que muito homem.

Nos períodos transcritos, observo que a mulher é entendida como sendo um sujeito que deve atender a determinados padrões e deve esconder o corpo, pois ele é quem provoca em muitas situações o outro – “fotos com as partes dos corpos de fora das roupas”. Compreende-se que mostrar o corpo é algo errado e que leva a

interpretações localizadas na lógica de uma colocação da mulher em um lugar subalterno, sendo necessário regular esse corpo a mostrar apenas o que é necessário, ou melhor, a não mostrar.

Outro ponto observado é o lugar de a mulher não parecer vulgar –“o que torna uma mulher muito feia é se vestir e agir de maneira muito vulgar”. Ser vulgar é algo associado à ideia de desprestígio. Na lógica empregada no vídeo, ser vulgar estaria atuando como algo que não é desejável em uma mulher que se respeite e queira conseguir um “bom” casamento. Pergunto-me o que tornaria uma mulher vulgar? Observo também que nessa teia performática parecer feminina é algo indispensável, pois “o que torna uma mulher muito feia é ter comportamento masculinizado”, levando a compreender que ser feminina teria um padrão a ser seguido e que de modo geral o sexo oposto também normalizado seria sempre o alvo que se quer atingir. Nessa lógica, o sexo oposto padrão não valoriza esse tipo de comportamento masculinizado, ele está atrás de uma mulher conformada, que reitere a norma e que atenda aos padrões estabelecidos socialmente.

O discurso de como uma menina-mulher deve ser reforça a necessidade de serem femininas e atenderem ao certo. Entretanto esse padrão não acolhe e não inclui a pluralidade de mulheres que formam a sociedade, reforçando a regularidade discursiva que venho apresentando nesta tese. A fala da *youtuber* encontra no público seguidor do canal, através da interação nos comentários onde várias pessoas compartilham sua visão, visões que ora concordam com Fabiola, como observado nos comentários abaixo, na Figura 29, ora discordam.

Figura 29: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

E em outros momentos, as(os) seguidoras(es) atuam reivindicando e contestando o que Fabiola apresenta, como destaque nas Figuras 30 e 31. Nos comentários, aparecem questionamentos como: “bem machista; da parte da mulher vulgar, mulher tem direito de ser o que bem quiser, isso não a torna feia, e se alguém achar feio problema da pessoa, mulheres não (são) vitrines com roupas bonitas que tem que agradar só quem ver por fora”. Esses comentários demonstram em alguma medida o quanto a sociedade consome esse tipo de material e o quanto em alguma escala consegue avaliar e discernir sobre o que está sendo veiculado. Assim como também pode se observar que agora não só as(os) *youtubers* veiculam e afirmam um debate, pois elas(eles) são reafirmadas(os)/confrontadas(os) pelo público.

Figura 30: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo

 **Rebecca Rodrigues** 3 anos atrás

Bem machista.

  RESPONDER

▲ Ocultar resposta

 **Happy Curious** 1 ano atrás

Rebecca Rodrigues O feio que ela tá falando é o feio espiritual e falta de educação. Por exemplo,não é agradável colocar o dedo no nariz em público ou não é legal quando uma mulher ou homem só se preocupa com coisas fúteis. As únicas coisas que deram mal a entender no video foi o de mulher masculina e o de desleixada. Enfim,o de mulher masculina que se refere são aquelas que falam palavrões, batem como brincadeira, ficam fazendo piadinhas obscenas,são agressivas...o que é normalmente o que os homens fazem(na verdade, isso também torna os homens feios),porém está tudo bem em usar moletom,gírias e não preocupar com moda e o de mulher desleixada são aquelas que não tem muita higiene e saem na rua embanjando fedor,ou seja, falta de educação. Mas é claro que temos que amar a todos e não vamos diminuir a pessoa por causa disso,mas demonstrar educação e ser agradável é essencial.

Mostrar menos

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

Figura 31: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo

 **Garota sem nome** 3 anos atrás

Da parte da mulher vulgar,Mulher tem o direito de ser o que bem quiser isso nao a torna feia,E se alguem acha feio problema da pessoa mulheres não e uma vitrine com roupas bonitas que tem q agradar so quem ver por fora

  RESPONDER

▲ Ocultar 3 respostas

 **Garota sem nome** 3 anos atrás

so podia ser Cristã kkkkkkk

  RESPONDER

 **Garota sem nome** 3 anos atrás

video Machista KKKKKKKKK RS

  RESPONDER

 **Leonara Roque** 3 anos atrás

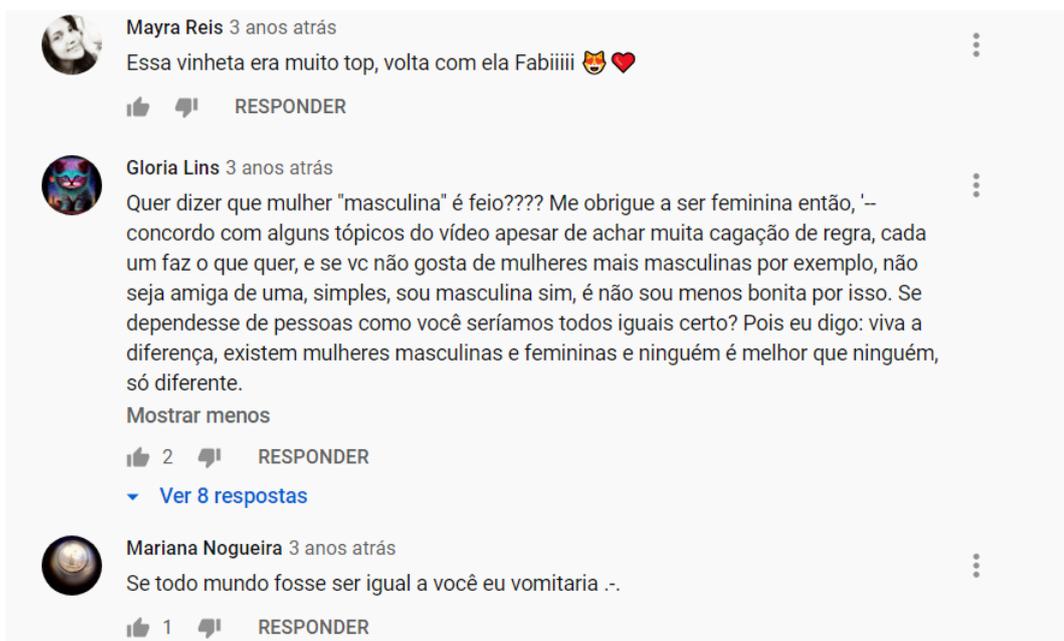
Se você pensa assim tudo bem, você tem esse direito. Mas se outras pessoas pensam diferente essas outras pessoas não têm o direito de pensar diferente e expor essa opinião, sem ser taxadas de algo? - Não tô escrevendo isso com tom de arrogância, é apenas uma pergunta!

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

Em outros comentários, ainda encontrei: “Quer dizer que mulher masculina é feio? Me obrigue a ser feminina, então!” Outro comentário diz: “Se todo mundo fosse

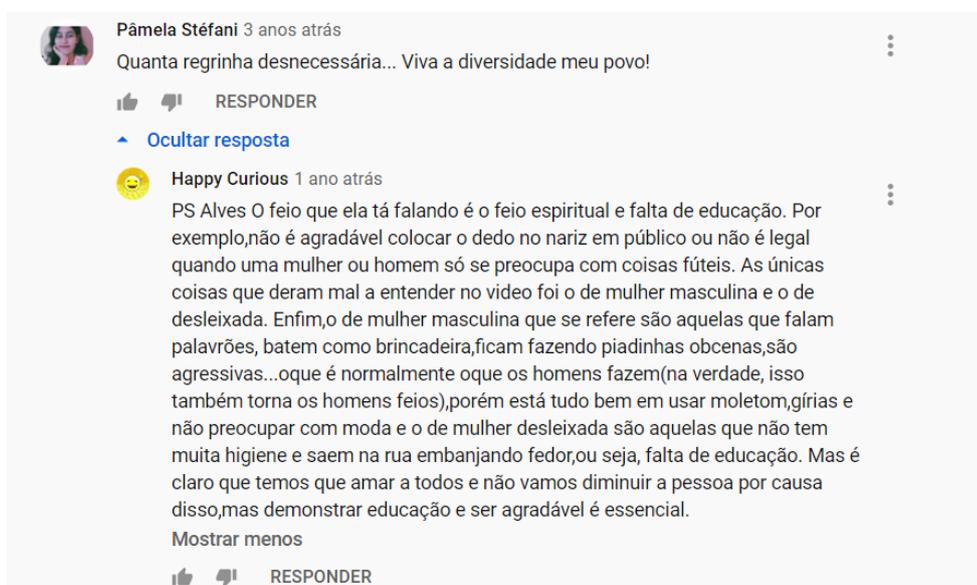
igual a você eu vomitaria”, no comentário destacado da Figura 32. “Quantas regrinhas desnecessárias meu povo... viva a diversidade”, no comentário da Figura 33. E ainda: “Desculpa Fabiola mas não concordo com você comportamento é liberdade, não existe comportamento feminino e comportamento masculino”, na Figura 34.

Figura 32: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo



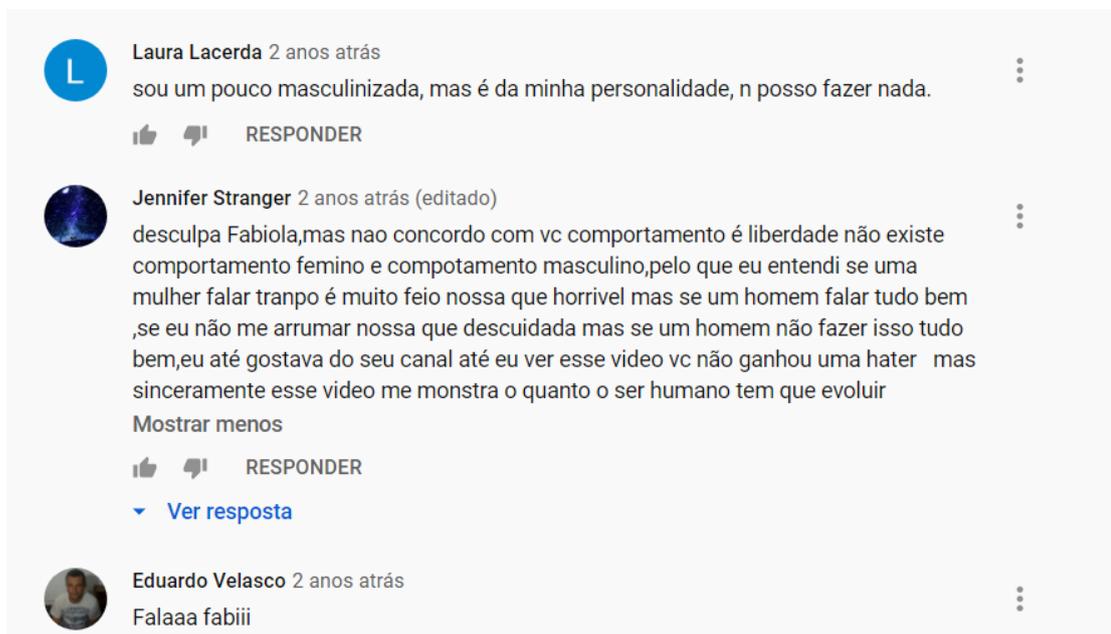
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

Figura 33: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

Figura 34: Vídeo: 10 coisas que tornam uma mulher feia – Fabiola Melo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VsiufE_Ylus.

Os comentários postados são de grande relevância, pois localizam um debate diante das imposições propostas pelo vídeo, que supostamente ditam a regra do que é aceitável ou não, o que torna uma mulher bonita ou não. A liberdade de ser uma mulher que se quer deve ser um direito inegociável. Cada mulher se constitui de sua trajetória enquanto sujeito, tendo muitas formas de se apresentar em sociedade, mas nenhuma dessas formas deve ser limitadora e posta como imposição para outra mulher, como observou Butler (2008, 2018).

O vídeo *10 coisas que tornam uma mulher feia* está também em coexistência discursiva com a *Escola de Princesas*. No vídeo do canal de Fabiola, a sexta coisa que torna uma mulher feia é “ela não ter postura ou etiqueta, não a etiqueta de você saber pra que serve todos aqueles talheres [...] Mas a educação básica que você foi educado por pessoas e não por lobos da floresta”. Percebo nesse enunciado que, mesmo afirmando que a preocupação não é em torno das regras de etiqueta, o discurso constrói-se performativamente, pois ele conforma a menina-mulher em uma norma de ter um modo correto de como se mostrar.

Esse modo de como se portar é reiterado meticulosamente na *Escola de Princesas*. As meninas desde cedo são ensinadas a serem futuras esposas, rainhas, do lar. Uma princesa precisa agir como tal para ser reconhecida, tornando-se uma

menina-mulher bonita. O discurso produzido no canal de YouTube é reiterado na *Escola de Princesas*, como observado neste diálogo:

Fundadora: Princesas, quando chega na mesa, se não souber o que faz com as mãos, porque a gente não pode ficar pegando e encostando, ou a gente põe a mãozinha no colo, no colo está sempre correta, ou então a gente pode até permanecer com a mãozinha na mesa. Agora o cotovelo à mesa, nunca. Aí nós temos a regrinha, né?

Alunas e fundadora: Sempre, às vezes e nunca [demonstrando as regras da etiqueta com os braços, como ilustrado na Figura 35 abaixo].

Figura 35: Escola de Princesas – Etiqueta



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W0Ls5CTEiWI>.

Esse modo de construir meninas-mulheres, que reitera a norma, ajuda na construção de um padrão. Butler (2014, p. 264) percebe que “a norma é uma medida e um meio de produzir um padrão comum, e tornar-se um exemplo da norma não é esgotar a norma, mas é tornar-se sujeito a uma abstração do senso comum”. No vídeo de Fabiola Melo, é constante a colocação das meninas-mulheres nessa norma que nomeia os sujeitos como bonitos ou feios a partir de seus rasos parâmetros e réguas curtas. Observo, assim, ser de grande urgência olhar para os canais de YouTube, observar sua construção e como ela está sendo compreendida pelas crianças e adolescentes que têm acesso a esse tipo de conteúdo. Entendo que esses não são vídeos inocentes e que não estão postos em rede apenas para entreter, pois eles atuam performaticamente na produção de representações e identidades, subjetivando suas(seus) telespectadoras(es) e seduzindo seu público através de um discurso que é planejado e intencional.

6.5 QUINTA CENA DISCURSIVA: “DETERMINADOS MODOS DE AGIR, DE ANDAR...”

O enunciado sobre como uma menina-mulher deve se comportar para agradar e conseguir um bom casamento com o sexo oposto é produzido e visto também do ponto de vista de que essa mulher é um objeto que tem dono, pertencendo ao futuro marido, que irá regula sua forma de ser-estar. Trago para o debate o canal de YouTube de Fabiola Melo com dois vídeos: o primeiro *Você é uma garota interessante?*, com mais de 377 mil visualizações, 39 mil *likes* e 103 *dislikes*, com duração de 11'37", publicado no dia 11 de setembro de 2015, e o segundo *Como ter um namoro santo*, com mais de 400 mil visualizações, com duração de 8'47", 42 mil *likes* e 463 *dislikes*, publicado em 13 de maio de 2015. Nesses vídeos é exposto o discurso de quais qualidades classificam a mulher como boa esposa.

No primeiro vídeo, *Você é uma garota interessante?*, a *youtuber* diz:

Às vezes, para chamar a atenção, para se destacar a gente até investe em um comportamento mais chamativo, comportamento mais “oi, estou aqui!”, me note, às vezes isso vem acompanhado com roupas também, determinadas roupas, determinados modos de agir, de andar, a gente quer chamar atenção por isso, e mais uma vez a gente chama a atenção das pessoas erradas porque um príncipe não é levado por isso, um príncipe que tem visão de reino, quer uma garota que tenha uma visão de reino.

Nesse vídeo, a *youtuber* constrói uma narrativa onde ela delimita o que uma menina-mulher deve fazer ou como deve agir, e até como se vestir, para passar a mensagem correta para os homens. No trecho destacado, a *youtuber* fala de uma mulher que se veste para se insinuar aos homens, uma mulher que está focada em atrair os homens para si. Entre as várias análises que esse vídeo propõe, uma delas seria essa conformação padrão de que, primeiro, a mulher se veste para ser vista, segundo, que a mulher se veste para ser observada e, por consequência, avaliada por um homem que teria teoricamente o direito de expressar algum juízo de valor sobre ela. A construção dessa menina-mulher que se veste com medo de ser mal interpretada recai sobre um lugar de mulher como objeto e como tendo que agradar o homem para conseguir manter-se em um relacionamento desejado. Como já observado a respeito de outros tantos artefatos, não são roupas, cor e objetos que fazem da mulher puta ou santa, boa ou ruim. Louro (2010c) observa que esse discurso

está muito presente na construção dos sujeitos. A busca pela fixação de uma dita normalidade é algo recorrente.

O segundo vídeo, *Como ter um namoro santo*, reconstrói os enunciados já formulados e articula um mesmo discurso em torno de uma mulher que precisa ter modos, características femininas, pureza, formas de se portar para agradar e conseguir um marido e assim honrar sua família. Fabiola destaca a reação dos homens diante de uma mulher que demonstra uma atitude não esperada por eles:

Meu Deus, amor, você tá linda, caramba! Mas essa roupa tá um pouco sensual, tô vendo todo o contorno do seu corpo... que é um contorno maravilhoso, por sinal, mas, se você não se importar, você poderia trocar de roupa, de preferência nunca mais vestir esse tipo de roupa comigo e com mais ninguém? Talvez quando a gente casar, vai lá... você fica linda de qualquer jeito, mais troca de roupa por favor. Eu não me importo em esperar.

E completa:

Escuta, Kátia, é o seguinte: você sempre falou que queria um namoro santo, mas aí você vive me provocando, você usa essas roupas como essa que você tá agora. Cara, você tem umas atitudes que, véi, eu não entendo, *brother!* Você senta no meu colo como fosse uma coisa super-normal! Sabe, sinceramente! Eu pensei que você fosse outra garota, eu me enganei sobre você, você não é quem eu achava que você era. Eu tô terminando o namoro.

Esse trecho transcrito é uma situação relatada pela *youtuber* para trazer o exemplo que uma mulher deve se guardar para o marido e não se expor para os demais antes do casamento. Ao se guardar para o marido, constrói-se um lugar de pureza e amor, quando se constitui de um lugar de regulação e retificação da norma que diz que mulher deve guardar-se para o marido, mas a mesma lógica não é imposta ao sexo oposto.

Importante observar que da mesma forma que o homem atua na regulação desse corpo feminino, as próprias mulheres também embebidas da norma se autocastram, assumindo uma postura que retifica e assegura o lugar de mulher-pureza e mulher à espera de casamento, como observado no trecho destacado: “Ah, amor, eu não vou ficar de biquíni na sua frente, não é bom, ah mais aproveita entra no mar, tá lindo... eu vou ficar aqui na barraca, vou ler um livro e vou ficar bem”. Observando esse contexto, a menina-mulher deixa de tomar banho de mar para não

mostrar o corpo para o futuro marido. Ela se priva de um momento de lazer e diversão por precisar esconder seu próprio corpo, reiterando o lugar de que a mulher, mesmo em uma situação comum, pode ser entendida como produtora de uma provocação ao outro do sexo oposto.

Esse modo de falar sobre uma menina-mulher é recorrente e deixa margens pequenas para a construção de cada história singularmente. Meninas devem ser doces, calmas, obedientes, graciosas, puras e envergonhadas e esconderem seu corpo. As que fogem desse padrão logo são reconhecidas como mulheres-putas, mulheres-disponíveis para o sexo ou ainda como mulheres que não são dignas do casamento, estando enquadradas como impuras, provocadoras, não pertencentes à norma vigente da sociedade cristã e heterossexual.

Esses enunciados do encontro do machismo de algum modo refletem uma relação desse discurso com elementos do texto midiático. Ao acionar o domínio da memória, encontro-me com a uma propaganda publicitária da década de 1950, na qual a mulher é colocada como um sujeito limitado, não estando disponível, nem sendo capaz, de aceitar novas ideias e debates, de contribuir para outros setores da vida em sociedade. Ao afirmar, em inglês, “Viseira de cavalo... Porque ela recusa [em aceitar] novas ideias”, a propaganda reforça tal representação, porque foca não só o indivíduo com um efeito psicologizante, mas como processo social e histórico, atuando, portanto, performaticamente, como destaque na Figura 36.

Figura 36: Propaganda da década de 50



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/07/electrolux-novas-ideias-anos-50.html>.

Seguindo a mesma rede discursiva, trazendo enunciados que dialogam com o canal de YouTube e construindo o interdiscurso, relembro o filme da Disney *Mulan* (1998). Algumas cenas dessa produção cinematográfica dialogam com os canais, em especial as passagens da preparação para a ida à casamenteira e da visita propriamente dita.

Na cena da preparação, a música diz: [coro e mãe] “Mas terá que ser bem calma, obediente e ter vigor, com bons modos e muito amor”; [coro] “Traz mais honra a todas nós”. O trecho transcrito do filme é parte de uma música cantada no ritual de preparação para *Mulan* visitar a casamenteira, senhora responsável por avaliar as meninas-mulheres e lhes dar notas e comentários sobre o seu desempenho em algumas tarefas e o seu comportamento na entrevista. Ao afirmar que uma mulher precisa ser calma, obediente e também ter bons modos para conseguir um bom casamento, está-se trabalhando a conformação dessa mulher em um estereótipo que remete à passividade e submissão diante do sexo oposto. Mesmo com essa determinação posta, a música ainda declara que a mulher precisa amar o homem e com tudo isso ela trará honra a sua família. Observo que a produção dessa mulher que precisa ser heterossexual e atender a determinados pré-requisitos é reiterada em algumas cenas, mesmo o filme se propondo, em alguns momentos, a desconstruir a regra. Corroboro Louro (2010c, p. 26), quando observa que socialmente os homens e mulheres são estimulados a permanecer dentro de uma formatação binária, ou seja, “um homem ou uma mulher ‘de verdade’ deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso”, sendo a heterossexualidade posta como “natural”.

A segunda parte do filme, a avaliação de *Mulan* pela casamenteira, traz a ideia da mulher passiva, ocupando um lugar por vezes de boba, burra. Na cena, a avaliação de *Mulan* ocorre devido ao fato de a cultura local levar as meninas-mulheres que estão na busca pelo casamento a uma especialista no assunto, a casamenteira, para aprender bons modos e a se apresentar a seu futuro marido e família de modo que a escolham para o casamento. A representação da casamenteira constitui-se como uma forma de ensinar, sendo compreendida por mim como uma pedagogia cultural.

Mulan entra na casa da casamenteira para ser interrogada e avaliada quanto a suas qualidades e modos. A casamenteira começa sua avaliação a partir do olhar para a estrutura física de *Mulan*, destacando: “Huum... muito magra! Pra ter filhos, nem

pensar”. Esse é o primeiro critério anotado: Mulan aparentemente não poderá ter filhos, pela avaliação da casamenteira. Em seguida, ela solicita que Mulan fale sobre “os deveres da boa esposa”. Visivelmente Mulan está aflita com aquela situação, perde-se nas palavras e gagueja. Para ela aquela situação parece não fazer sentido. Mulan diz: *“Cumpra seus deveres calma e respeitosamente [olhando a cola no braço], reflita para depois cair, agir. Isso trará a você honra e glória”*, trechos do filme destacados na Figura 37.

Figura 37: Visita à casamenteira – Filme Mulan (Disney, 1998)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sP-Zpw-N-1k>.

O segundo passo da casamenteira é avaliar se Mulan atende ao requisito dos serviços domésticos. A casamenteira diz: “Venha cá. Agora pode servir [um chá]. Para agradar seus futuros sogros, é bom demonstrar dignidade total e refinamento. Deve ser também equilibrada e silenciosa”. A avaliação de Mulan não ocorre como o esperado, acontece uma grande confusão dentro da casa da casamenteira. E a casamenteira dá um veredito: “Sua desastrada. Você é uma desgraça. Pode parecer uma noiva. Você nunca trará a sua família honra”. Dá, assim, um atestado de que Mulan nunca será capaz de ter um bom casamento e, dessa forma, honrar sua família, algo muito importante para aquele povo e que é até os dias de hoje colocado em muitos contextos como sendo de grande importância. Na figura 38, destaco partes da cena.

Figura 38: Visita à casamenteira – Filme Mulan (Disney, 1998)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sP-Zpw-N-1k>.

Esse modo de construir a narrativa, limitar o que cabe a uma mulher, é algo que é recorrente e remonta a uma estrutura conservadora de sociedade. O casamento como instituição atua na manutenção da norma heterossexual e reprodutiva, sendo o seu principal fim procriar e ser um casamento para sempre, *até que a morte os separe*. Esse modo de construir a narrativa sobre a família dialoga com amaneira como as políticas de educação vêm sendo propostas –em favor da manutenção da família nuclear como sendo a chave de construção dos governos extremistas em ascensão ao redor do mundo e no Brasil.

*

Todas as cenas discursivas apresentadas me ajudam a compreender como essa menina-mulher se constitui na sociedade. A mulher é engenhosamente articulada para atuar na conformação de determinados lugares e assim manter viva a estrutura que em certa medida acaba por oprimir as mulheres. Trata-se da menina-mulher que cuida da casa, que não pode ser sensual, que gosta de consumir produtos e serviços pensando na aparência ou no lar. A mulher que é posta em situações nas quais é vista como mero objeto a ser consumido. Está em ação, assim, o reforço do lugar de princesa como uma norma que constrói a aparência de limpeza e santidade. As meninas-mulheres se constituem cotidianamente a partir de tantos artefatos que perpassam a produção desses sujeitos e para eles é necessário olhar com a devida atenção e seriedade.

No processo de entendimento sobre essas posições ocupadas pela mulher em diversas instâncias e artefatos, o livro de Chimamanda Ngozi Adichie (2017), *Para educar crianças feministas: um manifesto*, estabelece-se em coexistência discursiva

com os discursos aqui debatidos. Na terceira sugestão, Adichie diz à amiga: “Ensine a ela que ‘papéis de gênero’ são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa ‘porque você é menina’. ‘Porque você é menina’ nunca é razão para nada. Jamais.” (ADICHIE, 2017, p. 21).

E Adichie destaca,

lembro que me diziam quando era criança para “varrer direito, como uma menina”. O que significava que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferiria que tivessem dito apenas para “varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão”. E preferiria que tivessem dito a mesma coisa para meus irmãos. (ADICHIE, 2017, p. 21-22).

Os enunciados texto e imagem relacionados tensionam as narrativas apresentadas nos vídeos. Entram na mesma rede discursiva midiática. Contudo, há que se reconhecer a força dos discursos conservadores na atualidade na produção do que se constitui como sendo uma marca do que meninas fazem (ou deixam de fazer) de modo a fazer que tal atribuição percorra o universo de regulação desse gênero, regulando os modos que ele pode e deve assumir. Ao regular, também se conforma esse sujeito menina-mulher a determinados lugares que, em sua maioria, podem constituir-se como uma limitação na construção que é performativa.

Nesse contexto, seria importante buscar representações mais amplas, tendo uma ampliação do entendimento sobre mulher como não sendo universal. Esse modo de entender a categoria mulher fora da universalidade é fruto de um processo de rupturas e desconstrução de categorias, refazendo o caminho, trilhando novos horizontes para olhar a categoria mulheres como um horizonte largo e diverso, desconstruindo-a.

Nesse sentido, compreendo junto a Butler (2008), que os atributos de gênero, seus atos, são performativos e não têm uma ontologia. Então, não há uma identidade preexistente que atue medindo esse ato. Assim não tenho atos de gênero verdadeiros ou falsos, e sustentar uma identidade verdadeira se estabelece como uma regulação. As várias formas nas quais o gênero se mostra e se constrói são legítimas e dignas de um olhar atento e cuidadoso.

Na parte seguinte, olho para meu arquivo de pesquisa me debruçando especificamente sobre as questões da construção que reitera uma prática heteronormativa na busca de regular e conformar as mulheres à estrutura binária.

7 CANAL VII: ENUNCIADOS EM DISPUTA – REITERAÇÃO DE PRÁTICAS HETERONORMATIVAS

O arquivo de pesquisa dialogando com o aporte teórico-metodológico me ajuda a compreender a rede discursiva na qual se encontram os enunciados analisados sobre a reiteração de práticas moralistas e heteronormativas atuando para regular as relações entre homens e mulheres. Os discursos e interdiscursos articulam o debate construindo um entendimento destes como pedagogias cultural e escolar. Que discursos são esses produzidos e reiterados em tantos artefatos que atuam produzindo sujeitos de um determinado modo? Este canal apresenta quatro cenas discursivas que constroem seu debate a partir do discurso dos canais de YouTube em diálogo com interdiscursos.

As subseções se intitulam *Primeira cena discursiva: “Em nome do amor”*; *Segunda cena discursiva: “A gente gosta de guardar o que será do nosso marido, pra só ele olhar”*; *Terceira cena discursiva: “Sem blá-blá-blá de machismo ou blá-blá-blá de feminismo”*; e *Quarta cena discursiva: “Ser vista como princesa”*.

7.1 PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “EM NOME DO AMOR”

O canal infantojuvenil *Planeta das Gêmeas* produz um discurso sobre ser menina. A *playlist Videoclipes* do canal tem o total de cinco clipes, dentre os quais *Dono do meu coração*, primeiro clipe, lançado no dia 18 de novembro de 2017, com uma batida *pop*. Já acumula mais de 130 milhões de visualizações, 1,2 milhão de *likes* e 132 mil *dislikes* e tem duração de 2'41". No clipe, as irmãs tinham 9 anos. No ano de 2020, as gêmeas lançam o videoclipe *Grudadin que nem chiclete*, no dia 26 de janeiro, com um ritmo marcadamente *funk*. Com dois dias de divulgação, já acumulava mais de 2 milhões de visualizações, 146 mil *likes* e 10 mil *dislikes*. No clipe, que tem duração de 2'17", as gêmeas têm 12 anos (no Quadro 4, transcrevo as letras de ambas as músicas).

Quadro 4: Planeta das Gêmeas – Letras das músicas

<i>Dono do meu coração</i>	<i>Grudadin que nem chiclete</i>
	
<p>Ele é o dono do meu coração Eu faço tudo pra chamar sua atenção Mas, mesmo assim, ele não nem me nota E eu não desisto de tentar lhe conquistar (refrão) Passei um perfume, tão doce quanto mel E pra fazer estilo coloquei até chapéu Óculos escuros, echarpe mais bela Pareço até atriz de novela</p> <p>Me viro do avesso Mas parece não ter jeito O que fazer pra você me dar bola?</p> <p>E eu vou tentar arrumar uma maneira Pra você me olhar, planto até bananeira E se não adiantar, pago o mico que for Melancia no pescoço Em nome do amor</p>	<p>Diz que não gosta Mas não consegue ficar longe de mim Diz pros amigos que não liga Mas no fundo está a fim E fica todo se querendo quando me vê Não adianta nem tentar esconder Porque eu já sei que você quer é ficar</p> <p>Grudadin, grudadin grudadin, grudadin Grudadin que nem chiclete Grudadin, grudadin grudadin que nem chiclete Grudadin, grudadin Grudadin que nem chiclete Ohohohoh (refrão) Sempre me nota Mas não dá bola Tenta disfarçar Contei pra todas as amigas que já deu Desse jeito eu vou pirar A vida não é brincadeira Corre e vem pra cá Para logo de bobeira e assume já Porque eu já sei que você quer é ficar (refrão)</p>

Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCqqGXzmJn6bilNRt5OILmRQ>.

No clipe, *Dono do meu coração*, a letra e a narrativa do clipe convidam as meninas a submeter-se a tudo que for necessário para conquistar o amor,

representado por um menino que pouco se importa com suas investidas e em alguns momentos até zomba delas, como demonstra na Figura 39.

Figura 39: Vídeoclipe – Dono do meu coração



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCqgGXzmJn6bilNRt5OILmRQ>.

A música encenada pelas gêmeas traz estrofes que demonstram um ponto de vista sobre o comportamento da menina-mulher desde a infância, de fazer de tudo para conquistar o sujeito do sexo apostado, quando diz:

Passei um perfume, tão doce quanto mel / pra fazer estilo coloquei até chapéu/ Óculos escuros, echarpe mais bela / Pareço até atriz de novela; Me viro do avesso / Mas parece não ter jeito / O que fazer pra você me dar bola?/ E eu vou tentar arrumar uma maneira / Pra você me olhar, planto até bananeira / E se não adiantar, pago o mico o que for / Melancia no pescoço / Em nome do amor.[como demonstrado na Figura 40].

Figura 40: Cena do clipe Dono do meu coração



Fonte:
www.youtube.com/watch?v=UJxPH3Vu3g&list=PLAlvD4cXj01JyXfa8RQRvtaCIRMO0EOqy.

As condutas para alcançar o objetivo final, que socialmente se expressa por ter o amor no formato de um relacionamento heteronormativo, são expostas e reiteradas. Orientam uma conformação de papéis e colocam a menina diante do ideal regulatório

(BUTLER, 2010). Sugerem que a menina-mulher, no lugar de ter que abrir mão de tudo que deseja ou acredita para conquistar o menino, aceite por vezes o pouco que venha a receber em troca.

Os videoclipes e as letras das músicas estabelecem uma relação de concomitância com a campanha dos esmaltes Risqué, que reitera esse lugar normalizado. Na campanha *Homens que amamos*, através de seis frases nos frascos de esmalte que dão nomes às cores, a mulher é posta como alguém que está à espera do homem: *Fê mandou mensagem*, *Leo mandou flores*, *Zeca chamou para sair*, *André fez o jantar*, *João disse eu te amo* e *Guto fez o pedido*, transformando em grandes feitos situações rotineiras em relacionamentos nos moldes tradicionais. A propaganda foi criticada, pois as frases seguem uma sucessão cronológica de fatos, findando com o pedido de casamento como os clássicos contos de fadas, como destacado na Figura 41.

Figura 41: Campanha Risqué Homens que amamos (2015)



Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/03/1606897-risque-e-criticada-por-machismo-apos-campanha-homens-que-amamos.shtml>.

O canal de YouTube e a campanha publicitária constroem uma rede discursiva, onde o gênero está sendo engendrado como ato performático a partir das práticas discursivas. Por sua vez, o canal de YouTube das gêmeas estabelece um campo da concomitância como o cinema e os filmes da Disney. Observando com atenção o filme *Mulan* (1998), percebo que algumas músicas presentes na trama reiteram um lugar de menina-mulher. No filme, na cena da visita à casamenteira, observa-se a

construção discursiva de uma norma já legitimada na sociedade, regulando a posição ocupada por esse sujeito menina-mulher. A letra da música na cena diz:

Coro: Este caso é muito raro, mais jeito sempre tem, um banho perfumado e vai ficar bem.

Mulan: Está fria a água!

Mãe: O banho está frio, porque você chegou atrasada.

Coro: E, então, vai estar pronta para encontrar seu par, uma noiva mais que exemplar traz mais honra a todas nós.

Mãe: Mas o que é isso, Mulan? [vê-se o braço todo escrito]

Mulan: Cola! Caso eu precise de alguma coisa.

Avó: Seguro, precisa de mais sorte ainda.

Coro: Vai ver só, um rapaz que não tem vício algum.

Avó: Tendo sorte, não é incomum.

Coro: Traz mais honra a todas nós.

Coro: A moça vai trazer a grande honra a seu lar, achando um bom par, com ele se casar.

Coro e mãe: Mas terá que ser bem CALMA, OBEDIENTE e TER VIGOR, COM BONS MODOS e muito amor.

Coro: Traz mais honra a todas nós.

Coro: Servimos ao Imperador, que é o nosso protetor, com muita devoção e sempre com ardor.

Coro: Pra dar honra a todas nós. [Cena da maquiagem].

Mãe: Isso! Pronta.

Avó: Está quase... uma maçã para dar serenidade e uma amuleto para algo equilibrar.

Avó: Pérolas são belas, então vamos mostrar, e leve o grilo, traz sorte, e até você vai brilhar.

Mulan: Ancestrais ouçam bem, eu vos peço proteção também e encontrem logo um alguém e ao meu pai eu vou honrar.

Coro: Assustadas e em fileiras, vamos à casamenteira. Ancestrais cuidem bem dessas pérolas que aqui vêm, como honrar a todas nós.

Compreendo que os enunciados dos vídeos elaborados pelo canal Planeta das gêmeas encontram-se em coexistência discursiva com os enunciados produzidos pelo filme *Mulan* e pela *Escola de Princesas*. As três cenas colocadas lado a lado, juntamente com a música do filme *Mulan*, compõem um panorama e localizam a construção do gênero como um ato performativo, como demonstrado repectivamente nas Figuras 42, 43 e 44.

Figura 42: Trecho do Clipe *Dono do Meu coração* (2017)



Fonte:

www.youtube.com/watch?v=UJxPH3Vu3g&list=PLAlvD4cXj01JyXfa8RQRvtaCIRMO0EOqy.

Figura 43: Cena da maquiagem – Filme *Mulan* (Disney, 1998)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FzeWTz4XfxE>.

Figura 44: *Escola de Princesas*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W0Ls5CTEiWI>.

Todos os três espaços – canal de YouTube, filme da Disney e *Escola de Princesas* – estão trabalhando na produção de práticas discursivas que regulam e colocam a menina-mulher em um mesmo lugar: de precisar cuidar da aparência para

conquistar o sexo oposto. Todas essas práticas são reiteradas umas pelas outras, também diariamente através de tantos artefatos, brinquedos etc. que carregam a marca de princesas, super-heróis etc., como observa Belarmino (2015).

As crianças são bombardeadas cotidianamente a permanecer em um tipo de norma. Há um esforço consciente de setores da sociedade para assegurar essa norma de diferentes formas. Esse esforço consciente precisa ser engendrado para possibilitar uma construção aparentemente menos normativa. Observo, por exemplo, que esse modo de reiterar a norma de beleza e estética é feito intencionalmente pela *Escola de Princesas*, como visto na matéria concedida à TV Estadão (2016), quando a dona-fundadora ressalta “o salão de beleza” e “aprender a se pentear a se maquiar” como “coisas pra vida mesmo”.

Esse modo de representar a menina-mulher atua na reiteração de uma norma e nesse circuito o gênero seria entendido como uma fixação reguladora. Entretanto, tal como Butler (2008, p. 57) reflete, esse gênero é fruto de uma unidade que “é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória”. Para tal, um processo de restrição é operado – na heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade –, assim como nos espaços subversivos. Butler (2008, p. 57) afirma que os processos de repetição e regulação estariam talvez fadados a existir, então problematiza: “que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade?”

Entendendo que esse processo de conformação, normalização dos corpos, a construção do *E viveram felizes para sempre* recai em muitos lugares e propostas que são colocadas para as crianças, jovens e mulheres, fazendo-as compreender que esse é um caminho promissor, necessário e feliz – e por muitas vezes, um destino a se cumprir – não permitindo em várias situações deixar margem para novas reflexões, contextos e possibilidades de outros desfechos. Quais seriam os modos pelos quais se pode produzir outro tipo de prática reguladora? Onde tal prática esteja comprometida a contar as histórias de modo plural e diverso, desconstruindo a norma heterossexual, ao colocar mais histórias em circulação, torno-me capaz de fazer um movimento consciente na busca de uma pluralidade de formatações familiares, por exemplo.

O exercício de colocar o discurso produzido pelo Canal de YouTube das gêmeas articulado à rede discursiva de filmes e propagandas me faz perceber como esse modo heterossexualizante é articulado e meticulosamente repetido. Na música

das Gêmeas *Grudadin que nem chiclete*, as garotas cantam: “Para logo de bobeira e assume já”; e na música *Dono do meu coração*, elas dizem “E eu vou tentar arrumar uma maneira/ Pra você me olhar”, trazendo um olhar diante dessa espera pelo garoto assumir o relacionamento com a menina, quando nas duas situações a menina poderia ser quem tomaria a iniciativa de se declarar ou de colocar um limite diante desse menino que não a está valorizando.

Esses trechos das músicas estão inseridos em uma rede discursiva, junto com os enunciados das frases impressas na propaganda dos esmaltes, a exemplo do que se lê em dos frascos, “Guto fez o pedido”, reiterando o lugar da menina-mulher que se encontra à espera da atitude masculina. Construindo também uma relação com discursos dos clipes do canal das Gêmeas, o filme *Mulan*, na cena da casamenteira, apresenta um enunciado de uma música: “Coro: E então, vai estar pronta para encontrar seu par, uma noiva mais que exemplar, traz mais honra a todas nós / Mulan: Ancestrais, ouçam bem, eu vos peço proteção também e encontrem logo um alguém e ao meu pai eu vou honrar”. Mesmo o filme *Mulan*, que traz em seu enredo a problematização do lugar da menina-mulher, ainda assim recai sobre essa formatação tradicional e coloca a mulher em algumas posições já normalizadas. Esses discursos e enunciados encontram-se em rede e se fortalecem mutuamente.

Nesses trechos destacados, observa-se que os discursos, em uma relação de coexistência discursiva com o canal de YouTube, falam do mesmo lugar de conformação junto a um par do sexo oposto, ou seja, o canal de YouTube, as propagandas e o filme da Disney trabalham reiterando a construção binária, assim como a reafirmação de uma posição de sujeito feminino atendendo a uma norma heterossexual como o final perfeito e necessário. A construção do que se é esperado para as meninas-mulheres é algo (pre)estabelecido e reafirmado levando os sujeitos, meninas-mulheres, a construir um enredo que em alguma medida se assemelhe à norma ditada por esses artefatos.

Essa maneira de regular as relações, posições e desejos está presente de vários modos na construção da subjetividade das crianças e jovens. Essa ação performativa atua de maneira intencional e programada, tendo grande potencial para capturar os sujeitos que estão expostos a essas narrativas e práticas discursivas.

O conceito de domínio da memória ajuda a localizar enunciados que, embora não sejam mais admitidos, reaparecem e com os quais se tem laços. Nesse sentido, é uma ferramenta que mostra como enunciados são mantidos a todo custo, como o

de mulher-casamento, mulher-heterossexualidade, mulher-mãe, com a busca da felicidade associada ao final feliz e que se resumiria a um bom casamento. Esse discurso remonta a décadas e mantém certa regularidade no modo de viver a vida em sociedade, atendendo a certos padrões e imposições, estando, assim, quem desvia dessa regra, excluído, como observou Louro (2010b) em seus estudos. É importante lembrar que a busca pela quebra desses padrões é uma luta diária e precisa ser encarada com seriedade e estudo constante, tendo em vista que o “retorno” ao binarismo ou sua persistência, é algo recorrente e construído através de muitos artefatos e discursos.

Com esses materiais analisados, corroboro Louro (2010c) quando mostra que esse discurso está muito presente na construção dos sujeitos. A busca pela fixação de uma dita normalidade é algo recorrente, estimulando a construção de casais heterossexuais, entendendo, assim, que a heterossexualidade é posta como “natural”, quando deveria ser apenas uma das possibilidades.

7.2 SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “A GENTE GOSTA DE GUARDAR O QUE SERÁ DO NOSSO MARIDO, PRA SÓ ELE OLHAR”

O canal da Fabiola Melo, traz uma *playlist* intitulada *Papo de mulherzinha*, composta por mais de 60 vídeos, nos quais, entre vários temas e assuntos legitimados como femininos, apresenta 30 vídeos sobre estética, dois de faça você mesmo, 17 de recebidos do correio¹⁵, três sobre relacionamento e oito de temas diversos. A *youtuber* produz uma narrativa em torno do que se espera de uma menina-mulher cristã, quais os comportamentos aceitáveis ou não, atuando em um regime de regulação e reiteração de um ser mulher que atenda a determinados padrões e posições socialmente legitimados.

O vídeo *Esquadrão da moda cristã! feat. Lu Alone* foi publicado em 29 de julho de 2016 com duração de 14'17". Contabiliza mais de 500mil visualizações, 38mil *likes* e 545 *dislikes*. Fabiola e sua convidada, estudante de moda e também *youtuber*– com um canal de moda cristã, conversam sobre roupas que favorecem determinados tipos de corpos, estilo e mensagem que a mulher cristã quer passar. Interessante observar

¹⁵ Influenciadores digitais têm, como uma das formas de conhecer marcas e realizar trabalhos, receber em casa *kits* que divulgam determinados produtos, marcas, eventos ou estabelecimentos.

que a preocupação em comunicar a ideia de uma mulher sensível, discreta e elegante é recorrente nos modelos escolhidos e na fala, conformando essa mulher a um padrão preestabelecido no qual ela precisa se encaixar a todo custo para ser aceita na sociedade e no seu grupo social, como observado no trecho do vídeo na Figura 45.

Figura 45: Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=i9pbhXHa8io&list=PLrMs6a0P53g00ipHDx9lcz6NBB1BVbQiu&index=11>.

Além da própria *playlist* já constituir-se como um discurso poderoso, o conteúdo do vídeo analisado chama a atenção, desde o cenário, as roupas utilizadas pelas *youtubers*, a música que muda de acordo com a proposta de mulher que se deseja passar, a conversa entre as duas participantes em um pouco mais da metade do vídeo (9'45"). Nessa conversa destaca-se o que é adequado uma mulher cristã usar, com um discurso que orienta a melhor forma de vestir-se na busca de regular esses corpos e assim atender a uma norma. Esse modo de construir o entendimento sobre a mulher remonta a uma estrutura tradicional com um reforço da moralidade, que foi igualmente acionada no contexto dos discursos recentes no campo do discurso religioso neopentecostal e que está também em um tipo de discurso educacional no contexto da *Escola Sem Partido* (MISKOLCI; PEREIRA, 2018). Esse tipo de discurso, como destaque no fragmento das falas abaixo, precisa ser combatido e debatido, através do diálogo e entendimento da complexidade que se tem diante dos gêneros e suas representações, como observou Butler (2008).

Lu Alone [convidada do canal de Fabiola]: Toda roupa que a gente usa, querendo ou não, ela passa uma mensagem. Toda roupa por trás tem uma mensagem, mesmo que a gente não perceba.

Fabiola: Verdade!

Lu Alone: Porque uma menina perigete se veste com pouca roupa e deixa o corpo todo à mostra? Porque ela quer conquistar um homem através do corpo dela. Ela não quer uma roupa que tampe tudo, ou então vai usar uma calça quase a vácuo que mostra todos os músculos, aquela perna grande, ela quer atrair olhares. Ela não quer se sentir carente, ela quer se sentir bonita, através dessa afirmação.

Fabiola: Exatamente!

Lu Alone: E nós, cristãs, temos que entender que as coisas não são assim. Nossa mensagem tem que ser de pureza, uma outra, né? Que vai de acordo com o que a gente vê na Bíblia.

Fabiola: O rapaz que queira conhecer a gente não por nosso corpo, até porque a gente gosta de guardar o que será do nosso marido, pra só ele olhar.

Lu Alone: Exatamente! Eu falo assim: meninas! Se você quiser se vestir pra arranjar um cara, até dentro da igreja, você vai arrumar. Porque homens são muito visuais. Então eles olham e dizem, olha essa menina! E aí eles vão realmente [...]E você vai arranjar alguém que goste do seu corpo e não de quem você é, e você precisa de alguém que valorize você pelo que você é. Você pode ter estilo? Pode! Você pode se vestir é... Você pode ser todas, o clássico, descolada, do jeito que você quiser, até se você quiser se vestir toda de preto, você pode, você pode ter o seu estilo. Você tem que entender qual mensagem que você quer passar. Olhar no espelho e falar: será que Deus ia gostar que eu me vestisse assim? E isso faz muita diferença. Você ter confiança em quem você é independente do seu estilo.

Fabiola: Gente! Isso é muito importante mesmo, quanto mais a gente busca um relacionamento com Deus, a gente passa a nos enxergar como Deus nos enxerga. E se você tem consciência que Deus te enxerga como princesa, que ele te enxerga linda, que ele não te enxerga como pessoa sexy, ele não olha pras suas pernas, ele não quer olhar seu colo, seu decote. Então se Deus me enxerga princesa, linda, bem vestida, então eu quero que todo mundo me enxergue assim também. Eu não quero que as pessoas enxerguem algo que Deus não tá enxergando em mim. Então isso é muito importante... eu sei que para algumas meninas isso pode ser difícil ainda, enquanto você não entender isso, tem que partir de você, por que as vezes a gente deixa de usar certas coisas por conta do Pastor, do nosso pai, mas no fundo você quer usar. Então pra você mudar esse desejo de querer usar, você tem que realmente ter o contato com Deus e pedir a ele liberdade: "Pai me faz enxergar como o Senhor enxerga, eu quero me vestir pra te agradar, eu quero te honrar, com as minhas roupas, com as minhas vestes". Gente! Quando você se abre assim, é sincero com Deus, Deus trabalha muito na nossa vida. Deus age mesmo, porque é tudo que ele quer, que a gente abra esse espaço pra ele e diga: "Eu quero ser mudada pelo Senhor". E ele faz isso mesmo.

Lu Alone: Eu acho interessante falar também, que, meninas, acima de tudo, mais do que suas roupas, a sua intenção é o que conta. Tem meninas que se vestem quase de burca, tá toda tampada, mas aquele olhar matador...

Fabiola: Noooossa!

Lu Alone: Já desperta algo no homem, assim, aquela intenção que ela tem.

Fabiola: É verdade!

Lu Alone: Então, é a forma que você se veste, mas também a forma que você se porta, e a intenção que você tem.

Observando os enunciados do vídeo transcrito, vejo o quanto é reafirmado o lugar de mulher, pura, delicada, recatada, como destacado especificamente neste fragmento de Lu Alone: “Nossa mensagem tem que ser de pureza, uma outra né?” Borba (2014, p. 445) observa que nessas questões relacionadas às visões sobre ser mulher o que ocorre é que se “institui como natural, normal e inquestionável a ligação linear e essencial” expressa entre “vagina –mulher – fragilidade – emoção – passividade – submissão – maternidade – heterossexualidade; pênis – homem – coragem – racionalidade – agressividade-dominação-paternidade-heterossexualidade”.

A partir do vídeo da *youtuber*, argumenta-se que a menina-mulher deve atender a esse representante masculino Fabiola diz:

Então isso é muito importante... eu sei que para algumas meninas isso pode ser difícil ainda, enquanto você não entender isso, tem que partir de você, por que às vezes a gente deixa de usar certas coisas por conta do pastor, do nosso pai, mas no fundo você quer usar. Então pra você mudar esse desejo de querer usar, você tem que realmente ter o contato com Deus e pedir a ele liberdade: “Pai, me faz enxergar como o Senhor enxerga, eu quero me vestir pra te agradar, eu quero te honrar, com as minhas roupas, com as minhas vestes.

Nesse entendimento, às meninas-mulheres cabe sempre agradar ao pai ou ao representante religioso, depois agradar ao marido – ou, antes de se casar, agir para agradar o homem que poderá ser seu marido em um futuro incerto. O discurso é montado como sendo uma sucessão de frases prontas, retiradas, por exemplo, do texto bíblico, a fim de conformar as telespectadoras que assistem ao canal a se comportarem segundo uma norma que diz o que é ser mulher e o que não é aceito para pertencer a esse universo de mulher-cristã.

Nos fragmentos é importante observar como as práticas discursivas são engendradas para construir o lugar da mulher que se insinua para o homem, uma mulher que atende às normas regulatórias que uma moça deve ter em sociedade e em um relacionamento. E o homem em seu lugar de macho “apenas” responde a essa insinuação, como vemos nas seguintes falas:

Lu Alone: Porque uma menina perigete se veste com pouca roupa e deixa o corpo todo à mostra? Porque ela quer conquistar um homem através do corpo dela, ela não quer uma roupa que tampe tudo

Fabiola: Exatamente! Essa mulher então provoca o homem, sendo as consequências dessa insinuação de responsabilidade exclusiva da mulher que se constitui como “perigete”.

Essa imposição da norma que dá pouco espaço para a construção das várias meninas-mulheres e das várias possibilidades de relacionamentos é reiterada de vários modos, como observado. Constrói-se a ideia de que a mulher se veste para provocar o sexo masculino, reforçando esse lugar de uma norma heterossexual, quando é sabido que essa não é a única possibilidade de relacionamento. Tal mulher pode vestir-se de variadas maneiras apenas para se satisfazer, não estando à busca de ser vista, mas, sim, de viver suas escolhas. A visão representada pelo vídeo aludido nega a possibilidade à mulher de usar a roupa que quiser simplesmente por sentir-se bem, bonita, leve e certa de seu direito de não ser julgada santa ou puta por isso, sem que suas escolhas de vestimentas estejam relacionadas com a busca por um par.

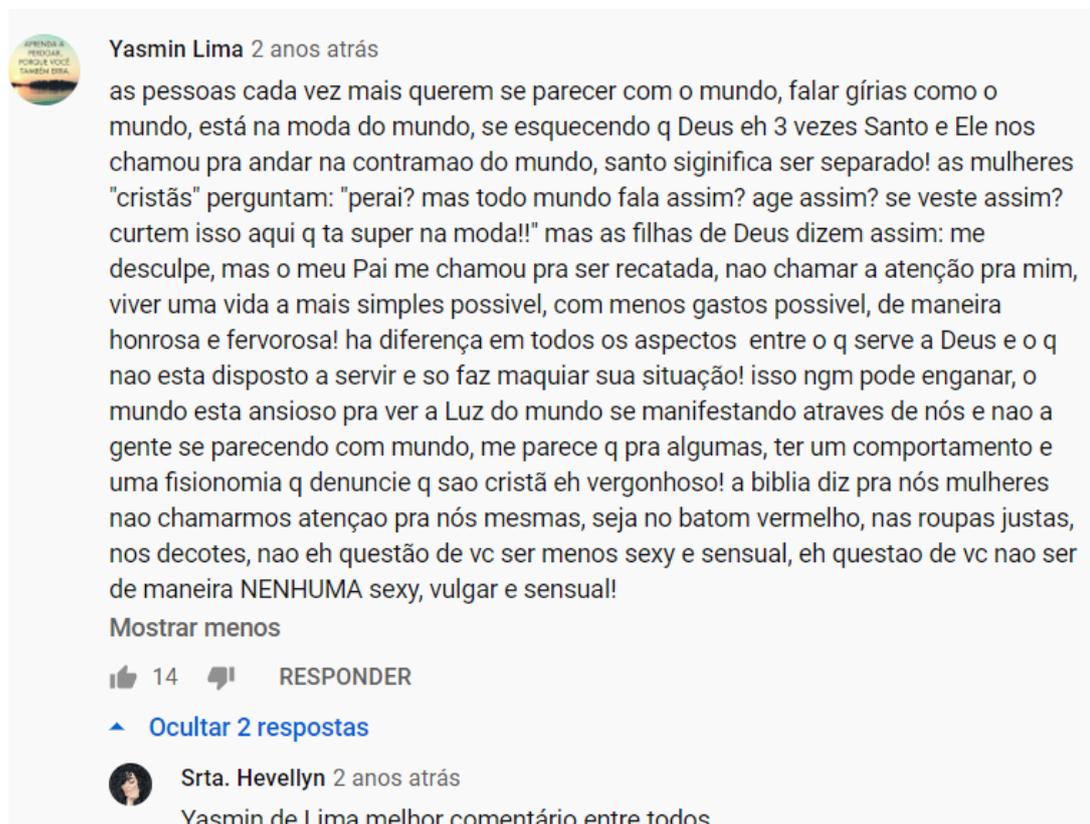
Entendo, tal qual Butler (2008), que as realidades de gênero existem através de performances sociais contínuas, ou seja, as ideias fixas de masculinidade, feminilidade e sexo verdadeiro também seriam nesse contexto construídas. Porém, na lógica social e para a manutenção da norma heterossexual, o sujeito é construído para entender tais ideias como permanentes, algo relacionado à estratégia que tem o intuito de “ocultar o caráter performativo do gênero”. Nesse movimento de ocultar esse caráter performativo do gênero, está a ideia de ocultar as possibilidades performativas que podem existir fora da estrutura dita verdadeira. Assim acontece um reforço heterossexualizante no modo de construir as relações, como reiterado no vídeo quando Fabiola diz: “O rapaz que queira conhecer a gente não por nosso corpo, até porque a gente gosta de guardar o que será do nosso marido, pra só ele olhar”. Trata-se de uma imposição da heterossexualidade que é entendida como compulsória, dando a posse desse corpo feminino ao homem, marido, que ao realizar o casamento passa a ser seu dono.

Essa construção performativa do gênero e da mulher, segundo Butler (2008), é penetrante e opera na construção da identidade e subjetividade dos sujeitos que fazem essa rede discursiva, sendo desse modo coerente refletir e dialogar sobre esses enunciados que são a cada dia mais popularizados.

Nos comentários postados no vídeo, o público interage com as *youtubers* pedindo novos vídeos, fazendo elogios ou manifestando sua opinião. Nos comentários, várias pessoas dão depoimentos, escrevem, vêm a público para falar de

suas experiências, vivências e opiniões diante do vídeo veiculado. Tal diálogo constrói de forma mais intensa o debate, saindo apenas da fala da(o) *youtuber* e ganhando o interdiscurso, via público do YouTube, como o comentário reproduzido na Figura 46.

Figura 46: Comentário no vídeo: Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo



Yasmin Lima 2 anos atrás

as pessoas cada vez mais querem se parecer com o mundo, falar gírias como o mundo, está na moda do mundo, se esquecendo q Deus eh 3 vezes Santo e Ele nos chamou pra andar na contramao do mundo, santo significa ser separado! as mulheres "cristãs" perguntam: "perai? mas todo mundo fala assim? age assim? se veste assim? curtem isso aqui q ta super na moda!!" mas as filhas de Deus dizem assim: me desculpe, mas o meu Pai me chamou pra ser recatada, nao chamar a atenção pra mim, viver uma vida a mais simples possivel, com menos gastos possivel, de maneira honrosa e fervorosa! ha diferença em todos os aspectos entre o q serve a Deus e o q nao esta disposto a servir e so faz maquiagem sua situação! isso ngm pode enganar, o mundo esta ansioso pra ver a Luz do mundo se manifestando atraves de nós e nao a gente se parecendo com mundo, me parece q pra algumas, ter um comportamento e uma fisionomia q denuncie q sao cristã eh vergonhoso! a biblia diz pra nós mulheres nao chamarmos atencao pra nós mesmas, seja no batom vermelho, nas roupas justas, nos decotes, nao eh questão de vc ser menos sexy e sensual, eh questao de vc nao ser de maneira NENHUMA sexy, vulgar e sensual!

Mostrar menos

👍 14 🗨️ RESPONDER

▲ Ocultar 2 respostas

Srta. Hevellyn 2 anos atrás

Yasmin de Lima melhor comentário entre todos.

Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=i9pbhXHa8io&list=PLrMs6a0P53q00ipHDx9lcz6NBB1BVbQiu&index=11>.

No comentário, a seguidora Yasmin Lima diz:

[...] curte isso aqui que tá super na moda!! mas as filhas de Deus dizem assim: me desculpe, mas o meu Pai me chamou pra ser recatada, não chamar a atenção pra mim, viver uma vida a mais simples possível, com menos gastos possível, de maneira honrosa e fervorosa! (...).

Ao observar os comentários dos vídeos, vejo que uma teia discursiva vai sendo construída com fios que vão formando uma grande rede, ligando a construção de vários enunciados. A seguidora reafirma em sua fala o lugar da mulher como submissa, construindo uma coexistência discursiva com o enunciado veiculado pelo vídeo da *youtuber*.

O vídeo de Fabiola Melo produz um discurso dizendo dessa menina-mulher:

Lu Alone: Exatamente! Eu falo assim: meninas! Se você quiser se vestir pra arranjar um cara, até dentro da igreja, você vai arrumar. Porque homens são muito visuais. Então eles olham e dizem, olha essa menina(!) E aí eles vão realmente [...] E você vai arranjar alguém que goste do seu corpo e não de quem você é, e você precisa de alguém que valorize você pelo que você é. [...] Você tem que entender qual mensagem que você quer passar. Olhar no espelho e falar: será que Deus ia gostar que eu me vestisse assim? E isso faz muita diferença. Você ter confiança em quem você é independente do seu estilo.

O final do comentário postado por Yasmin, reitera esse lugar construído pelo vídeo de que mulher não pode ser *sexy*(como destacado na Figura 46):

A Bíblia diz pra nós mulheres não chamarmos atenção pra nós mesmas, seja no batom vermelho, nas roupas justas, nos decotes, não é questão de você ser menos *sexy* e sensual, é questão de você não ser de maneira NENHUMA *sexy*, vulgar e sensual!

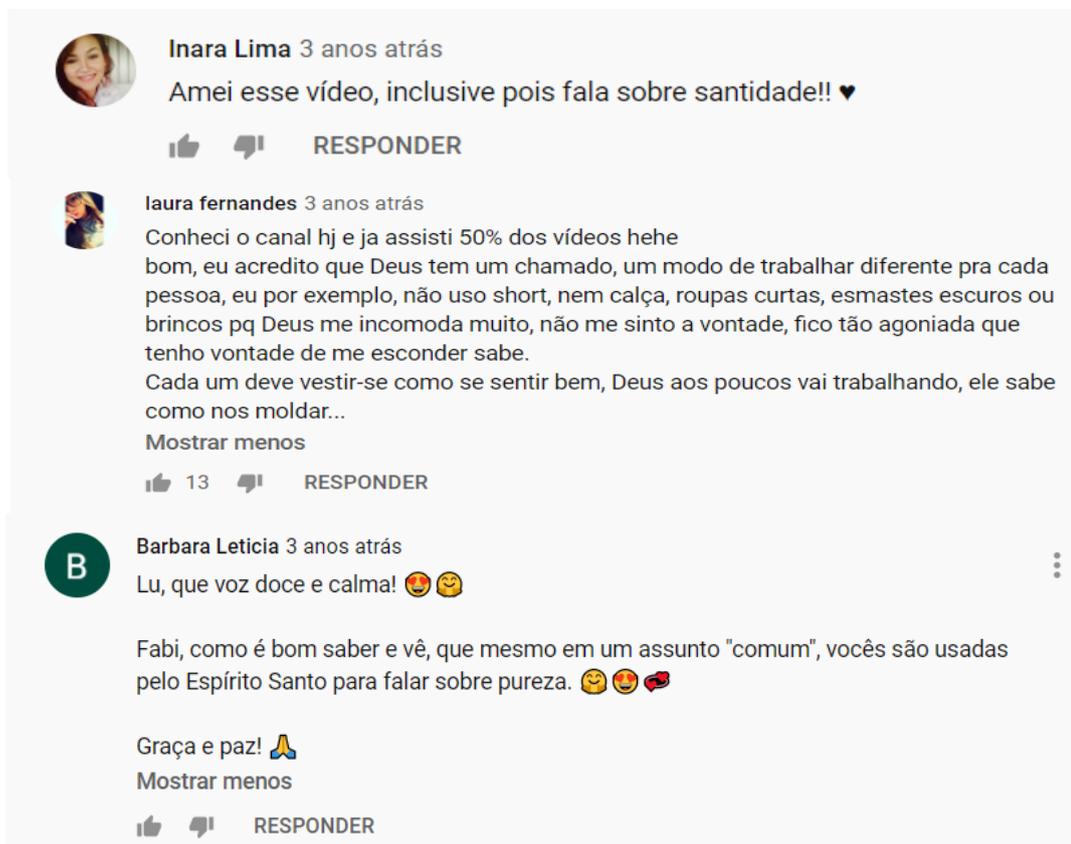
Propõe-se um lugar de mulher associado de forma pejorativa ao uso do batom vermelho, como sendo um artifício para a mulher chamar a atenção do homem e da sociedade para si, por exemplo. Essa menina-mulher descrita no canal de YouTube pela *youtuber* busca atender a esse quadro legível do que é uma representação de humano, uma representação de mulher, entretanto a tentativa dessa construção é perversa e acaba por limitar as possibilidades, pois não inclui uma variedade de mulheres e a gama de possibilidades existentes, produzindo um olhar limitado e preconceituoso sobre a mulher.

Importante observar que o uso do batom vermelho não deve ser símbolo que imprima a conformação de um lugar. O batom é uma escolha pessoal que cada pessoa pode fazer de usar ou não. Falando especificamente do uso do batom vermelho por mulheres, ele deveria estar mais associado a um símbolo de resistência em favor de se poder ser quem quiser, independente de batom, vestimenta e modo de falar, entre outros aspectos e escolhas.

No comentário seguinte ao de Yasmin, outra seguidora do canal corrobora, dizendo “melhor comentário entre todos”, sendo interessante observar como o discurso impresso pelas *youtubers* é aceito e reiterado pelas seguidoras do canal, em

alguns contextos. Outros comentários reiteram essa produção de menina-mulher que é recatada, santa e delicada, como mostra a Figura 47.

Figura 47: Comentário no vídeo: Esquadrão da moda cristã (2016) – Fabiola Melo

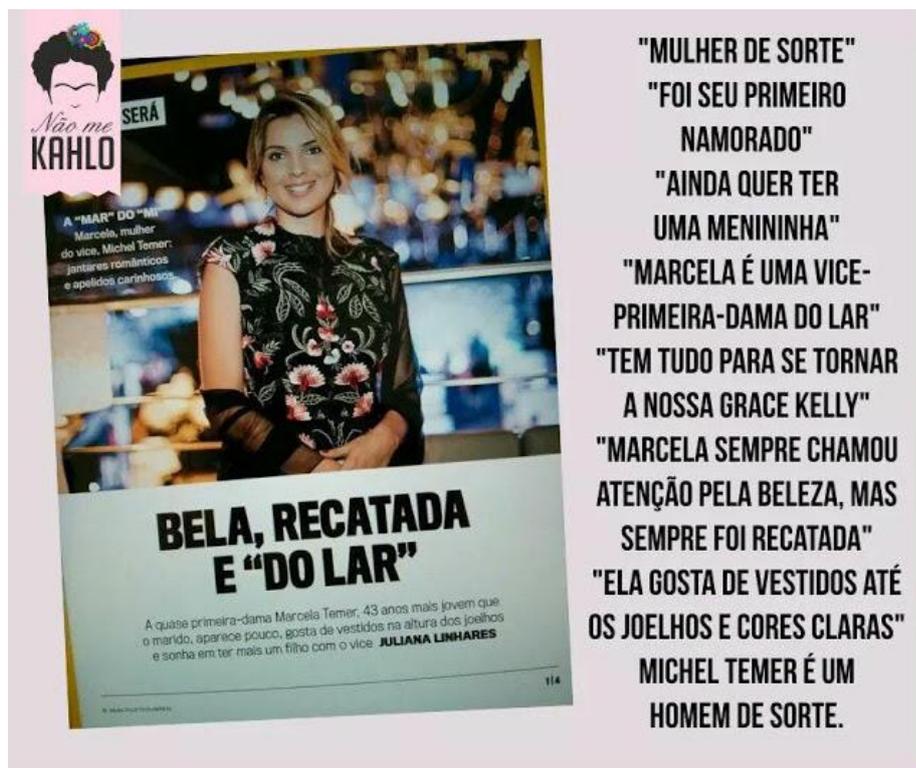


Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=j9pbhXHa8io&list=PLrMs6a0P53g00ipHDx9lcz6NBB1BVbQiu&index=11>.

Aciono o domínio da memória, que me ajuda a localizar enunciados que já estão ultrapassados, mas com os quais ainda se tem laços, como atestam o vídeo da *youtuber* e os comentários postados em reação a ele. Em abril de 2016, a revista *Veja* trouxe como matéria o estilo de vida da então primeira-dama, Marcela Temer. O texto, que ganhou como título *Bela, recatada e "do lar"* (Figura 48), mostrava um estilo de vida que remonta às características apontadas pela *youtuber* Fabiola como sendo desejáveis em uma mulher.

Figura 48: Matéria Revista Veja (2016)



Fonte: <http://blogdaangelinaanjós.blogspot.com/2016/04/como-um-tiro-na-cabeça-e-um-mal-estar.html>.

A *youtuber* Fabiola Melo e a convidada Lu Alone trabalham no vídeo para imprimir e valorizar um modo de ser e estar no mundo como mulher, feminina, sensível, delicada –“Nossa mensagem tem que ser de pureza, outra né? Que vai de acordo com o que a gente vê na Bíblia”. A matéria de Marcela atua reiterando esse discurso proferido pelo canal de YouTube. Marcela seria um exemplo a ser seguido, como destaca a matéria: “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recata”. Nesse discurso, está sendo impresso um modo de ser mulher.

Essas formulações deixam de lado outras tantas possibilidades, sendo produzido neste contexto um discurso que tem por base o discurso religioso, da instituição Igreja, da moralidade. Há aqui uma coexistência com o domínio da memória: discursos que já não eram mais admitidos como os fundantes das condutas sociais em uma sociedade pós-moderna, na qual o conhecimento científico e as lutas sociais e culturais indicam formas de vida contemporâneas, inseridos numa realidade onde se observa o reestabelecimento de laços com os discursos da mulher recatada e do lar. Esse reforço e retorno ao discurso da moralidade religiosa vem há algum tempo sendo reafirmado, sendo um modo de se ver a sociedade e a educação de

modo a garantir a manutenção dessa norma. Projetos que fazem esse tipo de construção se expressam, por exemplo, no discurso da *Escola sem partido* (MISKOLCI; PEREIRA, 2018), já citado, que vem construindo um olhar para a educação pautado na retomada de disciplinas já extintas, como a moral e cívica.

Após a publicação pela revista *Veja*, uma parte da sociedade que vem questionando os padrões impostos socialmente não deixou a matéria passar despercebida. O estilo de vida da então primeira dama logo virou motivo de piada, com respostas sarcásticas e irônicas à *Veja*, estabelecendo uma relação de concomitância entre a matéria e os memes construídos, como demonstrado na Figura 49.

Figura 49: Memes feitos e divulgados nas redes sociais (2016)



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2016/04/bela-recatada-e-do-lar-por-que-a-expressao-gerou-tanta-polemica-nas-redes-sociais-cjpl6oxcz009vwscnq3poc9v1.html>.

Esse levante social em rede fez o debate em torno da mulher ideal vir à tona em muitos espaços, não só virtuais, evidenciando o entendimento de que a construção performática sobre o gênero produz um forte deslocamento sobre a construção da mulher que se tem hoje, a mulher como sendo um sujeito que deve ter liberdade e possibilidades de se construir a partir de muitas realidades, não precisando findar-se ou ser colocada em caixinhas, abrindo um leque de possibilidades de se viver com

alegria e empatia, respeitando as várias possibilidades que existem ou que ainda vão existir. Como observou Butler (2008), não se tem a intenção de presumir a categoria mulher em parte alguma.

7.3 TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “SEM BLÁ-BLÁ-BLÁ DE MACHISMO OU BLÁ-BLÁ-BLÁ DE FEMINISMO”

O vídeo *Como mostrar interesse sem parecer oferecida*, do canal de Fabiola Melo, com mais de 780 mil visualizações, 53 mil *likes* e 785 *dislikes*, com duração de 9'10", foi publicado em 11 de setembro de 2015. A *youtuber* constrói nele uma narrativa em relação a como deve ocorrer o processo de paquera, “mas sem parecer oferecida”, pois a mulher precisaria, segundo ela, seguir algumas instruções e estar atenta para não passar a mensagem “errada” a seu pretendente. A *youtuber* diz:

Papel da mulher durante a conquista! Bom, primeiramente nós temos dois objetivos: primeiro ajudar você, mulher, a ter atitude, mas sem assustar o cara; e em segundo facilitar pra você, rapaz, decifrar o grau de interesse da moça. Será que ela está interessada, mas está se fazendo de difícil ou será que ela está dificultando simplesmente porque ela não quer? Vale lembrar que nós no meio cristão prezamos da iniciativa tomada pelo homem. Sem blá-blá-blá de machismo ou blá-blá-blá de feminismo, nós precisamos que o homem tome a iniciativa pelas seguintes questões: primeiro a maioria dos homens, 99,99% dos homens, preferem cortejar, conquistar, despertar o sentimento da mulher. É uma questão de valor, se a própria mulher não se valoriza, não tem cuidado, não tem cautela, antes de se envolver com alguém, alguma coisa tá errada. E aí vamos combinar que tudo o que é valioso não vem fácil. A gente não vê todo dia as pessoas dando casas e carros para quem quiser. Você precisa trabalhar e dar duro para obter essas coisas. Segundo: se a mulher for muito fácil, ela pode passar a falsa imagem de que está desesperada. Espera-se que seja uma falsa imagem, e não a imagem verdadeira do que ela está ali passando. E em terceiro: você, mulher, você se preservar.

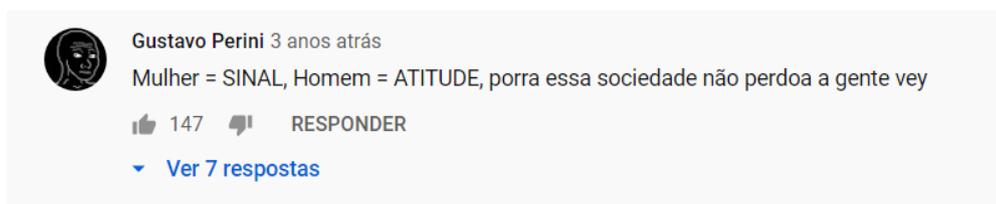
A *youtuber* em seu discurso sugere uma imagem de mulher que está à espera do homem, como observado nos clássicos infantis. Fabiola observa que a iniciativa para relacionamentos precisa ser tomada pelo homem, ao dizer “*iniciativa tomada pelo homem*”. “Sem blá-blá-blá de machismo ou blá-blá-blá de feminismo, nós precisamos que o homem tome a iniciativa”, reiterando o lugar da mulher que está passiva à espera desse príncipe, além de colocar os debates em torno do feminismo em um

lugar de desprestígio ao dizer “blá-blá-blá de feminismo”, colocando o debate construído historicamente nas lutas feministas como algo de menor valor, como uma conversa sem fundamento.

A *youtuber* destaca o motivo pelo qual a mulher deve esperar a iniciativa masculina: “99% dos homens preferem cortejar, conquistar, despertar o sentimento da mulher. É uma questão de valor”. Fabiola classifica como algo de valor esperar pacientemente pela investida alheia. Esse modo de construir a narrativa e deixar nas mãos dos homens uma decisão sobre um possível relacionamento remonta a uma estrutura tradicional e conservadora, reiterando o lugar da mulher que deve aguardar o seu futuro parceiro decidir sobre quando e como irá demonstrar interesse por ela. Antigamente as famílias apresentavam suas filhas mulheres à sociedade e recebiam propostas de casamento quando ainda eram crianças. À menina-mulher restava aceitar o seu destino e rezar para seu futuro marido ser um homem bondoso e não alguém que iria abusar ou agredir, como ainda é comum até os dias de hoje.

Essa prática discursiva que atua na construção do gênero como um ato performativo é reiterada através dos comentários postados nos vídeos, como o da Figura 50, e por meio de outros artefatos e enunciados, como o construído pela *Escola de Princesas*.

Figura 50: Como mostrar interesse sem parecer oferecida – Fabiola Melo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=aob_f5CL6Lw.

Os enunciados que desejam instituir um tipo de conduta sobre o que vem a ser uma mulher denotam um lugar que por vezes recai sobre um posicionamento tradicional, pouco flexível e deixando para as meninas-mulheres um espaço muito pequeno de articulação. As crianças que procuram nos canais de YouTube respostas para as suas perguntas acabam por encontrar nesse universo construções como as veiculadas pelo canal de Fabiola. É assustador entender a abrangência e nível de visualizações que determinados canais de YouTube e as(os) *youtubers* têm. Pela forte

penetração que esses vídeos alcançam em sociedade e pela “força pedagógica” (ELLSWORTH, 2005) de seus enunciados, eles se constituem como uma Pedagogia Cultural que atua na produção há alguns anos de uma rede discursiva poderosa e que movimenta de forma constante as vidas de suas(seus) seguidoras(es).

Esses fortes aparatos de produção pedagógica, os canais de YouTube, em específico o vídeo de Fabiola Melo aqui destacado, encontram-se em uma relação de concomitância com o enunciado veiculado pela *Escola de Princesas*, que atua na rede discursiva conformando as meninas-mulheres em uma estrutura heteronormativa e de submissão. Nessa escola, as crianças formalmente aprendem sobre como ser uma princesa, agradar seu marido, cuidar da casa e da aparência. Na descrição da escola no *site* oficial, lê-se:

Sua filha é preciosa para você e precisa ser preparada desde já para que seu coração seja capaz de discernir entre o certo e o errado, entre a ação que produz algo bom e o gesto que traz constrangimentos. Desta forma ministramos ao coração das meninas valores e princípios éticos, morais e sociais, que a ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento. Oferecemos as seguintes modalidades: Vida de Princesa e Férias de Princesa.

No *site* da *Escola de Princesas*, onde as informações são acessadas, o curso *Vida de Princesa* é dividido em um total de 12 módulos, abrangendo faixas etárias de 4 a 6 anos; 7 a 9 anos; 10 a 12 anos e 13 a 15 anos, todos com módulos básico, intermediário e avançado. Cada módulo possui conteúdo exclusivo e é cuidadosamente preparado para as diferentes fases de desenvolvimento de uma menina, abordando assuntos pertinentes à idade da aluna. E o *Curso Férias de Princesa* é uma semana especial “que acontece no período das férias escolares (dezembro/janeiro/fevereiro/julho), onde as meninas terão a oportunidade de conhecer o castelo e ‘degustarem’ um pouquinho de cada aula do curso de 03 meses”.

O curso *Vida de princesa* conta com um currículo com seis abordagens. Destaco alguns temas que me chamaram a atenção nesse currículo: resgatando valores e princípios éticos e morais; autogoverno; a importância da aparência; mordomia; restaurando valores e princípios morais do matrimônio, à espera do príncipe – como se guardar? E ser passageira ou eterna? Educação/Orientação sexual. Esse modo de construir o currículo demarca um olhar para o gênero e a norma heterossexual como pontos centrais. Butler (2008, p.59) observa que “a genealogia

política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero”. E ao desconstruir, aconteceria um processo de desmembramento “em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero” (BUTLER, 2008, p. 59), como o vídeo neste canal de *YouTube* e a *Escola de Princesas*.

O sujeito que se quer formar está constituído de um olhar normativo, atento à classificação binária e com a heteronormatividade reiterada a todo custo. A menina-mulher deve se formar para atender a essa estrutura imposta desde muito jovem, compreendendo a posição que lhe cabe ocupar. Como observa Fabiola, reafirmando qual o papel da mulher na conquista:

para finalizar é importante que você saiba diferenciar uma mulher com atitude de uma mulher atirada. Para fazer as coisas andarem entre vocês dois, não necessariamente você precisa tomar a iniciativa [...] é sempre melhor nós nos preservarmos.

Esse discurso construído pelo canal de *YouTube* é reiterado pela *Escola de Princesas*, ao descrever no *site* a sua proposta, entre muitas questões, de conduzir a vida dessas meninas-mulheres: “Desta forma ministramos ao coração das meninas valores e princípios éticos, morais e sociais, que a ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento”. Esse modo de construir as relações e entendimentos sobre a mulher com forte reforço da moral remonta ao quadro da *Escola Sem Partido*, cuja preocupação é a manutenção de uma norma heterossexual com forte apelo ao discurso religioso para a preservação do matrimônio que atende a uma estrutura binária.

Construindo uma relação de concomitância com o discurso estabelecido pelo canal apresentado, o currículo exposto na plataforma da *Escola de Princesas* apresenta-se como uma teia montada para capturar as famílias e conseqüentemente as crianças, as meninas, através da rubrica do lúdico, dos contos de fadas tão presentes na primeira infância de tantas crianças. As propostas expostas guiam para um modo de vida que conforma a existência dessas meninas pautada a buscar um par do sexo oposto, ao qual ela deve agradecer, esperar e nunca se opor. No último ponto, *De princesa a Rainha*, preconiza-se a seguinte visão sobre o casamento:

O passo mais importante da vida de uma mulher, sem dúvida nenhuma, é o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do “felizes para sempre como sendo o sonho de toda princesa”

Essa visão fica destacada na parede da escola, como ilustra a imagem da Figura 51.

Figura 51: Escola de Princesas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W0Ls5CTEiWI>.

Nesse circuito, as crianças, as meninas, são levadas a construir como maior realização de suas vidas o matrimônio, ficando para trás outras importantes conquistas e possibilidades que essas meninas-mulheres podem querer almejar e conquistar. Nem todas as meninas sonham em ser princesas, nem todas as meninas sabem o que significa ser princesa e acabam reproduzindo um padrão socialmente aceito e reiterado. Esse modo de conformar as meninas em um formato de comportamento com vistas ao casamento dá continuidade a uma determinada norma que remonta a uma estrutura social que foi tradicionalmente erguida. Borba (2014), inspirado nos estudos de Butler (2003), adverte “que essas noções de coerência e continuidade são efeitos de normas socialmente instituídas e mantidas, enfatizando que gênero não decorre natural e incontestavelmente de nosso aparato genital” (BORBA, 2013, p. 446), pois o gênero decorre de “regras histórica e discursivamente produzidas que instituem como o corpo-sexuado deve ser generificado com base em uma heterossexualidade compulsória” (BORBA, 2013, p. 446).

Observo, assim, que é necessário olhar para os canais de YouTube e para tantos outros artefatos de forma a problematizar suas construções e desconfiar do que é posto como natural, como observa Louro (2010b). E, além de desconfiar,

precisamos dialogar com as crianças sobre essas questões, dando a possibilidade de escuta e reflexão do enunciado que emerge desses aparatos.

7.4 QUARTA CENA DISCURSIVA: “SER VISTA COMO PRINCESA”.

O vídeo *Princesas do Senhor*, do canal Fabiola Melo, *youtuber* da Figura 52, com mais de 214 mil visualizações, duração de 8' 44", 19 mil *likes* e 108 *dislikes*; publicado em 17 de setembro de 2014, perpassa por alguns pontos que a autora compreende como sendo importantes para entender sobre o que seria uma princesa do Senhor. O vídeo constitui-se performativamente com um discurso poderoso e seu título e conteúdo chamam a atenção. A proposta de menina-mulher que se deseja construir atua na busca de regular os corpos para atender a uma norma.

Figura 52: Princesas do Senhor – Fabiola Melo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5sywzarnmtg>.

Por que princesas do Senhor?

Fabiola: No meio cristão é muito comum que as garotas cristãs sejam chamadas de princesas, princesas do Senhor. Não só pelo fato de que nós somos filhas do rei dos reis, Jesus Cristo, Deus amor da nossa vida. Mas também pelo fato que a Bíblia sempre fala que a mulher tem que se vestir de maneira honrosa, que a mulher tenha um comportamento digno, como verdadeiras princesas, né? Então fica esse negócio aí de princesas do Senhor. E como boa princesa né, algum dia da vida ela vai querer um príncipe, né? Mas quando um príncipe demorar um pouquinho a chegar? O que uma princesa faz, numa situação dessa? [...] Algumas pessoas não percebem que de repente o príncipe já chegou e não te reconheceu como princesa. Entenda que é uma questão muito mais do que se considerar uma princesa, é uma questão de ser vista como princesa.

No vídeo, Fabiola descreve como uma princesa deve se comportar para conseguir um bom casamento, um bom marido: ela deve se vestir adequadamente, não usar roupas decotadas, apertadas, com o peito aparecendo, ou seja, ter um bom cartão-postal – identidade e estética. Deve ser gentil e educada, assim como não deve nunca tomar a iniciativa para paquerar um rapaz – deve esperar o matrimônio. Essas práticas discursivas atuam na construção performativa do gênero conformando as meninas-mulheres a uma norma tradicional, deixando de dialogar com as várias possibilidades de ser mulher. Nesse sentido, compreendo a performatividade “não como um ato singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2010, p. 154).

O vídeo do canal de YouTube está em rede com outros enunciados. Por exemplo, o enunciado da *Escola Sem Partido* apresenta-se em uma relação de interdiscurso com o vídeo de Fabiola. Nesse circuito, o domínio da memória é acionado para conectar em rede tais discursos que não são mais admitidos. A *Escola sem partido* (MISKOLCI; PEREIRA, 2018) constitui-se de um discurso educacional, como já observado, que atua na reiteração de uma estrutura tradicional, em que a moral é posta como referência e exemplo de prática, balizando como os sujeitos separados em uma estrutura binária devem se comportar. Esse discurso precisa ser largamente avaliado e criticado para a compreensão dos gêneros de maneira ampla.

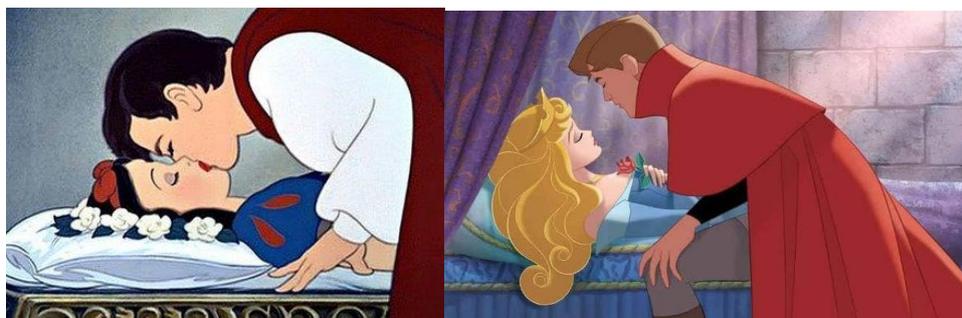
Nesse entendimento tradicional, a menina-mulher precisa ser a princesa do Senhor, como observado no vídeo da *youtuber*:

Fabiola: Como toda boa princesa, algum dia ela vai querer um príncipe, não é? [...] Algumas princesas não percebem que o príncipe já chegou, mas ele simplesmente não te reconheceu como princesa. Entenda que é uma questão não de se considerar uma princesa, mas de ser vista como princesa. Então vamos abordar algumas questões que te impedem de ser vista como princesa: a primeira questão é se você está se vestindo de maneira errada, e eu tô falando de roupa curta mesmo, meio decotadinha, meio apertadinha.

Esse lugar de conformação da menina-mulher ter o sonho, desejar um príncipe – “Como toda boa princesa, algum dia ela vai querer um príncipe, né?” – é reiterado nos filmes infantis, como nas narrativas dos contos de fadas da Disney. O vídeo da *youtuber* estabelece, desse modo, um campo de concomitância com os clássicos da

Disney, como, por exemplo, *Branca de Neve* (1938) e *A Bela Adormecida* (1959), remontando um modo tradicional de olhar para os relacionamentos, de espera, passividade e paciência pelo príncipe, demonstrado na Figura 53.

Figura 53: Filmes Disney – Branca de Neve e A Bela Adormecida



Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/como-seria-recebida-hoje-animacao-bela-adormecida-que-estreou-no-cinema-ha-60-anos.html>.

Esse entendimento que os canais de YouTube juntamente com os desenhos animados operam na construção do gênero, atuando de modo performativo, remonta ao estudo de Ignácio (2015), quando analisa um desenho infantil. Ignácio (2015), inspirada nos Estudos Culturais, observa que esses desenhos se constituem como produtores de cultura. Ou seja, “o significado dos desenhos animados opera em vários registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles desempenham como as novas máquinas de ensino, como produtores de cultura” (IGNÁCIO, 2015, p. 160).

Desse modo, o vídeo do canal de YouTube, juntamente aos desenhos, estaria atuando na circulação de discursos “que formam e subjetivam os sujeitos, na medida em que estão eivados de dicas e fórmulas de como ser, não ser, pensar, comportar-se, vestir-se, relacionar-se, encontrar a felicidade etc.” (IGNÁCIO, 2015, p. 160). Nesse circuito é como estar diante de uma construção que encontra uma “ressonância dos seus discursos tidos como —verdades, o que é natural, normal, lógico e desejável, delimitando e constituindo os conceitos que são adotados como padrão em nossa sociedade” (IGNÁCIO, 2015, p. 160). Socialmente as meninas-mulheres precisam corresponder a um padrão de princesa, com respostas certas para serem dadas, onde a submissão é a primeira premissa, caso contrário não serão inseridas no grupo de Princesas Disney ou Princesas do Senhor.

Construindo essa rede discursiva, o canal de YouTube Planeta das Gêmeas traz uma *playlist* intitulada *A princesa sem modos*, com cinco vídeos. A *playlist*

representa uma novelinha que conta de forma lúdica a história de uma princesa que mora em um castelo com o seu pai, o rei. O rei vai se casar novamente e essa nova esposa tem uma filha que irá morar no castelo, mas não apresenta modos de princesa. Em cada episódio, as princesas têm aulas de dança real, boas maneiras etc. Analiso a *parte 1* da novelinha, publicada em 19 de maio de 2017, que conta com mais de 8 milhões de visualizações, 272 mil *likes*, e 12 mil *dislikes* e duração de 12' 14", e a *parte 2*, publicada em 23 de maio de 2017, que registra mais de 12 milhões de visualizações, 313 mil *likes*, 16 mil *dislikes* e duração de 14' 05"

No vídeo *parte 1* do Planeta das Gêmeas, observo o trecho onde as duas “princesas” dialogam:

Princesa sem modos: Nicole, cheguei, que tal?

Princesa: [Reação: cara de assustada, demonstrada na Figura 54].

Princesa sem modos: E aí? Gostou?

Princesa: Aiii, essa daí vai dar trabalho.

No vídeo *parte 2*, acontece a continuação do diálogo.

Princesa sem modos: E aí? Gostou ou não gostou?

Princesa: Mas, Melissa, uma princesa não usa esse tipo de roupa...

Princesa sem modos: Como assim? Mas você também está usando um vestido lilás.

Princesa: Não é a cor. É o modelo... e o penteado, o cordão, meia arrastão e botas?

Princesa sem modos: Quer dizer que você acha que eu estou feia?

Princesa: Não... [com voz de dúvida].

Figura 54: Princesa sem modos – Planeta das Gêmeas (2017)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=9_HOhOzea0&list=PLAlvD4cXj01KayaZRkLGcMAjQtnXdu5uy&index=5.

Nesse fragmento do vídeo, observo como se dá a trama discursiva para demonstrar o quanto as crianças têm compreensão da norma que lhes foi ensinada e internalizada. Assim como Fabiola compreende que “a primeira questão é se você está se vestindo de maneira errada”, as *youtubers* infantojuvenis sabem exatamente o que é entendido como representação de uma princesa *de verdade*, ao dizer: “Mas, Melissa, uma princesa não usa esse tipo de roupa...” Que tipo de roupa é de princesa? A Princesa argumenta: “Não é a cor. É o modelo... e o penteado, o cordão, meia arrastão e botas?” As garotas protagonistas trazem para o diálogo a importância de estar vestida adequadamente. Entendendo que a *princesa sem modos* não atente as expectativas, a *princesa verdadeira* exclama: “Aiii, essa daí vai dar trabalho”, confirmando a hipótese de precisar *consertar* o que está fora do lugar.

A princesa deve ser cortejada e cabe a ela agradar seu marido. Assim, deve cuidar da aparência para estar sempre apresentável. A *youtuber* Fabiola observa que “algumas princesas não percebem que o príncipe já chegou, mas ele simplesmente não te reconheceu como princesa”, construindo em seu discurso um modo de ser princesa aceito e legitimado ao qual as meninas-mulheres precisam se encaixar. Esse modo responde a um padrão tradicional, quando ela diz: “Entenda que é uma questão não de se considerar uma princesa, mas ser vista como princesa. (...) a primeira questão é se você está se vestindo de maneira errada, e eu tô falando de roupa curta mesmo, meio decotadinha, meio apertadinha”. Essa forma de moldar o sujeito coloca as meninas-mulheres em uma lógica cruel de ter seus corpos cerceados pelo olhar alheio, como sendo inadequado mostrar-se, instituindo-se uma norma regulatória. Essas “normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2010, p. 154), conformando as meninas-mulheres que se submetem ou são submetidas a esse tipo de discurso a normalizar seus corpos e levando-as a entenderem-se como perigosas e provocadoras de um desconforto, quando as pessoas que estão mais desconfortáveis são elas mesmas.

*

Diante de todo esse arquivo exposto, é gritante a construção que se faz em torno do casamento de modo a ser compreendido como algo muito importante na

trajetória de uma menina-mulher. No livro *Para educar crianças feministas: um manifesto*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2017), ela conta uma situação que aconteceu na Nigéria:

[...] ocorreram uns debates nas redes sociais nigerianas sobre as mulheres e a cozinha, que diziam que as esposas precisam cozinhar para os maridos. É engraçado, quero dizer, engraçado como uma coisa triste, que em 2016 ainda estejamos falando de cozinhar como uma espécie de “teste de boa esposa” para as mulheres. Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende. Cozinhar – o serviço doméstico em geral – é uma habilidade que se adquire na vida, e que teoricamente homens e mulheres deveriam ter. Também temos de questionar a ideia de casamentos como um prêmio para as mulheres, pois é o que está na base desses debates absurdos. Se pararmos de condicionar as mulheres a verem o casamento dessa forma, não precisaremos discutir tanto se uma esposa precisa cozinhar para ganhar esse prêmio. (ADICHIE, 2017, p. 22-23).

Essa reflexão proposta por Adichie atua em alguns pontos que venho ao longo desta análise me propondo a fazer. Até que ponto estarei debatendo e argumentando em favor de questões que já deveriam ter sido revistas, até que ponto a sociedade vai olhar para as mulheres como sujeitos que estão à espera de algo ou alguém, e não como sujeitos que são da ação, que vão lá e fazem aquilo que desejam – pedem uma pessoa em casamento, divorciam-se se o casamento não lhe fizer mais feliz, cuidam sozinhas de suas(seus) filhas(os), escrevem, viajam, tomam decisões importantes, são chefes de Estado, debatem e fazem ciência e poesia sem precisar de homem algum? Até quando estarei em uma sociedade em que ser forte é entendido como sinônimo de ser masculinizada, e até quando ser masculinizada será símbolo ou marca que se reflete nos desejos e modos de viver a sexualidade? As mudanças precisam sair do papel. Precisamos possibilitar modos de vida mais plurais e respeitosos com as escolhas individuais de cada sujeito, que respeitem os vários formatos de família, relacionamento, gênero etc.

O olhar para a mídia, os canais de YouTube, os filmes, as propagandas, as matérias e artefatos é urgente e muito importante. A construção do gênero como ato performativo perpassa essas instâncias. As representações de como se é menina e menino precisam ser mais plurais e menos reguladas. Cabe a mim, cabe a nós, como sujeitos desta sociedade e pertencentes a variadas gerações, conhecer, pesquisar, estudar, questionar esses canais de YouTube e todos esses artefatos e construções

mediáticas, fazendo com que as crianças os conheçam e consigam tirar dessa experiência aprendizado, visão crítica, sabendo que o conteúdo interessante é passível de uma reconstrução ou até mesmo que não deve ser *levado em conta* e que pode ser descartado.

Na parte seguinte, olho para meu arquivo de pesquisa buscando focar as construções que privilegiam o olhar para a menina-mulher como sujeito politicamente construído, tendo em vista entender as possibilidades diante de artefatos que debatem e desconstróem estereótipos.

8 CANAL VIII: ENUNCIADOS EM DISPUTA – PEDAGOGIAS FEMINISTAS DE CONTRACONDUTA

O modo de enunciação das relações de gênero por meio de canais de YouTube por *youtubers* que venho analisando remonta a uma estrutura tradicional, na qual é produzido um entendimento de que um “outro” irá completar a metade de cada sujeito e que essa outra “metade” necessariamente é do sexo oposto. Contudo, nessas mesmas plataformas, emerge o que Foucault denomina de oposições intrínsecas ao discurso – neste trabalho discurso de gênero. Se mostramos nos capítulos anteriores como se dá uma regularidade enunciativa entre discursos midiáticos de gênero com predominância de uma visão conservadora da menina-mulher, as oposições intrínsecas a esse mesmo discurso dizem das contradições internas, inclusive pela coexistência discursiva com outras narrativas que circulam na sociedade – os discursos de gênero e feministas em suas diferentes versões.

Neste canal, irei apresentar essas oposições intrínsecas internas ao discurso de gênero em quatro cenas discursivas que me ajudam a compreender esse modo de problematizar as posições ocupadas pelas meninas-mulheres e como esse debate pode ser construído através desses artefatos, mídias, propagandas e filmes.

Para tal fim, apresento neste canal quatro cenas discursivas, intituladas respectivamente: “Fique atento aos sinais”; “Será que isso é coisa da minha cabeça?”; “Assim, temos um problema, não é?”; e “Quem tem medo do feminismo?”.

8.1 PRIMEIRA CENA DISCURSIVA: “FIQUE ATENTO AOS SINAIS”

Buscando refletir sobre o lugar ocupado por determinados símbolos, artefatos e imposições sobre o machismo e como as mulheres se encontram vulneráveis em tantas situações, a *youtuber* JoutJout Prazer lançou o vídeo *Não tira o batom vermelho*, em 26 de fevereiro de 2015, com duração de 8' 34", alcançando mais de 3,5 milhões de visualizações, 226 mil *likes* e 2,4 mil *dislikes*. O vídeo constitui-se como um ato performático que atua na desconstrução de padrões reiterados socialmente, buscando refletir sobre os processos regulatórios que essas meninas-mulheres vêm sofrendo ao longo dos anos, por exemplo, com o batom vermelho e o uso do espartilho em décadas passadas, trajetória na qual as mulheres alcançaram direitos como o de não usar sutiã e o de usar calça comprida, entre tantas outras conquistas e batalhas

que foram e ainda serão vencidas neste caminhar constante das lutas feministas. No vídeo, a *youtuber* Júlia reflete sobre o uso desse símbolo como enunciado que veicula e constrói sentido. Mas também reflete sobre o que as mulheres passam e vivem em seu dia a dia e como essas situações são por vezes não significadas ou dignas de debate, diálogo e (re)construções.

Durante muito tempo, as mulheres foram colocadas como sujeito de menor valor. Recebiam-se ordens sobre o que as mulheres deveriam ou não fazer, como deveriam se vestir para não sofrer nenhum tipo de assédio, abuso ou ser rotulada como disponível, tendo que responder a um “ideal regulatório”, conforme nomeia Butler (2010). Mas os tempos estão mudando a cada ano e década. Nenhuma mulher deve ser invadida pelas escolhas alheias sobre o seu modo de ser e existir, qual batom usar ou com quem se relacionar. Estas são escolhas pessoais e intransferíveis, não devendo as mulheres serem penalizadas por suas preferências.

No vídeo, JoutJout compartilha a fala de várias mulheres, com idades e situações diversas, que relatam desconfortos vividos por elas.

JoutJout: Estava conversando com uma mulher maravilhosa pelo Facebook e a gente começou a falar das nossas experiências com relacionamentos abusivos que a gente tem. E aí resolvi fazer um vídeo sobre relacionamentos abusivos, porque é uma coisa muito recorrente, mas geralmente você não sabe que você tá num relacionamento abusivo. Uma parte de você sabe, mas meio que não sabe ao mesmo tempo. E pra recheiar mais esse vídeo, eu fui num grupo MARAVILHOSO que eu participo no Facebook e pedi histórias de pessoas que já tiveram relacionamentos abusivos. E depois de ficar três horas chorando lendo essas histórias, eu vou agora falar um pouco sobre relacionamentos abusivos. Vamos tentar fazer isso com bom humor? VAMOOOOSSS.

O vídeo produzido por JoutJout torna-se muito importante. Além do olhar da *youtuber*, que já dialoga e constrói muitas pontes, ela divide o olhar e as situações de várias mulheres que compartilham seus assédios e histórias. Inicialmente Júlia já faz a observação de que esse lugar da mulher ser a única que é abusada não é verdadeiro e reflete.

JoutJout: Primeira coisa: não existe só relacionamento abusivo homem com mulher. Homem sendo escroto, mulher sendo coitada. Pode ser o contrário também. Ou pode ser mulher com mulher ou pode ser homem com homem. Eu vou falar de relacionamento entre homens

e mulheres, mas você coloca aí o gênero que você quiser, tá? Nos artigos que eu for usar... Tá bem? Então tá bem!

O discurso vai sendo desenvolvido no vídeo de maneira bem didática para que nós, mulheres, tenhamos a clareza de que os abusos são silenciosos e estão em todos os lugares. JoutJout, simulando uma pergunta do público, diz:

“Mas, JoutJout, como eu vou saber se estou em um relacionamento abusivo?”

JoutJout: Você não sabe! Ou você sabe, mas escolhe não saber. Então... Fique atento aos sinais. E quais são esses sinais? Vamos responder algumas perguntas aqui comigo... Venha cá.

A *youtuber* começa, então, a fazer perguntas que devem ser “respondidas” pelo público ao assistir o vídeo:

Este sujeito está te impedindo de sair com seus amigos? Ou está te colocando contra os seus amigos e os seus familiares?

Resposta: Relacionamento abusivo.

Ele já mandou você tirar o batom porque você estava com cara de puta com esse batom vermelho?

Resposta: Relacionamento abusivo.

Ele já balançou um guardanapinho na tua cara? Tira esse batom!

Resposta: Relacionamento abusivo

Ele já controlou a distância as roupas que você vai usar ou o lugar que você vai usar essa roupa?

Resposta: Relacionamento abusivo.

Essa pessoa já te pediu pra excluir pessoas do seu Facebook ou Orkut?

Resposta: Relacionamento abusivo.

Ou essa pessoa já te impediu de falar na vida real com certas pessoas?

Resposta: Relacionamento abusivo.

Sempre que vocês brigam, de alguma forma muito estranha que não é explicada, você está sempre errada? E você sempre acaba pedindo desculpa, mesmo quando no início você tinha certeza de que tava certa... Mas rolou alguma coisa ali que ele falou, que você falou: "gente, eu acho que eu que tava errada...Será?" E aí você olha pra trás e fala: "E, todas as brigas que a gente já teve na vida, e...eu que tava errada".

Resposta: Relacionamento abusivo.

À medida que cada pergunta é feita no vídeo, um aviso sonoro sinaliza o abuso e aparece uma tela onde se lê “relacionamento abusivo”, como demonstrado na Figura 55. JoutJout consegue construir uma narrativa expondo modos de ser abusada, trazendo uma reflexão necessária com situações que aparentam ser corriqueiras.

Figura 55: Vamos fazer um escândalo – JoutJout, Prazer (2015)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ociJTPHg&t=17s>.

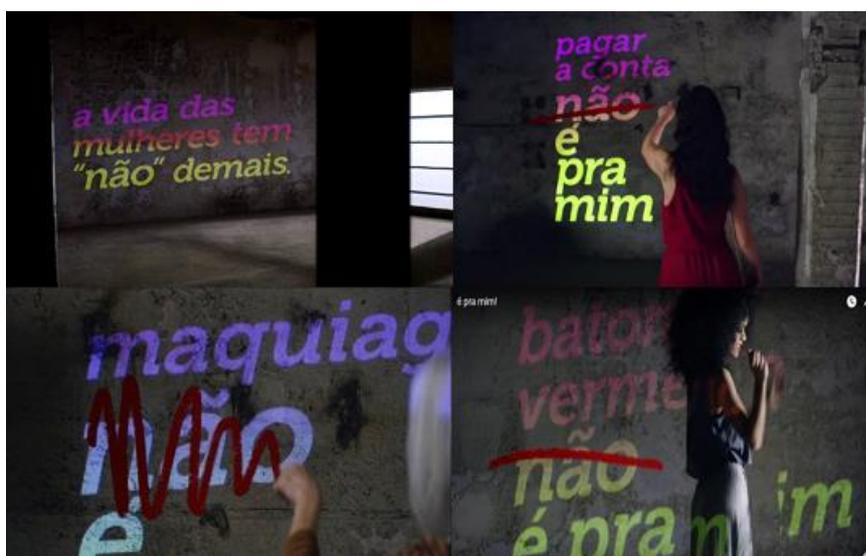
A partir dos trechos transcritos, observo que os enunciados apresentados no vídeo desenvolvem uma argumentação coerente sobre a regulação que o corpo da mulher sofre de maneira coercitiva atuando na proibição física, ou de maneira subjetiva, atuando mesmo a distância, através de mecanismos de controle e vigilância que conformam a mulher ao lugar de estar sempre alienada pelo outro que precisa aprová-la para ela existir. Esse entendimento de precisar agradar, de submeter-se ao outro para existir, não ajuda na construção de meninas-mulheres fortes e livres, pois só reafirma o lugar de dependência e subalternização.

O vídeo de JoutJout estabelece-se como um deslocamento de pensamento, na medida em que reflete sobre cenas reais com um olhar crítico diante de situações que são comuns na vida das mulheres. O vídeo leva as meninas-mulheres a refletir e olhar-se diante de suas próprias opressões, demonstrando que os canais de YouTube, em alguma medida, podem também ajudar a fazer circular o debate de outra natureza que não seja a da normalização e regulação (BUTLER, 2010). Os enunciados dos canais de YouTube seriam de certo modo constituídos por arenas de lutas, onde as narrativas e os discursos estão em disputa, demonstrando uma “força pedagógica”, conforme Ellsworth (2005).

Estabelecendo uma relação de concomitância com o vídeo veiculado no Canal de JoutJout e ao compreender que a mulher deve ser protagonista de suas escolhas e não um objeto, duas campanhas publicitárias se destacam: uma de 2015 feita para a marca *Quem disse, Berenice?*, empresa do grupo *O Boticário*; e a outra da MotoCorsa, de Portland, Oregon, dos EUA.

A marca *Quem disse, Berenice?* dialogou sobre como as mulheres estão cansadas dos padrões impostos, da regulação a que são submetidas cotidianamente, e lançou a campanha *A vida das mulheres tem NÃO demais*. Guardadas as ressalvas de estarmos diante de um produto que tem como finalidade venda e lucro, o questionamento proposto convida para a reflexão, como destaque em algumas cenas reproduzidas na Figura 56.

Figura 56: Quem disse, Berenice? “A vida das mulheres tem NÃO demais” (2015)



Fonte:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=12&v=4XbFv9C_GiY&feature=emb_logo.

A campanha publicitária atua de maneira performativa, rompendo com os processos reiterativos que regulam as mulheres. O diálogo é proposto tendo em vista dar outro sentido a uma norma que coloca a menina-mulher em determinadas posições. A campanha faz um convite à desconstrução de padrões, argumentando que as mulheres podem e devem ser o que elas quiserem: “batom vermelho não é pra mim”, “maquiagem não é pra mim”; “pagar conta não é pra mim”, todas elas aparecendo como ato de riscar o NÃO com o batom vermelho, símbolo socialmente construído como sendo usado por *mulheres da vida*, prostitutas, ou quando a mulher deseja insinuar-se para o homem, ser sensual.

A associação do batom com a mulher ser puta é sempre recorrente. É um discurso reiterado de maneira sistemática, compreendendo que se trata de um marcador social que distingue mulheres da vida de mulheres de bem, como observado no vídeo de JoutJout quando ela pergunta “Ele já mandou você tirar o batom, porque

você estava com cara de puta com esse batom vermelho?”. O lugar que essa profissão de prostituta ocupa na sociedade é subalternizado. Esses sujeitos se constituem como abjetos, algo que a sociedade coloca como sendo inexistente ou de menor valor. O abjeto, como observaram Butler (2002) e Haraway (2009), é aquele sujeito que ninguém quer ser, com quem ninguém quer ser associado ou confundido, ou seja, o “abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002, p. 161).

Esse modo de criar *rostos*, de criar modos de ver determinados artefatos, signos e símbolos, constrói na cabeça de cada sujeito um painel, um quadro legível, atingível, pois se “meu rosto é de fato legível, só chega a sê-lo porque entra em um quadro visual que condiciona sua legibilidade” (BUTLER, 2017b, p. 43). Essa construção do que é “ser legível” perpassa por um lugar de julgamento, de pôr em jogo as representações que tenho, de construir esse sujeito, sendo essa construção por vezes perversa, pois busco a todo custo me enquadrar em determinados *rostos* ou enquadrar os outros nos *rostos* que para esse “eu” parecem mais confortáveis. Na campanha publicitária exposta, vejo que vários *rostos*, vários modos de construir a mulher, são postos e desconstruídos. Esse processo de desconstrução é urgente para pensarmos uma sociedade que acolha de modo mais generoso as diferenças e mostre as várias possibilidades pelas quais as meninas-mulheres possam se (re)construir com mais liberdade e menos julgamento.

Ao olhar para essas possibilidades de reconstrução, talvez seja importante fazer o exercício de olhar novamente para o que Butler (2017b) chamou de processo de representação visual do humano, talvez se possa discutir a ideia de que “nossa capacidade de responder a um rosto como rosto humano seja condicionada e mediada por quadros de referência variavelmente humanizadores e desumanizadores” (BUTLER, 2017, p. 43). Entendo que estou implicada dentro de uma lógica que pode seguir os dois caminhos, sendo, por vezes, perversos, desumanizadores ou mais disponíveis para as diferenças que percorrem a construção humana.

Chamo, entretanto, a atenção para o que Carvalho (2010) problematiza em seu texto *Diferença cultural, mercado e mídia*, ao indicar como a economia de mercado desde o final dos anos 1990 incorporou elementos das lutas culturais expressas por grupos específicos. Na verdade, o que fazem com essa incorporação é transformar

os discursos da luta cultural em produtos, em mercadorias, garantindo, assim, a determinadas empresas o selo de civilidade e práticas ditas politicamente corretas.

De certo ponto de vista, pode-se argumentar que para o “reconhecimento ser possível as normas já devem existir, e de fato há alguma verdade nessa afirmação” (BUTLER, 2017b, p. 37). Também entendo que:

certas práticas de reconhecimento, aliás, certas falhas na prática de reconhecimento marcam um lugar de ruptura no horizonte da normatividade e implicitamente pedem pela instituição de novas normas, pondo em questão o caráter dado do horizonte normativo prevaiente. (BUTLER, 2017b, p. 37).

Vejo assim que esse horizonte normativo onde “eu vejo o outro e, como efeito, no qual o outro me vê, me escuta, me conhece e me reconhece também é alvo de uma abertura crítica” (BUTLER, 2017b, p. 37).

Estabelece-se uma cena que não tem uma utilidade, propriamente, pois percebo que será inútil diluir a noção do outro na estrutura da sociabilidade das normas e, desse modo, “afirmar que o outro está implicitamente presente nas normas pelas quais se confere o reconhecimento” (BUTLER, 2017b, p. 37). Em algumas situações, quando o outro não me reconhece, pode provocar uma “crise nas normas que governam o reconhecimento” (BUTLER, 2017b, p. 37). Segundo Butler (2017b, p. 37), ao pôr em questão o chamado “horizonte normativo em que o reconhecimento acontece”, observa-se que, ao se questionar as normas, estou expressando o desejo de reconhecimento. Tal desejo pode não ser satisfeito, essa “insatisfabilidade” fornece algo que é chamado de “um ponto crítico de partida” para se poder questionar as normas disponíveis

Tendo esse ponto crítico de partida, como observado por Butler (2017b), e refletindo sobre essa visão estereotipada e massificada de mulher, que ainda é reiterada por diversas campanhas que insistem em colocar a mulher nesse lugar, a concessionária MotoCorsa de Portland (Oregon, EUA) fez uma campanha onde questionava a posição na qual as mulheres se encontravam nas publicidades no meio automobilístico. Inverteu as posições de sujeitos e colocou os mecânicos homens para serem fotografados com o mesmo figurino e posições das mulheres. Esse movimento propôs que algumas normas fossem rompidas.

Ao romper as normas, como observa Butler, nessa fronteira do permitido para cada corpo, acontece um processo de desregulação de trocas, ocasionando, assim,

a quebra da fronteira do que é um corpo. Ao se questionar o que seria esse corpo; como ele se constitui? Como se significa? Porque deve ser vigiado? Como devemos oferecê-lo (ou não)? Quais os perigos que ele corre? Esses são, entre tantos outros, questionamentos que constroem o que vem a ser corpo ou ainda o que não deveria ser ou o que *nunca* será constituído como corpo na norma heterossexual de uma sociedade patriarcal. Ao inverter as posições, notadamente, observa-se o quanto as mulheres são expostas, objetificadas e abusadas ao serem colocadas também como mercadoria à venda (BAUMAN, 2008) juntamente com uma moto, como observado na campanha reproduzida na Figura 57.

Figura 57: Campanha publicitária da Concessionária MotoCorsa



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2013/11/homens-zombam-dos-estereotipos-das-modelos-em-posters-de-moto/>.

A desconstrução desses estereótipos deve ser algo constante. A todo o momento, a sociedade encontra formas de reiterar esse lugar de subalternação e abuso para conformar o corpo feminino, não possibilitando a reflexão e o reposicionamento. O processo regulatório atua de maneira ativa e constante, segundo Butler (2010). É urgente debater, escrever e construir novos perfis e possibilidades para as meninas-mulheres. É imprescindível que os adultos observem que “essa

infância digital existe, e suas crianças parecem ser ‘inteligentes, aceitadoras da diversidade, curiosas, autoconfiantes, com autoestima e orientação global’ (TAPSCOTT, 1991, p.101 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2009, p. 214), quando sabemos das fragilidades e conflitos vividos cotidianamente.

É importante que *nós*, os *outros* da geração anterior, encontremos na “infância sua presença enigmática diante da exigência que este mundo traz consigo” (TAPSCOTT, 1991, p. 101 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2009, p. 214). É preciso colocar-se disponível para o diálogo, buscando desconstruir visões veladas, estruturas fechadas e padrões impostos pela sociedade. Milhares de meninas aprendem que devem ser boazinhas e crescem aceitando esse lugar de objeto, de ser inferior. Como observou Adichie (2017, p. 48-49), é sabido que “muitas meninas ficam quietas quando são abusadas, porque querem ser boazinhas. Muitas meninas passam tempo demais tentando ser ‘boazinha’ com pessoas que lhes fazem mal”.

E reitero, muitas mulheres passam uma vida inteira tentando ser boas para homens que lhe fazem mal, para homens que as colocam como alguém de menor valor. Os abusos se apresentam de muitas maneiras, mas, muitas vezes, meninas-mulheres não conseguem identificar e se defender, pois foram ensinadas a fazer o contrário. Desse modo, o vídeo veiculado pelo canal de YouTube de JoutJout atua na política preventiva de fazer circular o debate e fazer com que muitas meninas-mulheres se percebam em uma situação narrada para que, assim, possam começar, talvez, a refazer o caminho. Reconheço, dessa forma, que esse vídeo está em rede discursiva com as propagandas, como uma produção midiática que atua de modo a provocar o diálogo e não conformar os corpos como usualmente observo.

8.2 SEGUNDA CENA DISCURSIVA: “SERÁ QUE ISSO É COISA DA MINHA CABEÇA?”

Nesse contexto, diante de uma sociedade que expõe as mulheres a todo tipo de assédio, o canal de YouTube JoutJout, Prazer publicou um vídeo onde se reflete e se dialoga sobre esse assunto, olhando de modo mais aprofundado para os abusos sexuais. O vídeo *Vamos fazer um escândalo*, publicado dia 27 de outubro de 2015, com duração de 9' 21", e possui 165 mil *likes*, 4,3 mil *dislikes* e mais de 2 milhões de visualizações. JoutJout reflete sobre várias situações do dia a dia nas quais algumas mulheres estão vulneráveis e são silenciadas, não tendo a clareza muitas vezes de

se perceberem diante de um abuso. Por isso, ela sugere vamos fazer um escândalo, vamos reagir a esses abusos corriqueiros e silenciosos, como forma de ajudar outras mulheres, e assim atuar em rede, como observou Butler (2018), ao construir o entendimento sobre os corpos em assembleia, que reunidos gritam juntos por “vidas mais vivíveis” e atuam na luta para a conquista de direitos e segurança de transitarmos livremente.

O vídeo inicia com Júlia contando a história de Valentina, uma menina de 12 anos que participa de uma edição do programa televisivo Master Chef infantil. A menina foi alvo de abusos virtuais, homens publicaram atrocidades em relação à menina e as outras crianças participantes do programa. Eles diziam “sobre essa Valentina, se tiver consenso é pedofilia?”; “Valentina, manda nude”; “#valentinanaplayboy”; “se ela quiser não é pedofilia, é amor e tanta criança no Master Chef que eu não sei qual foto olho primeiro na hora de bater uma”. Tais comentários atuam na construção de práticas discursivas que produzem um discurso no qual a menina-mulher não é respeitada, primeiro enquanto mulher, dona de seu corpo e suas vontades, e também enquanto criança que não deve ser objeto sexual ou vista como disponível aos desejos sexuais de qualquer tipo de pessoa. Ao veicular esses comentários em relação à criança participante do programa, esses sujeitos estão publicamente assumindo o lugar de criminosos, pois são pedófilos, e deveriam pagar pelo crime que cometeram ao se referirem dessa forma a uma menor de idade.

Diante desses comentários JoutJout resolveu problematizar o assunto abuso. Para construir o vídeo, a *youtuber* conta com o relato de várias meninas e mulheres que compartilham histórias reais, através da *hashtag* criada para compartilhamento de primeiros assédios sofridos por várias pessoas ao longo da vida – #primeiroassedio. Ao compartilhar essas histórias, a *youtuber* busca encorajar outras mulheres a também conversarem sobre o assunto e assim *tirarem* o tema da zona de conforto que o agressor por vezes encontra, reunindo em um mesmo espaço – mesmo sendo virtual – histórias de várias mulheres, que como bem observou Butler (2018) se unem para pleitear direitos.

Partindo de sua realidade, JoutJout constata que no seu círculo social o assunto é também silenciado, ao dizer

[...] Uma amiga minha compartilhou um assédio que ela tinha vivido, um não, vários, e aí esse assunto foi parar num grupo de WhatsApp

que eu tenho com várias amigas. E quando eu fui ver, 11 de 11 meninas que estavam no grupo, tinham sofrido algum tipo de assédio, ou seja, 100%. Mas o mais surreal é que eu não sabia de nenhuma daquelas histórias. Elas são minhas amigas, a gente fica o dia inteiro falando de tudo que acontece com a gente e ninguém relatou nenhuma daquelas histórias. Você ser assediada na rua não é uma novidade boa o bastante para você contar no seu grupo de amigas. Eu não sabia disso tudo, porque já virou uma coisa tão corriqueira que não vale mais apenas contar isso.

A *youtuber* coloca essa informação de que sofrer um abuso não é algo que é compartilhado, pois quem sofre tem vergonha de falar sobre esse acontecimento. Existe, portanto, uma inversão da lógica repressora. Quem deveria envergonhar-se era o agressor, mas quem sente vergonha é quem foi agredida(o), quem foi assediada(o), abusada(o). Amigas não falam entre si sobre abusos sofridos. Mães e filhas não falam entre si sobre abusos sofridos. Um silêncio sacro é construído diante deste assunto que permeia a vida de tantas e tantas meninas-mulheres. Esse modo de silenciar o diálogo em torno das questões de educação sexual e de gênero remete ao que foi construído e nomeado como *Escola sem Partido* (MISKOLCI; PEREIRA, 2018), que, através de uma construção equivocada sobre um material educativo que seria distribuído nas escolas, criou o fantasma da ideologia de gênero, fazendo silenciar uma ação educativa que precisa urgentemente acontecer tendo em vista a necessidade de se dialogar sobre o assunto e o número alarmante de casos de violência contra mulher, abusos, estupros etc. A educação sexual e em torno das questões de gênero deve ser feita em âmbito escolar, na garantia do debate e da construção de um espaço mais saudável para as várias crianças e os vários formatos de família que compõem esse cenário.

JoutJout observa que existe um círculo vicioso. Ao dialogar sobre o assunto, ela percebe que o assédio “já aconteceu comigo, já aconteceu com todas as minhas amigas, isso já aconteceu com minha mãe, isso já aconteceu com minhas quatro tias, isso já aconteceu com minhas dez primas e eu sei que vai acontecer também com minha sobrinha de dois anos e meio”. Importante destacar que, ao dizer que todas essas pessoas, todas essas mulheres, sofreram assédios, Júlia não está afirmando que todas elas foram estupradas. O assédio e o abuso acontecem de diversas formas. Como ela destaca:

E quando digo que isso aconteceu com todas essas mulheres eu não quero dizer que elas foram estupradas, porque às vezes a gente se

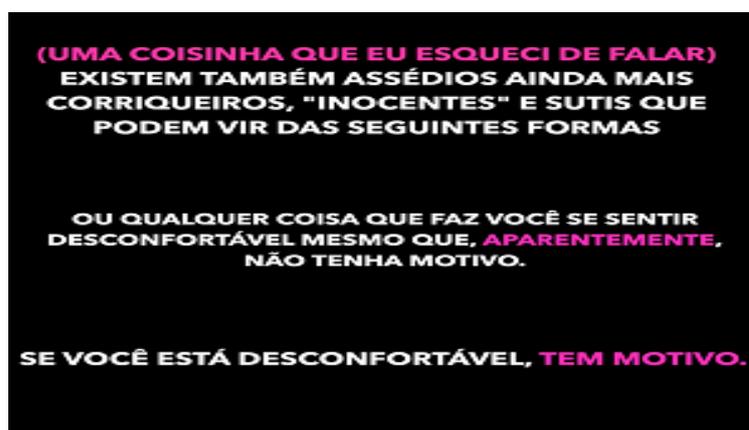
confunde e acha que abuso sexual é só quando o ato sexual acontece sem seu consentimento, mas não é só assim que é abuso sexual. Pode ser também das seguintes maneiras [...]

A *youtuber*, então, compartilha as situações enviadas e reflete sobre elas. Dentre várias histórias compartilhadas, destaco:

Quando você tem nove anos e está pulando corda com suas primas e irmã e um vizinho fica dentro do carro tirando fotos de vocês e se masturbando. Quando você tem sete anos e o pai da sua amiga vive lhe abraçando por trás e dizendo coisas na sua orelha. Ou quando um sujeito fala pra você “quer ver uma mágica?”, enquanto ele coloca a mão embaixo do seu vestido.

Esses foram alguns dos casos que Júlia trouxe no vídeo. Existem muitos outros que causam a mesma repulsa e nojo diante de sujeitos que se sentem no direito de invadir um corpo que não é seu. O vídeo constrói-se de enunciados que buscam deslocar o entendimento sobre abusos sofridos por tantas mulheres, convidando à desconstrução de práticas discursivas que atuam na reiteração desse discurso onde a menina-mulher é posta como disponível e carente de investidas, sejam sexuais ou não. E também chama a atenção para abusos que não ocorrem de modo tão explícito, mas que são igualmente abusos, como a *youtuber* destaca no vídeo ilustrado na Figura 58.

Figura 58: Vamos fazer um escândalo – JoutJoutPrazer (2015)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls>.

Júlia observa que as meninas-mulheres levam um tempo para significar o abuso, o assédio:

Os abusos que são sutis, não são “graves” o bastante para você recorrer à polícia e denunciar um estupro, são extremamente preocupantes também. Porque você se pergunta a pior pergunta que poderia perguntar: “Será que isso é coisa da minha cabeça?” Essa pergunta faz você guardar esse acontecimento nojento dentro de você. [...] Você acha que é uma invenção da sua cabeça e que você entendeu errado. Que na verdade ele tava te dando “bom dia”. E não passando as mãos nos seus mamilos.

Observo com um olhar atento a importância de uma educação sexual para as crianças e adolescentes poderem construir um entendimento diante de questões básicas de público e privado diante do corpo, do entendimento que o seu corpo deve ser respeitado e que o toque só deve ser realizado com o seu consentimento, ou seja, de modo a evidenciar os abusos diários e que não recebem a devida atenção como *um abraço demorado demais; um beijo inocente e pegajoso no rosto; um beijo de despedida que começa na bochecha e acaba indo pro pescoço* ou ainda *uma mão na cintura que não faz sentido naquele momento e com aquela pessoa*, como JoutJout observa no vídeo. Ensinar as crianças os nomes corretos dos órgãos genitais, ensinar a avisar quando se sentir em perigo ou até mesmo desconfortável diante de alguma investida por qualquer pessoa, seja familiar ou não, ajuda na prevenção de abusos e ajuda as crianças a saberem se defender quando for necessário, como observa a *youtuber*.

Geralmente não é coisa da sua cabeça. Geralmente o amigo do seu pai passou a mão em você inteira na cozinha enquanto ninguém estava olhando. E o que fez ele se sentir à vontade para fazer isso foi a certeza que você ia ficar quietinha, a certeza de que você não ia criar uma situação desconfortável pro seus pais. [...] Fica chato quando você acusa um sujeito culto, esclarecido e bem-sucedido de ter te tocado sem a sua permissão. Até porque eles não iriam acreditar em você, porque não foi um desconhecido na rua.[...]Foi um sujeito que é amigo da sua família. Só que essa pessoa que te assedia sexualmente pode vir na forma de um tio, de um primo, na forma de um irmão, pode vir na forma do seu pai, pode vir na forma de um homem que você admira enormemente, pode até vir na forma de uma mulher.

Em rede discursiva com as colocações de Júlia, Adichie destaca que precisamos lembrar que “ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinhas, fingidas. E não ensinamos a mesma coisa aos meninos. É perigoso. Muitos predadores sexuais se aproveitam disso” (ADICHIE, 2017, p. 48). Tem-se, então, de

estar atentas, pois muitas meninas foram ensinadas a não contestarem e a pensar nos “sentimentos” que seus agressores têm por elas. “Esta é a consequência catastrófica de querer agradar. Temos um mundo cheio de mulheres que não conseguem respirar livremente porque estão condicionadas demais a assumir formas que agradem aos outros” (ADICHIE, 2017, p. 49).

Esse modo de construir a narrativa e trazer um assunto sério para debate faz com que Júlia, conhecida como JoutJout, acesse o público e construa com ele uma relação de troca e confiança, estabelecendo-se com uma “força pedagógica” conforme Ellsworth (2005) compreende, pois ele atua na construção de um entendimento sobre o assunto suscitando o debate. Os temas abordados por Júlia acabam, assim, por alcançar os ouvidos de muitas mulheres que vivem ou já viveram tais situações, agindo, dessa forma, com uma ação de cuidado e reconhecimento do problema. No final do vídeo, JoutJout deixa o contato telefônico no Brasil para denúncias: Ligue180, como destacado na Figura 59.

Figura 59: Vamos fazer um escândalo – JoutJout Prazer (2015)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls&t=54s>.

Construindo a rede discursiva, o discurso do vídeo *Vamos fazer um escândalo* encontra-se em relação com os enunciados construídos pelas propagandas, na medida que coloca em ênfase os abusos sofridos pelas mulheres em diversas instâncias e situações. Nessa relação de concomitância e no caminho desse debate, as construções impostas pela sociedade de consumo, no modo de entender de Bauman (2008), são acionadas através das propagandas e campanhas. Observo, assim, como o artefato cultural propaganda se mantém como uma regularidade

enunciativa quando se trata de apresentar o sujeito mulher como objeto a ser vendido e disponível para o sexo, ou seja, objeto a ser consumido.

Entendo que existe uma parcela da sociedade composta em sua grande maioria por meninas-mulheres que estão em constante vigilância diante desses discursos e artefatos. A campanha publicitária de uma cerveja para o carnaval de 2015 não passou despercebida. A propaganda, destacada na primeira imagem da Figura 60, trazia frases como “Esqueci o ‘não’ em casa”, colocando a mulher em uma posição de submissão e disponibilidade para o sexo oposto, independente de seu aval, ou seja, colocava a mulher diante de uma situação de abuso, fazendo um movimento de apologia ao estupro. A publicidade causou revolta de muitas pessoas, como se pode observar ainda na Figura 60 na segunda imagem, onde uma intervenção foi feita – “e trouxe o nunca”. A sociedade, além de intervir nos anúncios postos na rua, também exigiu a sua retirada de circulação.

Figura 60: Propaganda Carnaval 2015 – Marca de Cerveja



Fonte: <https://medium.com/observat%C3%B3rio-do-discurso-midi%C3%A1tico/skol-esqueci-o-n%C3%A3o-em-casa-50c39670d047>.

Nesse contexto, os movimentos sociais feministas construíram espaços de diálogo para pensar e trazer para o debate os abusos sofridos em tantas instâncias, como debatido nesta seção. Algumas campanhas propostas por movimentos feministas dizem “Depois do ‘não’, é tudo abuso” e trazem a *hashtag* #primeiroassedio, como já destacado. Dessa forma, compreendo que o debate proporcionado por Júlia em seu canal ajuda a articular uma rede discursiva, tomando alguns espaços que às vezes encontram-se velados.

Estabelecendo um debate na rede discursiva, o vídeo produzido por JoutJout encontra-se em uma relação de concomitância com a campanha da marca de cerveja (2017), agora reestruturada. Compreendendo esse lugar que as propagandas de cerveja durante muito tempo ocuparam (e ainda ocupam), no ano de 2017, a mesma marca de cervejas que fez circular a campanha anteriormente analisada se propôs a refazer o caminho e olhar para as suas campanhas publicitárias de forma política, com um olhar menos abusivo, estereotipado, sexual, objetificante etc. Seis mulheres, ilustradoras, foram convidadas para essa reestruturação e reposicionamento do produto na mídia. A propaganda diz: “Essas imagens fazem parte do nosso passado. O mundo evoluiu e a Cerveja também, e isso não nos representa mais”(como demonstrado na Figura 61).

Figura 61: Recriando pôsteres da marca de cerveja (2017)



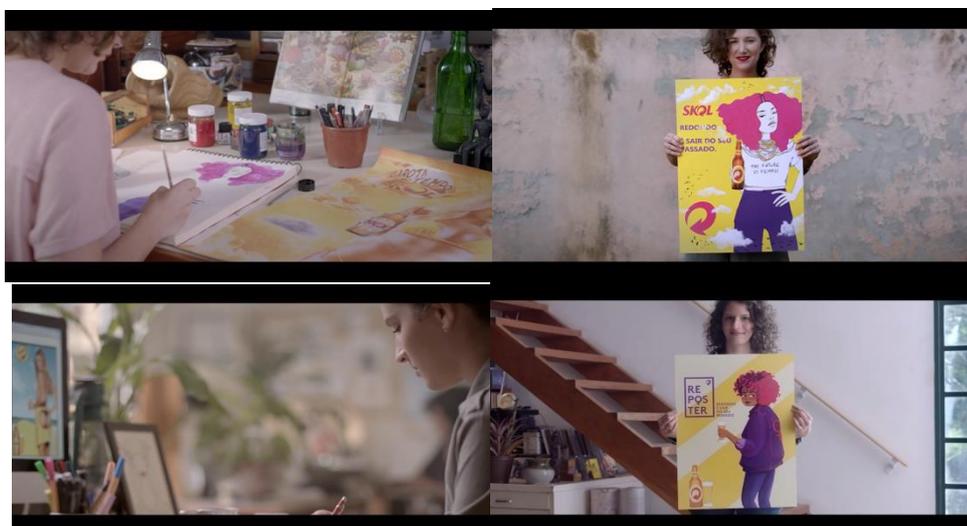
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=g_8fnMtbds0.

Diante da iniciativa dessa campanha publicitária, reflito que as propagandas de cerveja, que durante tantos anos vêm dizendo sobre um lugar de mulher, trazem uma linguagem implicada nas identidades. Entendendo desse modo, observo, assim como Carvalho (2015, p. 72), que “essa visão converge com o debate no campo dos Estudos Culturais e no campo dos Estudos de Gênero, segundo os quais a experiência com diferentes linguagens nos faz partilhar sentidos e significados (representações) por

meio dos quais também nos produzimos”. Desse modo, os sujeitos que vivem em sociedade, ao acessarem essas campanhas preconceituosas, estão em alguma medida se constituindo, subjetivando. Por outro lado, refazer essas propagandas com outra forma de representar a mulher irá atuar também na construção de um modo diferente de identidade.

As convidadas refletem sobre a importância de participarem da campanha, olhar de forma crítica para os materiais e poder recriá-los. A busca também foi por procurar olhar para a mulher ocupando outra posição na propaganda. Uma delas destaca “uma coisa que eu tive muita vontade de fazer foi de tirar a mulher de ser a pessoa que tá servindo a cerveja. Não! Ela tá tomando a cerveja”. Os cartazes produzidos pelas ilustradoras mostram o produto final para a marca de cerveja onde agora as mulheres aparecem como protagonistas e consumidoras da bebida no lugar de serem comercializadas como o alimento a ser consumido junto com a cerveja, como pode ser observado na Figura 62.

Figura 62: Ilustradoras e suas campanhas (2017)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=g_8fnMtbds0.

Dessa forma, compreendo que o discurso construído pelo vídeo veiculado no YouTube por JoutJout contribui para a rede discursiva. Entendo as limitações de uma campanha publicitária e observo, assim como Carvalho (2010) problematiza, que a economia de mercado vem há alguns anos incorporando esses elementos das lutas culturais, transformando-os em produtos e dando às empresas que fazem esse movimento o reconhecimento de politicamente corretas.

O vídeo de Júlia visa desorganizar as estruturas impostas socialmente, tirando da zona de conforto o agressor e dando às pessoas abusadas um espaço de conseguir visualizar seus abusos através dos relatos de outras tantas, em sua maioria, meninas-mulheres que se disponibilizaram a socializar e trazer suas histórias singulares ao coletivo, movimento em grande parte doloroso para quem foi vítima de abusos, estupros ou qualquer tipo de assédio. Assim como JoutJout diz “pra você que foi violentada, abusada de qualquer forma, é pra fazer o ‘escarcéu’ [...] porque silêncio nenhum vai te proteger de absolutamente nada”, vamos fazer um grande escândalo e colocar no seu devido lugar esses sujeitos que estão há anos escondidos e seguros ao controlar a vida de suas vítimas pelo medo.

8.3 TERCEIRA CENA DISCURSIVA: “ASSIM, TEMOS UM PROBLEMA, NÃO É?”.

Com um vídeo curtinho, intitulado *Mulheres Também Transam*, a *youtuber* JoutJout propõe um diálogo/reflexão interessante sobre a posição ocupada pelas mulheres em relação ao sexo a partir de uma situação por ela vivenciada. Essa produção do seu canal, publicada em 11 de fevereiro de 2016, possui duração de 3' 47", mais de 1 milhão de visualizações, 70 mil *likes* e 2 mil *dislikes*. Esse vídeo é útil para se refletir sobre o lugar em que a mulher é colocada cotidianamente como alguém à espera do homem, ou até mesmo submissa a ele.

Em uma viagem de carnaval, feita por ela e mais cinco pessoas, sendo três meninas e três meninos, JoutJout vivenciou a seguinte situação: um rapaz que estava distribuindo camisinhas, como usualmente se vê no Carnaval, veio em direção ao grupo de Júlia e, ao se aproximar, deu um preservativo para cada homem, os três meninos que acompanhavam JoutJout e as amigas. Sem entender a situação, uma das colegas de Júlia perguntou: “Ei, mulher num transa não?” O moço voltou e distribuiu as camisinhas também para as meninas. Mas JoutJout ainda continuou reflexiva diante da situação e observou no vídeo:

Assim, temos um problema não é? Aquele rapaz ele olhou um grupo de homens e mulheres e ele achou que os homens tinham que receber camisinhas e que mulheres não tinham que receber camisinha. Este é o que podemos chamar de um cenário problemático. Uma mensagem está sendo passada aí, percebe? Quando você distribui camisinhas só para homens, você tá meio que deixando uma mensagem no ar que diz: mulheres não precisam andar com camisinhas, porque na verdade

não é decisão delas usar camisinha ou não. A responsabilidade de se preservar durante o sexo é do homem exclusivamente. Com isso, concluímos que a decisão de se preservar ou não se preservar de transar ou não transar é do homem apenas, apenas dele, a mulher fica apenas esperando a decisão dele. [...] Temos que pensar juntos nisso, porque esse cenário eu achei problemático e nós não queremos cenários problemáticos. Nós queremos desconstruir cenários problemáticos para poder aprender com eles e crescer. Então, vamos pensar mais nesses tópicos quando formos distribuir camisinhas, porque, assim, mulheres também transam.

Esse vídeo de JoutJout reitera uma posição da mulher como passiva diante das escolhas masculinas. Ao perceber que “Quando você distribui camisinhas só para homens, você tá meio que deixando uma mensagem no ar que diz: mulheres não precisam andar com camisinhas, porque na verdade não é decisão delas usar camisinha ou não”, Júlia compreende que a mulher encontra-se submissa aos desejos externos do sexo masculino. Historicamente, essa posição é dada à mulher em muitos outros artefatos.

Construindo uma relação de concomitância, certa campanha de cerveja (2010) que apresenta em sua propaganda televisiva um vídeo onde a mulher é visivelmente colocada como disponível ao sexo para os homens, constrói uma narrativa que finda em “*Share one with a friend or two*” (“Compartilhe com um amigo ou dois”), como destacado na Figura 63. Visivelmente a mulher está deitada, com uma cerveja apoiada na sua coluna e várias mãos masculinas aparecem “compartilhando a cerveja”. Essa cena mostra a mulher colocada em uma situação passiva, não demonstrando atitude, concordância ou entendimento.

Figura 63: Propaganda de Cerveja (2010)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KYzkzxYD4IE>.

A propaganda apresentada atua de maneira performativa, reiterando um lugar de mulher que recai sobre objetificação: mulheres sendo tratadas como burras, inanimadas, disponíveis ao homem, além de ser um objetivo a ser vendido e consumido junto com a cerveja (BAUMAN, 2008). Esse estereótipo vem há algum tempo sendo desconstruído, em um trabalho lento que demanda estudo e investimento, considerando que a sociedade patriarcal atua oprimindo as mulheres e também trabalhando constantemente para se manter assim. Dessa forma, é um desafio olhar para esse cenário e encontrar marcas, propagandas e campanhas que constroem seu material publicitário protagonizando a mulher de outra forma, como donas de sua vida, capazes de fazer escolhas e construir argumentação.

Desse modo, o vídeo apresentado por JoutJout me ajuda a olhar para situações corriqueiras e questioná-las. Como observa Júlia: “Assim, temos um problema, não é? Aquele rapaz ele olhou um grupo de homens e mulheres e ele achou que os homens tinham que receber camisinhas e que mulheres não tinham que receber camisinha”. Esse modo de construir os sujeitos de gênero é entendido por Butler (2008) como performativo, reiterando o lugar de mulher como não pertencente aos sujeitos que tomam atitudes e fazem escolhas, inclusive sexuais. Diante da situação vivida, o grupo de mulheres composto por JoutJout questionou porque as mulheres não receberam camisinha? “Ei, mulher num transa não?”

Do mesmo modo que o vídeo problematiza a posição ocupada pelas mulheres na situação narrada, as propagandas de cerveja que encontram na colocação da mulher em uma posição de subalternização uma forma de vender seu produto e conquistar o público masculino começam a não encontrar tão facilmente repercussão. Uma parte da sociedade começa a questionar tais posições nas quais o sujeito feminino aparece, passando a não aceitar que esse lugar seja reiterado, querendo desconstruir esse modo de se olhar para a mulher como objeto a ser consumido junto com a cerveja.

O vídeo *Mulheres Também Transam* está construindo uma rede discursiva através do seu discurso com os filmes da Disney. Tais filmes por vezes apresentam algum tipo de reflexão e/ou desconstrução da imagem de mulher submissa e à espera do príncipe. Nessa rede, práticas discursivas construídas a partir de aparatos como o cinema ajudam a levar o debate para várias instâncias e faixas etárias. Historicamente as princesas eram vistas como donzelas em perigo que deveriam ser (e eram) salvas pelo príncipe, além de serem retratadas como donzelas que não tinham nenhuma

ocupação ou desejo. Entretanto esse roteiro veio mudando ao longo do tempo e princesas que salvam um personagem masculino, herói, príncipe, foram criadas. *Pocahontas* em 1995 foi a primeira princesa a desempenhar esse papel.

Merece aqui uma reflexão a proposta do filme infantil *Valente* (2012), abordando a não conformação de papéis e destinos de cada gênero. Construindo o interdiscurso com o vídeo de JoutJout, a princesa Merida dá vida a uma menina que não quer se casar, não desejando o tradicional “e viveram felizes para sempre”, percebendo-se satisfeita diante da sua singularidade. A trama é construída com outro fim.

O *trailer* do filme diz:

Merida: Dizem que o nosso destino está ligado a nossa terra e que ela é parte de nós como nós somos dela. Outros dizem que o destino é costurado como um tecido, onde a sina de um se interliga a de muitos outros. Eu tenho deveres, responsabilidades, expectativas, minha vida inteira foi planejada, me preparando para o dia que me tornarei... Minha mãe, ela manda em cada dia da minha vida.

Mãe: Uma princesa não ri assim. Não enche muito a boca. Deve cedo levantar. Deve ter compaixão, ser paciente, cautelosa, asseada...

Merida: Eu não vou aceitar isso, não pode me obrigar.

A princesa observa a vida que vive e a questiona. Ela compreendeu que sua vida foi meticulosamente planejada para um futuro casamento e assim para a continuação do seu reino – “Eu tenho deveres, responsabilidades, expectativas, minha vida inteira foi planejada, me preparando para o dia que me tornarei... [rainha]”. Merida está questionando a aparência social do gênero. Como compreende Butler (2008), não existe uma ontologia do gênero que seria bem-sucedida e que deve ser perseguida, com seus atos repetidos. O que ocorre é que o modo de representar os gêneros ganhou a aparência de uma norma compulsória, e tal norma é policiada para manter fixa essa aparência social do gênero.

No filme, uma das cenas que exemplificam essa não concordância é a batalha de arco e flecha na qual os candidatos irão competir entre si com um tiro ao alvo pela mão da princesa Merida. Na cena, um dos três acerta acidentalmente o alvo, ganhando a disputa. A princesa não fica satisfeita com o resultado, não aceita sua sina, seu destino, e irá lutar em favor da sua própria mão. A cena em que Merida defende sua própria mão diante dos três pretendentes e todo o povo que estava lá para ver chama a atenção pela postura da princesa, como destacado na Figura 64.

Figura 64: Filme Valente (2012)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=314Ojhz5lac&t=19s>.

A princesa é valente, aguerrida e decidida, além de ter bem desenvolvidas as aptidões para a atividade física. Além de ter uma aparência física pouco comum nos contos de fadas, a personagem no campo da fantasia leva para o universo desse tipo de narrativa o exemplo de uma princesa que não está passiva diante de uma história, que é a história da sua vida, construindo um discurso no qual as crianças veem que podem confrontar uma situação de submissão e criar outras possibilidades de ser princesa, diferentes das usualmente contadas.

Assim como Merida constrói uma contraposição no filme, no vídeo de JoutJout observo que a *youtuber* argumenta para desconstruir esse cenário onde as mulheres são colocadas como dependentes do homem, estando sempre à espera, seja do príncipe que deve acertar uma flecha e ter sua mão, seja do homem que tenha uma camisinha na hora da relação sexual para proteger-se, constituindo a escolha sempre no viés masculino. Júlia diz:

Temos que pensar juntos nisso, porque esse cenário eu achei problemático e nós não queremos cenários problemáticos, nós queremos desconstruir cenários problemáticos para poder aprender com eles e crescer. Então vamos pensar mais nesses tópicos quando formos distribuir camisinhas, porque, assim, mulheres também transam.

JoutJout e a princesa Merida mostram a importância de incentivar meninas-mulheres a lutar pelos seus direitos e desenvolver habilidades, não pautadas pelo seu gênero, mas, sim, pautadas por sua vontade e disponibilidade para aprender e criar. Nesse sentido, compreendo que o gênero construído performaticamente teria nessa construção uma possibilidade de deslocamento e de olhar para o corpo que tem sua expressão demarcada fora das fronteiras usualmente apresentadas nos contos de

fadas da Disney, fronteiras essas que, por vezes, são carregadas de visões preconceituosas e com um padrão preestabelecido que trabalha através de seus discursos e atos performáticos para naturalizar essas visões a fim de normalizar e encaixar esse corpo dentro de seus parâmetros. O objetivo é a manutenção de uma ordem, manutenção da norma, que precisa ser mantida a todo custo.

8.4 QUARTA CENA DISCURSIVA: “QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO?”

No caminho de reflexão e diálogo que venho propondo nesta tese, o vídeo *Tem um minuto pra palavra do feminismo?*, publicado no canal de YouTube JoutJout Prazer, ajuda-me a trazer para a cena algumas nuances e assuntos que são importante e pertinentes neste estudo. O vídeo tem duração de 12 '26" e foi publicado em 21 de junho de 2018. Conta com mais de 500mil visualizações, 69mil *likes* e 1,6mil *dislikes*. Através do formato de perguntas e respostas, JoutJout responde brevemente a questões que esclarecem sobre feminismo, estabelecendo-se com uma “força pedagógica” (ELLSWORTH, 2005) da qual emerge uma possibilidade de pedagogias feministas de contraconduta.

No início do vídeo, a *youtuber* explica que as respostas serão objetivas, pois cada pergunta poderia ser um vídeo completo, mas que, a fim de abranger várias questões, ela irá dar conta dentro de um limite de tempo. De forma prática, a produção é dividida por perguntas escritas, às quais a *youtuber* responde, procurando abordar da melhor forma as dúvidas que foram enviadas pelo público. Selecionei algumas das questões, e destaco a seguir.

Figura 65: Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2N71eKQRqFs>.

Como eu sei se eu sou feminista? Minha cara! Você sabe se você é feminista da seguinte maneira. Você viu um discurso da Chimamanda e ficou arrepiada? Já é um indício. Geralmente, o que acontece é que as pessoas são feministas, mas elas não sabem que são feministas. Aconteceu comigo, posso dizer. No início do meu canal, eu falava sobre as coisas que eu falava e que eu falo até hoje. E ficavam: "JoutJout você é feminista". Não. Pra que bandeiras? Não precisa ter nomes essas coisas. E aí falaram: "vai estudar, querida, que você é feminista sim". Aí eu fui estudar. E no que fui estudar, falei: "olha, concordo com tudo". Um jeito muito bom de você descobrir se você é feminista é: você ir estudar sobre feminismo e chegar à conclusão rapidamente que você concorda com todas aquelas coisas que as mulheres tão falando aí há anos. Você acha, por exemplo, que por você ser uma mulher, você é um pouquinho pior nas coisas do que os homens. Tipo: futebol! Um pouquinho pior. Matemática! Um pouquinho pior. Soldar objetos, um pouquinho pior. Pregiar um prego na parede, um pouquinho pior. Dirigir, um pouquinho pior. Pilotar avião [...] Ser chefe, um pouquinho pior. Se você não acredita que uma mulher, só por ser mulher, é um pouquinho pior nas coisas todas, meio caminho andado. Se você acha que não tem nada que uma mulher não possa fazer tão bem quanto um homem, meio caminho andado também. Uma vez que você acredita nessas coisas, suas atitudes vão acontecer seguindo essa regra. O feminismo é muito você agir em cima do que você acredita que é o correto para a sociedade

Vídeos como este trazem assuntos como o feminismo para o debate, com leveza, porém com seriedade. Ao responder às perguntas, JoutJout contextualiza, oferece exemplos e trata com clareza dos temas. Por exemplo, quando indagada: "Como a gente sabe se é feminista ou não?" Provavelmente essa é uma pergunta que muitas meninas-mulheres devem fazer, levando em conta que muito se fala sobre feminismo na internet, mas muitas vezes sem um embasamento sólido, ocorrendo de muitas mulheres terem uma visão deturpada do que seria o feminismo. Logo a não associação é recorrente, como Júlia destaca: "geralmente, o que acontece é que as pessoas são feministas, mas elas não sabem que são feministas". Assim, conhecer, debater, dialogar e estudar sobre o tema é importante e indispensável. Nesse sentido, Haraway (1995, p. 31) observa que

O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido. O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, conseqüente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero.

Júlia destaca que estudar seria o principal meio de entender mais sobre o feminismo, “um jeito muito bom de você descobrir se você é feminista é: você ir estudar sobre feminismo e chegar à conclusão rapidamente que você concorda com todas aquelas coisas que as mulheres tão falando aí há anos”. Estudar e dialogar seriam, então, a primeira iniciativa.

Em seguida, JoutJout propõe que seja feita uma reflexão: “Você acha, por exemplo, que por você ser uma mulher, você é um pouquinho pior nas coisas do que os homens, tipo: Futebol! Um pouquinho pior; Matemática! [etc.]”. Diante desse questionamento, pode-se pensar junto com a *youtuber*: “se você não acredita que uma mulher, só por ser mulher, é um pouquinho pior nas coisas todas, meio caminho andado”. Logo se compreende que, dentro de uma lógica de funcionamento feminista, a opinião e potencialidades dos outros, e em especial das mulheres, devem ser levadas em conta e respeitadas em sua inteireza, limites e possibilidades. E que as mulheres não são melhores ou piores que os homens, pois elas têm o mesmo potencial para desenvolver habilidades e aprender quaisquer funções e profissões.

Construindo essa rede, o vídeo de JoutJout estabelece uma relação de concomitância com o filme *Enola Holmes*, publicado em 2020. O filme propõe um olhar muito interessante sobre a menina-mulher. Enola é uma menina que foi criada apenas por sua mãe, que lhe ensinou sobre conteúdos e práticas que não eram tão comuns na época. O filme se passa na Inglaterra de 1884. Já nesse cenário a mãe de Enola, Eudoria, é uma mulher à frente do seu tempo, uma feminista. Tendo esse olhar feminista, a mãe de Enola ensinou à filha o que julgava ser importante. Enola conta: “Ela mesma me ensinou. Me fez ler todos os livros da biblioteca [...] Eu fiz isso por minha conta, pelo meu aprendizado. Para ela era a melhor forma de me tornar uma jovem... uma mulher”.

Enola cresce compreendendo que é capaz de realizar e aprender muitas atividades, independentemente do seu sexo, assim como cresce entendendo que deve estudar e aprender tudo que puder. Assim como JoutJout argumenta no vídeo, Enola não se compreende como inferior por ser menina-mulher. A mãe de Enola, Eudoria, a ensinou sobre as mais diversas atividades. Enola diz:

Ela não era uma mãe comum. Ela não me ensinou a fazer colares de conchas ou bordar. Fazíamos coisas diferentes: leitura, ciência, esportes, todo tipo de exercício, tanto físico, quando mental. [...]

Mamãe dizia que éramos livres para fazer tudo [...] e ser quem quiséssemos [como destacado na Figura 65].

Figura 66: Filme Enola Holmes (2020)



Fonte: <https://www.agazeta.com.br/colunas/rafael-braz/enola-holmes-da-netflix-e-diversao-leve-e-muito-agil-0920>.

Dessa forma, o filme me ajuda a pensar que o feminismo ensina sobre muitas nuances. Dentre elas, ensina a acreditar que as meninas-mulheres podem e devem fazer/ser o que quiserem. Ou seja, assim como JoutJout observa no vídeo: “Uma vez que você acredita nessas coisas, suas atitudes vão acontecer seguindo essa regra. O feminismo é muito você agir em cima do que você acredita que é o correto para a sociedade” – como reitera a construção no filme: “Nosso futuro depende de nós”; e Enola questiona: “Que futuro?”; a mãe diz: “Você pode seguir dois caminhos, Enola. O seu ou o que os outros escolhem para você”.

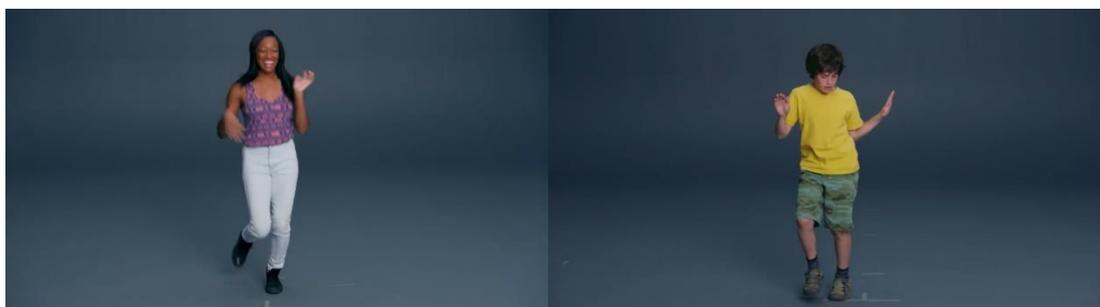
As construções propostas pelo vídeo de Júlia e pelo filme dialogam e apontam para um mesmo lugar: o modo de entender de forma ampla e diversa a produção de meninas-mulheres.

O vídeo de JoutJout também se encontra em rede com o enunciado construído pela sociedade de consumo, como nomeada por Bauman (2001), construindo um interdiscurso. Aciono o campo de concomitância com a campanha publicitária de uma marca de absorventes íntimos, intitulada *O que significa fazer coisas tipo menina?* (2014). A campanha foi feita a partir de uma entrevista com dois grupos distintos: um de crianças e outro de pessoas jovens mais velhas. Destaco algumas partes desse produto publicitário.

As questões postas pela propaganda foram: “O que significa pra você fazer algo tipo menina? Correr tipo menina? Lutar tipo menina? Arremessar uma bola tipo menina?”

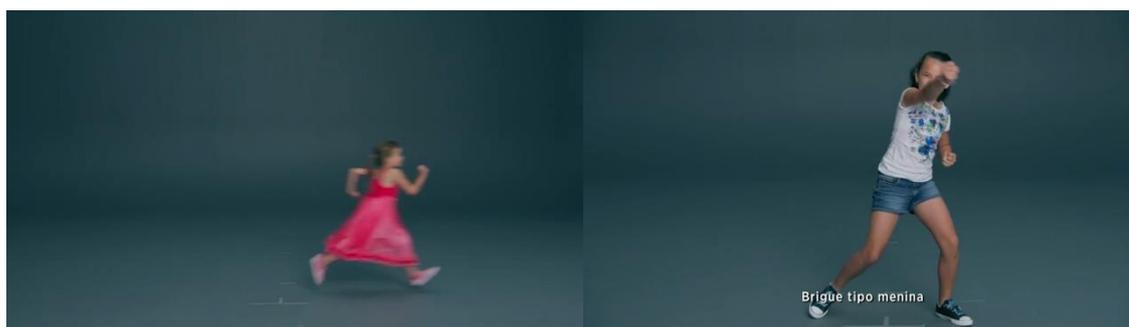
O grupo dos jovens respondeu com um perfil estereotipado de ação, atendendo ao senso comum. O grupo das crianças demonstrou outra reação, afirmando que meninas correm o melhor que puderem, demonstrando através da ação meninas correndo rápido, com postura de corrida, ou meninas lutando com força e precisão. Uma das meninas diz: “Pra mim significa: corra o mais rápido que você puder”. A campanha é ilustrada nas Figuras 67 e 68.

Figura 67: O que significa fazer coisas tipo menina? – (2014)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mOdALoB7Q-0>.

Figura 68: O que significa fazer coisas tipo menina? – (2014)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mOdALoB7Q-0>.

Ao analisar as falas e as imagens, vejo que existe um corte etário no qual ser menina deixa de ser algo em que se possa demonstrar força, onde essas ações questionadas sejam exercidas com empenho e coragem. Ao longo da propaganda, observa-se o dado de que é na puberdade, entre os 10 e 12 anos, por muitos motivos,

que meninas deixam de acreditar nas suas potencialidades. A infância na pós-modernidade não pode ser entendida pela demarcação de faixa de idade, mas, sim, pelos entendimentos, significados e práticas “que estão a ela relacionadas. Dessa forma, pensamos que um dos modos de entender a infância pós-moderna é justamente considerando o borramento das fronteiras de geração”. (MOMO; COSTA, 2010, p. 986).

Outro questionamento é proposto no vídeo: “Quando fazer algo ‘tipo menina’ se tornou um insulto?”

O menino do grupo dos mais velhos responde: “Não. Bom... na verdade eu insultei as meninas em geral, mas não a minha irmã”. Para ele, ser menina estaria associado a um lugar ruim, quando, na verdade, ele não enxerga esse lugar ruim na sua irmã. E porque enxergaria nas outras meninas? A resposta dada pelo menino me dá pistas do quanto em sociedade algumas falhas estão sendo cometidas. Em algum momento na mensagem que está sendo passada/construída para as crianças, algo está sendo mal construído, pois elas estão entendendo que as meninas têm um potencial e uma força menores do que as dos meninos. Nessa rede como as meninas não conseguem ser socialmente aceitas, passam a querer se encaixar em uma norma, em um modelo que regula os modos de ser-estar no mundo, acabando por se colocar em um lugar inferior, na expectativa de pertencer.

Reiterando essa construção, a entrevistadora pergunta: “Então, “tipo menina” é uma coisa boa?” Uma participante mais nova responde: “Na verdade, eu não sei se é uma coisa boa ou não. Parece algo ruim, parece que você está tentando humilhar a outra pessoa”. Já a participante mais velha diz:

É nessa idade que as meninas já estão tentando entender elas mesmas e mostrar quem são elas, e quando alguém fala ‘você faz isso tipo menina’, é como se as diminuíssem. Porque elas acreditam que são fortes e dizer isso é a mesma coisa que dizer que elas são fracas e não tão boas quanto elas acreditam ser.

JoutJout e as garotas da propaganda estão construindo seus discursos em rede, dialogando. As garotas do vídeo não sabem ao certo porque ser menina e fazer algo como menina passou a ser ruim ou ser um insulto, mas demonstram consciência de que algo não está correto, algo está fora do lugar, e que é necessário refletir sobre esse assunto. Nesse cenário, JoutJout está debatendo e atuando na construção de

outra realidade, pois questionar esses parâmetros já se estabelece como o começo de um novo caminho.

Deslocar as construções que as crianças fazem talvez seja um dos caminhos para andar contra a corrente, dando espaço de diálogo e debate, colocando os motivos e possibilidades e construindo um espaço de troca e empatia diante das construções já enraizadas na sociedade patriarcal. JoutJout no vídeo observa que uma forma de compreender se você é feminista é quando se percebe diante desse lugar e da não aceitação das mulheres serem vistas de modo menor, de entender que “não tem nada que uma mulher não possa fazer tão bem quanto um homem, meio caminho andado também”, como observa Júlia.

Nessa rede, compreendo, a partir de Butler, que o gênero extrapola, faz transbordar as construções que antes estavam em voga. Não se tem a intenção de legitimar os atos performativos construídos por cada sujeito em sua trajetória singular. O ponto que se coloca é: esses sujeitos não precisam ser aprovados, postos em teste, precisam ter o direito de existir singularmente, como é destacado na fala de uma das jovens entrevistadas na campanha publicitária:

Entrevistadora: Qual conselho você daria a essas meninas quando alguém disser a elas que elas correm tipo menina, que elas chutam tipo menina, batem tipo menina, nadam tipo menina?

Entrevistada jovem: Continue fazendo o que você faz, pois está funcionando. E se alguém disser que correr tipo menina, chutar tipo menina, pular tipo menina são coisas que você não deveria estar fazendo. Bom... problema deles. [...] Sim eu corro tipo menina, chuto tipo menina, eu ando tipo menina e eu acordo de manhã tipo menina, porque eu sou uma menina e eu não tenho vergonha nenhuma disso, vou continuar fazendo tudo tipo menina.

Assim como JoutJout, ao fazer esse debate, a campanha publicitária, mesmo compreendendo que agrega a esse debate com vistas a ganhar seu selo de civilidade, também acaba por construir-se performativamente. Butler (2008) vem nesse sentido atuando na desconstrução de um modo tradicional de olhar para as mulheres, modo este que é há muitos anos reiterado e regulado, entendendo as mulheres como uma categoria estável, ou seja, uma categoria unificada das mulheres, quando é preciso desconstruí-la. Esse entendimento é construído também por Eudoria no filme *Enola Holmes*, quando a mãe explica para a filha porque precisou partir.

Eudoria: Eu queria dizer onde eu ia, mas não era seguro.

Enola: Está segura agora?

Eudoria: Não fui embora porque não a amava. Eu fui embora por você... Eu não podia suportar que este mundo fosse o seu futuro. Então tive que lutar. Você precisa fazer barulho se quiser ser ouvida. Que engraçado, eu achava que era eu quem iria mudar o mundo. O projeto da reforma. É verdade o que você fez? Que mulher você se tornou!

Em seguida, JoutJout reflete diante de duas perguntas:

Figura 69: Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2N71eKQRqFs>.

JoutJout: Não tem que ser revoltada, mas uma vez que você começa a entender mais sobre o feminismo e entender as coisas que você tem feito até então e não precisava estar fazendo, coisas que você tá sofrendo e não precisava estar sofrendo, você fica um pouquinho revoltada sim. Mas tem revoltas e revoltas, tem pessoas que vivem em situações que são muito revoltantes. É natural que elas fiquem revoltadas em situações revoltantes. E tem pessoas que têm o privilégio de poderem não ficar revoltadas, porque não têm coisas tão revoltantes acontecendo. Então, quando você encontrar com uma feminista muito revoltada na rua, entenda que ela passou por coisas que provavelmente você não passou, que, talvez você tivesse passado, você estaria um pouquinho revoltada.

Figura 70: Vídeo Tem um minuto pra palavra do feminismo? (JoutJout Prazer, 2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2N71eKQRqFs>.

JoutJout afirma: “Quem tem medo do feminismo é quem não entendeu o feminismo ou quem entendeu o feminismo e viu que vai perder privilégios”.

Os dois questionamentos dialogam com a ideia de que o feminismo se constrói a partir do olhar diante de cada mulher como sujeito individual que convive em sociedade. Compreender que cada mulher tem sua trajetória ajuda a entender porque cada mulher irá significar e viver em meio ao feminismo de modos diferentes, como observou Butler (2018). E diante dessas mulheres que compreendem os feminismos e contribuem para sua construção, existem aquelas pessoas, sujeitos, que, como observou Júlia, ou não entenderam ou entenderam e perceberam que irão perder alguns privilégios. E por isso constroem em torno do feminismo um medo, um olhar aterrorizado e que incita os estudos feministas como se fossem perigosos.

Nesse sentido, o vídeo de JoutJout encontra-se em rede com o filme *Enola Holmes*. Quando a pergunta “quem tem medo do feminismo?” é feita, a resposta vem na forma de: “Quem tem medo do feminismo é quem não entendeu o feminismo ou quem entendeu o feminismo e viu que vai perder privilégios”. Essa resposta de Júlia me remete à cena do filme quando uma das amigas de Eudoria e primeira professora de Enola, Edith, observa que o irmão de Enola, Sherlock Holmes, o famoso detetive, não está muito preocupado pelas lutas de sua mãe e, então, ela pergunta: “Não se interessa por política?” Ele responde que não. E ela diz: “Porque não tem interesse em mudar um mundo que o favorece tanto”, como destacado na Figura 71.

Figura 71: Filme Enola Holmes (2020)



Fonte:

<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/photos/a.1289900797834729/2006774812813987/?type=3&theater>.

Esse modo de construir o enredo favorece um debate em torno das questões políticas feministas de modo a provocar as(os) telespectadora(es) a um diálogo, um debate diante da sociedade que ainda, após tantos anos e décadas, nega-se a olhar para as mulheres como protagonistas e donas de tantas lutas e conquistas.

Esse vídeo apresentado no canal de YouTube de Júlia, como já observado, constitui-se em uma “força pedagógica”, trazendo para o debate um olhar para o feminismo na busca de desconstruir visões já veladas e que em grande parte atuam para produzir um feminismo que assusta e coloca as feministas em um lugar de perigosas e disseminadoras da desordem, da destruição da família, quando os estudos feministas estão, entre tantas nuances, compreendendo e respeitando a diversidade de mulheres, famílias e sujeitos que se apresentam buscando não a conformação dos corpos em uma categoria binária, mas, sim, a pluralidade do existir. Como bem observou Butler (2018), trata-se de uma busca pelo entendimento da imensidão que o feminismo constrói e possibilita.

As produções veiculadas na plataforma YouTube são entendidas por mim como um artefato sociocultural-pedagógico, como uma pedagogia cultural investida de uma “força pedagógica”, através da qual o público tem a possibilidade de agregar signos, identidades, formas de viver e se compreender enquanto sujeitos investidos de um gênero que se constrói performaticamente. Tais signos eram outrora consumidos apenas nos mercados, *shoppings-centers*, na saída da escola, nas festas infantis, no salão de beleza, nas clínicas de estética, entre outros espaços. Agora, percebo, entretanto, que tais canais de YouTube ganharam estatuto de verdade, influenciando na formação de opinião e fazendo ecoar debates e tensões. Importante salientar que tal ferramenta é perigosa e mutável, tendo à disposição uma variedade enorme de materiais que por vezes são sexistas, machistas, homofóbicos etc., e que mobilizam os sujeitos em suas subjetividades a agir de determinados modos e não de outros.

Nesse caminho, neste bordado-tese, estive atenta para não colocar as crianças-jovens em uma lógica limitadora, pois não vestindo uma “camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (ADICHIE, 2017, p. 26). Corroboro Adichie, quando observa que o olhar para as meninas deve ser plural, sem querer conformar que uma menina “deve ser de tal ou tal jeito. Veja seus pontos fortes e seus pontos fracos de maneira individual. Não a meça pelo que uma menina deve ser. Meça-a pela melhor versão de si mesma” (ADICHIE, 2017, p. 26).

As meninas-mulheres deveriam ser vistas como não precisando se encaixar em uma lógica que as restrinja. As várias formas de ser menina-mulher são construídas pela história de cada uma delas, ou seja, tenho mais histórias, mais representações, mais formas de viver os desejos e afetos. Na medida que essas histórias circulam, aparecem, e as meninas-mulheres exercem seu “direito de aparecer”, como entendido por Butler (2018), teremos uma pluralidade de narrativas e modos de vida.

Entretanto, a sociedade trabalha massivamente, como observado nos tantos artefatos analisados, para a manutenção de uma norma que, como observa Butler (2008), estabelece-se através de mecanismos de exclusão. Ou seja, Butler (2008) compreende que a construção do corpo e seu gênero ocorre através de mecanismos de exclusão e negação; e através de ausências significantes. A identidade de gênero seria construída com dispositivos que operam na normalização dos sujeitos e corpos através de dispositivos que afirmam só existir uma norma, negando a

homossexualidade, bissexualidade etc. Esses dispositivos que são reafirmados e cotidianamente assegurados geram uma heterossexualidade idealizada e compulsória, criando uma falsa estabilização do gênero.

Em meio aos estudos e reflexões, já é sabido que a produção disciplinar do gênero leva à falsa estabilização dele, que atua na construção e regulação da heterossexualidade com fins de dominação da reprodução. Quando se conseguir chegar na construção de uma coerência diante das descontinuidades do gênero, observo que essa desregulação e desagregação dos corpos atuarão no rompimento da ficção reguladora do que parecia ser coerente, ou seja, a heterossexualidade.

Desse modo, em meio ao arquivo apresentado, observa-se que os artefatos, mídias, campanhas publicitárias, livros etc. podem atuar na desconstrução desse ideal regulatório, ou podem trabalhar incansavelmente para a sua manutenção na sociedade. O YouTube desse modo encontra-se também nesse entrelugar de ter canais de grande relevância e desconstrução de normas e outros canais que se estabelecem como produtores ativos da norma. Com esse entendimento em mente, a análise que empreendi tem justamente a pretensão de colocar esses canais em debate juntamente com a análise de vários outros interdiscursos que se constituem dos demais artefatos analisados.

O material analisado, por um lado, demonstra como os discursos heteronormativos e as posições de mulher são reiteradas e reguladas de várias maneiras. Através dos canais de YouTube e todos os interdiscursos que por ele perpassam, constrói-se esse lugar de menina-mulher conservador e regulado pela norma com poucas possibilidades performativas. Por outro lado, através de diferente canal e outros interdiscursos, observa-se um esforço de desconstruir essa norma heterossexualizante, colocando “em questão os limites dos regimes de verdade estabelecidos, e, com isso, pôr em risco o si-mesmo torna-se sinal de virtude” (BUTLER, 2017b, p. 37-38). Dessa forma, há também um esforço de reiterar essa menina-mulher que se constitui a partir de outros enunciados, que se coloca em risco, que é compreendida como um sujeito capaz, forte, inteligente, além de apenas bonita. Trata-se de contemplar o olhar para essas mulheres que desejam mais do que uma família tradicional, desejam ter uma vida independente, um trabalho e, se vierem a constituir família, que elas possam escolher livremente suas(seus) parceiras(os) e que a organização atenda a outra lógica de funcionamento, com a divisão correta do trabalho e cuidado.

A cada mulher desejo que tenha força e leveza para, diante da roda viva da vida, encarar seus desejos, vontades e sonhos. Como bem observou Woolf (2014, p. 154-155), “lhes peço que ganhem dinheiro e tenham um espaço para si, estou pedindo, ao que parece, que levem uma vida revigorante na presença da realidade, quer consigam ou não transmiti-la”. E de modo importante, destaco que “é muito mais importante ser você mesma do que qualquer outra coisa. Não sonhem com influenciar outras pessoas, eu diria se soubesse como fazer isso soar de modo sublime. Pensem nas coisas por si mesmas” (WOOLF, 2014, p. 155). Cada mulher, diante de sua trajetória, compreende o mundo de um lugar a partir de onde muito tem a contribuir, muito tem a dividir e somar na construção da sociedade e das vidas que estão em constante transformação.

Em seguida, este texto de tese chega ao ponto onde apresento algumas considerações finais, buscando resgatar todo o percurso construído em articulação com o arquivo de pesquisa aqui apresentado e analisado.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atenção ao dobrar uma esquina
 Uma alegria, atenção menina
 Você vem, quantos anos você tem?
 Atenção, precisa ter olhos firmes
 Pra este sol, para esta escuridão

Atenção
 Tudo é perigoso
 Tudo é divino maravilhoso
 Atenção para o refrão
 É preciso estar atento e forte
 Não temos tempo de temer a morte

Atenção para a estrofe e pro refrão
 Pro palavrão, para a palavra de ordem
 Atenção para o samba exaltação

Atenção para as janelas no alto
 Atenção ao pisar o asfalto, o mangue
 Atenção para o sangue sobre o chão
 [...].

(Caetano Veloso e Gilberto Gil,
 “Divino, maravilhoso” em 1968).

Com esta tese, procurei demonstrar quais os discursos de gênero, em específico o discurso sobre menina-mulher, advindos de *youtubers*, que atuam como uma pedagogia cultural que interpenetra a pedagogia escolar na produção de representações de gênero por sua ação performática. Procurei dar visibilidade aos enunciados de gênero como ato performativo nesses artefatos. A tese localiza-se no cenário discursivo da sociedade de consumo, sociedade disciplinar, sociedade do controle e sociedade do cansaço, que são compreendidas no contexto da sociedade neoliberal.

Teço a análise do discurso e cultural observando os discursos produzidos pelos canais de YouTube com seus interdiscursos. Nesse circuito, os discursos e interdiscursos são analisados a partir do entendimento sobre sujeito, mulher, menina-mulher e gênero como um ato performativo com suas regularidades e reiterações; também observo o arquivo de pesquisa à luz das práticas discursivas por meio do campo de concomitância, domínio da memória e coexistência discursiva, preocupando-me também em olhar tal material diante da dimensão da identidade e diferença entendidas como sendo construídas na representação.

Neste bordado-tese, o estudo se constrói como uma forma de caminhar. Chego ao fim deste ciclo diante de uma tese que me convida a olhar para a sociedade, para as relações humanas, para a política, para a educação, com olhos atentos e firmes. Em meio a todo esse cenário que venho (d)escrevendo neste trabalho que chega às suas últimas páginas, gostaria de destacar que defender uma tese de doutorado em um país onde o desmonte da educação, da pesquisa e dos investimentos em educação toma caminhos sombrios para mim se estabelece como um ato de resistência. De estudar, permanecer ativa e pleiteando o meu direito e de tantas(os) outras(os) de construir um caminho com vistas a desconstruir as aparentes normalidades, provocando os pequenos e persistentes movimentos que atuam cotidianamente para a manutenção de uma ordem que há muito vem matando pessoas, mulheres, que não conseguem se assemelhar.

Em meio a este percurso final de olhar para o meu trabalho e compreender que ele se estabelece além de um estudo acadêmico, esta tese é o meu grito diante de toda essa parafernália que vigia e controla. O controle é exercido de vários lugares, de muitas formas. O meu arquivo, os canais de YouTube, constitui-se de um discurso forte na sociedade que hoje se apresenta. Os interdiscursos que entrelaçam o meu olhar sobre os canais de YouTube aparecem através de um conjunto de mídias, artefatos, propagandas, filmes etc. que contribuem para o alargamento de um olhar diante da sociedade.

Esta sociedade apresenta-se como veiculadora de uma quantidade demasiada de informações, a sociedade do estímulo, da falsa sensação de liberdade e do controle “invisível”. O conteúdo é construído de muitas maneiras por muito sujeitos, que trazem à tona, disponibilizam o seu modo de ver determinadas situações que são veículas para um número infindável de pessoas, os sujeitos que estão em rede.

Entretanto as mídias não trazem um filtro. Nos dias atuais, é cada vez mais comum encontrar na rede todo tipo de informação, por exemplo, tem-se disponível para quem quiser acessar-compartilhar conteúdos de cunho racista, sexista, homofóbico etc. Nesse lugar mora um problema, entendendo que a mídia atua como uma pedagogia cultural, ou como um currículo cultural, logo esse filtro e esse olhar diante dessas construções são urgentes.

Como uma mídia poderosa, a plataforma YouTube, com as(os)*youtubers*, parece exercer uma importante função para a educação em muitos aspectos. As(os)*youtubers* se constituem como faces de uma mídia que trabalha de forma ativa para

a construção de conteúdo *on-line*. Esse conteúdo é construído de maneira geral por sujeitos comuns, com suas crenças, modos de vida e culturas distintas. São integrantes desta sociedade que se organiza em rede e agora também são produtores de conteúdo “vendável”.

Nesse sentido, nesta tese observei que uma nova forma de construir conteúdo está em trânsito, atuando na redefinição de textos culturais sujeitos a questionamento crítico. Considerando esses aspectos, os canais de YouTube foram problematizados por atuarem de forma constante na construção desses sujeitos, ensinando modos de ser-estar no mundo como menina-mulher. Mas não apenas ser menina-mulher, mas corresponder a certo tipo de mulher, atendendo os padrões impostos socialmente e que por vezes são inatingíveis.

As Pedagogias Culturais, nesse cenário, ajudam na construção e garantia do debate de questões que por vezes ficam à margem no currículo, como as relações de gênero, o modo como a mídia vem se organizando e outros tantos debates, que mostram que o currículo em sua composição deve não apenas se preocupar com questões tidas como centrais. O currículo deve ser entendido como espaço de lutas e enfrentamentos na fabricação de identidades.

Essa fabricação de identidades, subjetividades, perpassa pela construção da noção de gênero. Questiona-se a ideia fixa que se tem sobre o gênero. Essa aparente “normalidade” que coloca o outro na lógica do “anormal” precisa ser debatida e desconstruída. Compreendo tal perspectiva como construção cultural e discursiva, e não como verdade inquestionável. Olhei para essa construção do gênero como sendo articulada através de atos, gestos e desejos que, ao serem vividos, produzem o efeito internamente, provocando um movimento que chega até a superfície do corpo. Entendo esse movimento como performativo. O gênero é, então, construído por atos descontínuos. Essa ação performativa envolve todos os sujeitos, incluindo os próprios atores que acreditam nessa representação, exercendo-a na forma de uma crença.

Compreendo por mulher como sendo conceito constituído da descrição dessa identidade e de uma representação política, o feminismo. Essa descrição que faço da identidade da mulher me mostra que não conseguiria presumir uma mulher universal. As várias formas através das quais as mulheres se mostram não me deixam fixar uma norma, e também não tenho a pretensão de a fixar. A categoria precisa ficar em aberto para viver.

O meu arquivo apresentou um corte etário, que me ajudou a perceber a força de cada discurso, de cada interdiscurso e a necessidade de uma análise crítica e séria desses artefatos. A pesquisa aponta que os canais de YouTube e suas(seus) *youtubers*, que vêm há algum tempo construindo uma rede discursiva que atua de forma constante na vida dos sujeitos, trabalham na produção e manutenção da heterossexualidade; de uma posição de menina-mulher como sendo submissa, passiva, sempre disponível para o sexo oposto; e atuam na construção de uma mulher universal.

Os achados de pesquisa também mostraram que existem diversas formas que são cotidianamente investidas para a regulação dos corpos. Esses corpos precisam se encaixar em uma forma única, onde a mulher é vista como devendo cuidar da aparência em detrimento de olhar-se enquanto sujeito.

A partir de Foucault, compreendo que os discursos estão em rede, que eles guardam dentro de si múltiplos discursos. Esses múltiplos discursos atuam também na construção de outro tipo de horizonte. Nesse sentido, observei que existem canais de YouTube que estão preocupados em debater, estudar, desconstruir e entender mais sobre a constituição de uma menina-mulher com um olhar crítico diante da sociedade, não pretendendo enquadrá-la em fôrmas que pouco têm serventia. Observei também que esses esforços de construir um conteúdo politizado e com consistência são recorrentes e bem recebidos neste cenário, com uma penetração social interessante.

Olhei também para os enunciados produzidos na rede discursiva que são tidos como temas banais, considerados rotineiros demais para sobre eles se empreender uma análise crítica. Nesses vídeos, percebi um investimento para a manutenção da moral e da norma heterossexual, assim como para a manutenção de posições de sujeito. Cotidianamente, as mulheres são convidadas a associarem-se a determinados estereótipos, representações, seja para trabalhar, se vestir, se comportar. Fala-se do lugar e da representação que as mulheres devem ocupar etc. Associa-se a identidade feminina a elementos constitutivos da sociedade do consumo. O enunciado que separa as mulheres dos homens pelas obrigações domésticas, pelo cuidado com as(os) filha(os), pelas oportunidades de trabalho e remuneração etc. está coexistindo com outros enunciados que compõem a educação das crianças. Ou seja, os enunciados das(os) *youtubers* estão em rede com enunciados de outros produtos da indústria cultural, produzindo sentidos sobre ser menina-mulher.

Por fim, compreendo que estar atenta e consciente diante desse cenário me ajuda a atuar de modo a desconstruir e provocar o debate. Esta tese busca também entrar nessa rede discursiva e construir fios, pontes, pontos entre as várias meninas-mulheres que coexistem em tantas redes, canais, casas, livros e entrelugares que são cotidianamente engendrados e ressignificados.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AGÊNCIA IBGE. **PNAD Contínua TIC 2018**: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. Publicado em: 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- ANDRADE, Paula D.; COSTA, Marisa V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, 2017.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**: Palavras e Ação. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. 1. ced. São Paulo. 2016.
- BELARMINO, Natália Machado. **A fabricação da identidade de gênero na infância**: uma análise de discurso de textos fílmicos. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- BELARMINO, Natália Machado. **Os cadernos escolares que “falam”**: artefato de subjetivação de gênero e sexualidade. 2015. 182 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu** (43), p. 441-474, jul.-dez., 2014.
- BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**: On the Discursive Limits of “Sex”. Nova York, Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Baukjer Prinse Irene Meijer. **Estudos Feministas**, n. 1, p. 155-166, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1. ed. Tradução Fernando Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". Tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1, 2019.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: Sobre os limites discursivos do "sexo". *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p. 151-172.

BUTLER, Judith. Entrevista para o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Judith Butler escreve sobre sua vinda ao Brasil e sobre os ataques sofridos**. Tradução Clara Allain. 2017a.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. *In*: PASSOS, Izabel C. F. (org.) **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu** (42), p. 249-274, jan.-jun. 2014.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica a violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

CAMOZZATO, Viviane; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia: pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas (44), p. 22-44, jan./abr. 2013.

CANAL ANA LU MASI. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/AninhaMasi>.

CANAL FABIOLA MELO. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Fafismelo>.

CANAL JOUT JOUT PRAZER. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>.

CANAL JULIANA BALTAR. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Juliana1846>.

CANAL PLANETA DAS GÊMEAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqqGXzmJn6bilNRt5OILmRQ>.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

CARVALHO, Rosângela T. de. Lili, a garota atômica: representação da mulher. **Revista Textura**, v. 17, n. 34, maio/ago. 2015.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. **Discursos pela interculturalidade no campo curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990**. Recife: Bagaço, 2004.

CARVALHO, Rosângela Tenório. Diferença Cultural, mercado e mídia. *In*: BURITY, Joaílido A.; RODRIGUES, Cibele Maria L.; SECUNDINO, Marcondes de A. **Desigualdade e Justiça Social**: Diferenças Culturais & Políticas de Identidade. Belo Horizonte: Argvmentvm. 2010. v. 2.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução Roneide Venancio Majer. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. (v. 1: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura).

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. *In*: LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

COSTA, M. V. Currículo e política cultural. *In*: COSTA, M. V. (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

COSTA, Marisa Vorrabe; BORN, Lilían Ivana. Crianças, celulares e o desaparecimento da infância. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

DALETHESE, Thamyres Ribeiro. **Faz de conta que todos nós somos youtubers**: crianças e narrativas contemporâneas. 2017. 173 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Anatomia do novo neoliberalismo. **IHU online**, Unisinos, São Leopoldo, 25 jul. 2019.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. *In*: HOLLANDA, Heloisa (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbar. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 223-231.

DELEUZE, Gilles. **Pour parler**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

DU GAY, Paul *et al.* **Doing Cultural Studies**: The Story of the Sony Walkman. London: Sage; The Open University, 1997.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning**: media, architecture and pedagogy. New York: Routledge, 2005.

ESCOLA DE PRINCESAS. Disponível em: <http://escoladeprincesas.net/ws/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FONSECA, Paula Coruja. **Expressões do(s) feminismo(s)**: discussões do público com a youtuber JoutJout. Porto Alegre, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Estatísticas**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 23 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 21. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: Uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero e Antônio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. História da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalhe. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Alienígenas na Sala de Aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 129-154.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. *In*: THOMPSON, Kenneth (Ed.). **Media and cultural regulation**. London: Thousand Oaks; New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista** arte, cultura. política e universidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IANNI, Otávio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

IGNÁCIO, Patrícia. As pedagogias do consumo no desenho animado Três Espiãs Demais: narrativas sobre como ser jovem menina na Sociedade do Consumo. **Revista Textura**, v. 17, n. 34, maio/ago. 2015.

IGNÁCIO, Patrícia. Crianças, consumo e identidade. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

LARROSA, Jorge. Tecnologia do EU e Educação. *In*: SILVA, T. T. (org.). **O Sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 35-86.

LIMA Vinícius M.; BELO Fábio R. Gênero, sexualidade e o sexual: o sujeito entre Butler, Foucault e Laplanche. **Psicologia em estudo**, v. 24, e. 41962, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. *In*: LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2010a.

LOURO, Guacira Lopes. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Escola básica na virada do século**: Cultura, Política e Currículo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010c. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaio sobre sexualidade e teoria *queer*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANCEBO, Deise. Crise político-econômica no Brasil: breve análise da educação superior. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 141, p.875-892, out.-dez., 2017.

MARSHALL, James. Governamentalidade e Educação Liberal. *In*: SILVA, T. T. da. **O Sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.p. 21-34.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro P. Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

MOMO Mariangela; COSTA Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI: para pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40. n. 141, p. 965-991, set./dez -2010.

MORAES, Heloisa J. Preis. Os *youtubers* e as relações de identificação e projeção no imaginário infanto-juvenil contemporâneo: discussões a partir da ética da estética. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 182-196, jan./jul. 2017.

MOTTA, Bruna S.; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo M. F. A influência de *Youtubers* no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, *games* e ideologia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-compós, Brasília, v. 17, n. 3, set./dez. 2014.

NELSON, Cary; TREICHER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígena na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

PATEMAN, Carole. **The sexual contract**. Stamford: Stamford University Press, 1988.

PERES, Clotilde; TRINDADE, Eneus. **Consumo midiático: youtubers** e suas milhões de visualizações. Como explicar? Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho: Consumo e Processos de comunicação. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., Faculdade Cásper Líbero, São Paulo (SP), 6 a 9 de junho de 2017.

RAUBER, Tania Mara. MOREIRA, Benedito Dielcio. **Jovens Youtubers e o Embate entre a Rede e a Televisão**. Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades. *In*: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 17., evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 3 a 9 de setembro de 2017.

SASSOON, Joseph. Métodos qualitativos na pesquisa sobre a comunicação. *In*: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Nathália Fernandes; CASTRO, Bruno F. C. de. A influência dos *youtubers* na tomada de decisão dos espectadores de cinema: um estudo de caso Marvel e DC. **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 7, p. 134-153, jan./jun. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo como Fetiche: a poética e política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

TIBURI, Marcia. O documentário de Carla Gallo “O Aborto dos Outros” é o enunciado direto da dissimulação com que se trata a questão do aborto no Brasil atual. **Revista Cult**, n.138, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH). **Judith Butler escreve sobre sua vinda ao Brasil e sobre os ataques sofridos**. Entrevista concedida por Judith Butler. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/nuh/2017/11/21/judith-butler-escreve-sobre-sua-vinda-ao-brasil-e-sobre-os-ataques-sofridos/>. Acesso em: 10 set. 2019.

VARELA, Júlia. Categoria espaço-tempo e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Escola básica na virada do século: Cultura, Política e Currículo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 73-106.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Educação e governamentalidade neoliberal**: novos dispositivos, novas subjetividades. Texto apresentado e discutido no Colóquio Foucault, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em novembro de 1999, sob a coordenação da Dr^a Vera Portocarrero.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. *In*: COSTA; Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura e cinema. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 37-69.

VIEIRA, Cristina Maria Coimbra. **Educação Familiar**: Estratégias para a Promoção da Igualdade de Género. 3. ed. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. **Divino, Maravilhoso** (letra de canção). 1968.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.